



Guilherme Figueira-Borges, Luana Alves Luterman e
Marília Silva Vieira (organização)

Estudos de língua e interculturalidade:

Estudos de Língua Baseados no Uso





EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Presidente

Antonio Cruvinel Borges Neto (Reitor)

Vice-Presidente

Claudio Roberto Stacheira (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora Geral

Elisabete Tomomi Kowata

Revisão Técnica

Elisabete Tomomi Kowata

Conselho Editorial

Alessandro José Marques Santos (UEG)

José Leonardo Oliveira Lima (UEG)

Luciana Rebelo Guilherme (UEG)

Leonardo Lopes do Nascimento (UEG)

Oswaldo José da Silveira Neto (UEG)

Sabrina do Couto de Miranda (UEG)

Thiago Henrique Costa Silva (UEG)

Vandervilson Alves Carneiro (UEG)

Vinicius Gomes de Vasconcellos (UEG)

Wellington Hannibal (UEG)

Guilherme Figueira-Borges
Luana Alves Luterman
Marília Silva Vieira
(organização)

Estudos de língua e interculturalidade:
Estudos de Língua Baseados no Uso

Anápolis – Goiás
Editora UEG/Todas as Musas
2023

© 2023, Editora UEG © 2023, Organizadores
Editora Todas as Musas – www.todasasmusas.com.br
Supervisão Editorial: Fernanda Verdasca Botton
Editor: Flavio Felicio Botton
Diagramação e capa: Studio Vintage Br

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Catálogo na Fonte
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Universidade Estadual de Goiás

E82 Estudos de língua e interculturalidade: estudos de língua baseados no uso / Guilherme Figueira-Borges, Luana Alves Luterma, Marília Silva Vieira (organizadores). – Anápolis: Editora UEG; São Paulo: Todas as Musas, 2023.

422 p.

ISBN 978-65-88502-31-0

DOI: 10.31668/978-65-88502-31-0.2023.1-440

1. Linguística. 2. Interculturalidade. 3. Sociolinguística. I. Figueira-Borges, Guilherme. II. Luterma, Luana Alves. III. Vieira, Marília Silva. IV. Título. V. Universidade Estadual de Goiás.

CDU 81'1

Esta obra é em formato de e-Book e impresso e foi produzida com recursos do PROAP/CAPEL. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade dos autores.

Editora Universidade Estadual de Goiás
BR-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903
Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis -GO
www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

Sumário

Apresentação

Guilherme Figueira-Borges, Luana Alves Luterman e Marília Silva
Vieira7

O comportamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal: um
estudo em comunidades afro-brasileiras em Barra do Bugres e
Poconé-MT

Jaqueline Dias da Silva e Antonio Carlos Santana de Souza 17

O falar cuiabano: atitudes linguísticas de nativos

Fernanda de Souza Pedroso Campelo e Neusa Phillipsen53

Atitudes linguísticas positivas e negativas quanto ao uso do “R
caipira”

Edina de Fátima de Almeida e Dircel Aparecida Kailer 71

A negação verbal na Cidade de Goiás: possibilidades de análise com o
R

Vander Simão Menezes e Marília Silva Vieira93

A influência do paralelismo fônico nas construções imperativas de 2^a
pessoa do singular: algumas evidências históricas

Márcia Cristina de Brito Rumeu e Luiz Fernando de Carvalho... 123

Reflexões a respeito da internacionalização do ensino do português
brasileiro no pós-pandemia

Vânia Cristina Casseb Galvão 143

Construções passivas complexas: uma descrição funcional centrada no uso

Ivo da Costa do Rosário e Maria Luíza Guimarães da Costa Cruz
.....153

Construções com *dar + x-ada* e *dar + x-inha* na fala goiana

Déborah Magalhães de Barros, Rosania Gomes da Silva
Domingues e Cleiton Ribeiro e Oliveira..... 175

Os neologismos do universo *Harry Potter* no processo tradutório e na escrita criativa de fãs: proposta de atividade didática pautada no conceito de modalidade de tradução

Talita Serpa, William Danilo Garcia e Paula Renata Milani..... 191

O professor de língua inglesa e a web: a formação inicial do *classroom influencer*

Queila Barbosa Lopes e Tamara Afonso dos Santos 231

O gênero *abstract* nas aulas de inglês do ensino superior: uma proposta de sequência didática

Liliane Mantovani, Paula Tavares Pinto e Diva Cardoso de
Camargo.....253

Análise do léxico mesclado português-inglês de interações em fóruns de *games online*

Guilherme Lucas de Souza, Paula Tavares Pinto e Talita Serpa..279

A variação linguística do espanhol na região da Amazônia peruana: um estudo baseado em *corpus* de documentários

Ariel Novodvorski e María del Rosario Mestanza Zúñiga..... 319

Branded by gold (gravado em ouro): uma análise de literatura,
tradução e léxico tabuizado

Luiz Henrique Peralta, Talita Serpa, Paula Tavares Pinto e Diva
Cardoso de Camargo345

Os nomes dizem mais do que o que cada uma diz: algumas
singularidades onomástico toponímicas dos nomes próprios

Kênia Mara de Freitas Siqueira 387

Sobre os autores e as autoras 409

Apresentação

Guilherme Figueira-Borges

Luana Alves Luterman

Marília Silva Vieira

A iniciativa de criação do Mestrado Acadêmico em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI – surgiu em agosto de 2014, durante o evento científico do GELCO (Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste), realizado na Cidade de Goiás (GO). A partir de então, formou-se um grupo de 21 docentes das áreas de Linguística e Literatura, dentre os quais 17 pertenciam ao quadro permanente da UEG e 04 eram externos. Desde que iniciou suas atividades, em 2017, o POSLLI viabilizou, a esses pesquisadores, a possibilidade de intercâmbios de informações e o aumento da produção intelectual do grupo, ampliando, assim, a implementação de melhorias acadêmico-científicas, especialmente em Goiás, mas também em estados circunvizinhos.

O POSLLI legitima, desse modo, seu compromisso no que tange à formação em *Stricto Sensu* de egressos de graduação e de especialização, bem como de outros interessados, tais como docentes da educação básica e do ensino superior. A avaliação exitosa do POSLLI pela Capes, que resultou em nota 4, em seu primeiro quadriênio, está expressa na valorosa contribuição do Programa de Pós-Graduação em prol da preservação e da salvaguarda do patrimônio linguístico, literário, cultural e artístico, local e globalmente, com mestres atuantes no

ensino e aprovados em Programas de Doutorado em importantes instituições do país. O POSLLI é o novo período helênico na Cidade de Goiás. Já são 56 mestres formados(as) na cidade que é Patrimônio Mundial da Humanidade, lembrada e visitada pelo legado de Cora Coralina, repertório cultural que motiva nosso fazer acadêmico.

Dessa forma, o Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), vinculado ao Câmpus Cora Coralina da UEG, na Cidade de Goiás, celebra seu primeiro quadriênio de forma entusiasta por meio da publicação de quatro volumes de e-books. Ao experienciar o início de um novo quadriênio, o POSLLI reafirma seu propósito de divulgar a produção científica na área de Letras e Linguística e de ser um centro de formação de pesquisadores(as) e de docentes para o Ensino Básico e Superior. Portanto, publica artigos e relatos de experiências de docentes internos(as) e externos(as) para a composição de quatro coletâneas, de modo que duas são vinculadas à Linha de Pesquisa 1, *Estudos de Língua e Interculturalidade*, e as outras duas à Linha de Pesquisa 2, *Estudos Literários e Interculturalidade*. Os(as) autores(as) podem visibilizar as pesquisas e os conhecimentos derivados da parceria com o corpo discente e com colegas do corpo docente de diferentes instituições. Nesse sentido, é possível, nessas obras festivas, chancelar o patrimônio linguístico e literário, de forma coletiva e intercultural, como tem se proposto a fazer o POSLLI, em sua pequena e profícua trajetória, no Centro-Oeste do Brasil.

Os livros comemorativos do POSLLI compartilham reflexões sobre os agenciamentos sócio-históricos relacionados aos hibridismos culturais na contemporaneidade. Nesse sentido, os artigos e os relatos de experiências abordam os estudos de língua portuguesa, em diferentes perspectivas e abordagens discursivas atualizadas como demandas contemporâneas, assim como as variáveis dos processos de ensino e aprendizagem de língua portuguesa e suas literaturas; a intersecção entre elementos linguísticos, elementos literários e elementos culturais; a articulação entre cultura e relações interculturais no ensino e aprendizagem de língua portuguesa e suas literaturas por meio do pluralismo cultural, linguístico e literário, incluindo a sala de aula como espaço cultural e interacional. Os livros digitais apresentam, em pers-

pectivas interdisciplinar e transdisciplinar, estudos de língua portuguesa (linguístico e literário) relevantes para o contexto goiano em diálogo também com produções de âmbito nacional e/ou internacional.

Feita essa breve contextualização da relevância dos livros comemorativos que serão publicados pelo POSLLI, consideramos relevante, a partir deste momento, expor uma breve apresentação dos capítulos que compõem esta obra.

Já no capítulo intitulado *O comportamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal: um estudo em comunidades afro-brasileiras em Barra do Bugres e Poconé-MT*, Jaqueline Dias da Silva (PPGL-UNEMAT) e Antonio Carlos Santana de Souza (PPGL-UNEMAT/UEMS) analisam, à luz dos aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística, o processo de oralização vocálica, em ambiente nasal, na fala de moradores das comunidades quilombolas São José do Baixo, em Barra do Bugres, Morrinho e Campina de Pedra, em Poconé, as três na região sul de Mato Grosso. O estudo trata das variáveis dependentes oralidade vocálica de [a] em ambiente nasal e nasalização da vogal [a] em contexto nasal. Para esta pesquisa, consideraram dados que foram analisados segundo fatores linguísticos e extralinguísticos. Tais dados foram compilados por meio de entrevistas realizadas com 15 participantes nativos, homens e mulheres, de duas faixas etárias, dessas comunidades quilombolas e submetidos à investigação e análise por meio do programa computacional R.

No capítulo *O falar cuiabano: atitudes linguísticas de nativos*, Fernanda de Souza Pedroso Campelo (UNEMAT) e Neusa Phillipsen (UNEMAT) identificam e analisam atitudes linguísticas de cuiabanos nativos perante o falar local. A pesquisa contou com a colaboração de quarenta e quatro informantes nativos, estratificados entre homens e mulheres, nos níveis de ensino correspondentes aos Ensinos Médio e Superior, que evidenciaram a sua percepção diante da variedade linguística local, respondendo a um questionário que contemplava o tema em tela. O questionário utilizado constituía-se de trinta e três perguntas abertas e duas fechadas, totalizando, assim, trinta e cinco questões. Os dados aqui expostos dizem respeito às primeiras perguntas do questionário, que versam sobre o falar cuiabano.

Por sua vez, no capítulo intitulado *Atitudes linguísticas positivas e negativas quanto ao uso do “R caipira”*, Edina de Fátima de Almeida (UEL) e Dircel Aparecida Kailer (UEL) objetivam verificar as avaliações positivas e negativas de informantes juizes, alunos do curso de Letras, quanto ao uso da variante retroflexa, o “r caipira”, no falar de três locutores que usam variantes distintas (tepe, retroflexa e glotal). O primeiro é morador de Londrina (PR), o segundo de São Paulo (SP) e o terceiro de Aracaju (AL). Além disso, buscam identificar as variantes róticas em coda silábica interna e externa presentes na fala desses informantes. O questionário utilizado era de estrutura fechada, em que os informantes juizes tiveram poucas possibilidades de resposta (optando por “concordo” ou “discordo” apenas). Nas medições indiretas, foram aplicadas questões sem que o informante pudesse ter consciência da intenção da investigação.

No capítulo *A negação verbal na Cidade de Goiás: possibilidades de análise com o R*, Vander Simão Menezes (UEG) e Marília Silva Vieira (UEG) dedicam-se ao estudo da variação entre as estratégias de negação para falantes do PB na Cidade de Goiás-GO, explorando possibilidades de análise sociolinguística com o software R, que permite selecionar, classificar, quantificar e visualizar a relação entre as variáveis dependentes e as independentes. A variação entre as formas de negação observadas no estudo se dá pela alternância das estratégias NEG1: pré-verbal; NEG2: duplamente marcada, antes e depois do verbo (NEG+V+NEGe NEG3: pós-verbal. Foram analisadas como variáveis linguísticas, status da informação, tipo de sequência discursiva, tipo de oração, presença ou ausência dos marcadores discursivos e tipo de sujeito. As variáveis sociais consideradas foram amostra, sexo e faixa etária.

No capítulo *A influência do paralelismo fônico nas construções imperativas de 2ª pessoa do singular: algumas evidências históricas*, Márcia Cristina de Brito Rumeu (UFMG) e Luiz Fernando de Carvalho (UFMG) investigam as construções imperativas de 2ª pessoa do singular (doravante 2G), tendo em vista especificamente a intervenção do paralelismo fônico para a sua expressão variável no português brasileiro (doravante PB) dos séculos XIX e XX. Considerando a distribuição das construções imperativas de 2SG no eixo diatópico do PB atual

(aceita (tu), aceite (você), aceita você), analisam essa regra variável em amostras de cartas pessoais conservadoramente editadas e organizadas. A hipótese é a de que os verbos regulares de 1^a conjugação com vogais precedentes mais aberta e os verbos de 2^a e 3^a conjugações do paradigma especial impulsioniariam as formas verbais indicativas nas construções imperativas do PB.

Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG), no capítulo intitulado *Reflexões a respeito da internacionalização do Português Brasileiro no pós-pandemia*, tece algumas considerações a respeito do ensino transnacional no pós-pandemia, com base em argumentos como a consciência do papel estratégico das línguas como meio de interlocução, interação e negociação internacional, o reconhecimento de alta demanda internacional e baixa oferta de ações que favoreçam a aprendizagem do Português brasileiro (PB) fora do território brasileiro, e a necessidade de que essas ações decorram de políticas de base governamental que sejam científica, acadêmica, econômica, metodológica, didática e pedagogicamente consistentes.

No capítulo intitulado *Construções passivas complexas: uma descrição funcional centrada no uso*, Ivo da Costa do Rosário (UFF/CNPq/Faperj) e Maria Luíza Guimarães da Costa Cruz (UFF) apresentam uma investigação funcional das construções passivas complexas (CPC), com ênfase em seus contextos de uso. Demonstram que a oração com função de agente de passiva tende a manifestar um alto grau de integração sintático-semântica com a matriz a que se liga; daí nossa opção pelo estudo da CPC (OM + OSFAP), que indica uma construção complexa em sua totalidade estrutural e funcional. Identificam, também, que as construções passivas complexas não se encaixam em um protótipo de transitividade verbal nem de classificação argumental/oracional. Logo, depois de apontar algumas dificuldades que cercam a caracterização e o estatuto sintático-semântico das CPC e de suas partes, objetivam demonstrar de que modo as postulações funcionalistas contribuem, em algum grau, para a análise e descrição dessas estruturas.

Em *Construções com Dar+X-ADA e Dar+ X-inha na fala goiana*, Déborah Magalhães de Barros (UEG), Rosania Gomes da Silva Domin-

gues (UEG) e Cleiton Ribeiro e Oliveira (UEG) atêm-se aos fatores cognitivos e funcionais que impulsionam a variação das construções-suporte com o verbo dar e os sintagmas nominais formados por x-ada e x-inha, tais como: dar uma caminhada, dar uma corridinha e dar uma riscadinha, levando em conta o grau semântico constituído pelos sufixos em diferentes níveis de abstração pelos falantes, à luz da Linguística Centrada no Uso (LCU) e da Gramática de Construções (GC). Hipotetizam que as duas construções com o verbo dar na categoria verbo suporte, por mais que se aproximem semanticamente e envolvam o mesmo esquema (dar + [det.] + SN), produzem efeitos de sentido diferentes e esses efeitos de sentido podem ser percebidos no nível pragmático a partir da análise do grau estabelecido pelas terminações -ada (aumentativo) e -inha (diminutivo), que serão analisadas por meio das contribuições de Silva (2014).

Já no capítulo intitulado *Os neologismos do universo Harry Potter no processo tradutório e na escrita criativa de fãs: proposta de atividade didática pautada no conceito de modalidade de tradução*, Talita Serpa (UNESP), William Danilo Garcia (UNESP) e Paula Renata Milani (UNESP) investigam as construções léxico-gramaticais, incluindo a produção de vocábulos novos, entendidos, mais precisamente, como neologismos, nas narrativas da saga Harry Potter. Revelam que alguns fãs dessa série de magia e bruxaria utilizam as traduções destes neologismos em produções textuais “livres” pode destoar da forma proposta pela tradutora Lia Wyler. Ao notarem que a escrita literária dos fãs os possibilita utilizar formas não consagradas de tradução para alguns dos neologismos presentes nas obras de J. K. Rowling, consideram os pressupostos relacionados aos princípios da Teoria da Tradução que irão permear nossa análise, principalmente no que concerne ao marco conceitual das modalidades de tradução. Esses elementos linguísticos refletem importantes aspectos a serem explorados durante o processo de ensino e aprendizagem de tradutores, uma vez que atrelam fatores advindos da prática tradutória que podem ser amparados por teorizações importantes dentro dos currículos de formação profissional.

Queila Barbosa Lopes (UFAC) e Tamara Afonso dos Santos (UFAC), no capítulo *O professor de língua inglesa e a web: a forma-*

ção inicial do classroom influencer, abordam o uso de tecnologias digitais em ambientes formais de aprendizagem, com base em reflexões suscitadas durante a oferta de uma disciplina voltada para o desenvolvimento do letramento digital em alunos do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês. Para isso, apontam indícios de como o trabalho com tecnologias poderia ser realizado durante a formação docente de modo que o letramento digital desses futuros profissionais os auxilie a oportunizar processos de aprendizagem de língua significativos.

No capítulo *O gênero abstract nas aulas de inglês do Ensino Superior: uma proposta de sequência didática*, Liliane Mantovani (UEL), Paula Tavares Pinto (UNESP) e Diva Cardoso de Camargo (UNESP) exploram o gênero abstract nas aulas de inglês, principalmente aquelas voltadas para o ensino de Inglês para Fins Acadêmicos (IFA). Os autores argumentam que, além do gênero textual, o léxico também é parte importante na escrita de um abstract. Partindo do conceito da escrita de abstracts e dando enfoque ao léxico de artigos científicos em língua inglesa, investigam o uso dos pronomes pessoais em textos científicos. Para isto, consideram a estrutura da escrita do abstract descrita por alguns teóricos da área, que definem o referido gênero de acordo com seus objetivos específicos. A fim de analisar tal gênero, utilizamos a metodologia da Linguística de Corpus para avaliar abstracts veiculados em formato digital na plataforma SciELO e na plataforma do MICUSP com o intuito de verificar como os textos são estruturados.

Em *Análise do léxico mesclado português-inglês em fóruns de games online*, Guilherme Lucas de Souza (UNESP), Paula Tavares Pinto (UNESP) e Talita Serpa (UNESP) pretendem responder quais são os fenômenos relacionados às misturas de códigos linguísticos observados nas interações entre os jogadores nesse fórum online, assim como quais são as recorrências de uso desses fenômenos e o que eles nos dizem sobre a linguagem no contexto da interação entre os jogadores e usuários do fórum online. Para entendermos os fenômenos presentes nessas interações, compilaram um corpus e, para a investigação dos resultados, utilizamos as teorizações acerca de code-mixing (CM) (MUYSKEN; SCIULLO; SINGH, 1986; MUYSKEN, 2001).

Ariel Novodvorski (UFU) e María del Rosario Mestanza Zúñiga (UFU), no capítulo intitulado *A variação linguística do espanhol na região da Amazônia peruana: um estudo baseado em corpus de documentários*, apresentam o estudo de um pequeno fragmento da variação linguística do espanhol falado, na região da Amazônia Peruana, por meio de um corpus de documentários. Utilizam a abordagem proposta pela Linguística de Corpus e, para analisar a variação linguística, utilizamos documentários, próprios da região Loreto – Peru, que foram compilados e analisados por meio das ferramentas computacionais WordList e Concordance do Programa AntConc. Os dados obtidos devem contribuir para o entendimento da riqueza do espanhol amazônico e suas variantes como fenômeno sociolinguístico.

Em *Branded by gold (gravado em ouro): uma análise de Literatura, Tradução e léxico tabuizado*, Luiz Henrique Peralta (UNESP), Talita Serpa (UNESP), Paula Tavares Pinto (UNESP) e Diva Cardoso de Camargo (UNESP) investigam os processos literários em *Branded by Gold* e também os procedimentos tradutórios em sua versão para o português *Gravado em Ouro*, realizada por Rachael de Moraes, constituímos um corpus de estudos formado por tais obras. Analisam também, além da literatura, os processos de tradução adotados por Moraes, que terão como base para análise teórica as metodologias e reflexões promovidas por Mona Baker; assim como as palavras de caráter erótico- obsceno, que serão processadas por meio do programa WordSmith Tools (SCOTT, 2008) e selecionadas pela ferramenta Word List. Tal conjunto vocabular será analisado com o auxílio da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004), bem como com as teorizações e estudos de Orsi (2009), Xatara (2004) e Oris e Zavaglia (2007), os quais remetem ao universo das metáforizações do léxico obsceno tabuizado. Tratam, ainda, das considerações acerca de Tradução e Tradução Baseada em Linguística de Corpus.

No último capítulo desse livro intitulado *Os nomes dizem mais do que o que cada uma diz: algumas singularidades onomástico toponímicas dos nomes próprios*, Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG) visa reconhecer, sob ponto de vista onomástico, as relações feitas pelo falante em torno das impressões que certos antropônimos e topônimos

causam. O aporte teórico compreende estudos em onomástica e toponomástica tanto análises taxionômicas como interpretativas haja vista o aspecto subjetivo que configura a maioria dos processos de nomenclatura. A metodologia delinea-se por um percurso onomasiológico de fazer dedutivo, reúne assim procedimentos de pesquisa qualitativa com descrição, análise de dados colhidos das redes sociais de domínio público e letras de música ou versos de alguns poemas colhidos nos meios digitais.

Recomendamos a leitura dos capítulos apresentados aos acadêmicos e aos professores universitários e da educação básica para que os saberes delineados possam circular socialmente, gerando relevantes diálogos com outras experiências acadêmicas. Consideramos que, por meio de diálogo, podemos fazer com que o saber acadêmico se movimente/desloque nas práticas sociais, demarcando a relevância do que é feito/pesquisado no campo da linguística e do ensino-aprendizagem de línguas para a sociedade fora dos muros da universidade.

Por fim, gostaríamos de agradecer à Universidade Estadual de Goiás Câmpus Cora Coralina, pelo apoio destinado às atividades do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Agradecemos também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro que possibilitou a publicação desta obra.

O comportamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal: um estudo em comunidades afro-brasileiras em Barra do Bugres e Poconé-MT

Jaqueline Dias da Silva

Antonio Carlos Santana de Souza

INTRODUÇÃO

A constituição de quilombos foi uma das principais ações de resistência ao sistema escravocrata, combinada às fugas e às revoltas. As comunidades remanescentes de quilombos constituem-se em atores de relevância ímpar, que devem ser levadas em consideração para se garantir, de fato, o respeito às diversas identidades e variedades linguísticas que contribuíram e ainda contribuem para o desenvolvimento social dos países da América.

A reflexão acerca das variedades linguísticas presentes nas comunidades afro-brasileiras é importante e, com o objetivo de discutir e refletir sobre o tema, este artigo mostrará um fenômeno específico no falar de comunidades quilombolas de Barra do Bugres e Poconé-MT. Além disso, a pesquisa apresenta como o estudo do tema pode ser aplicado na área da Sociolinguística quantitativa, por meio da representação, quantificação e análise dos dados com a utilização do programa de análises estatísticas R.

Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo é apresentar a oralidade e nasalidade vocálica em ambiente nasal em uso nas Comunidades Afro-Brasileiras nos municípios de Barra do Bugres e Poconé em Mato Grosso. Pretendemos mostrar essa variação linguística presente nas comunidades, com enfoque para a vogal central baixa [a].

Para isso, verificamos, por meio de áudios, a construção dessa variante [a] em contexto nasal a partir dos usos linguísticos dos afro-brasileiros dessas comunidades. Observamos como se deu a constituição dessas comunidades tanto externa quanto internamente, bem como analisamos os fatores sociais e históricos que envolveram a instituição e formação das comunidades afro-brasileiras, como de fato, comunidade quilombola.

COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS DE MATO GROSSO

Existem, no Mato Grosso, 74 territórios ou comunidades Quilombolas. Deste número, a maior parte, com 57 comunidades, está localizada na mesorregião centro sul do estado, 13 comunidades no sudoeste mato-grossense e 04 comunidades na região norte de Mato Grosso.

A principal fonte de rendas dessas comunidades é a agricultura orgânica familiar para o sustento próprio e para fornecimento no comércio local e, com a regularização de seu território, as famílias podem ter acesso à programas de incentivo à agricultura familiar do Governo Estadual e Federal. De acordo com informações do INCRA:

Constata-se, por meio dos estudos realizados pelo INCRA e outros órgãos oficiais, que a grande maioria das com unidades quilombolas são rurais, dedicadas à agricultura, ou seja, nos quilombos é praticado o plantio de alimentos, a pecuária de grandes e pequenos animais, a pesca, o extrativismo, e várias outras atividades que são consideradas agrícolas. Em sua maioria, estas atividades são realizadas não só para o sustento da comunidade, mas também para o fornecimento ao mercado local, contribuindo para o desenvolvimento tanto das comunidades como da região em que estão inseridas.

No estado de Mato Grosso, Mata Cavallo é a comunidade mais antiga e mais numerosa, formando um complexo de comunidades que possui em seu território cerca de 418 famílias.

O território de Mata Cavallo fica localizado às margens da BR-MT 060, no município de Nossa Senhora do Livramento, situado a 50 KM da capital Cuiabá e possui aproximadamente 14.622 hectares, organizados em seis comunidades: Aguaçu de Cima, Mata Cavallo de Cima,

Ponte da Estiva (fazenda Ourinhos), Capim Verde (ou Mata Cavalão do Meio), Mutuca e Mata Cavalão de Baixo. Ela foi liderada, por muitos anos, pelo senhor Antônio Benedito da Conceição, conhecido como Antônio Mulato¹, que morreu em setembro de 2018, aos 113 anos.

A terra em que está localizada Mata Cavalão foi herdada por Antônio Mulato de seus antepassados, os quais receberam essa área de Ana Tavares que, sem herdeiros, deixou suas terras para seus escravos após sua morte em 1883, cinco anos antes da abolição da escravatura. Após a abolição, a comunidade tornou-se referência para escravizados recém-libertos e a população aumentou com o decorrer do tempo (BANDEIRA e SODRÉ, 1993).

No entanto, a partir dos anos 40, os quilombolas começaram a ser forçosamente expulsos de suas terras, quando fazendeiros ocuparam a área da comunidade e então venderam-na a terceiros. O que os levou à conflitos de terras e disputas judiciais, além da mudança dos indivíduos para outras regiões. Configurando a comunidade por sua trajetória diaspórica, como esclarece Águas (2006, p: 10):

Apesar de Mata Cavalão não abranger todos os elementos que caracterizam o contexto diaspórico a trajetória da comunidade reúne aspectos fundamentais, tais como deslocalização, mobilidade e a sobrevivência da noção de comunidade com uma dimensão política própria, capaz de inviabilizar a assimilação pela sociedade de acolhimento.

¹ A história de Antônio Mulato se entrecruza com a da comunidade Mata Cavalão. Nessa comunidade, ele e outros descendentes de pessoas escravizadas, conseguiram a terra após um acordo com uma senhora do engenho. Sozinha, sem descendentes, a "sinhá" fez um acordo com a comunidade e dizia que, se eles permanecessem com ela até o fim de sua vida, após a sua morte, a terra seria deles. Ela cumpriu o acordo. Em 2016, ele conversou com a reportagem e relatou que era a última das pessoas vivas a presenciar os relatos orais sobre o início da abolição oficial da escravatura. Disse também, ter ouvido de vários parentes e conhecidos como eram os anos sob trabalho forçado, humilhações, chicote nas costas, aprisionamento e negação da racionalidade. **Fonte:** DUARTE, Mirella. De Mata Cavalão, descendente de escravos tem 111 anos e muito vigor. RDnews, 2017. Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/blog-do-romilson/retrospectiva-2018/conteudos/109340> Acesso em: 18 nov. 2021.

Por meio das famílias que permaneceram na comunidade, a forte cultura pôde ser transmitida aos quilombolas que estiveram fora, “durante as duas décadas em que estiveram afastados, os quilombolas continuaram a participar destes eventos, o que alimentou o vínculo com o território origina” (ÁGUAS, 2006, p. 11).

Atualmente a comunidade ainda mantém a cultura e as tradições, as quais, estão relacionadas, normalmente, às instituições religiosas, como as festas de santos, as novenas, os benzimentos, além das comidas e bebidas típicas.

Essa manutenção da cultura não é característica única da comunidade de Mata Cavalo. Como veremos a seguir, as comunidades quilombolas em evidência neste estudo também compartilham desses mesmos costumes e, muitas vezes, até participam das festividades uma das outras, como uma espécie de afirmação de sua tradição e identidade.

COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS EM MATO GROSSO

CAMPINA DE PEDRA

A comunidade Campina de Pedra fica localizada no município de Poconé, especificamente situada no km 32 da Estrada do Corrente, com acesso pelo km 42 da MT 060, rodovia que liga Poconé à capital Cuiabá. É composta por 45 famílias, ocupa uma área de cerca de 128 hectares e foi certificada como Comunidade remanescente dos quilombos por meio Diário Oficial da União de 12 de setembro de 2005, disponível através da Portaria N° 37, de 9 de setembro de 2005/Certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares.

A principal fonte econômica da região é agricultura orgânica familiar, no entanto alguns indivíduos trabalham como assalariados no município de Poconé ou serviços braçais nas fazendas. Ainda, “alguns aproveitam o período da colheita da soja, no norte do estado do Mato Grosso para trabalhar com carteira assinada nas empresas do agronegócio” (ALMEIDA, 2012, p. 85).

Em Campina de Pedra há uma forte ligação entre os moradores, haja vista que todos têm relação familiar, de modo que organizam

suas casas por grau de parentesco, os filhos moram próximos aos pais e assim sucessivamente. Isso é comprovado pela própria fala dos entrevistados: “Aqui ninguém paga, né... tudu parenti... tiu... subrinhu... filhu... tem um tiu ali... tem uma casinha... os filhu tão fazendu uma casinha... casa delis tudinhu ali...”

MORRINHO

A comunidade Morrinho fica localizada na zona rural do município de Poconé, especificamente situada a 65 km da cidade, pela rodovia MT-060, no km 20, com acesso por meio do distrito de Cangas, no qual segue-se por uma estrada sem pavimentação até chegar à comunidade que fica às margens do Rio Bento Gomes.

É composta por 24 famílias, ocupa uma área que, conforme relatos dos moradores, foi fundada e habitada há cerca de 150 anos. De acordo com relatos “Foi fundada por um casal de descendentes de negros escravizados que habitavam a região e que uniram duas famílias: Velho e Correa” (CAMPOS, 2017, p. 61).

A comunidade, conforme Declarações de reconhecimento e processos tramitados na Fundação Cultural Palmares, foi certificada como Comunidade remanescente dos quilombos por Portaria Nº 84, de 8 de junho de 2015/Certidão emitida pela Fundação Cultural Palmares.

Os moradores da comunidade de Morrinho vivem da agricultura orgânica familiar para o próprio consumo, da qual plantam diversos tipos de alimentos, como mandioca, banana, abóbora, milho, batata, entre outros; e criam pequenos animais, como porcos e galinhas. “Alguns dos moradores também trabalham na Mineradora Morrinho e fazendas próximas da região que faz divisa com as terras da comunidade” (CAMPOS, 2017, p. 61).

Os laços consanguíneos são comuns nas comunidades e a rede familiar é fortalecida pela proximidade entre pais e filhos, tios, sobrinhos, entre outros. Campos (2017, p. 61) assevera que Morrinho “é uma comunidade secular, com laços de consanguinidade e tradições afrodescendentes advindas do processo histórico da região, desde a fundação da Vila pelo senhor Joaquim Velho há 150 anos” (CAMPOS, 2017, p. 61).

A população é composta por casamentos endogâmicos, entre primos. “Este padrão de regra matrimonial reforça os laços internos e com o padrão de herança unifica e assegura as terras e a reprodução desses grupos” (PEREIRA, 2013, p. 60).

Com as políticas públicas direcionadas para os quilombolas, especialmente o Programa Brasil Quilombola-PBQ, em 2006, Morrinho foi contemplada com o abastecimento de água “pelo convênio 533/2006, junto à prefeitura de Poconé, com a implantação de um poço artesiano (PEREIRA, 2013, p. 60).

SÃO JOSÉ DO BAIXIO

A comunidade São José do Baixio fica localizada na zona rural do município de Barra do Bugres, especificamente situada a 76 km do centro da cidade, pela rodovia MT-246, com acesso pela estrada não pavimentada Vão Grande. A comunidade localiza-se a 160 km da capital Cuiabá e possui 189 hectares.

A comunidade é composta por 16 famílias e, conforme Declarações de reconhecimento e processos tramitados na Fundação Cultural Palmares, foi certificada como Comunidade remanescente dos quilombos em 12 de setembro de 2005 e organiza-se por meio da “Associação de Pequenos Produtores Rurais da Gleba Baixio”.

A tradição agrícola orgânica familiar também é um costume dessa comunidade. Há também uma forte presença do turismo de pessoas que vão em busca das riquezas naturais, como os morros e o abundante recurso hídrico. Atualmente existe uma caminhada que é organizada todos os anos, a “Caminhada na natureza – Circuito quilombola”, na qual os moradores se organizam para venderem seus produtos de artesanato, da agricultura, bem como a venda de almoço para quem participa da caminhada.

A organização familiar segue o mesmo parâmetro das demais comunidades já mencionadas anteriormente. As casas são bem próximas umas das outras e essa proximidade é estabelecida de acordo com o grau de parentesco entre as famílias. O casamento endogâmico, entre primos, também é bastante comum, de modo que, quando alguém da

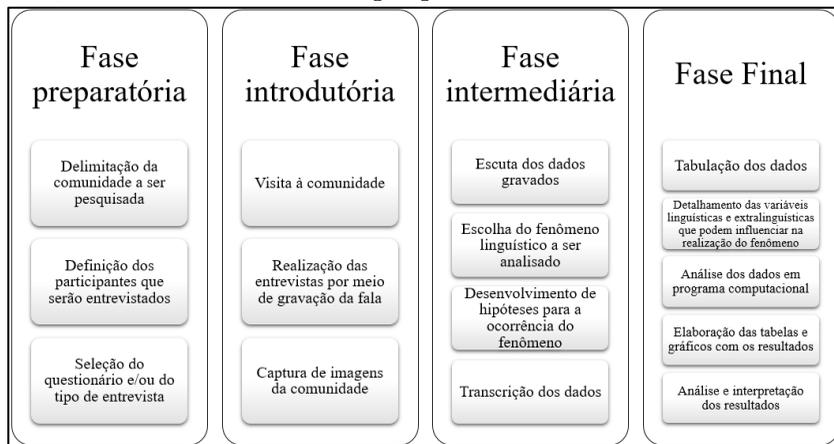
comunidade se casa com alguém que não é da comunidade, é comum ouvir dizer que se casou com “de fora”.

O abastecimento de água de São José do Baixio é através da água que vem do rio Jauquara e vai encanada para as residências. No entanto, em estudo realizado por Queiroz *et al* (2014) foi constatado que a água é imprópria para consumo. “A ausência de saneamento básico nas Comunidades rurais submete a população à diversas enfermidades, dificultando sua qualidade de vida, como é o caso da Comunidade Baixio” (QUEIROZ *et al*, 2014, p. 81).

METODOLOGIA

Com efeito de sistematizar o processo pelo qual perpassou esta pesquisa em Sociolinguística, elaboramos um quadro que delinea esse percurso.

Quadro 1 – Os caminhos da pesquisa



Fonte: Dias (2022).

As entrevistas não seguiram um roteiro de questões determinadas antecipadamente. Foram trazidas conversas livres e espontâneas sobre a cultura, religião e vivência dos moradores dos quilombos. Nessas

entrevistas, observamos a construção da variante em questão a partir dos usos linguísticos dos afro-brasileiros dessas comunidades.

Para a análise do *corpus* utilizamos as comunidades quilombolas: São José do Baixo (5 participantes), Campina de Pedra (4 participantes) e Morrinho (6 participantes). Dessa forma, o conjunto de amostras foi composto por 15 inquéritos.

Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos um acervo de áudios, composto de 6 horas 44 minutos e 57 segundos, totais de duração. Essas entrevistas, coletadas em 2019, compõem o acervo pessoal de pesquisa do Prof. Dr. Antônio Carlos Santana de Souza² e Prof. Dr. Joachim Steffen³, para fins de catalogação, descrição e análise linguística do falar dos afrodescendentes das comunidades quilombolas em Mato Grosso.

O PROCESSO DE ORALIDADE VOCÁLICA EM AMBIENTE NASAL

O fenômeno linguístico em questão para análise é uma característica fonológica do falar das comunidades quilombolas de Poconé/MT e Barra do Bugres/MT, com muitas ocorrências nas entrevistas o que

² Professor pós Doutor em Linguística. Docente Efetivo Nível 5 e Coordenador do Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Docente Permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado/Doutorado) em Linguística da UNEMAT/Cáceres. Atualmente é pesquisador do GELA do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP Líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguístico e Dialetológicos do CNPq (NUPESD-UEMS) e do Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo do CNPq (LA-LIMU). Orientador deste trabalho.

³ Professor Catedrático na Universidade de Augsburg, Alemanha. Doutor em Linguística pela Christian-Albrechts Universitaet zu Kiel (2006). De 2011 a 2013 foi professor pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com uma bolsa Feodor Lynen da Fundação Alexander von Humboldt e concluiu um trabalho de *posdoc*. Em 2015 obteve o título de livre docência (Habilitation) na Christian-Albrechts Universitaet zu Kiel (2006). Tem experiência na área de Linguística Românica, com ênfase em Sociolinguística e Dialetologia.

nos chamou muito a atenção. Denominamos tal fenômeno, neste estudo, de oralidade vocálica em ambiência nasal.

Observemos as ocorrências deste fenômeno nas falas dos entrevistados:

(01) [...] e bebida tem **bastánti** licor né... licor de leite... licor de djabuticaba.

(02) [...] **ántes** da festa tem as novenas.

(03) [...] até em Cuiabá cê qué saí numa **distância** cê num vai de pé né.

(04) **Falándo** assim do... da **emancipação**... da cidade... passou por um processo de arraial... aí depox teve a **emancipação**.

(05) **Quándo** a genti tinha sítio era outra coisa.

(06) Tem o baile... Por exemplo... do Espírito **Sánto** faz o baile do vermelho né.

Esse fenômeno já foi relatado brevemente por estudiosos, como Pacheco (2010) em sua pesquisa sobre o falar da baixada cuiabana, na qual a autora propõe uma classificação de “desnalização da vogal /a/; Bisinoto (2001) observa essa característica no falar cacerense e outras regiões próximas. Ainda, Bagno (2012, p. 317) afirma que na variedade paulista, devido ao contato linguístico com dialetos italianos, ocorre a “não nasalização de vogais tônicas diante de [m] e [n]”, como em “Antônio - [ã'tɔniu]”.

Além disso, em estudo na área urbana de Poconé, Dias (2016) apontou que a oralidade vocálica de [a] em ambiente nasal ocorre em todas as faixas etárias pesquisadas⁴, com maior prevalência nas faixas etárias mais velhas.

Neste fenômeno, a vogal, em contexto de favorecimento nasal, ao mesmo tempo que aciona a nasalização de um segmento, também se realiza como oral e, em alguns casos pode designar uma característica

⁴ No trabalho citado, a pesquisa foi realizada com três faixas etárias: 1ª faixa etária (18 a 27 anos); 2ª faixa etária (34 a 45 anos) e 3ª faixa etária (a partir de 50 anos).

de sílaba subtônica para os segmentos seguintes, como vimos anteriormente. Além disso, não há uma oralização completa da vogal que leve a um traço distintivo de sentido.

FATORES LINGUÍSTICOS E EXTRALINGUÍSTICOS

Os *corpora* são formados por falantes nascidos na região de Poconé-MT e Barra do Bugres-MT que foram estratificados, para o estudo, segundo o fator condicionador extralinguístico, conforme a comunidade quilombola em que vive e/ou nasceu, o sexo/gênero e a faixa etária, que foi dividida em duas faixas: a primeira, que vai até os 50 anos e, a segunda a partir dos 50 anos.

Para esta investigação Sociolinguísticas, levamos em consideração a variável dependente como a realização ou não realização do fenômeno de oralidade vocálica de [a] em ambiente nasal, ou seja, se os falantes produziram a vogal em contexto nasal como oral ou se foi mantida a variedade padrão de nasalização da vogal oral em contexto nasal.

Nesse sentido, obtivemos uma variedade binária que decodificamos nos dados como oral ou nasal. “Variável é um símbolo para um conjunto de estados, i. e., uma característica que – contrariamente a uma constante – pode exibir pelo menos dois estados de níveis diferentes” (BORTZ, 2005 *apud* GRIES, 2013, p. 8).

As variáveis independentes, chamadas de fatores condicionadores neste artigo, decodificamos como fatores condicionadores linguísticos e fatores condicionadores extralinguísticos. Desta forma, foi possível obter um controle acerca dos grupos de fatores que poderiam influenciar na realização ou não de uma das variantes.

De acordo com o exposto, as variedades linguísticas independentes escolhidas para figurarem a análise deste estudo, foram distribuídas em contexto fônico precedente⁵ como em “**a** mãe dele” – “de **ma**nhã

⁵ Refere-se ao contexto fônico que se apresenta antes da oralidade ou nasalidade vocálica de [a] e é representado na formatação em negrito e sublinhado.

cedo” e contexto fônico seguinte⁶ como em “não **ou**viu” – “irmã **de**le”; Já as variedades extralinguísticas foram distribuídas em sexo/ gênero⁷, faixa etária e comunidade quilombola em que reside.

Os condicionadores, em um caso de variação, são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. [...] Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos internos da língua ou externos a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. [...] No segundo caso, são também chamados de condicionadores extralinguísticos. (COELHO, GÖRSKI, SOUZA e MAY, 2015, p. 20)

Para obtermos o controle dessas variáveis, testamos a hipótese de que a oralização é predominante em todos os contextos independentes. Os dados então foram submetidos ao programa separadamente, mas fazendo sempre a proporção com relação às variáveis dependentes. Logo, colhemos as frequências e proporções totais de ocorrência acerca do fenômeno, bem como a proporção e frequência por fator condicionado.

ANÁLISE DOS DADOS

O caminho até a chegada nesses resultados que serão apresentados a seguir compreendeu diversos ajustes e decisões para que os dados pudessem ser utilizados da melhor forma possível e que os resultados, de fato, representassem a realidade linguística da comunidade com relação ao fenômeno de oralidade da vogal [a] em ambiente nasal figurando como uma característica da variedade linguística local e particular dos quilombos de Mato Grosso.

⁶ Refere-se ao contexto fônico que se apresenta após a oralidade ou nasalidade vocálica de [a] e é representado na formatação em negrito e sublinhado.

⁷ Com relação à nomenclatura “sexo/gênero” recorremos à explicação segundo Serrano (2008, p. 177) que afirma: “El género se define como el constructo social del sexo”. SERRANO, María José. El rol de la variable sexo o género en sociolingüística: ¿ diferencia, dominio o interacción?. **Boletín de Filología**, v. 43, n. 1, p. 175-192, 2008. Disponível em: <https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/BDF/article/view/18049/18830> Acesso em: 05 dez. 2021.

FREQUÊNCIA DE REALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS DEPENDENTES SEGUNDO A REGIÃO

De modo geral, a ocorrência da oralidade vocálica de [a] em contexto nasal obteve mais ocorrências, pois os como podemos observar pela tabela abaixo, a frequência foi de 994 realizações desse fenômeno, o que representa 83,8% de toda produção compartilhada pelos entrevistados.

De acordo com Labov (2008) a partir do momento que indivíduos de uma mesma comunidade compartilham usos linguísticos, eles configuram padrões para esses usos e, ainda que possuam uma característica própria para o seu modo de falar, realizam variação, por isso é importante verificar as ocorrências e concorrências do fenômeno a ser analisado, pois frequentemente existirão formas linguísticas em variação, fator este que é o mote das pesquisas em Sociolinguística.

Tabela 1 – Frequência e Proporção de realizações nasais e orais

Variável dependente	Frequência	Proporção
Oral	994	83,8%
Nasal	192	16,2%

Fonte: Dias (2021)

Na primeira rodada, baseados nos dados das 15 entrevistas, apuramos a ocorrência das variáveis dependentes em um total de 1186 realizações. Nesse sentido, buscamos computar as frequências e proporções em que as variantes dependentes ocorrem em cada uma das comunidades. Isso é possível identificar na tabela abaixo:

Tabela 2 – Realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo a região.

Região	Variável dependente	Frequência	Proporção
Baixio	Oral	400	85,8%
Baixio	Nasal	66	14,2%
Campina	Oral	159	87,8%
Campina	Nasal	22	12,2%

Morrinho	Oral	435	80,7%
Morrinho	Nasal	104	19,3%

Fonte: Dias (2021)

Observa-se que, em todas as comunidades, a variável dependente oral sobressaiu-se em relação à variável dependente nasal. Na comunidade São José do Baixo a proporção é de 85,5% de realizações orais contra 14,2% de realizações nasais. Na comunidade Campina de Pedra o resultado foi bem semelhante, em que os participantes realizaram o fenômeno oral em 87,8% dos casos e o fenômeno nasal em apenas 12,2% das ocorrências. A diferença é um pouco maior na comunidade Morrinho, em que, das ocorrências das variáveis dependentes, 80,7% foram realizadas como orais e 19,3% como nasais.

O que é possível inferir, com esses resultados, é que houve mudanças significativas para o uso da variedade local em detrimento da variedade padrão. Todas as três comunidades mostraram-se favorecedoras à aplicação da oralidade da vogal [a] em ambiente nasal, ou seja, optaram pelo uso da variante oral e isso comprova uma das hipóteses que sugerimos no início de que as comunidades optam, com maior frequência, pela utilização da variante oral.

Labov (1972) em seu estudo, na Ilha de Martha's Veneyard, percebeu que o uso de determinada variedade local estava relacionado a uma marca identitária frente aos turistas que frequentam a região. Segundo Labov (1972) a motivação social é responsável pela mudança sonora, de modo que a língua é marcada como elemento constituinte da identidade de uma comunidade. “O estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência as incursões dos veranistas”. (LABOV, 1972, p. 48).

A língua carrega a cultura, e a cultura carrega, particularmente através da oratória e da literatura, todo o corpo de valores pelos quais vimos a perceber a nós mesmos e nosso lugar no mundo. Como as pessoas percebem a si mesmas afeta como elas vêem a sua cultura, suas políticas, sua produção social de riqueza e toda a sua relação com a natureza e os outros seres. A língua é, portanto, inseparável de nós mesmos como

uma comunidade de seres humanos com uma forma e um caráter específicos, uma história específica, uma relação específica com o mundo (NGUGI WA THIONG'O, 1997, p. 16 *apud* LOTT, 2013, p. 125).

Acreditamos que a preferências das comunidades em utilizar a variedade local esteja relacionada à motivação social de afirmação da identidade. Essas comunidades são bastante visitadas por turistas, principalmente no período das festas de santo e, com isso, uma forma de evidenciar que é morador local, pertencente àquela comunidade é através da língua. Segundo Rajagopalan (2001, p. 21) “The stranger/foreigner or rather his symbolic presence is a sine qua non for the formation of language identity”. O autor ainda completa que nenhuma identidade de grupo poderia ter se consolidado sem a presença constitutiva do outro.

A presença de turistas que visitam as comunidades e mesmo os garimpos que têm se apropriado das terras quilombolas pode ser o motivo dos indivíduos preferirem o uso da variedade oral, que representa a variedade local, como um meio de marcarem seu território.

Dentre as comunidades, destaca-se a comunidade Morrinho que apresentou um índice um pouco maior de ocorrências da variante dependente nasal, o que pode ser explicado pelo motivo de que, nesta comunidade, foi entrevistado um participante com escolaridade de nível superior e profissão de pastor.

O grande número de dados, com característica nasal, apresentados por esse participante, possivelmente, já evidencia a interferência na fala, advinda de atividade em instituição normatizadora como a universidade e/ou ambiente formal, como a igreja. “Com efeito, seja direta seja indiretamente, a participação da escola acaba sendo decisiva na modificação do comportamento linguístico”. (OLIVEIRA e SILVA & PAIVA, 1996, p. 350).

Labov (2001), ao observar um estudo pesquisou variedades linguísticas na Filadélfia (EUA), concluiu que o efeito que a educação proporciona aos falantes se constitui por acumulação, que é influenciada mais pelo tempo que uma pessoa frequenta as instituições educacionais do que pela origem educacional familiar. Isso quer dizer que, quanto maior a escolaridade de um falante, maior também será a chance desse falante optar pela forma linguística de prestígio.

O autor ainda considera que as frequências com que certas variantes de menor prestígio ocorrem podem estar relacionadas ao papel social assumido pelo falante, de modo que não signifique que elas só utilizem a variante padrão, mas sim que os falantes podem ficar atentos a seu uso linguístico, e evitar as variantes de menos prestígio em uma situação mais formal.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 22) afirma que as pessoas interagem umas com as outras de acordo com seus papéis sociais. A autora declara que “os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo da interação humana.”

Nesse sentido, o fato de o falante assumir o papel social de pastor, no caso da comunidade de Morrinho, indica sua maior relação de domínio da língua, fator que é comumente associado com a utilização da norma padrão, e isso faz com que ele opte por esta variante. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 25):

[...] em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso [...]. O grau dessa variação será maior em alguns domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25).

Ainda que o ambiente em que o informante concedeu a entrevista seja um ambiente familiar, seu papel social de atuação no domínio da igreja faz com que o grau de sua variação seja menor.

No tópico seguinte analisaremos os contextos precedentes em que as variantes estão ocorrendo, para entendermos qual ambiente favorece a oralidade da vogal [a] em ambiente nasal.

REALIZAÇÃO DA VOGAL [A] EM AMBIENTE NASAL SEGUNDO SEU CONTEXTO FÔNICO PRECEDENTE

Nesse processo de análise buscamos identificar qual era o contexto fônico presente imediatamente antes da realização de ambas as variáveis dependentes. Esse procedimento foi realizado com o objetivo de

entender em quais contextos a variante oral estaria ocorrendo com maior frequência.

Nos estudos de Bisol (1981), Schwindt (1995) sobre a elevação vocálica em posição pretônica com falantes do Rio Grande do Sul, o contexto precedente demonstrou-se importante para o tratamento da variação. Além disso, Vieira (1994) e Mallmann (2001) em seus estudos acerca das elevações das postônicas final e não-final também utilizaram o contexto precedente para organização de seus fatores de análises, o que os levou a resultados consistentes acerca dos princípios que influenciam na variação. Também, Oushiro (2014) mostrou, em seu estudo com falantes de São Paulo, que o contexto fônico precedente quanto à altura da vogal se mostrou relevante para o apagamento do (-r) em coda.

O parâmetro de contexto precedente utilizado nesta análise foi identificar se as variantes estavam ocorrendo com mais frequência após um elemento vozeado ou desvozeado, pois na maioria das línguas do mundo, essa propriedade é utilizada por sua característica distintiva, a qual possibilita que as consoantes entre si. De acordo com Seara et al (2019, p. 79) uma possível classificação das consoantes é estabelecida conforme o vozeamento, podendo ser:

- Surdas ou não vozeadas: consoantes produzidas sem a vibração das pregas vocais, por exemplo: ‘pata’ ([ˈpatə]), ‘faca’ ([ˈfakə]).
- Sonoras ou vozeadas: consoantes produzidas com a vibração das pregas vocais, por exemplo: ‘bolo’ ([ˈbolʊ]), ‘zona’ ([ˈzonə]) (SEARA et al, 2019, p. 79).

Segundo Barbosa e Madureira (2019, p. 42) “os sons vozeados produzidos com algum modo de vibração das pregas vocais contrastam com os não vozeados, os quais são produzidos com ausência de qualquer modo de vibração das pregas vocais”. Os autores ponderam ainda que “a laringe não é a única responsável em modular o fluxo de ar e produzir som. A região supraglotal pode modular o som produzido na glote ou ser a principal fonte de som, no caso de fricativas e oclusivas não vozeadas” (BARBOSA; MADUREIRA, 2019, p. 45).

Para Jakobson, Fant e Halle (1952), Jakobson e Halle (1980), Chomsky e Halle (1968) *apud* Veloso (1997, p. 63): “Vozeado corresponde

a uma formalização linguística binária, da presença/ ausência das vibrações glóticas, sugerindo uma relação estável e simplificada, de natureza binária, quântica, entre essa propriedade articulatória e o traço em causa”.

Vejam, na tabela a seguir, a frequência e proporção da variável independente contexto fônico precedente na fala dos entrevistados das comunidades quilombolas de Poconé e Barra do Bugres:

Tabela 3 – Realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo seu contexto fônico precedente.

Cont. Fon. Prec.	Variável dependente	Frequência	Proporção
Vozeadas	Oral	638	84,7%
Vozeadas	Nasal	115	15,3%
Desvozeadas	Oral	359	82,9%
Desvozeadas	Nasal	74	17,1%

Fonte: Dias (2021).

Conforme aponta a tabela 3, os fatores de contexto fônico precedente que, proporcionalmente, mais influenciaram no processo de alternância para a variante dependente oral foram as vozeadas, como em “**b**andeira – [baⁿˈdɛra]/ **y**amos – [vaⁿˈmoj]”. Da porcentagem de ocorrência do fenômeno com um contexto precedente de vozeadas, a proporção foi de 84,7% de ocorrência de orais e 15,3% de nasais. Já para no contexto precedente com as desvozeadas, como em “**c**âmera – [ˈkaⁿˈmɛra]”/ “**i**mportante [ĩpoɾˈtaⁿti]”, foram 82,9% de orais e 17,1% para nasais.

Nas comunidades quilombolas, tanto o fator de vozeamento quanto o desvozeamento, são fatores determinantes para o uso da variedade regional, visto que ela ocorre em ambas as situações. No entanto, o fator de vozeamento mostrou-se mais produtivo na realização do fenômeno, com 638 ocorrências para variedade oral e 115 para a variedade nasal.

Guy (2000) faz referência às normas compartilhadas pelas comunidades de fala. O autor as considera como atitudes em comum acerca do uso da língua, além disso, afirma que tais atitudes são determina-

das pelas avaliações sociais com relação ao modo de falar. Nas comunidades quilombolas foi possível notar que há uma preferência para a realização da oralidade em contexto fônico precedente constituído elementos vozeados. Vejamos agora como se dá esse comportamento com relação ao contexto fônico seguinte.

REALIZAÇÃO DA VOGAL [A] EM AMBIENTE NASAL SEGUNDO SEU CONTEXTO FÔNICO SEGUINTE

Nessa parte da análise a intenção é identificar qual é o contexto fônico seguinte imediatamente após à realização de ambas as variáveis dependentes. Esse procedimento foi realizado com o objetivo de entender em quais contextos a variante oral estaria ocorrendo com maior frequência.

Oushiro (2014) em seu estudo sobre o falar paulistano também analisou o contexto fônico seguinte e verificou que ele não é selecionado quando organizado por Ponto de C nem por sonoridade, mas é relevante para o apagamento de (-r) quanto ao traço [±contínuo].

Ainda, Kailer e Pontes (2001) em investigação sobre o alçamento do [e] pretônico na região oeste-sudoeste do Paraná, apontaram que a vibrante em travamento de sílaba é um contexto fônico que inibe categoricamente o alçamento do [e].

O critério de contexto seguinte utilizado nesta parte da análise foi identificar se as variantes estavam ocorrendo com mais frequência antes de um elemento vozeado ou desvozeado. Vejamos, na tabela a seguir, as porcentagens de proporção e os números de realização da variável independente contexto fônico seguinte:

Tabela 4 – Realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo seu contexto fônico seguinte.

Cont. Fon. Seg.	Variável dependente	Frequência	Proporção
Vozeadas	Oral	763	86,7%
Vozeadas	Nasal	117	13,3%
Desvozeadas	Oral	9	90%
Desvozeadas	Nasal	1	10%
Semivogal	Oral	222	75,3%

Semivogal	Nasal	73	24,7%
Vogal	Nasal	1	x

Fonte: Dias (2021).

Conforme aponta a tabela 4, os fatores de contexto fônico seguinte que, proporcionalmente, mais estão influenciando no processo de alternância para a variante dependente oral foram, em primeiro lugar, as consoantes desvozeadas, como em “irmã fez – [im‘a ‘fej] – manhã cedo [maⁿ‘raⁿ sedU]”.

Em segundo lugar, a influência para a realização da variante oral recai sobre às consoantes vozeadas, como em: “irmã **de**le – [im‘a ‘deli]/ amanhã **bem** cedo [amaⁿ‘ra beĩ sedU]”.

E em terceiro lugar houve influência para realização da variante oral das ocorrências em contexto fônico seguinte das semivogais como em: “**mão** [‘maⁿw]/ **mamãe** [maⁿ‘maⁿi].

Da porcentagem de ocorrência do fenômeno em contexto seguinte de consoantes desvozeadas, a proporção foi de 90% para realização da variante oral e 10% para a nasal. Isso significa que, embora a ocorrência de palavras nesse contexto seja de apenas 10 realizações, a cada dez vezes em que palavras com contexto fônico seguinte de consoantes desvozeadas forem produzidas pelos falantes das comunidades quilombolas, nove delas serão realizadas privilegiando a variante oral. “[...] denominamos o estado da glote de desvozeado (ou surdo) quando não houver vibração das cordas ou pregas vocais, nem ocorre ruído durante a produção de um segmento desvozeado”. (SILVA, 2017, p. 27)

Com relação às consoantes vozeadas em contexto seguinte, a proporção foi de 87,7% para a realização da variante oral e 13,3% da nasal. O universo de dados que compreende a esse contexto corresponde à maior parte dos dados, uma vez que se realizaram 880 vezes, das quais 763 ocorreram para a variante oral e 117 para a variante nasal. “Diremos que o estado da glote é vozeado (ou sonoro) quando as pregas vocais estiverem vibrando durante a produção de um determinado som”. (SILVA, 2017, p. 27)

Já no contexto de uma semivogal seguinte, 75,3% se realizou como oral, enquanto que 24,7% como nasal. A totalidade dos dados somam

295 em contexto seguinte de semivogal, desse número, 222 ocorreu para a variante oral, enquanto que 73 ocorreu para a variante nasal.

De acordo com Seara et al (2019, p. 66) “os ditongos são formados por dois segmentos vocálicos. Há, no entanto, duas possibilidades de sequência em uma mesma sílaba: vogal-semivogal ou semivogal-vogal”. No caso das ocorrências de ditongo nos dados, observamos que são realizados apenas na estrutura de vogal-semivogal, como por exemplo: “mãe – [ˈmaʃ]/ região – [Reʒiˈaʷ]”.

Sobre a ocorrência dos ditongos [ãõ] no final das palavras, alguns estudos (MACEDO-KARIM, 2012; MENDES 2015; SILVA, 2016; e LIMA, 2018) têm mostrado que a região do Alto Pantanal é marcada pela alternância da forma padrão do ditongo [ãw] pela forma não padrão [õw], como em “pão – [ˈpõw]/ mão [ˈmõw]/ criação [kriaˈsõw]”. No entanto, nos dados coletados nas comunidades quilombolas, percebemos que esse fenômeno não ocorre desta maneira. O que ocorre é uma alternância entre a nasalização [ãw] e oralização vocálica [aʷ].

É interessante notarmos como as consoantes desvozeadas estão interferindo nesse cenário de oralidade vocálica, uma vez que sua ocorrência em contexto seguinte representa, numa escala proporcional, a maior chance de o falante optar pela realização da variante oral.

Advertimos, contudo, acerca da realização da vogal em contexto fônico seguinte, uma vez que, nos dados, houve apenas uma única ocorrência de realização de vogal, a vogal posterior média alta [o], imediatamente após ao fenômeno de oralidade da vogal [a], que foi o caso de uma participante da comunidade São José do Baixio que produziu a seguinte construção: “*nãõ obtive* resposta – [ˈnaʷ obˈtivi]”. Essa participante é uma professora, portanto, possui ensino superior, fato que pode explicar a ocorrência da palavra “*obtive*”, posto que é uma palavra de realização mais formal.

Os dados presentes na tabela e nos gráficos, portanto, confirmam que os indivíduos optam pela variante oral, com maior frequência, quando em contexto fônico precedente de vozeamento e contexto fônico seguinte de desvozeamento.

De tal modo, considera-se que o ambiente “*vozeamento + oralidade vocálica + desvozeamento*” é uma característica que influencia para a oralidade vocálica de [a] em contexto nasal.

REALIZAÇÃO DA VOGAL [A] EM AMBIENTE NASAL SEGUNDO O SEXO/GÊNERO.

Nesta parte da análise a intenção é identificar em qual sexo/gênero que há maior realização de uma ou outra variante dependente. Esse procedimento foi realizado com o objetivo de observar em qual sexo/gênero a variante oral ocorreria com maior frequência e proporção. Vejamos, na tabela a seguir, a frequência e proporção da variável independente sexo/gênero.

Tabela 5 – Realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo o sexo/ gênero.

Sexo/ gênero	Variável dependente	Frequência	Proporção
Feminino	oral	289	78,1%
Feminino	nasal	81	21,9%
Masculino	oral	705	86,4%
Masculino	nasal	111	13,6%

Fonte: Dias (2021).

Conforme aponta a tabela 5, o sexo/gênero que obteve maior frequência na distribuição dos dados foi o masculino, com 816 ocorrências. Foram 705 realizações para a variante oral e 111 para a nasal, o que representa proporcionalmente 86,4% de realizações orais e 13,6% de nasais. O motivo para que o número de ocorrência da variável dependente tenha sido maior entre os homens justifica-se, pois, na comunidade Campina de Pedra, dos quatro participantes da pesquisa, três entrevistados são homens e apenas uma mulher.

O sexo/gênero feminino realizou 370 no total. Desses casos, 289 ocorrências privilegiaram a variante oral, o que representa 78,1%, e 81 privilegiaram a variante nasal, o que representa 21,9%.

De acordo com Labov (2008, p. 152) “O estudo da variação social na língua é simplesmente um dos muitos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes”. Pois, além disso, o estudo sociolinguístico fornece meios para que as estruturas estudadas possam ser

comprovadas empiricamente em análises de nível funcional, com soluções que pareciam improváveis e/ou insolúveis. Ainda, o pesquisador define as estruturas das variantes através de métodos quantitativos que levam a uma análise cuidadosa e detalhada do fenômeno e da mudança que pode estar em andamento.

Percebemos que o sexo/gênero feminino, numa análise proporcional, está optando com maior frequência pela variante desfavorecida. “As mulheres, de acordo com inúmeros estudos sociolinguísticos, usam de preferência as variantes socialmente prestigiadas e evitam as que transgridam a língua-padrão”. (MONTEIRO, 2002, p. 99).

De acordo com Labov (2008, p. 347):

Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência. Parece provável que o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo.

Labov (2008) inicialmente faz a afirmação de que as mulheres tendem a utilizar a forma padrão da língua, o que levaria à mudança, sendo a forma favorecida vencedora nessa concorrência. No entanto, nos dados em análise, observamos que as mulheres estão mais propensas a utilizar a forma menos favorecida, de menor prestígio. O que reforça a ideia de Labov quando o autor explica que esta afirmação, da citação acima, não passa de especulação e “seria um grave erro formular o princípio geral de que as mulheres sempre lideram o curso da mudança linguística”. (LABOV, 2008, p. 347)

Sabemos que “na Sociolinguística a diferença entre falas de homens e mulheres é objeto de permanente discussão” (CALLOU; LEITE, 2002, p. 36). Em vista disso, concordamos com a afirmação das autoras de que as identidades masculinas e femininas interagem com outras identidades, fato que leva a não vermos a linguagem do homem ou da mulher de forma isolada, mas “sim em conjunto com outros fatores”. (CALLOU; LEITE, 2002).

Ao comentar estudos de diversos pesquisadores variacionistas, Trudgill (1991, p. 78) explica que:

Todos os pesquisadores chegaram à conclusão de que, mesmo levando em conta outras variáveis, [...] as mulheres produzem de modo consistente formas linguísticas mais próximas da linguagem padrão (norma padrão) ou mais prestigiosa que as dos homens, ou então que elas produzem com mais frequência formas desse tipo (TRUDGILL, 1991, p. 78).

A oralidade vocálica de [a] em ambiente nasal, na variável sexo/gênero, foi encontrado em maior proporção na fala das mulheres; os homens mostraram uma tendência um pouco menor a esse uso. Labov (2008, p. 348) afirma que “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”.

Nesse sentido, é importante que o pesquisador fique atento às características de interação social ambos na variável sexo/ gênero, o quanto homens falaram mais que as mulheres, e até às diferenças físicas do trato vocal.

Nota-se que os homens realizaram mais palavras que favoreciam a variante oral que as mulheres, mas ainda assim, isso não é o suficiente para afirmar que são eles que praticam mais a variável de menor prestígio. O que afirmamos é que, com base nas proporções, as mulheres tendem a optar por essa forma desfavorecida mais recorrentemente que os homens.

No tópico seguinte veremos como ocorre a realização do [a] em ambiente nasal segundo o fator extralinguístico faixa etária.

REALIZAÇÃO DA VOGAL [A] EM AMBIENTE NASAL SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA.

Nesta parte da análise a intenção é identificar em qual faixa etária há maior realização de uma ou outra variante dependente. Esse procedimento foi realizado com o objetivo de observar em qual faixa etária a variante oral ocorreria com maior frequência e proporção. Vejamos, na tabela a seguir, a frequência e proporção da variável independente faixa etária.

Tabela 6 – Realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo a faixa etária.

Faixa etária	Variável dependente	Frequência	Proporção
1 ^a	Oral	421	79,7%
1 ^a	Nasal	107	20,3%
2 ^a	Oral	573	87,1%
2 ^a	nasal	85	12,9%

Fonte: Dias (2021).

Conforme aponta a tabela 6, a faixa etária que obteve maior frequência na distribuição dos dados foi a 2^a faixa etária, com 658 ocorrências. Foram 573 realizações para a variante oral e 85 para a nasal, o que representa proporcionalmente 87,1% de realizações orais e 12,9% de nasais.

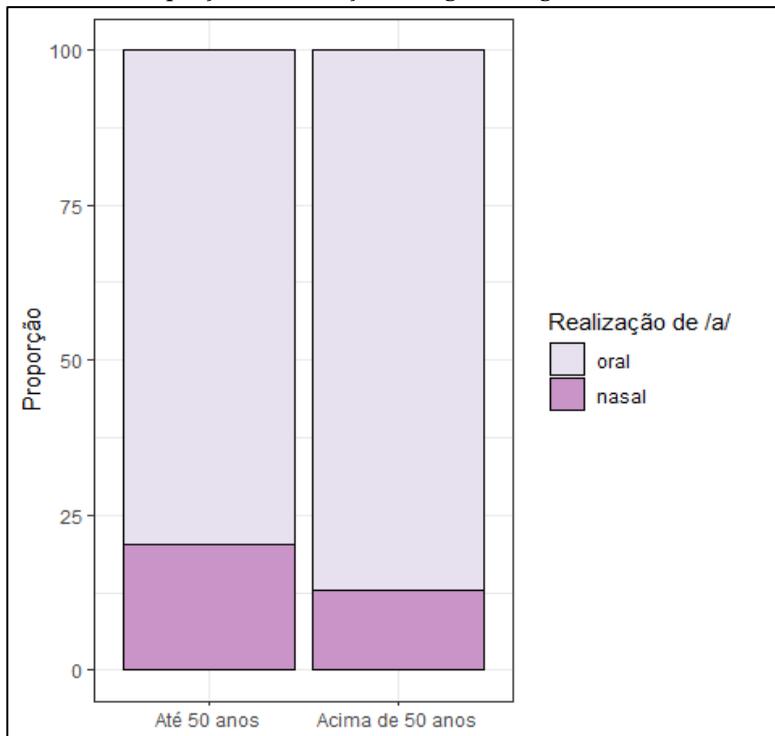
A 1^a faixa etária produziu 528 palavras no total. Dessas, 421 realizações para a variante oral e 107 para a nasal. Isso representa, proporcionalmente, 79,7% de realizações para a variante oral e 20,3% para a variante nasal.

A faixa etária foi um fator extralinguístico escolhido para que pudessemos analisar se há diferenças no falar conforme a geração do participante, ou seja, queremos saber, numa medida proporcional, se os informantes da primeira faixa etária estão mantendo ou não os aspectos do falar utilizado pelos informantes da segunda faixa etária.

Vejam os a seguir o gráfico que representa a proporção com que cada variante ocorreu na variável faixa etária.

Com base no gráfico é possível afirmar que a segunda faixa etária, acima dos 50 anos, tem a maior tendência em produzir palavras que favoreçam a variante oral. Embora a primeira faixa etária, até os 50 anos, tenha uma menor tendência para a forma de menor prestígio, em relação à segunda faixa etária, percebemos que a proporção para a produção de item que favoreça a variante oral é também expressiva.

Gráfico 1 – Proporção da realização da vogal [a] segundo a faixa etária



Fonte: Dias (2021).

De acordo com Freitag (2011, p. 46) A idade é uma das três supercategorias sociais nas sociedades industrializadas modernas, junto com a classe e o sexo, e seu atributo social é a correlação primária com a mudança linguística.

Freitag (2011, p. 46) considera ainda que percebemos intuitivamente a influência da idade no uso da língua e nos processos de variação e mudança “uso de uma expressão “fora de moda”, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico”.

A distribuição por faixa etária, de acordo com Labov (2008), não representa apenas mudanças na comunidade, mas também um padrão de gradação etária, que se repete com o passar das gerações. Essa

escolha vai envolver inúmeros outros fatores extralinguísticos, como a própria atitude linguística do informante frente à sua língua.

Neste caso, também o fator extralinguístico faixa etária é um aspecto que pode justificar o uso mais frequente da variante estigmatizada, no entanto, como já explicitado antes, não é apenas o fator condicionador extralinguístico faixa etária que explicará esse uso, mas sim a faixa etária combinada aos processos nos quais o sistema linguístico interaja, conforme propôs Labov (2008).

Conforme explicam Silva e Scherre (1996, p. 35):

A linguagem é adquirida em sua grande parte até aproximadamente 14 anos (puberdade) e, teoricamente, observando-se uma pessoa de 50 anos, por exemplo, teríamos um reflexo do que se falava há 36 anos atrás. Assim, as diferenças resultantes da comparação das diferentes faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema. (SILVA E SCHERRE, 1996, p. 35)

Para Chambers e Trudgill (1980), no que diz respeito à faixa etária, a caracterização da variação estável se dá por um padrão curvilíneo, de modo que as faixas etárias intermediárias, ou segunda faixa etária, apresentariam maior frequência de uso das formas linguísticas conservadoras e os mais jovens apresentariam maior frequência no uso das formas inovadoras. Conforme aponta Gorski (2009, p. 5) “As diferenças entre as faixas etárias podem ser indícios de que está ocorrendo uma mudança linguística em tempo aparente”.

Nas comunidades quilombolas pesquisadas, de acordo com os dados, os mais jovens estão usando com maior frequência a variante nasal, enquanto os mais velhos, da segunda faixa etária optam pela variante oral com maior frequência. Então, a estratificação social, o reconhecimento social, as instituições normativas e a tendência à correção são fatores extralinguísticos que podem fazer com que os falantes mais jovens sigam em direção à variante conservadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A frequência com que uma variante ocorre na comunidade é um fator de análise muito importante para a Sociolinguística. Nas comunidades em evidência nesse estudo, constatamos que 994 ocorrências da variante ocorreram como oral, enquanto que 192 ocorreram como nasal.

Com base nos resultados, notamos que houve mudanças significativas para o favorecimento do uso da variedade local. As três comunidades mostraram-se favorecedoras à realização da oralidade vocálica de [a] em contexto nasal, uma vez que, optaram pelo uso da variante oral.

Sobre a Realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo seu contexto fônico precedente, os elementos vozeados, têm a maior chance de ocorrer em contexto precedente nas realizações da variante oral, uma vez que obteve uma proporção de realização de 84,7% orais contra 15,3% de nasal. E em segundo lugar, com relação ao contexto precedente, os elementos desvozeados também favorecem a realização da variante oral, uma vez que a proporção foi de 82,9% de ocorrência de orais e 17,1% de nasais.

Com relação à realização da vogal [a] em ambiente nasal segundo seu contexto fônico seguinte, percebemos que o fator favorável para a ocorrência da variante oral são as consoantes desvozeadas, ainda que os dados não sejam tão expressivos. No entanto, outro fator que propicia a realização da variante oral com bastante frequência são as consoantes vozeadas.

Além disso o contexto fônico seguinte de semivogal foi uma surpresa aparecer realizando-se em favor da variante oral, pois estudos (MACEDO-KARIM, 2012; MENDES 2015; SILVA, 2016; e LIMA, 2018), realizados nas áreas urbanas de regiões do Alto Pantanal, apontaram que esse fenômeno tem por característica alternar-se de [ãw] para [õn], contudo, nas comunidades quilombolas que foram pesquisadas o que ocorre é uma alternância entre a nasalização vocálica [ãw] e oralização vocálica [a~w].

Além disso, foi possível observar que o sexo/gênero feminino, proporcionalmente, opta com maior frequência pela variante oral. Isso significa que as mulheres das comunidades quilombolas tendem a realizar a oralidade vocálica de [a] em contexto nasal, mais vezes que os homens, ainda que nos dados tenham aparecido mais itens lexicais produzidos pelos do sexo/gênero masculino.

Concluímos, sobre a variedade faixa etária, que a segunda faixa etária, acima dos 50 anos, tende mais frequentemente em produzir palavras que favoreçam a oralidade vocálica de [a] em ambiente nasal. Apesar de a primeira faixa etária, até os 50 anos, ter obtido uma menor tendência para realizações da variante oral, se comparada à segunda faixa etária, compreendemos que a proporção para a produção de lexia que favoreça a variante oral é expressiva. Pois dos dados em que ocorreram variantes orais, 57,65% foram realizados pela 2ª faixa etária e 42,35% foram realizados pela 1ª faixa etária. Com base nos resultados obtidos no estudo, percebemos que a variante considerada de menor prestígio têm alcançado elevados níveis de realização, fundamentado nisso, entendemos que o processo de substituição pela variante prestigiada, caso aconteça, será lento.

Labov (2008) aponta que com o tempo, a tendência é seguir em direção à variante de maior prestígio que, no caso deste estudo é a nasalização de [a] em ambiente nasal. Nos casos das comunidades quilombolas a mudança será um processo de demora, pois os falantes optam pela realização da variante oral em todos os ambientes de análise. Ainda que, os participantes da faixa etária mais jovem possuam uma diferença menor entre uso da variante oral e variante nasal, eles ainda preferem a oral, pois segundo às análises dos dados, a 1ª faixa etária produziu 528 palavras no total. Dessas, 421 realizações privilegiaram a variante oral e apenas 107 a variante nasal.

Pensando nas atitudes linguísticas dos quilombolas de Poconé e Barra do Bugres, consideramos que, em geral, sentem orgulho de sua identidade enquanto quilombola, sobretudo pois percebemos que seu modo de falar reflete seu sentimento de pertencimento à sua comunidade.

Nos deparamos com um fenômeno linguístico até então pouco conhecido nos estudos do português popular de Mato Grosso, que é a

oralidade vocálica [a] em ambiente nasal que ao invés de realizar-se como nasal, devido à influência do contexto, realiza-se como oral.

O estudo buscou contribuir para os estudos Sociolinguístico do Brasil, de modo especial, para os estudos acerca das variedades linguísticas das comunidades quilombolas de Mato Grosso. Para isso, identificamos e analisamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que pudessem explicar a ocorrência do fenômeno de oralidade vocálica [a] em contexto nasal.

Acreditamos que, a partir deste trabalho, outros estudos possam ser realizados a fim de descrever, analisar e preservar os falares quilombolas sob a perspectiva da Sociolinguística, bem como de outras áreas da Linguística.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. *Comunicação e cultura: práticas cotidianas e construção da cidadania na comunidade quilombola Campina de Pedra, município de Poconé, MT*. 2012.
- ALTENHOFEN, Cléo V. et al. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. *Línguas em contato: onde estão as fronteiras*, p. 69-103, 2014.
- ALVES, Diocles Igor Castro Pires. *O PROCESSO DE NASALIZAÇÃO NO DIALETO QUILOMBOLA GURUTUBANO*. Dissertação de Mestrado. PUCMinas, 2014.
- AMADO, Rosane de Sá. *O português étnico dos povos Timbira*. *Pápi* 25/1: 103-119.
- ARINI, Juliana. *Mineração espalha medo nas terras quilombolas de Mato Grosso*. 2019. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2019/10/mineracao-espalha-medo-nas-terras-quilombolas-do-mato-grosso/>. Acesso em: 12 maio 2021.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BARBOSA, Plínio A. MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language History: From Language* (1933 Ed.). Holt, Rinehart and Winston, 1965.

BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. 2019. *Contato linguístico Tikuna-Português no Alto Solimões- Amazonas: um estudo sobre a variedade de Português falada por professores Tikuna*. Tese (Doutorado em Linguística) - UFRJ

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em Língua Materna: a Sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BOTELHO, José Mario. A nasalidade das vogais em português. *Soletras*, n. 14, p. 55-63, 2007.

BRIGHT, William. *Dialeto social e história da linguagem*. In FONSECA, Maria Stella Vieira da;

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação a fonética e fonologia*. Zahar, 1995.

NEVES, Moema Facure (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. MARCIONILO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPOS, Jocimar Jesus de. *As narrativas míticas da comunidade quilombola de Morrinhos/Poconé/MT e os fazeres escolares*. Dissertação de Mestrado, UFMT. Cuiabá/MT, 2017.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.

CHRISTINO, Beatriz. 2015. *Gender Agreement in Huni-Kuin Portuguese Noun*. *Papia*. Volume 25(1), p. 77-102, Jan/Jun.

EMMERICH, Charlotte. 1984. *A língua de contato no alto Xingu. Origem, forma e função*. Tese de Doutorado, UFRJ.

FERREIRA, Marília. 2005. *Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkateje*. *DELTA* 21/1; 1-21.

FREITAS, Adriana Coelho; VASCONCELOS, Tayane; ARAÚJO, Jusara. ASSIMILAÇÃO DA NASALIDADE NA FALA ANORINENSE. *Travessias Interativas*, n. 15, p. 57-67. 2018

GOFFMAN, Erving. *A situação negligenciada*. In RIBEIRO, Branca Telles & GARCEZ, Pedro M. (org). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. Edições Loyola, São Paulo: 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *A língua portuguesa no Brasil*. *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005.

GUY, Gregory (2005). *A questão da crioulização no português do Brasil*. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação lingüística e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p. 15-38.

GUY, Gregory (1981). *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Dissertation. PH.D., Philadelphia.

HELD, Thaisa Maira Rodrigues. *Racismo institucional e ordens de despejos nos quilombos Mata Cavallo e Jacaré dos Pretos, Mato Grosso*. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1, p. 303-329, 2020.

HOLM, John (1992). *Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole*. In: ANDRADE, E.; KIHM, A. (Orgs.). *Actas do Colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Colibri. p. 37-66.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1943]. 147 p.

LABOV, Willian. *The Social Stratification of English in New York City*: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, Willian. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, 1972.

LABOV, Willian. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Y. FRANCHETTO, B. *Quinhentos anos de línguas indígenas no Brasil*. In: MATTOS E SILVA, R. V. et al (orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da cultura e turismo do estado da Bahia, 2006.

LIMA, José Leonildo. *A alternância entre as fricativas e africadas, a alternância de [ãw] e [õ] final e o gênero gramatical: marcas do português arcaico no falar cuiabano. Diversidade e variação linguística em Mato Grosso*. Cáceres, MT: Editora UNEMAT, p. 25-42, 2018.

LUCCHESI, Dante. *As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000) (The two great trends of Brazilian Sociolinguistic history (1500-2000))*. Revista D. E. L. T. A., n. 17, p. 97-130, jan. 2001.

DIAS, Ludquellen Braga. *O rotacismo em comunidades rurais afro-brasileiras do estado da Bahia*. Dissertação de Mestrado, UFBA. 2019.

MACEDO-KARIM, Jocineide et al. *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1618573>.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. O ensino da Língua Portuguesa nas escolas indígenas. In: *Em abeto*, Brasília, ano 14, n. 63, p. 69-77, 1994.

MATOS e SILVA, Rosa Virgínia. 1988. *Sete estudos sobre o português Kamayurá*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UGBa.

MELEU, Suélen Martins. *O português da escravidão*. 2018. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2018.

MENDES, Simone Carvalho; MACEDO-KARIM, Jocineide. A VARIACÃO REGIONAL NO FALAR DOS JOVENS CACERENSES. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 8, n. 1, p. 186-197, 2015.

MICHAELIS, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramento. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/>. Acesso em: 22 jun.2021.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender LABOV*. Ed. Vozes, 2002.

OLVIERA, Sandra Ramos de. “*Léxico, Cultura, Tradição E Modernidade- Um Retrato Sociolinguístico Do Congado Montes- Clarense*”. Dissertação de mestrado, UFU. 2014

OLIVEIRA e SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. *Visão de conjunto das variáveis sociais*. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. cap. 16, p. 335- 378.

OUSHIRO, Livia. “*TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS SOCIOLINGUÍSTICAS COM O ELAN*”, p.117-132. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-9cap>

OUSHIRO, Livia. *Tratamento de dados com o r para análises sociolinguísticas. Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*, p. 129, 2014.

PARKVALL, Mikael; ÁLVAREZ LÓPEZ, Laura. *Português vernáculo brasileiro e a hipótese da semi-crioulização*. Revista da ABRALIN, v. 2, n. 1, p. 111-152, 2003.

PEIXOTO, Jaqueline dos Santos 2017. *A Ordem de Constituintes no Português Mbyá Guarani*. In *As Línguas Tupi: do Vale do Guaporé À Bacia Platina* / Marci Fileti Martins, Organizadora. ISBN 978-85-7427-069-2. Formato Ebook: PDF.

PEREIRA, Marli Alves. *Quilombo de Morrinho: espaços sociais e estratégias para o reconhecimento do território e a apropriação das políticas públicas de saúde*. 2013.

PRETTI, Dino. *Sociolinguística – os níveis da fala*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

ROJAS-BERSCIA, Luis Miguel; PEREIRA, Douglas William; MEHINAKU KUIKURO, Makulan. 2020. *O português dos jovens da aldeia Afukuri: notas sobre o contato linguístico no Alto Xingu*. Revista Brasileira de Linguística Antropológica 12: 21-39.

SANTOS, Lanuza Lima. *A ordem verbo-sujeito: uma análise socio-linguística da fala popular do interior do estado da Bahia*. Dissertação de Mestrado, UFBA. 2010.

SANTOS, Lilian Abram dos. 2018. *A remissão à memória coletiva na escrita Wajãpi em Português segunda língua*. Articulando e construindo saberes. 3/1: 516-540.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; VOLCÃO, Cristiane Lazzarotto. *Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Daniel Marra da; MILANI, Sebastião Elias. *Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social*. 2013.

SILVA, Fernando Moreno da. *Processos Fonológicos Segmentais na Língua Portuguesa*. Littera on line, v. 2, n. 4, 2011.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e; SILVA, Myrian Barbosa da. 1985. *Um Traço do Português Kamayurá*. Universitas. Ciência. Salvador, (34): 93-107, out./dez.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 2008.

SOUZA, Antonio Carlos Santana de. *Africanidade e contemporaneidade do Português de comunidades Afro-Brasileiras no Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado, UFRGS, 2015.

SOUZA, Jurgen Alves de. *As estruturas reflexivas no português afro-brasileiro*. Dissertação de mestrado. UFBA. 2011.

VAGONES, Elvira Wanda. A fonética e seus precursores. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 24, 1980.

VANDRESEN, Paulino. Introdução. In FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, MoemaFacure (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Por uma história social do português no Brasil*. Para a história do português brasileiro. Vol. 05. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

WEINREICH, Uriel. 1953. *Languages in Contact*. Nova York: Linguistics Circle of New York.

O falar cuiabano: atitudes linguísticas de nativos

Fernanda de Souza Pedroso Campelo
Neusa Phillipson

INTRODUÇÃO

“No meio do caminho tinha um equívoco” (ANTUNES, 2012, p. 115). Tomamos emprestada essa asserção de Antunes para expormos um esboço dos equívocos que rondam as atitudes linguísticas em torno da língua portuguesa no Brasil. Equivocamo-nos quando assimilamos língua com norma-padrão. Equivocamo-nos ao considerar que há fa-lares superiores e inferiores, certos e errados, bonitos e feios. Equivo-camo-nos quando acreditamos que há somente uma norma linguis-tica. Assim, baseada em equívocos, ocorreu a constituição das atitudes linguísticas atinentes aos usos linguísticos dos falantes.

Tudo isso são equívocos, pois os usos linguísticos estão intima-mente relacionados ao social. A variação é inerente à língua e inde-pende da vontade humana. Nessa via, relacionando a linguagem a as-pectos sociais, isto é, filiados aos pressupostos teóricos da Sociolin-guística Variacionista, compreendemos que há, além de condiciona-dores internos à estrutura, fatores condicionadores extralinguísticos, como sexo, idade, escolaridade, que interferem nos usos linguísticos dos sujeitos.

Além disso, acreditamos que os julgamentos, juízos de valor que os falantes possuem em relação aos modos de falar, também influenciam em seus usos linguísticos, ou seja, além dos fatores condicionadores supracitados, as atitudes linguísticas também interferem nas escolhas e no comportamento linguístico das pessoas.

Para explicitarmos a influência das atitudes linguísticas nos usos linguísticos dos falantes, citamos Calvet (2002). De acordo com o autor, a língua não pode resumir-se a um instrumento de comunicação, pois isso leva à crença de uma relação neutra do falante com sua língua, o que não existe. Para esclarecer isso, Calvet declara que: “Com efeito, existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, o que torna superficial a análise da língua como simples instrumento” (2002, p. 57, grifo do autor).

Nessa direção, acreditando na significativa influência das atitudes linguísticas nos usos linguísticos dos falantes, investigamos atitudes linguísticas de cuiabanos nativos frente ao falar cuiabano. A esse respeito, os informantes demonstraram, em sua maioria, atitudes linguísticas positivas em relação ao falar cuiabano.

Nossa pesquisa contou com a colaboração de quarenta e quatro informantes. Para a definição dos critérios de inclusão da amostra básica desta investigação, seguimos os seguintes critérios: a) os entrevistados deveriam ser nativos¹ e residirem na cidade de Cuiabá, em Mato Grosso; b) os entrevistados deveriam ser maiores de idade, com graus de escolaridade distribuídos em níveis Médio e Superior.

Na seção seguinte, apresentamos parte dos resultados obtidos na pesquisa de campo e relacionados às atitudes linguísticas dos entrevistados referentes ao falar cuiabano.

ATTITUDES LINGUÍSTICAS PERANTE O FALAR CUIABANO

Nosso questionário constituía-se de trinta e três perguntas abertas e duas fechadas, totalizando, assim, trinta e cinco questões. Devido à

¹ Cinco informantes nasceram na Baixada Cuiabana-MT, e três dos quarenta e quatro entrevistados não nasceram em Cuiabá, nem na Baixada Cuiabana-MT, mas se deslocaram para a capital desde a mais tenra idade.

pandemia² que assolou o país, desenvolvemos nossas entrevistas através de *e-mails* e de questionário *on-line* do Google Forms. Os dados aqui expostos dizem respeito às primeiras perguntas do questionário, que versam sobre o falar cuiabano. Com elas, podemos evidenciar a percepção dos nativos entrevistados diante da variedade linguística local.

Para a identificação dos participantes da pesquisa, confeccionamos siglas, que devem ser interpretadas da seguinte maneira: a primeira letra representa o sexo do participante, sendo “F” para feminino e “M” para masculino. As letras subsequentes estão relacionadas ao nível de escolaridade dos nativos, assim, as letras “EM” sinalizam que o informante possui Ensino Médio e as letras “ES” mostram que o colaborador tem Ensino Superior.

A pergunta 1 apresentou o seguinte questionamento: *O que você acha do falar cuiabano?* A nuvem de palavras abaixo elucida as palavras, expressões mais recorrentes para descrever esse falar:

Nuvem de palavras 1 – O falar cuiabano



Fonte: Campelo (2022).

As palavras mais citadas foram **engraçado** e **cultura**, com dez ocorrências cada uma, seguidas de **diferente** e **sotaque**, com cinco

² Nomeada de Covid-19 e/ou Coronavírus, trata-se de uma doença contagiosa que matou milhares de pessoas ao redor do mundo, sendo o Brasil o segundo país com maior número de mortes. Considerando que é um vírus transmissível, a maneira de evitar sua difusão, até imunização por vacina, é o isolamento social. Os órgãos de saúde também orientam o uso de máscara, higienização e uso de álcool em gel nas mãos.

ocorrências, respectivamente. **Característico** e **linguajar** apareceram quatro vezes. **Admiração, dialeto** e **diferenciado**³ três vezes.

Chama-nos a atenção o falar local ser caracterizado como **engraçado**. A atribuição do adjetivo engraçado a usos linguísticos é recorrente e faz parte das atitudes linguísticas das pessoas. Isso ocorre devido ao estranhamento do outro, é o olhar do outro que gera essa atitude. Isso revela que o engraçado é estabelecido através da alteridade, isto é, da visão do outro. Nessa direção, o que difere dos “meus” usos linguísticos é engraçado. Em algumas comunidades, conforme evidenciado em Cuiabá-MT, essas atitudes linguísticas do outro são incorporadas às atitudes dos nativos.

Os nativos, em sua maioria, apresentaram atitudes positivas perante o falar cuiabano. Somente quatro informantes mostraram atitudes negativas em suas respostas⁴: “Nao acho muito boa o falar muito errado o português” (Inf. 31 - MEM). “Preguiçoso” (Inf. 35 - MES). “Se for o linguajar dos mais antigo, acho estranho e dificil de entender” (Inf. 16 - FES). “Muito Feio” (Inf. 03 - FEM). A seguir, selecionamos alguns excertos que demonstram atitudes linguísticas positivas:

1. Como toda cultura para alguns é muito diferente, mas eu amo, é um linguajar simples, **puro sem malícia**, objetivo e suas características de um povo meio índio, meio caboclo fica perfeito! (Inf. 07 - FES).
2. O falar cuiabano promove uma **rica cultura** sobre a capital de mato grosso, posso considerar uma **referência múltipla** a qual admiro e considero importante, e que talvez não tenha a percepção do “falar diferente” (Inf. 04 - FES).
3. Acho o falar cuiabano único, a forma de falar onde não se encontra em nenhum outro lugar, por isso deve ser visto como sendo um **patri-mônio** da região (Inf. 13 - MES).
4. É a **marca registrada** do povo Cuiabano, é o que traz essa **cultura rica** e **peculiar** que distinguem toda história desse povo (Inf. 10 - FEM).

³ Optamos por não juntar **diferente** e **diferenciado** na quantificação, pois acreditamos que remetem a acepções distintas. **Diferente** seria distinto em relação a outros falares, **diferenciado** carrega as ideias de único, destaque, superior. Atributos mais positivos que diferente, que nos remete a algumas características referenciadas pelos nativos, como irreverente, original.

⁴ Todos os excertos apresentados foram escritos pelos nativos entrevistados e expostos aqui conforme escrito por eles.

5. É uma **identidade, característica** inteiramente nossa (cuiabanos). acho extremamente **admirável**, além de fazer parte da nossa cultura e um tiquinho de lembrança dos nossos ancestrais (Inf. 25 - FEM).

As falas acima revelam atitudes linguísticas positivas perante a variedade linguística local, ou seja, os nativos apreciam o falar cuiabano. Isso é de extrema relevância para a preservação do falar local, pois as atitudes linguísticas dos falantes influenciam de maneira considerável na permanência ou erradicação das variedades linguísticas de uma comunidade. Para Corno (2010, p. 78), “As atitudes linguísticas desempenham importante papel na vida dos usuários de uma determinada língua (ou variedade linguística) [...]”.

As atitudes supracitadas, 1 a 5, se encaixam dentro do componente afetivo das atitudes linguísticas, pois dizem respeito aos sentimentos dos nativos entrevistados frente à variedade linguística local. Conforme exposto, foi possível identificar, através da questão 1, que os informantes, em sua maioria, apresentaram atitudes linguísticas positivas perante o falar cuiabano.

A fala 01 (inf. 07 - FES), por exemplo, revela a consciência que a nativa possui acerca da comunidade, quando ela descreve que o linguajar cuiabano carrega características de indígenas. A esse respeito, Aguilera (2008, p. 109) pondera que “Até o início da década de 1950, a população do Mato Grosso era constituída basicamente de indígenas não miscigenados e outros brasileiros setecentistas e oitocentistas, descendentes de portugueses e indígenas africanos”. Essa atitude da informante se enquadra no componente cognitivo, visto que diz respeito aos conhecimentos relacionados à língua. “O *componente cognitivo* refere-se às crenças, aos pensamentos, aos conhecimentos que se têm em relação a um objeto social definido” (BOTASSINI, 2013, p. 57, grifos da autora).

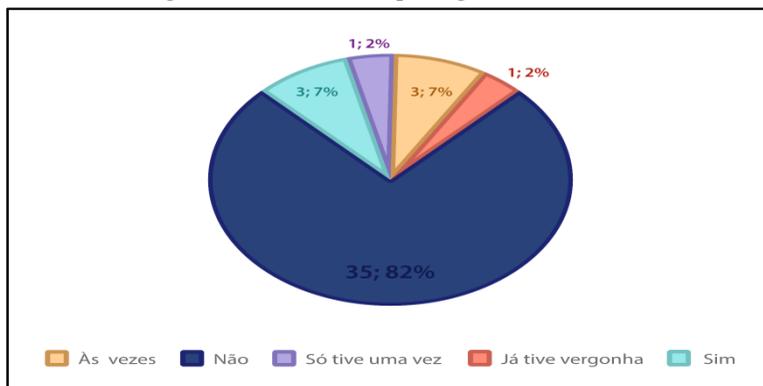
O depoimento 02 (Inf. 04 - FES) nos direciona à Aguilera (2008, p. 106), que assim pondera: “Na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”, pois, quando o informante diz “que talvez não tenha a percepção do “falar diferente”, ele

sugere uma alteridade na qual um outro acha o falar cuiabano diferente.

Já os depoimentos 03 - “Acho o falar cuiabano único, a forma de falar onde não se encontra em nenhum outro lugar” (Inf. 13 - MES); 04 - “É a marca registrada do povo cuiabano [...] que distingue toda desse povo” (Inf. 10 - FEM); 05 - “É uma identidade, característica inteiramente nossa (cuiabanos) [...]” (Inf. 25 - FEM) ratificam a conceituação de Corbari (2012, p.115), quando diz que: “É a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos”.

Na mesma direção da pergunta 1, ou seja, com o intuito de identificar as atitudes linguísticas dos nativos perante o falar cuiabano, a pergunta 2⁵ questionou se: *Existem situações em que você tem vergonha de falar com sotaque regional? Por quê?* O gráfico abaixo releva que os nativos entrevistados, em sua maioria, não sentem vergonha da variedade linguística local:

Gráfico 1 – Vergonha ou não do sotaque regional



Fonte: Campelo (2022).

A leitura do gráfico 1 mostra que 82% dos entrevistados não sentem vergonha do falar local, 7% disseram que sentem vergonha. Outros,

⁵ Na dissertação trata-se da pergunta 3.

com a mesma porcentagem (7%), declararam sentir vergonha às vezes. Um informante (2%) disse que sentiu vergonha somente uma vez, um outro informante (2%) disse que já teve vergonha do falar cuiabano.

A seguir, apresentamos algumas falas que revelam as atitudes linguísticas dos entrevistados perante a variedade linguística de Cuiabá-MT. Iniciamos com as atitudes positivas, ou seja, os excertos a seguir são de informantes que disseram não sentir vergonha do falar local:

1. Não tenho vergonha, mais existe muito o preconceito linguístico principalmente que **peçoas que não são de outras cidades e estados** habitado em nosso estado (Inf. 15 - FES).
2. Jamais. É minha **identidade**, faz parte da minha cultura, está presente em todas as minhas gerações, quero mantê-la, sou a favor de não deixá-la ser esquecida (Inf. 18 - MES).
3. Não tive vergonha do sotaque, porem fiquei constrangido pelo fato das **peçoas que moram na cidade de Cuiabá** e ficam caçoando do falar arrastado (Inf. 26 - MEM).
4. Não, porque tenho **orgulho** da minha origem, e adoro puxar ainda mais em determinadas situações, rrsrrs (Inf. 34 - MEM).

Os depoimentos acima podem ser vinculados com os discursos da sociedade contemporânea que valoriza o singular, as especificidades. Particularmente em Cuiabá-MT houve, no ano de 2013, como parte da comemoração aos 265 anos da capital, o tombamento do falar cuiabano, que passou a ser considerado patrimônio imaterial do Estado⁶. Assim, as atitudes linguísticas expressas nas falas acima podem estar relacionadas ao tombamento do falar cuiabano através da Portaria 017/2013.

Isso evidencia a relevância das políticas públicas no favorecimento de atitudes linguísticas positivas perante as variedades linguísticas de uma comunidade. É como se as pessoas precisassem do aval de autoridades para expressarem atitude favorável ao próprio falar.

Nesse contexto, cabe destacarmos aqui a fala 09 (Inf. 34 - MEM), quando o informante diz: “e adoro puxar ainda mais em determinadas

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/05/linguajar-cuiabano-e-tombado-como-patrimonio-imaterial-de-mato-grosso.html>; <http://www.secel.mt.gov.br/-/linguajar-cuiabano-e-patrimonio-imaterial>. Acesso em: nov. 2021.

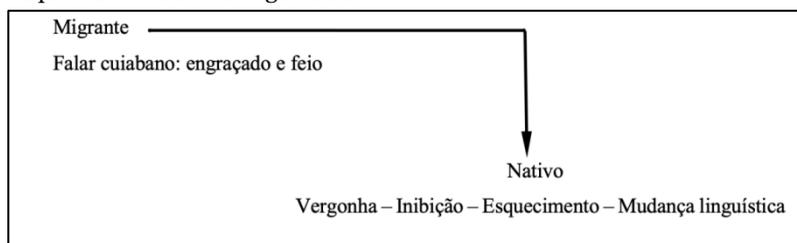
situações”, é possível perceber que o nativo possui segurança linguística. “Entende-se por segurança linguística quando o falante não se sente impelido a modificar sua norma para se adaptar a outros padrões, principalmente normativos; é quando o indivíduo não questiona se sua maneira de falar está correta ou incorreta” (SILVA, 2019, p. 112).

A seguir, apresentamos falas de nativos que revelaram sentir vergonha do falar local:

- 1. Infelizmente**, com o passar dos anos com a convivência com outras pessoas que não falam da mesma forma, vamos esquecendo o nosso sotaque, até mesmo por vergonha pois **muitos acham** engraçado e feio o linguajar (Inf. 20 - FES).
- 2. Sim**, as **pessoas de outro estado** acabam rindo porque acham que falamos errado mas na verdade é um linguajar da região (Inf. 10 - FEM).
- 3. Sim**, porque **algumas pessoas** podem achar forçado e até mesmo errado (Inf. 12 - MES).

A fala 10 (Inf. 20 - FES) revela um sentimento de inferioridade em relação ao falar local. A informante alega ter esquecido o próprio sotaque, assevera sentir vergonha do falar cuiabano, pois muitos caracterizam o linguajar cuiabano como engraçado e feio. “Usualmente, as mudanças culturais e linguísticas ocorrem em linhas sensíveis de inferioridade” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 109). Nesse caso, a vergonha levou à inibição, que ocasionou o esquecimento, acarretando a mudança linguística. Por se tratar de atitude relevante, elaboramos um esquema:

Esquema 1 –Atitudes linguísticas



Fonte: Campelo (2022).

Além disso, o depoimento 10 evidencia que “as atitudes desfavoráveis podem desenvolver-se, ou intensificar-se, nos contextos sociais em que sentimos decepções ou fracassos na presença de participantes de algum grupo característico” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 119), essa atitude se enquadra dentro do princípio da associação⁷. “Desse modo, enquanto as atitudes positivas se desenvolvem quando as associamos a um fato agradável, as atitudes negativas se desenvolvem na associação a episódios e fatos decepcionantes” (PEDROSO, 2018, p. 39).

A fala 10 também nos direciona à “norma-de-ser” e “norma-de-dever” sugeridas por Schlieben-Lange (1993). Essas normas se distanciam quando, no interior de uma comunidade, várias normas concorrem entre si. No momento em que uma comunidade de fala identifica uma variedade padrão e contrapõe essa variedade como exemplar às outras, institui-se uma norma-de-dever, que desvaloriza as outras normas existentes. “Essas outras normas ou mantêm, em outro nível, uma validade restrita, ou então são descritas de forma marginalizada, como empecilhos para a imposição da variedade exemplar, sob forma de um estado-de-ser” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 23).

O comentário 11 (Inf. 10 - FEM) apresenta um estigma perante o falar cuiabano, visto como errado por pessoas de outro estado. Nesse sentido, existe uma pressão social para a constituição de um falar homogêneo, pois, quando um falar é caracterizado como errado, é porque ele destoa da norma-padrão. Assim, busca-se a padronização das variedades linguísticas do território brasileiro, e isso orienta as atitudes linguísticas das pessoas, especialmente, quando se deparam com falantes de outros estados, conforme evidenciado pela informante 10.

A esse respeito, forças centrípetas atuam nas atitudes linguísticas dos não nativos, os quais atribuem adjetivos ruins para o falar do nativo cuiabano. Conforme Bagno (2012), essas forças são exercidas pelas instituições sociais que, de maneira explícita ou não, oficial ou não, tentam impor algum controle sobre os destinos do idioma. A mais im-

⁷ Lambert e Lambert (1975) expõem que as atitudes são apreendidas por meio de três princípios: associação, transferência e satisfação de necessidades.

portante dessas forças é a escola, visto que essa instituição tenta veicular uma cultura comumente relacionada com as camadas sociais privilegiadas, logo “transmitida na roupagem de uma “língua” considerada “cultura” ou “exemplar”” (BAGNO, 2012, p. 125).

Em 12 (Inf. 12 - MES), o olhar do outro desencadeia insegurança linguística no nativo, visto que “a insegurança linguística se manifesta quando o indivíduo crê que fala “errado”, “grosseiro” e cita sua variedade como desprovida de adjetivos positivos” (SILVA, 2019, p. 113).

Nessa direção, nas falas 10, 11 e 12, os informantes revelam sentir vergonha de falar com o sotaque regional. Nota-se que essa atitude decorre do julgamento dos outros perante o falar cuiabano, pois, na justificativa desses três depoimentos, há um outro que atribui adjetivos ruins para o falar local. Os três informantes em si não atribuem aspectos ruins ao falar local, conforme evidenciado nas respostas, isso parte de outras pessoas. Ademais, “No âmbito da linguagem, o estigma relacionado a uma língua ou variedade linguística pode levar os falantes a pararem de usá-la, colaborando para a substituição da língua ou variedade desprestigiada por uma de maior prestígio” (CORBARI, 2012, p. 117).

Há, ainda, aqueles que revelaram às vezes sentir vergonha e os que já se sentiram envergonhados com a variedade linguística local. As falas abaixo elucidam esses sentimentos:

- 1. Às vezes**, tem lugar que **as pessoas** dão risada do modo de dizer algumas palavras (Inf. 41 - MEM).
- 2. Às vezes**. Quando converso com **pessoas de outros Estados**, e eles começam a rir ou a não entender algumas pronúncias (Inf. 24 - FEM).
- 3. Já tive vergonha**, apesar de não falar tanto cuiabanês, mas alguns palavreados ainda saem. As pessoas riam, mas hoje acho lindo e super engraçado (Inf. 19 - MEM).
- 4. Só tive uma vez vergonha**, porque aonde trabalho meu antigo chefe me chamou nada sala dele e pediu para escrever 10 palavras em uma folha branca, depois que escrevi perguntei para que era aquilo, aí ele disse que achava que eu não sabia escrever elas já que falo errado, mas expliquei que não era errado, somente meu sotaque era diferente (Inf. 22 - FES).

Destacamos para análise o excerto 16, da informante 22 (FES), especialmente porque há opróbrio por parte do empregador que coloca

a funcionária em uma situação constrangedora. A falta de conhecimento linguístico faz ele achar errada a fala da nativa. Trata-se de um contexto desolador, pois existe uma injunção sobre a nativa, contudo ela não hesita em esclarecer que sua fala não é errada. A atitude do empregador se enquadra no componente conativo das atitudes linguísticas, pois diz respeito à maneira de agir perante as línguas e variedades linguísticas. Assim, essa atitude se vincula à perspectiva behaviorista, pois contempla somente a reação do indivíduo frente a determinadas circunstâncias, ao passo que a mentalista abrange os três componentes das atitudes linguísticas, isto é, o cognitivo, o afetivo e o conativo, por isso ela fica no campo do estado mental.

Esse episódio vivido pela informante nos direciona a Labov (2008), o qual divide as forças sociais praticadas sobre as formas linguísticas em dois tipos: pressões sociais vindas de cima e pressões vindas de baixo. Entendemos que a situação vivenciada pela nativa se inscreve nas pressões sociais vindas de cima, pois “representam o processo explícito de correção social aplicado a formas linguísticas individuais. Neste processo, o principal foco de atenção será o papel especial da classe média baixa ou, de modo mais geral, o papel do segundo grupo na hierarquia de *status* social” (LABOV, 2008, p. 152, grifo do autor).

Além disso, a atitude do empregador saiu da zona do preconceito linguístico e tornou-se intolerância linguística, pois, de acordo com Leite (2008), a intolerância é explícita, se materializa na linguagem, diferentemente do preconceito que não precisa ser manifestado para que aconteça.

A nuvem de palavras a seguir, confeccionada a partir da pergunta 3⁸: *Qual seu sentimento em relação ao falar cuiabano?*, revela o sentimento dos nativos perante o falar local:

⁸ Na dissertação trata-se da pergunta 4.

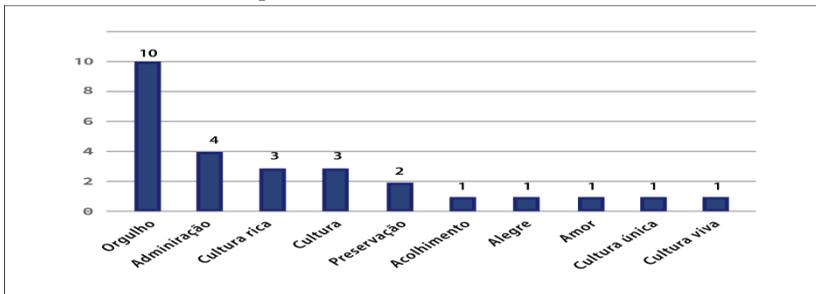
Nuvem de palavras 2 - Sentimento perante o falar cuiabano



Fonte: Campelo (2022).

Conforme disposto na nuvem, a palavra mais falada pelos nativos foi **orgulho**, seguida de **admiração** e **cultura**. O gráfico a seguir apresenta quantas vezes as palavras mais recorrentes foram pronunciadas:

Gráfico 2 – Sentimento perante o falar cuiabano



Fonte: Campelo (2022).

O gráfico 2 mostra que a palavra **orgulho** apareceu dez vezes, seguida de **admiração** com quatro ocorrências. **Cultura rica** e **cultura** apareceram três vezes; a palavra **preservação** apareceu duas vezes. As demais palavras apresentadas no gráfico apareceram uma vez. Houve também os nativos (dois) que disseram não apresentar nenhum sentimento perante o falar local.

A recorrência à palavra **cultura** mostra a relação intrínseca dessa com a língua. A pergunta indagava sobre o sentimento do nativo com o falar cuiabano, a menção à palavra **cultura** sugere que o falar é a cultura. Em **cultura viva** isso fica ainda mais evidente, levando à reflexão: Se o falar erradicar, a cultura local morre? Sim! É uma parte da cultura que deixa de existir, pois essa manifesta-se na culinária, vestimentas, no falar, entre outros.

Nesse caminho, para Azeredo (2008, p. 52), “Uma língua é como é por causa de seu caráter simbólico e interacional: ela incorpora a cultura no homem à medida que o incorpora ao meio sociocultural”.

Os dados mostram que, diante da pergunta 3, a maioria dos entrevistados apresentou atitudes linguísticas positivas. Sendo assim, as falas abaixo revelam um sentimento bom perante o falar local:

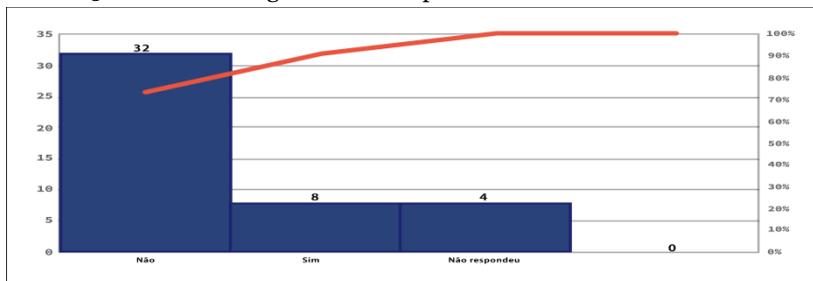
1. **Cultura rica** que deve ser preservada (Inf. 32 o MES).
2. Sentimento de **patriotismo**. Sabe, é pertencer a uma cultura que faz parte da sua história de vida. Sentimento de **pertença** (Inf. 21 - FES).
3. Eu na verdade sinto **orgulho**, sentimento de calor humano de gente boa, quando vejo um nato cuiabano falando já falo esse é hospitaleiro (Inf. 11 - MES).
4. **Orgulho**, por sermos criadores de diversos dialetos que diferenciam a nossa região de outras (Inf. 10 - FEM).
5. Por ser criado em uma família tradicionalmente cuiabana, tenho maior **admiração** pelo falar Cuiabano; herdei de certa forma o sotaque, e me sinto orgulhoso de poder, alguma forma, ajudar na preservação do nosso linguajar (Inf. 26 - MEM).

Somente uma informante 09 (FEM) apresentou atitude linguística negativa para essa questão ao dizer **desprezado**. Dois informantes disseram ser indiferentes, dois relataram não possuir nenhum sentimento em relação ao falar local, e um informante disse que não fala a variedade linguística de Cuiabá-MT. Os demais entrevistados, trinta e oito nativos, apresentam atitudes linguísticas positivas.

No intuito de verificar se há alguma característica linguística cuiabana que os nativos não apreciam, a questão 4^o questionou se: *Há alguma variante linguística cuiabana que você não gosta?*

⁹ Na dissertação trata-se da pergunta 6.

Gráfico 3 – Variantes linguísticas não apreciadas



Fonte: Campelo (2022).

O gráfico 3 mostra que a maioria dos nativos, trinta e dois informantes, responderam não para a questão 4. Oito disseram sim, e quatro não responderam.

Um traço se repetiu, o rotacismo, dois informantes relataram não gostar dessa forma linguística: “Apenas a **troca da letra L pela R** (ex.: pranta ao invés de planta)” (Inf. 32 - MES). “sim a **troca da letra L pelo R**, a troca de algumas letras ex: problema por “probrema”” (Inf. 15 - FES).

Cox (2005) caracteriza esse fenômeno linguístico não como um marcador social, mas como indicador linguístico. A estudiosa explica que, diferentemente de outras regiões brasileiras, nas quais esse uso é caracterizado como um marcador social, em Cuiabá esse fenômeno é identificado como indicador linguístico, pois, independentemente do perímetro (rural ou urbano), classe social, escolaridade, esse fenômeno se faz presente nas situações comunicativas.

Cox ainda pondera sua suposição de que, perante o estigma, preconceito e discriminação que essa variante sofre, em pouco tempo deixaria de ser um traço dialetal e funcionaria como um marcador social, como nas demais regiões do país. Contudo, não é isso que ocorre em Cuiabá, “Em abundância, anedotas nem um pouco politicamente corretas circulam em diversas esferas da vida social em Cuiabá” (COX, 2005, p. 106). Além disso, a pesquisadora pontua que o rotacismo ainda é um traço evidente entre aqueles que possuem o falar cuiabano como língua materna, independentemente da classe social, escolaridade, letramento e grau de formalidade. Interessante que o mesmo

não ocorre com outros traços linguísticos da comunidade. “É curioso que um traço como a africacão de /ʃ/ e /ʒ/ seja encontrado apenas na fala dos velhos dessa comunidade e o rotacismo, na fala de todas as gerações” (COX, 2005, p. 108). Em virtude dos dados expostos, a autora pondera que o rotacismo, em terras da Baixada Cuiabana, resiste às forças centrípetas que operam para transformá-lo em /l/.

Os resultados mostraram que os três componentes das atitudes estão presentes nas falas dos informantes. Nesse caminho, no nível cognoscitivo, alguns informantes revelaram ter consciência não só da diversidade linguística local, mas também da constituição do falar cuiabano. O componente afetivo revelou atitudes linguísticas positivas perante o falar local, palavras como **orgulho, admiração, cultura, preservação**, entre muitas outras foram referenciadas, apontando o nível afetivo diante do falar local. **Engraçado** também faz parte do componente afetivo, bem como **diferenciado, único, irreverente**.

Por fim, no nível conativo se enquadram as falas que revelam comportamentos, como no excerto 16 (Inf. 22 - FES), no qual o empregador adota uma postura de repúdio perante a fala da nativa e no fragmento 10 (Inf. 20 - FES), quando a nativa inibe seus traços linguísticos devido à represália dos outros, que consideram o falar cuiabano feio e engraçado. “*O componente comportamental* ou conativo é entendido como conduta, reação ou tendência à reação diante de um objeto social” (BOTASSINI, 2013, p. 58, grifos da autora).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo identificou atitudes linguísticas em relação ao falar cuiabano. A esse respeito, as palavras mais recorrentes para descrever o falar local foram **engraçado** e **cultura**. Evidenciou-se que engraçado é um atributo que parte dos migrantes e os nativos o repercutem, isso acontece em outras comunidades, portanto, atribuir essa característica a usos linguísticos faz parte das atitudes linguísticas dos falantes. O engraçado constitui-se na alteridade, o olhar do outro evoca esse atributo, o que nos leva a defender que, sem essa visão do outro, os nativos não possuiriam essa atitude linguística. Nesta senda, no âmbito linguístico, o que difere dos “meus” usos linguísticos é percebido

como engraçado. Por sua vez, a recorrência à palavra cultura confirma as hipóteses apresentadas ao longo do estudo sobre a íntima relação cultura/língua

Somente quatro informantes apresentaram atitudes linguísticas negativas ante a variedade linguística local. Nessa direção, os colaboradores, em sua maioria, revelaram atitudes linguísticas positivas frente ao falar cuiabano, e palavras como **diferente, sotaque, característico, linguajar, admiração, dialeto, diferenciado** foram referenciadas para descrever a variedade linguística local.

Em relação aos sentimentos dos nativos com a variedade linguística local, a palavra mais recorrente foi **orgulho**, com dez ocorrências. As respostas para a pergunta três¹⁰ do questionário também evidenciaram atitudes linguísticas positivas diante do falar local. A palavra **cultura** foi citada oito vezes, mas de maneiras distintas, **cultura, cultura rica, cultura única, cultura viva**. Aqui, fica ainda mais evidente a intrínseca relação da língua com a cultura. Nesta pergunta, somente um informante demonstrou atitude linguística negativa.

As respostas à pergunta quatro¹¹ corroboram as atitudes linguísticas positivas das perguntas apresentadas anteriormente, pois a maioria dos informantes, trinta e dois, afirmou não haver nenhuma característica linguística cuiabana que eles não apreciem. Isso ratifica as atitudes linguísticas expostas nas perguntas anteriores.

Sendo assim, os dados revelaram atitudes linguísticas positivas perante o falar local, todos os atributos ruins em relação ao falar cuiabano partem de um outro. Os nativos em si, exceto um, o qual caracterizou o falar local como **desprezado**, revelaram atitudes linguísticas positivas frente à variedade linguística cuiabana. Até mesmo a atitude desse nativo não deixa claro se o falar local é desprezado pelo próprio nativo, ou por um outro. Outra atitude linguística negativa pode ser evidenciada no seguinte fragmento: “Maior parte” (Inf. 35), pois, quando questionado se havia alguma variante linguística cuiabana que não gosta, o informante disse não gostar da maioria dos traços linguísticos que compõem o falar da comunidade de Cuiabá-MT.

¹⁰ *Qual o seu sentimento em relação ao falar cuiabano?*

¹¹ *Há alguma variante cuiabana que você não aprecia?*

A quantidade significativa de atitudes linguísticas positivas evidenciadas nos direciona a Labov (2008, p. 176), quando diz que: “existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão”.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé Costa. IN: *Linguística da norma*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Tese. Universidade Estadual de Londrina, 2013.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CORBARI, Clarice Cristina. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). *Signum: Estud. Ling.*, Londrina, n. 15/1, p. 111-127, jun. 2012.
- CORNO, Dal Mantovani Olivia Giselle. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul, RD: Educs, 2010.
- COX, Maria Inês Pagliarini. In: ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini. *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. 1ª ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. E.L. A significação social das atitudes. In: *Psicologia social*. 5ª ed. Trad. D. Moreira. – Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975. (p. 98-135).

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEDROSO, Fernanda de Souza. *Mídias faladas locais: um estudo sobre linguísticas em Cáceres-MT*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Cáceres-MT, 2018.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da linguística*. Tradução: Fernando Tarallo [et al.] – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, Greize Alves. In: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela. *Pesquisas em crenças e atitudes linguísticas*. Araraquara: Letraria, 2019.

Atitudes linguísticas positivas e negativas quanto ao uso do “R caipira”

Edina de Fátima de Almeida
Dircel Aparecida Kailer

INTRODUÇÃO

Quando vivemos em comunidade, geralmente, estamos sendo julgados positiva ou negativamente pelas escolhas materiais ou pessoais que fazemos, pelas coisas que dizemos e pela forma como as dizemos. Essas atitudes são geralmente baseadas em crenças a respeito das pessoas com as quais convivemos. Conforme López Morales (1993), “nem todas as crenças levam à aparição de atitudes, mas a maioria delas pode produzi-las”. Nesse sentido, para não sofrer o preconceito, tendemos a nos apropriar daquilo que julgamos de prestígio, como por exemplo, vestimentas, comportamentos e atitudes sociais, inclusive nossas escolhas linguísticas. Se acreditamos que determinada variante é marcada, a tendência é evitá-la em contextos formais e, se por outro lado, pensamos que apresenta prestígio, tendemos a usá-la em nossas falas mais monitoradas.

Sobre isso, Bem (1973, p. 12) afirma que “as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros, que correspondem a quatro partes: cognitivas, emocionais, comportamentais e sociais”, conforme vemos na citação a seguir:

Quase todo grupo ao qual pertencemos, desde nossas famílias até nossa sociedade como um todo, têm um conjunto de crenças explícitas

ou implícitas, atitudes e comportamentos que são considerados apropriados por seus membros. Qualquer membro de um grupo que se afasta dessas normas arrisca-se ao isolamento e à desaprovação social; em outras palavras, os grupos regulam as crenças, atitudes e comportamentos através do uso da recompensa e punição social. Existe uma segunda maneira, e mais sutil, através da qual os grupos podem nos influenciar: fornecendo-nos um quadro de referência pelo qual comparamos e avaliamos nossas reações às coisas, isto é, de grupos que às vezes nos fornecem óculos através dos quais olhamos para o mundo (BEM, 1973, p. 136-137).

A partir do que Bem (1973) ilustra na citação anterior, podemos dizer que você vê o mundo conforme as lentes que lhes são fornecidas pela comunidade onde você está inserido. Sendo assim, nesta pesquisa, norteamos-nos na seguinte pergunta: por quais lentes vemos o mundo? A partir dela, temos, neste estudo, os seguintes objetivos: 1º. Verificar as atitudes linguísticas de informantes juízes, um grupo de universitários, do primeiro ano do curso de letras de uma universidade pública, em relação à variante retroflexa, o “r caipira”; 2º. Averiguar a variante rótica em coda silábica predominante na fala desses informantes juízes, alunos do primeiro ano do curso de Letras.

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nesta seção, apresentamos o embasamento teórico-metodológico que alicerça esta pesquisa. Primeiramente, falamos de crença e atitudes linguísticas e, em seguida, da metodologia adotada para coleta e análise dos dados.

CRENÇAS

A definição de crenças é, frequentemente, utilizada em diversas áreas do conhecimento, apresentando assim diferentes definições, tais como: fé religiosa; convicção íntima; opinião formada; credence; superstição; entre outros (HOUAISS, 2009; AURÉLIO, 2009, BOTASSINI, 2013, LOURENÇO, 2015).

Lambert & Lambert (1972) acreditam que as crenças são componentes das atitudes no âmbito cognitivo, próximo da memória, juízo e/ou raciocínio. Além disso, conforme (SILVA-PORELI, 2010, p.25),

para os referidos psicólogos sociais, as crenças de cada indivíduo são construídas a partir de uma realidade social e são compartilhadas por todos os membros dessa comunidade. Bem (1973, p.13-14) atribui a ideia de que crença apresenta-se no eixo cognitivo e é “o produto da experiência direta” por carregar outras crenças primitivas, vindas do subconsciente humano. Para o referido autor, todo sistema de crença é pautado no raciocínio dedutivo, ou seja, é estruturado a partir de duas premissas básicas das quais se obtém, por inferência, uma conclusão.

Deprez e Persoons (1987), segundo Leite (2010), declaram que as crenças constituem a base de nossa estrutura conceitual, pois elas são geradas por meio de observações diretas e informações apreendidas de fontes externas; a partir de processos de inferências que cada indivíduo aprende ou formula. Portanto, essas crenças pessoais servem como base informacional e a última instância determina as atitudes, intenções e o comportamento desse indivíduo. Se elas não representarem detalhadamente o objeto pode haver o surgimento de estereótipos.

Félix (1998, p.26), de acordo com Botassini (2013, p.46-47), entende que as crenças são definidas como “opinião adotada com fé e convicção baseada em pressuposições e elementos afetivos que se mostram influências importantes para o modo como os indivíduos aprendem com as experiências”. Para Labov (2008), as crenças são “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p.176).

Segundo Silva-Poreli (2010, p.25), para os sociolinguistas Labov (2008), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993) e Gómez Molina (1998a; 1998b), “as crenças são elementos cognitivos formados pelo meio social, são verdades culturais”. Na visão da referida autora, essas crenças originam atitudes específicas e manifestações de verdade dentro de uma comunidade linguística.

Em suma, as crenças que as pessoas ou grupos possuem guiarão seus comportamentos e atitudes e podem propiciar o surgimento de estereótipos, variação e ou mudança linguística, conforme vemos a seguir.

ATTITUDES LINGUÍSTICAS

Assim como as crenças, definir atitudes também não é tarefa fácil, pois está associada a diversos campos do conhecimento. Segundo Bottassini (2013), o limite entre os significados de “atitude” e “comportamento”, “atitude”, “postura” e “posicionamento”, que em grande parte são consideradas sinônimas, dependem do contexto em que se encontram para apresentar uma definição.

Para os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1972) “a atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 78). Eles enfatizam também que as atitudes têm um papel essencial no nosso comportamento, afetando nossos julgamentos, percepções e nossas relações com outros e com comunidades com as quais nos associamos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998) destacam que existem duas linhas teóricas divergentes: a mentalista e a comportamentalista. As atitudes linguísticas são interpretadas, segundo a linha comportamentalista, “como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua ou situação ou umas características sociolinguísticas dadas”. Por outro lado, as atitudes são compreendidas, conforme a linha mentalista, como um “estado interno do indivíduo [...] uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual”.

Moreno Fernandez (1998) destaca que não podemos confundir os elementos ou subcomponentes das atitudes linguísticas com: uma valoração, emoções e sentimentos (componente afetivo), um saber, percepção, crenças, estereótipos (componente cognitivo) e uma conduta, ou seja, tendência agir ou reagir de determinado modo em relação a um objeto (componente conativo), critérios relevantes para uma interpretação mentalista da atitude.

Lopéz Morales (2004) corrobora as afirmações de Moreno Fernandez e acrescenta que mesmo os pesquisadores que consideram a atitude linguística uma “entidade complexa”, fato este que ocorre com a grande maioria, apresentam também discrepâncias em relação ao relacionamento dos conceitos entre si e deles com a atitude. Esse autor, destaca que uma atitude nunca é neutra pois é carregada por traços comportamentais, de condutas positivas ou negativas. Ela é, segundo o referido autor, uma manifestação da atitude social dos indivíduos, pois depende “de la valoración que se haga del grupo en que se habla: las actitudes suelen ser manifestación de unas preferencias y unas convenciones sociales acerca del status y el prestigio de los hablantes [...]” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).

O FALAR CAIPIRA

Quando abordamos o falar caipira é indispensável retomarmos a um dos autores mais citados sobre esse tema, Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteadado (1982 [1920]) que descreve “o caipira” e seu falar. De acordo com os escritos desse autor, podemos entender que o “caipira” era aquela pessoa que vivia em pequenas localidades, distantes do progresso, sem escolarização e mais idosa.

Conforme prevê Amaral, o dialeto caipira “acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. O autor afirma que esse “caipira torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado Oeste, onde só com dificuldade se poderá encontrar um representante genuíno da espécie.” Ele atribui esse fato a ampliação da instrução e a educação que são “hoje muito mais difundidas e mais exigentes, vão combatendo com êxito o velho caipirismo, e já não há nada tão comum como se verem rapazes e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos.”

Entre as demais características que fazem parte do falar desse caipira, consoante Amaral (1920), trazemos uma das observações fonéticas referentes às consoantes, iniciando pelo r inter e pos-vocálico (arara, carta) que, segundo o autor,

possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior,

movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico. (AMARAL, 1982 [1920], p.47)

Essa previsão apresentada por Amaral há um século, não se concretizou completamente, destacamos, por exemplo, o uso do /r/ caipira que ainda subsiste e demonstra vitalidade em quase todo território nacional, consoante Aguilera e Silva, 2012, Almeida e Kailer, 2012, Almeida e Kailer, 2015, Almeida, 2018, entre outros. Talvez isso se deva à nova configuração do caipira conforme sustenta Setubal (2005). Para a referida autora, há uma retomada, em geral positiva, do significado e da representação do caipira.

É o caipira country que, inspirado na imagem do cowboy americano, pode construir um tipo vencedor, um herói que ultrapassa a imagem do caboclo pobre, sem educação, ingênuo, preguiçoso e sempre perdedor, porque explorado e espoliado. Com a reelaboração de várias imagens tradicionais do campo, a nova ruralidade tem uma entrada muito forte no imaginário social brasileiro. É importante contextualizar essa mudança como parte de um momento em que o campo, especificamente o agronegócio, vem ganhando destaque na economia e, conseqüentemente, na mídia brasileira (SETUBAL, 2005, p. 67-68).

A partir dessas afirmações de Amaral (1920) e Setubal (2005) sobre o caipira e de Castro (2006), Aguilera e Silva (2015) e Almeida e Kailer (2015, 2020), entre outros, sobre a variante retroflexa, o “r caipira”, objetivamos analisar os róticos em coda silábica na fala de 28 informantes juízes, alunos do curso Letras, bem como suas atitudes quanto ao uso das variantes tepe, retroflexa e glotal na fala de três locutores, um de Londrina, um de São Paulo e outro de Aracaju.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta pesquisa fundamenta-se na concepção mentalista defendida por López Morales (2004) que caracteriza a atitude como sendo um estado de “disposição mental”, visto que é, de acordo com Botassini (2013, p.56), “uma variável que intervém entre um estímulo que afeta

a pessoa e sua resposta a ele”. Grande parte dos estudos linguísticos apoia-se nessa concepção, conforme salienta López Morales (2004), por apresentar um caráter preditivo. Cabe destacar que, segundo Bottassini (2013), os mentalistas concebem a atitude como uma estrutura componencial múltipla, “formada pelos elementos **afetivo** (emoções e sentimentos), **cognitivo** (inclui as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo) e **comportamental** (tendência a atuar e a reagir de certa maneira com respeito ao objeto)” (BOTASSINI, 2013, p. 56).

Sendo assim, para o estudo das atitudes linguísticas dos 28 informantes juízes do curso Letras, utilizamo-nos dos métodos direto e indireto. As medições diretas se realizaram através de questionários e de entrevistas. Os questionários tiveram estrutura aberta e fechada. Para este artigo apresentamos os resultados apenas do questionário com estrutura fechada. Neste questionário, de estrutura fechada, os informantes juízes tiveram poucas possibilidades de resposta (optando por “concordo” ou “discordo” apenas). Nas medições indiretas, foram aplicadas questões sem que o informante pudesse ter consciência da intenção da investigação.

Nessas medições, usamos uma adaptação da técnica *matched guise*, ou técnica de medição indireta, dos falsos pares, proposta por Lambert (1967). Nesse sentido, a coleta de dados realizou-se em três etapas, mas como já mencionamos, vamos analisar as duas primeiras apenas.

Na primeira, foram contatados 28 informantes juízes, alunos do primeiro ano do curso de Letras, os quais primeiramente responderam, por escrito o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido); em seguida, preencheram uma ficha de identificação. Depois, no intuito de analisar os estilos de monitoramento, foi solicitado que lessem uma lista com 60 palavras (37 palavras com rótico em coda silábica e outras 23 como distratores). Após a leitura da lista de palavras, eles foram convidados a ler o texto “Foco na Firmeza” e finalizaram esta etapa com um relato de “uma passagem marcante em sua vida”.

Na segunda etapa, os informantes juízes responderam 33 questões fechadas a partir da oitiva de três gravações, que consistiam na leitura da “Parábola do Semeador” realizada por três locutores inquiridos

pelo ALiB (2006). Esses locutores eram de três regiões diferentes, um de Londrina (PR), um de São Paulo (SP) e um de Aracaju (AL) tendo cada um em sua fala as respectivas variantes róticas: retroflexa, tepe e glotal.

ANÁLISE DOS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NO FALAR DOS INFORMANTES JUÍZES, ALUNOS DO CURSO DE LETRAS.

Iniciamos a análise pelo levantamento das variantes róticas em coda silábica interna e externa de verbos e não verbos na fala dos informantes juízes nos contextos mais monitorados (leitura de um texto e leitura de uma lista de palavras) e menos monitorado (relato).

Gráfico 1 – Número de ocorrências das variantes róticas em coda interna no falar dos universitários do curso de Letras Vernáculas

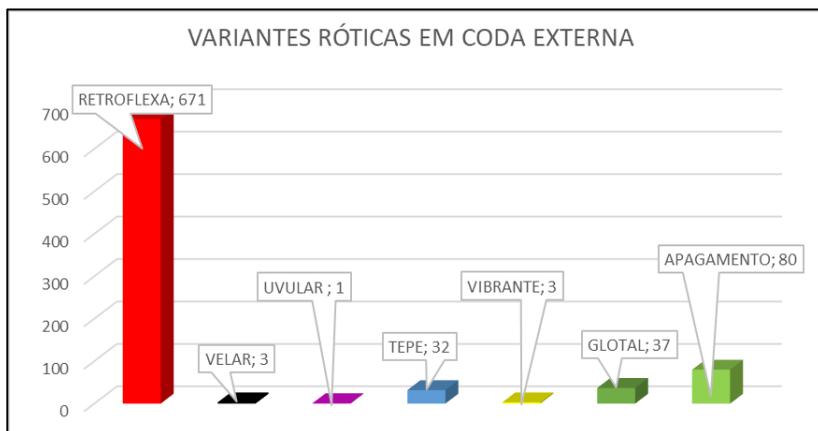


Conforme podemos observar, o Gráfico 1 apresenta a variante retroflexa predominando em relação às demais. Em um total de 1008 ocorrências em coda silábica interna, tivemos 883 ocorrências da retroflexa, seguida da glotal, com 66 e da variante tepe, com 47 realizações. As demais, velar (6 oco), vibrante (5 oco) e uvular (1 oco) realizaram-se pouquíssimas vezes.

Analisando os dados de cada universitário, verificamos que a velar ocorreu na fala das alunas que fazem uso majoritário da variante glotal. Houve uma ocorrência da variante uvular, três vibrantes e 33 tepes na fala de uma universitária de São Paulo. Os demais casos de variantes anteriores aconteceram na fala de quem usa majoritariamente a variante retroflexa.

Considerando o ponto de articulação das anteriores e posteriores, hipotetizamos que o único caso da variante uvular possa tratar-se de um hipermonitoramento, uma vez que a aluna faz uso majoritário das variantes anteriores (tepe e vibrante múltipla).

Gráfico 2 – Número de ocorrências das variantes róticas em coda externa no falar dos universitários do curso de Letras Vernáculas



O Gráfico 2 também mostra o predomínio da variante retroflexa (671 oco), seguida do apagamento (80 oco), da glotal (37 oco), do tepe (32 oco) e de poucos casos de velar (3 oco), vibrante (3 oco) e uvular (1 oco). Destacamos, portanto, que a realização de róticos em coda externa, nesta pesquisa, primordialmente da variante retroflexa, aconteceu principalmente na leitura da lista de palavras e na leitura de um pequeno texto, ou seja, trata-se, nos termos de Labov (1972), de contextos de maior monitoramento.

Nesse sentido, precisamos discutir separadamente as variantes róticas nos três estilos de produção de fala, pois na leitura do texto e na

lista de palavras tivemos 560 possibilidades de realização em coda externa de verbos e de 280 em coda externa de nomes. Desse montante, houve apenas 29 apagamentos na coda externa de verbos e 3 na coda externa de nomes. Em relação ao relato, discurso menos monitorado, tivemos 48 possibilidades de coda externa de verbos e 14 de coda externa de nomes. Em relação aos nomes, houve apenas três apagamentos dos róticos, já em relação aos verbos, o apagamento foi praticamente categórico, pois não houve realização das variantes em 45 das 48 possibilidades.

Esse resultado vai ao encontro do que já foi observado por outros autores que estudaram o apagamento no Português Brasileiro (PB), como por exemplo, Callou (1998), Almeida e Kailer (2015,2020) e Almeida (2018) entre outros que também verificaram que o apagamento em coda externa de verbos é muito recorrente e quando se trata de fala menos monitorada, a mudança está praticamente completa.

Quanto o uso dos róticos em coda interna e externa, além do que já mencionamos sobre a variante apagamento, verificamos, também, que há o predomínio da variante retroflexa na fala daqueles que são nascidos em Londrina (15 informantes) ou de localidades norte-paraenses (4 informantes) e alguns de São Paulo (6 informantes). A variante tepe foi a regra na fala de uma aluna nascida em São Paulo capital. As posteriores glotal e velar foram observadas apenas na fala de duas alunas, uma de Brasília e a outra do Rio de Janeiro. Já a aluna que alternou uvular, tepe e vibrante veio de Minas Gerais. Esses resultados corroboram os estudos de Mendes e Oushiro (2013) sobre o uso do tepe e da retroflexa na capital paulistana, o de Silva (2014) sobre a retroflexa no interior de São Paulo e de Almeida e Kailer (2013) sobre o uso da retroflexa em Londrina.

Realizado o levantamento das variantes no falar de nossos informantes juízes, na seção seguinte, analisamos a avaliação que eles fazem a partir do recorte da leitura de um trecho do texto “Parábola do Semeador” realizada por três informantes masculinos, jovens (de 18 a 30 anos), com ensino superior e que usam as variantes tepe, retroflexa e glotal respectivamente.

RESULTADOS QUANTITATIVOS A RESPEITO DAS AVALIAÇÕES DOS INFORMANTES JUÍZES QUANTO AO USO DAS VARIANTES TEPE, RETROFLEXA E GLOTAL

Em uma análise geral dos dados com base na técnica *matched guise* (Lambert e Lambert, 1972), conforme o Quadro 1, apresentamos a seguir as ponderações em relação à avaliação dos informantes juizes quanto aos locutores de cada uma das variantes.

Quadro 1

QUESTIONÁRIO I (adaptado BOTASSINI 2013; OUSHIRO 2015)	Áudio 1		Áudio 2		Áudio 3	
	Con-cordo	Dis-cordo	Con-cordo	Dis-cordo	Con-cordo	Dis-cordo
01. A pessoa que você ouviu é inteligente.						
02. A pessoa que você ouviu é feia.						
03. A pessoa que você ouviu é estudada.						
04. A pessoa que você ouviu é cuidadosa.						
05. A pessoa que você ouviu é hostil.						
06. A pessoa que você ouviu é trabalhadora.						
07. A pessoa que você ouviu é confiável.						

08. A pessoa que você ouviu é preguiçosa.						
09. A pessoa que você ouviu é responsável.						
10. A pessoa que você ouviu é insegura.						
11. A pessoa que você ouviu é antipática.						
12. A pessoa que você ouviu é competente.						
13. A pessoa que você ouviu é tímida.						
14. A pessoa que você ouviu é respeitosa.						
15. A pessoa que você ouviu é exibida.						
16. A pessoa que você ouviu é autoritária.						
17. A pessoa que você ouviu é engraçada.						
18. A pessoa que você ouviu é criativa.						
19. A pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam.						

Atitudes linguísticas positivas e negativas quanto ao uso do “R caipira”

20. A pessoa que você ouviu sofre preconceito social.						
21. A pessoa que você ouviu tem boa cultura.						
22. A pessoa que você ouviu possui boa condição financeira.						
23. A pessoa que você ouviu é caipira?						
24. A pessoa que você ouviu sente orgulho de falar assim.						
25. A pessoa que você ouviu é independente.						
26. A pessoa que você ouviu é sofisticada.						
27. A pessoa que você ouviu é conservadora.						
28. A pessoa que você ouviu tem sotaque.						
29. A pessoa que você ouviu mora no centro de Londrina.						
30. A pessoa que você ouviu tem poucos amigos?						
31. A pessoa que você ouviu está						

em que faixa etária?			
32. A pessoa que você ouviu tem qual nível de escolaridade?			
33. A pessoa que você ouviu tem qual profissão?			

AValiação DO LOCUTOR QUE USA A VARIANTE TEPE

O locutor da variante tepe não se destacou apenas quanto a ser: cuidadoso, preguiçoso, preconceituoso e conservador. Sobre ele sobressaiu-se também as avaliações positivas, pois foi considerado, em relação aos outros dois, o menos feio, o menos hostil, menos antipático, menos exibido, menos tímido, menos autoritário, o mais trabalhador, mais confiável, mais respeitoso, mais solidário, com melhor cultura, mais independente e o mais sofisticado.

Quando às avaliações negativas, comparativamente entre os três, foi considerado o menos inteligente, menos estudado, menos responsável, menos competente, mais tímido, menos autoritário, menos engraçado, menos criativo, mais pobre. Além disso, os informantes juízes consideraram o locutor desta variante como a pessoa que mora na periferia, com mais sotaque, mais caipira, mais jovem e de profissão mais prestigiada.

AValiação DO LOCUTOR QUE USA A VARIANTE GLOTA

A percepção dos informantes juízes quanto ao locutor da variante glotal não demonstra destaque positivo nem negativo, em relação aos outros dois locutores, quanto: à inteligência, à beleza, à confiabilidade, à responsabilidade, à insegurança, à timidez, ao respeito, ao orgulho, à sofisticação, à criatividade, a ser solidário, a ser engraçado, a ter cultura, a ter sotaque e a ter poucos amigos. Esse locutor recebeu avaliações positivas em relação ser: mais escolarizado, mais competente,

mais cuidadoso. Além disso, segundo os informantes juízes, esse locutor mora no centro, sofre menos preconceito, tem profissões de maior prestígio, soa menos caipira e tem boa condição financeira.

Quanto às avaliações menos positivas, o referido locutor da variante glotal, foi considerado o mais hostil, menos trabalhador e mais antipático, mais exibido, mais autoritário, menos independente, mais velho e menos conservador.

AVALIAÇÃO DO LOCUTOR QUE USA A VARIANTE RETROFLEXA

O locutor da variante retroflexa, também em uma análise comparativa, não teve destaque positivo ou negativo quanto: à antipatia, à competência, ao respeito, à exibição, ao autoritarismo, ao orgulho e à independência.

Em relação às avaliações positivas, foi considerado o mais inteligente, menos tímido, mais estudado, mais trabalhador, mais responsável, mais seguro, mais engraçado, mais criativo, mais conservador, que mora no centro e com melhor condição financeira.

Além disso, em se tratando das avaliações menos positivas, foi considerado menos cuidadoso, mais hostil, menos confiável, menos solidário, com menos cultura, menos sofisticado, menos sotaque, mais jovens, com profissão menos prestigiada, considerados pela maioria como estudantes e que tem poucos amigos.

Cabe destacar que, nesta avaliação, o locutor da variante retroflexa foi considerado menos caipira, com menos sotaque, com melhor condição financeira e morador da região central, diferentemente de nossa hipótese sobre o estigma quanto ao uso do “r caipira” conforme alguns estudos já apontaram desde Amaral (1920) e Melo (1946) até Castro (2006), Botassini (2013), Mendes e Oushiro (2013), Silvia e Aguilera (2014), Almeida (2018) entre outros.

Diante desse resultado, levantamos outras duas hipóteses, a primeira refere-se a possível identificação entre os informantes juízes, usuários, em sua maioria, da variante retroflexa, com o locutor da mesma variante. Isso justificaria tantas avaliações positivas, como por exemplo, o fato de não o considerarem caipira e não identificarem so-

taque em sua fala, conforme postula Labov (1972, p.249) sobre o prestígio encoberto, uma vez que eles, os informantes juízes, mantendo sua identidade, delegam prestígio a uma forma linguística supostamente desprestigiada.

A outra hipótese encontra ecos em Setubal (2005) e em Aguilera e Silva (2015), ela se refere à preservação do r-retroflexo em oposição à previsão pessimista de Amaral (1955[1922]). Segundo as autoras, há uma nova configuração social do caipira, visto, atualmente, como dotado de uma situação financeira consolidada, que faz questão de exibir isso em rodeios, em música sertaneja, diferentemente da representação do passado, pautada na figura do “Jeca Tatu” ou do “Chico Bento”.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nossos resultados de modo geral, encontram respaldo no estudo de Vassoler e Camacho (2016) que também verificam, em relação as variantes róticas analisadas, que os avaliadores juízes com ensino superior “atribuem valores mais elevados a todas as qualificações analisadas” (inteligente, competente, honesto, simpático, entre outras) e valores baixos quando se trata de características negativas.

Também em uma análise das percepções dos informantes juízes verificamos, observando apenas os destaques positivos e negativos quanto aos três locutores, que o locutor da variante glotal é aquele que recebe mais avaliações positivas em destaque e o menor número de qualificações negativas em destaque. Por outro lado, o locutor da variante tepe, recebe destaque no mesmo número de qualificações que o locutor da variante glotal, no entanto, se destaca entre os três pelo maior número de avaliações menos positivas. Já o locutor da variante retroflexa recebeu destaque para praticamente o mesmo número de avaliações mais positivas e menos positivas.

Essa distribuição nos revela que a variante mais marcada para esse grupo é o tepe com quatorze atribuições de desqualificação, seguido do locutor da variante retroflexa com dez. Já o locutor da variante glotal é o que se destacou em relação ao menor número de desqualificações, apenas seis.

Como mencionado anteriormente, nossa hipótese era de que a variante retroflexa fosse avaliada mais negativamente, pois, conforme Labov (2008, p.357), os “falantes que exibem o mais alto índice de uso de um traço estigmatizado em sua própria fala espontânea apresentam a maior tendência a estigmatizar os outros pelo uso dessa mesma forma”. Todavia, isso se confirmou apenas quando comparamos a variante glotal à retroflexa, pois a avaliação mais positiva referiu-se ao locutor da variante glotal, mas não aconteceu o mesmo quanto à retroflexa e ao tepe, neste caso, os informantes juízes atribuíram mais desqualificações ao locutor desta variante. Esse resultado de os locutores das variantes anteriores (tepe e retroflexa) serem aqueles que receberam maior índice de avaliações negativas, em relação ao locutor da variante glotal, encontra respaldo em Pastorelli (2009, p.50), que constata que os falantes de Londrina tendem a desprestigiar o próprio falar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de este estudo ainda ser preliminar pois estamos analisando outros questionários referentes às crenças e atitudes dos informantes juízes quanto ao “r caipira”, já foi possível, neste recorte, verificar, em relação às variantes tepe, retroflexa e glotal, que a variante retroflexa predomina categoricamente em coda silábica interna e externa no falar dos informantes juízes londrinenses e no falar de seis dos sete informantes juízes de São Paulo. As variantes posteriores (glotal e velar) realizaram-se na fala das informantes de Brasília, Rio de Janeiro e de Minas Gerais e a variante tepe predominou no falar da informante de São Paulo capital. Além disso, verificamos também que a variante apagamento aconteceu quase que categoricamente em coda externa de verbos no falar menos monitorado de todos os informantes juízes.

Quanto à avaliação das atitudes linguísticas dos informantes juízes, comparando as avaliações individuais de cada locutor e as avaliações entre os três, podemos observar que ainda não há um consenso quanto ao estigma ou ao prestígio da variante retroflexa na avaliação desses

informantes, pois ao mesmo tempo que eles se identificam com o locutor da variante retroflexa, delegando várias qualificações de prestígio a ele, acabam atribuindo também mais características positivas ao locutor da variante glotal. Isso talvez possa ser explicado pelo preconceito histórico em relação à variante retroflexa, o “r caipira”, e o movimento crescente da nova configuração do caipira que busca valorizar essa marca dialetal.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci. de Andrade; SILVA, Helén. Cristina. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo - *Revista da ABRALIN*, v.14, n.1, p. 171-194, jan./jun. 2015.

ALMEIDA, Édina de Fatima.; KAILER, Dircel Aparecida. Apagamento dos róticos em coda silábica no Sul do Brasil: estudo preliminar. In: *SEMINÁRIO DO GEL*, 61., 2013, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2013a.

ALMEIDA, Édina de Fatima.; KAILER, Dircel Aparecida. O falar paranaense: um estudo sobre os róticos em coda silábica. *III Jornadas de Fonética y Fonología*. 2013.

AMARAL. A. *O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982. Edição original: 1920.

BEM, Daryl Jay. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Trad. Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

BERGAMASCHI. Maria Cristina Zandomeneghi. *Bilingüismo de dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas*. Universidade de Caxias do Sul.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes lingüísticas: Um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Londrina. 2013. Tese.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do –R retroflexo. **Signum**: estudos da linguagem, Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolingüística. In.: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974, p. 17-23.

CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do Português Falado*, v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1996.

CALLOU, D. MORAES, J. A.; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA*. v. 14. São Paulo. 1998.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2006.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. *O ‘r-caipira’ no Estado de São Paulo: estudo com base em dados do Atlas Lingüístico do Brasil (ALIB)*. Artigo inédito. Comunicação apresentada na 57^o reunião do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL – 2009.

CASTRO, V. S. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, atlas linguístico do Mato Grosso do Sul. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, jan./abr. 2014.

COHEN, Maria Antonieta. A. M. **Percurso do ‘R’ retroflexo no Português do Brasil**. In: RAMOS, J.M. (Org.). *Estudos sociolingüísticos: os quatro vértices do GT da Anpoll*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed.UEL, 2001.

FÉLIX, Ademilde. *Crenças do professor sobre o melhor aprender de uma língua estrangeira na escola*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1998.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2009.

KAILER, Dircel Aparecida; ALMEIDA, Édina de Fatima de. O falar paranaense: um estudo sobre os róticos em coda silábica. In: JORNADAS DE FONÉTICA Y FONOLOGÍA, 3., 2015, Mar Del Plata. *Libro de Resúmenes...* Mar Del Plata: Filo UBA, 2015.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar editors, 1966.

LEITE, Cândida Mara Brito. *Atitudes Lingüísticas: A Variante Retroflexa em Foco*. 2004, 150 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2004.

LEITE, Cândida Mara Brito. *O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro*. Campinas, UNICAMP, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2010.

LEITE, Cândida Mara Brito. *Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos*. In: Estudos da Língua(gem). Vol. 9, N. 1, 2011.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madri: Gredos, 1993.

LOURENÇO, D.S. *Crenças e atitudes linguísticas: tendências de reação de falantes curitibanos e londrinenses*. Londrina, 2015. Dissertação.

MONARETTO, V. N. de O. *Descrição da vibrante no português do sul do Brasil*. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Português do Sul do Brasil*. Porto Alegre: DIPUCRS, 2010, p.119-127.

MONARETTO, V. N. O. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2009. p. 141-151.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios del sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PADILLA, Amado. M; BORSATO, Graciela. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.

PASTORELLI, Daniela da Silva. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. 205 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na Pluralidade – Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. São Paulo, 2015. Tese.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21- 45.

SETUBAL, Maria Alice. *Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista*. São Paulo: CENPEQ/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005, 144p.

SILVA, Helen Cristina da. *O /R/ caipira do Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas*. Londrina, 2012. Dissertação.

SILVA-CORVALÁN. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra.1989.

SILVA-PORELI, Greize Alves. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

SILVA NETO, Serafim da. Um traço de pronúncia caipira. In: _____. *Língua, cultura e civilização; estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1976.

SCHERRE, M.M. P. O preconceito linguístico deveria ser crime. *Galileu*, nº 220, novembro 2009. In: RENNICKE, Liris. *As Atitudes Linguísticas perante o /r/ retroflexo em Belo Horizonte, MG*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Helsinque, Finlândia, 2010.

A negação verbal na Cidade de Goiás: possibilidades de análise com o R

Vander Simão Menezes
Marília Silva Vieira

INTRODUÇÃO

O presente artigo sintetiza os resultados obtidos a partir da pesquisa desenvolvida junto ao programa de pós-graduação *stricto sensu* em língua, literatura e interculturalidade (POSLLI/UEG/Cora Coralina). A pesquisa foi desenvolvida para a escrita da dissertação intitulada “A variação como variável sociolinguística na cidade de Goiás-GO”.

O ponto de partida para esta pesquisa foi a concepção de que para que se compreenda os fenômenos linguísticos é necessário considerar os aspectos sociais envolvidos. Assim sendo, a base teórica para esta pesquisa é a sociolinguística variacionista (LABOV, 1978; LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). Para além disso, valemo-nos da concepção de que o português brasileiro (daqui em diante, PB) se diferenciou do Português Europeu (doravante, PE) devido a uma série de fatores, como o contato entre línguas ocorrido ao longo da história nacional (AMARAL, 1976; BORTONI-RICARDO, 2021; LIPSKI, 2008; LUCCHESI, 2017).

Por isso, optamos pelo estudo da variação entre as estratégias de negação para falantes do PB. O *locus* de pesquisa é a cidade de Goiás-GO, antiga capital do estado homônimo. Cidade interiorana, tombada como patrimônio Histórico pela UNESCO (Organização das Nações

Unidade para a educação, a ciência e a cultura)¹, por conta de sua arquitetura do período colonial ainda bem preservada.

Diante da impossibilidade de coleta de dados devido à pandemia ocasionada pela *Sars-CoV-2* – vírus causador da covid-19 – constituímos nosso *corpus* de análise a partir de duas amostras da fala vilabonense, anteriormente coletadas. A primeira delas faz parte do banco de dados do Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG) – a coleta de dados realizada na cidade de Goiás-GO ocorreu entre os anos de 2003²; e a segunda faz parte do banco de dados, coletado no ano de 2019, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolingo³/UEG/Cora Coralina).

A variação entre as formas de negação observadas no *corpus* se dá pela alternância das estratégias apresentadas a seguir:

- NEG1: pré-verbal (NEG+V): “eu **NÃO** ando de carro sem colocá cinto...” (SOCIOLINCO38FU-Ana⁴);
- NEG2: duplamente marcada, antes e depois do verbo (NEG+V+NEG): “Inf. **NÃO** tinha uma matéria pra cada professor **NÃO**...” (SOCIOLINCO38FU-Ana);
- NEG3: pós-verbal (V+NEG): “aí no outro dia falô vamo eu falo vamo **NÃO**...” (SOCIOLINCO38FU-Ana).

¹ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

² Disponível em: <https://gef.letras.ufg.br/p/11948-banco-de-dados>. Acesso em: 30 abr. 2022.

³ Grupo de Pesquisas e Estudos em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, coordenado pela Professora Marília Silva Vieira.

⁴ Ocorrências extraídas do corpus gravado pelo Grupo de Estudos e pesquisas em Sociolinguística da Universidade Estadual de Goiás (Sociolingo/UEG/Cora Coralina). A sigla refere-se ao código atribuído a cada informante. Desse modo, “SOCIOLINCO” se refere à amostra de onde o excerto foi retirado, “38” é a idade da informante (na época em que foram realizadas as entrevistas), “F” corresponde a sexo/gênero feminino (e M, a masculino); e U indica Ensino Fundamental. Por fim, segue-se o pseudônimo do falante.

As três formas aparecem nas amostras e, em alguns contextos específicos, são intercambiáveis. Assim, para fechar o envelope de variação, consideramos somente as variações em que o advérbio de negação era o *NÃO*. Conforme discutimos em Menezes (2022, p. 51), outros advérbios que também podem negar o conteúdo de uma sentença não possuem o mesmo valor de verdade. Consideramos as seguintes variáveis como previsoras (variáveis independentes), a começar pelas linguísticas:

- status da informação – as formas são intercambiáveis, conforme Menezes (2022), somente com a informação ativada ou inferível, quando a informação é nova no discurso não há alternância;
- tipo de sequência discursiva – não havendo variação, no corpus analisado, em sequências procedurais;
- o tipo de oração;
- a presença ou ausência dos marcadores discursivos;
- e o tipo de sujeito.

E as sociais:

- amostra;
- sexo;
- e faixa etária.

Cabe salientar que outros pesquisadores conduziram investigações acerca do mesmo fenômeno, tais como: Avelar; Silva; Almeida (2013); Cavalcante (2007); Cunha (2001); Nascimento (2014); Rocha (2013) e Sousa (2012). A partir da revisão de literatura realizada, atestamos que a dupla negação e a negação pós-verbal perdem força na região Sul do país, mas, ainda assim, ocorrem, e são mais frequentes nas regiões Sudeste e Nordeste. Em nosso estudo, notamos que essa alternância de formas ocorre também na Cidade de Goiás (GO). No *locus* em questão, a estratégia de negação pré-verbal é mais frequente que a dupla negação e a negação pós-verbal tem poucas ocorrências.

Para a verificação da influência de cada variante independente no fenômeno em estudo, usamos o programa R (*R CORE TEAM* 2013), visto que ele permite compilar os dados, realiza análises estatísticas, listas de frequência, dentre outros. Este *software* é distribuído gratuitamente e dispensa a elaboração de códigos, necessários para outros

programas, o que facilita o trabalho propriamente dito da análise sociolinguística: descreve um fenômeno de variação. Assim, será possível entender quais as variáveis independentes realmente exercem influência na variação que é objeto desta pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo da língua, que propomos aqui, parte de evidências empíricas que permitem a observação da variação que ocorre na fala, por meio de um corpus de análise. Afirmamos isso, a partir da solução apontada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 65) para a questão da origem e propagação da mudança:

[...] existe variação contínua dentro do sistema de cada dialeto como um elemento estrutural, correlacionado com algum outro fator linguístico ou extralinguístico, e que o movimento constante de itens de uma classe categorial para outra é parte da estrutura subjacente. (LABOV, 1966 *apud* WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 65).

A variação linguística, portanto, se dá por conta da heterogeneidade estruturada, ou seja: “a língua comporta [...], ao lado de regras categóricas, regras variáveis” (COELHO *et al.*, 2015, p. 59). Sendo assim, adotamos aqui o entendimento de que a mudança ocorre no interior das comunidades de fala, por conta de condicionadores linguísticos e extralinguísticos, e que pode ser observada a partir de dados empíricos.

Nesta esteira, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) argumentam que a ideia de que o comportamento linguístico seria determinado pelo aparato cognitivo era bastante comum nas teorias que abordavam a mudança linguística. Assim, a variação seria perceptível aos falantes a partir de traços distintivos. Todavia, evidências apontadas por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 67) indicam que a estrutura linguística afeta a percepção, de fato, mas fatores sociais e estilísticos também são influem na percepção do falante.

Segundo Bortoni-Ricardo (2021, p. 57-58): “o alinhamento que assumimos em relações a nós mesmos e às outras pessoas presentes na comunicação” é determinado pela situação sócio-histórica em que o

falante se insere no momento da comunicação – como o fato de comunicação ser ou não focalizada. Esse alinhamento é chamado de *footing*.

Assim, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 70):

[...] temos evidências empíricas para mostrar que, numa comunidade de fala, a fonologia mais altamente sistemática, a que exhibe mais claramente os processos de evolução linguística, é aquela usada na fala casual com o mínimo de distinções e o máximo de suporte contextual.

Objetivamente, essa afirmação traz à tona a perspectiva de que, na interação social, a capacidade cognitiva dos indivíduos de significar o mundo a sua volta manipula a língua de forma a construir significados, todavia, existem forças que exercem pressão para além do nível da consciência.

Assim sendo, entendemos que “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 87). A mudança ocorre por conta da variação intrínseca que ocorre no sistema linguístico, isto é entendido a partir da concepção de heterogeneidade ordenada. Assim, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 105), um conceito essencial para este modelo é a de variável linguística: “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”.

Alguns fatores podem contribuir para a variação linguística, e consequentes mudanças no sistema decorrentes dela, tal como a urbanização. Bortoni-Ricardo (2021, p. 67-68) demonstra que a urbanização – migração do brasileiro, que vivia na zona rural, para os centros urbanos; processo que, no Brasil, não foi precedido pela industrialização da sociedade – causou a integralização do “caipira” com o restante do país. Por conta disso, passa-se de uma rede social mais resistente aos valores dominantes – seja pela distância, seja pela identidade regional – para relações mais esparsas – com maior integralização dos membros e, em alguns casos, busca pelo padrão de linguagem do grupo de referência a fim de adquirir mobilidade social.

A partir daí, entende-se que a variação sofrerá a influência de variáveis independentes, sejam elas linguísticas ou extralinguísticas. Essa variação pode ocorrer quando os falantes que buscam ascensão social

procuram corrigir a sua fala a fim de alcançar o padrão do grupo de referência, com a hipercorreção ou em casos em que os falantes mantêm os traços característicos de uma fala caipira, por exemplo, a fim de reforçar a identidade de pertencimento a um determinado grupo.

Assim, concebe-se a língua como um conjunto de subsistemas caracterizados pela variação, determinados pelo “conjunto de regras co-ocorrentes” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 108). Neste sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) propõem princípios gerais acerca da mudança linguística:

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. [...].
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. [...].
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; [...].
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. [...].
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. [...].
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. [...]. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 125-126).

Esses princípios nortearão a noção de variação e mudança aqui adotada. Compreendemos, então, que a mudança linguística não se dá de forma aleatória e, sim, como resultado de variações que têm origens diversas, forçando uma diferenciação ordenada (1). O conjunto de subsistemas é intrínseco à língua e o falante conhece e controla no momento da interação aqueles que lhe estão à disposição (2).

A variação poderá ocorrer sem que se concretize uma mudança de fato (3) – o caso do fenômeno aqui estudado. A mudança linguística é gradual e pode se estender por um longo período (4). O ponto de partida para o exame da mudança linguística é a gramática da comunidade de fala, nela é que ocorrerão as variações – que podem, ou não, resultar em mudança (5). Assim sendo, a variação ocorre na comunidade de fala, a descontinuidade dela, se ocorrer, também (6). Por

conta de (1), (2), (3), (4), (5) e (6), entendemos, à luz de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), que é necessário considerar os fatores linguísticos e os extralinguísticos no exame da variação e mudança linguística.

Segundo Reimann e Yacovenko (2014, p. 34) “No âmbito de uma comunidade de fala, uma variante emerge competindo com as formas vigentes, podendo se estabilizar como uma variação ou iniciar um processo de mudança linguística.”. Dessa forma, é possível que o fenômeno aqui estudado não implique uma mudança linguística, a comparação entre os dados das amostras de 2003 e de 2019 aponta para uma estabilização na variação entre as formas negação.

Consideramos ainda, a esse respeito, três questões que Labov (2008 [1972], p. 313-316) aponta como fundamentais para o estudo da variação de um ponto de vista social: “a. O lugar da variação social”; “[...] b. O nível de abstração”; e “[...] c. A função da diversidade”. Os grupos sociais possuem modos de falar e manipular a língua que seriam característicos e, além disso, o falante apresentaria recursos estilísticos para se adequar ao contexto de interação. Isso significa que, em um determinado contexto social, o falante pode optar por formas diferentes de dizer a mesma coisa, ambas com o mesmo valor de verdade. Em níveis em que a regra gramatical tem um nível de abstração mais alto, mais distante do nível da consciência, a força dos fatores sociais, que ocasionam a variação e mudança, é relativamente menor. E, terceiro, ao seguirmos o raciocínio de Labov (2008 [1972]), admitimos que a mudança linguística não é uma evolução, como se observa nas teorias a respeito da evolução em biologia, sendo, até mesmo, “disfuncional” (LABOV, 2008 [1972], p. 316).

Bortoni-Ricardo (2021, p. 75-76) afirma que a “Teoria da acomodação”, oriunda da área da Psicologia Social, é um guia importante para a pesquisa em Sociolinguística. Assim sendo, entende-se que um falante ajustará sua fala de acordo com a situação comunicativa à qual está inserido – motivado por “convergência, divergência e complementaridade” (BORTONI-RICARDO, 2021, p. 76). Além disso, há ainda que se “[...] considerar [...] as hipóteses de conflito entre orientação para o prestígio e orientação para identidade [...]” (BORTONI-

RICARDO, 2021, p. 77), visto que, de acordo com o movimento de mobilidade social – se ascendente, descendente ou estável –, o falante se aproximará ou se distanciará da norma de prestígio social. Todavia, as amostras aqui analisadas restringiram a coleta a informantes com perfil socioeconômico baixo, o que limita a investigação neste sentido.

MATERIAL E MÉTODO

O *corpus* do trabalho será constituído por amostras de língua oral do município Goiás-GO. Para isso, lança-se mão do banco de dados de dois grupos de estudo: o Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG); e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolinco/UEG/Cora Coralina).

AMOSTRAS DE FALA

Para nosso trabalho nos valeremos de amostras de língua oral do município Goiás, localizado no Estado Goiás, Brasil. Para isso, lançamos mão dos bancos de dados de dois grupos de estudo: o Grupo de Estudos Funcionalistas, da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG); e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística, da Universidade Estadual de Goiás (Sociolinco/UEG/Cora Coralina). As entrevistas que constituem o banco de dados do GEF foram gravadas e transcritas no ano de 2003, tendo como informantes pessoas que não concluíram o ensino fundamental. Para complementar a análise, usamos as entrevistas oriundas do banco de dados do Sociolinco, gravadas no ano de 2019, com o mesmo perfil de informantes. O fato de as entrevistas terem sido gravadas com os mesmos critérios permitiu um estudo em tempo real, abordando a língua falada na cidade em épocas diferentes.

Mais especificamente, as entrevistas realizadas em 2019 seguiram os moldes utilizados em 2003, abordando informantes com o mesmo perfil e com o mesmo roteiro das anteriores. As entrevistas do banco de dados do dividem-se em duas faixas etárias. Cada uma delas é re-

presentada por 3 informantes de cada sexo/gênero. Todos eles têm padrão socioeconômico baixo e falante de variedades populares do PB. Em consonância a isso, as entrevistas do banco de dados do Sociolingo (RIBEIRO, 2020) também são divididas em duas faixas etárias e cada uma delas é também representada por 3 informantes de cada sexo/gênero. Assim, no geral, a amostra é constituída por 2 faixas etárias, com 12 informantes cada uma, compostas por 6 homens e mulheres, totalizando 24 entrevistas.

A ANÁLISE ESTATÍSTICA NA SOCIOLINGUÍSTICA: R

A partir das ocorrências encontradas no *corpus*, fizemos a análise das variáveis independentes a fim de verificar o peso destas para a ocorrência da variável dependente. Antes de mais nada, para que se entenda o processo de análise, é preciso enumerar os passos tomados para que, enfim, se chegasse à análise no R.

Em um primeiro momento, analisamos as entrevistas, que estão disponíveis em formato *PDF*. Nessas entrevistas, buscamos as ocorrências do fenômeno e as isolamos em uma planilha de dados. Depois de isoladas, fazemos a classificação das ocorrências de acordo com cada variável independente selecionada.

O R (*R CORE TEAM* 2013) é um software que auxilia a análise de dados. Ele permite selecionar, classificar, quantificar e visualizar a relação entre as variáveis dependentes e as independentes. Para o tratamento dos dados no R, depois de terminada a classificação dos dados, é necessário que o arquivo seja convertido para o formato “.csv” (“*comma-separated-values*” – valores separados por vírgulas). Desta forma, todas as ocorrências são distribuídas nas linhas e em apenas uma coluna, sendo as variáveis colocadas logo adiante, separadas por vírgulas.

Isso é necessário visto que uma análise univariada não dá conta de diversos fatores contextuais envolvidos na variação linguística. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 34):

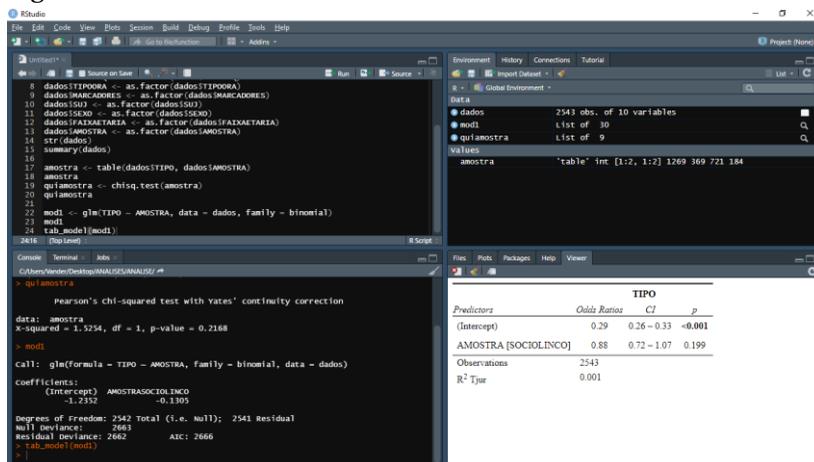
Uma vez que a distribuição dos dados linguísticos geralmente é, de fato, desigual, uma análise multivariada dará resultados mais precisos,

porque ao mesmo tempo em que computa o efeito de uma variável independente, ela controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis independentes conhecidas.

Por ser um *software* que se baseia em scripts, a interface não é muito intuitiva e, por isto, foi desenvolvido o “*RStudio*”, que permite uma interação simplificada. A imagem abaixo é um exemplo da funcionalidade do “*RStudio*”. Do lado esquerdo superior temos o *console - input*, onde se introduzem as linhas de comando. No lado esquerdo, na parte inferior, há o *console - output*, onde aparecem as linhas de comando digitadas no *Script* e os resultados obtidos a partir dos comandos executados. Do lado direito, na parte superior, temos o ambiente de trabalho (“*environment*”), onde aparecem os dados – *dataframes*, tabelas, modelos etc. – que estão sendo manipulados. Do lado direito, na parte inferior, aparecem 5 abas que apresentam com as opções relativas ao ambiente de trabalho - *File*, os gráficos gerados – *Plots*, os pacotes instalados e carregados – *Packages*, ajuda a respeito de comandos, pacotes etc. – *Help*, e a visualização de tabelas – *Viewer*.

Na figura, podemos observar as linhas de comando para a realização do teste “qui-quadrado”: *quiamostra <- chisq.test(amostra)*; e o comando para de um modelo que testa os efeitos da variável previsora “Amostra” (GEF ou SOCIOLINCO) sobre a variável resposta “Tipo” (NEG1 ou NEG2): *mod1 <- glm(TIPO ~ AMOSTRA, data = dados, family = binomial)*. Logo após esses comandos, no *output*, podemos observar o resultado desses comandos. Em *Viewer* temos o resultado do modelo plotado em uma tabela a partir do comando: *tab_model(mod1)*. É importante mencionar que o termo que antecede o “<-” serve para a criação do modelo ou do dataframe resultante, que estarão disponíveis no ambiente de trabalho (“*environment*”).

Figura 1 – Interface do “RStudio”



Fonte: Elaboração nossa (*print* da tela).

Esses são alguns comandos disponíveis no R para a análise. O R é um software livre e de fácil manuseio, utilizado para pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Por vezes, os usuários contribuem para o desenvolvimento do *software* criando pacotes para agrupar algumas funções e facilitar seu uso.

RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Para uma melhor compreensão dos dados e da influência das variáveis independentes sobre a variável previsora faremos alguns testes que permitiram entender melhor o que foi exposto até aqui. Segundo Oushiro (2017, s/p): “O interesse nas análises de regressão logística é verificar o efeito simultâneo de múltiplas variáveis predictoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta”.

O primeiro passo é a criação de um modelo com todas as variáveis – à exceção da variável “informante”, esta distorce o modelo. Na imagem abaixo é possível ver um resumo deste primeiro modelo:

Figura 2 – Resumo do modelo geral

```

Call:
glm(formula = TIPO ~ SEXO + FAIXAETARIA + AMOSTRA + STATUS +
     TIPOSEQ + TIPOORA + MARCADORES + SUJ, family = binomial,
     data = dados)

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
-1.1236  -0.7380  -0.5645  -0.3438   2.6131

Coefficients:
                Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)    -0.83578    0.18650  -4.481 7.42e-06 ***
SEXOMASC       -0.13544    0.10769  -1.258 0.20853
FAIXAETARIA2a -0.20879    0.10852  -1.924 0.05435 .
AMOSTRASOCIOLINCO -0.09212  0.11125  -0.828 0.40766
STATUSINF      -0.30349    0.11007  -2.757 0.00583 **
TIPOSEQAVA     0.67117    0.20672   3.247 0.00117 **
TIPOSEQDIA     0.66592    0.15822   4.209 2.57e-05 ***
TIPOSEQNAR     0.23186    0.15759   1.471 0.14121
TIPOORACOO    -0.61132    0.12688  -4.818 1.45e-06 ***
TIPOORAPRI    -1.58398    0.25581  -6.192 5.94e-10 ***
TIPOORASUB    -1.12076    0.19059  -5.881 4.09e-09 ***
MARCADORESS   -0.85634    0.18974  -4.513 6.38e-06 ***
SUJIMP         0.03660    0.10650   0.344 0.73113
SUJSEM/SUJ    -0.71158    0.29279  -2.430 0.01508 *
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)

    Null deviance: 2510.5  on 2424  degrees of freedom
Residual deviance: 2338.7  on 2411  degrees of freedom
AIC: 2366.7

Number of Fisher Scoring iterations: 5

```

Fonte: elaboração nossa (*print* da tela).

A primeira informação que o *R* retorna é a função usada para a criação do modelo. A função que usamos é a “glm” (Modelos lineares generalizados⁵) usada para verificar os efeitos das variáveis (OUSHIRO, 2017, s/p). Em seguida, ainda na fórmula, constam a variável resposta, “TIPO” – referindo-se, aqui, a tipo de negação – seguida do “~” – que significa “por” – e as variáveis predictoras: “STATUS + TIPOSEQ + TI-

⁵ “Generalized Linear Models”.

POORA + MARCADORES + SUJ + FAIXAETARIA + SEXO + AMOSTRA” – que significam, respectivamente: status da informação; tipo de sequência discursiva; tipo de oração; presença de marcadores discursivos; tipo de sujeito; faixa etária; sexo; e amostra. O termo “family = binomial” indica que a variável dependente é binária – um dos motivos que nos levaram a excluir NEG3 das análises. Por fim, “data = dados” indica a tabela de dados que estamos consultando na seção do R.

Em seguida, o R apresenta os “Resíduos”, segundo Oushiro (2017, s/p), os resíduos são “a diferença entre o valor observado e o valor esperado [em uma distribuição] normal” – seguindo a distribuição normal esperado para um histograma. Temos então o mínimo, o primeiro quartil, a mediana, o terceiro quartil e o máximo. O ponto “médio” dessas medidas é a mediana, a partir dela, verificamos que há certo equilíbrio entre os quartis e o mínimo e o máximo.

Depois, observamos os coeficientes e seus respectivos valores de “estimativa”, “erro padrão” e “valor de significância”. Este resumo, que o R nos fornece, apresenta os coeficientes em *logodds*, ou seja, uma escala logarítmica que aponta as chances de a variação acontecer de acordo com o nível da variável dependente testada. Segundo Oushiro (2017, s/p):

[...] a escala de *logodds* vai de $-\infty$ a $+\infty$, com ponto neutro em zero. Em relação a *odds*, ela tem a vantagem de ser uma escala simétrica, com um mesmo intervalo entre o ponto neutro e suas extremidades. A operação log tem justamente o papel de transformar valores entre 0 e 1 em um valor negativo [...]. Desse modo, a interpretação de valores é muito mais intuitiva do que numa escala assimétrica, pois os intervalos em que há favorecimento ou desfavorecimento de um evento são diretamente comparáveis.

Assim, as análises demonstram como uma variável preditora favorece ou desfavorece a ocorrência da variável resposta tendo como ponto neutro o 0. O intercepto da análise é o ponto de partida para o entendimento dos coeficientes. Assim, considerando que NEG1 é mais comum nos dados, essa medida inicial apresenta os valores para NEG2

– ou seja, para a variação observada – no primeiro nível de cada uma das variáveis: São as chances – *logodds* – de NEG2 ocorrer se temos um falante do sexo feminino, da primeira faixa etária, do banco de dados do GEF, em um contexto em que a informação é ativada e a sequência discursiva é argumentativa, com orações absolutas, sem marcadores discursivos e o sujeito explícito.

Nesse caso, a estimativa é de -0.83578, ou seja, as chances de NEG1 ocorre nesses contextos é maior do que as de NEG2 – lembrando que o ponto neutro para a *logodds* é 0. Para se obter os valores dos demais níveis, das demais variáveis, é necessário somar a primeira estimativa à que se quer obter. Por exemplo, se se quer obter a estimativa para as ocorrências de NEG2 em contextos em que o informante é do sexo masculino, temos de somar o valor do intercepto ao valor deste nível da variável: $(-0.83578) + (-0.13544) = (-0.97122)$. Notamos, portanto, que um coeficiente negativo para uma determinada variável, depois da soma, apontará para um desfavorecimento da variação. Ao contrário, um coeficiente positivo apontará para algum favorecimento em relação ao intercepto, ainda que o resultado da soma continue negativo.

Resta entender a significância. Neste estudo, utilizaremos apenas o “*Pr*”, ou seja, o valor *p* apontado pelo programa. Antes de mais nada, vale ressaltar que, quando os valores são muito baixos o *R* pode retornar o resultado em notação “*e*” (OUSHIRO, 2017, s/p). Desta forma, o valor 7.42e-06 indica que o número que antecede o “*e*” deve ser multiplicado por 100 elevado ao número que sucede o “*e*” – um número, neste caso, negativo – -06. É sabido que uma potência negativa resulta em um número menor que 1, ou seja, neste caso teremos $7.42 \times (10^{-06}) = 0.0000742$. Há outros números que aparecem normalmente, ou seja, eles estão mais próximo de 1 do que os que aparecem em notação “*e*”.

A partir dessas noções, podemos seguir com a interpretação do resumo do modelo apresentado acima. O valor *p* ideal deve ser ≤ 0.05 (OUSHIRO, 2017, s/p) para que possamos considerar que uma variável é significativa para o modelo. Assim, a partir dos resultados obtidos, notamos que os níveis referentes a “sexo masculino”, “2ª faixa etária”, “amostra Sociolingo”, “tipo de sequência narrativa” e “sujeito

implícito” apresentam um valor p fora do intervalo ideal. Isso não indica, necessariamente que tenhamos que descartá-las, apenas que outros testes são necessários.

Por fim, o R fornece os valores dos desvios “nulo” e “residual” e o “AIC”. O desvio nulo se refere à variabilidade dos dados sem variáveis independentes e o desvio residual à mesma variabilidade com estas variáveis. O “AIC” (“Critério de informação Akaik”⁶) serve para verificar se o modelo apresenta simplicidade e qualidade para a descrição dos dados. Caso o AIC se afastasse muito dos desvios, o modelo não seria suficientemente simples para a interpretação correta dos dados.

A partir disso, constatamos que as variáveis mencionadas acima podem distorcer os dados, visto que seu valor p não permite descartar a hipótese nula. Assim, a partir deste modelo, não podemos precisar as chances de NEG2 ocorrer considerando os coeficientes obtidos. Para isso, fizemos três testes com o modelo para comparar a influência das variáveis. Segundo Oushiro (2017, s/p) a função usada para este teste é a “*step*” que pode ser feita de três maneiras, duas delas são: “uma ‘de baixo para cima’, que começa com um modelo sem variáveis previsoras e tenta adicioná-las uma a uma, e outra ‘de cima para baixo’, que começa com um modelo completo e tenta eliminar variáveis uma a uma”. Há ainda o teste em direção “*both*” por meio da qual: “o programa começa executando o mesmo que a direção “*forward*”, mas, toda vez que inclui uma nova variável, ele tenta excluir alguma variável que possa não mais estar contribuindo para o modelo” (OUSHIRO, 2017, s/p).

O primeiro teste realizado foi o “*forward*”, ou seja, o R adiciona as variáveis a fim de verificar os efeitos que cada uma delas na qualidade do modelo.

⁶ “Akaik information criterion”.

Figura 3 – Teste “Forward”

```
Call: glm(formula = TIPO ~ TIPOORA + TIPOSEQ + MARCADORES + STATUS +
  SUJ + FAIXAETARIA, family = binomial, data = dados)

Coefficients:
(Intercept)      TIPOORACOO      TIPOORAPRI      TIPOORASUB      TIPOSEQAVA
-0.93780        -0.61252        -1.57792        -1.11025        0.69947
TIPOSEQDIA      TIPOSEQNAR      MARCADORESS      STATUSINF      SUJIMP
 0.66256         0.23793         -0.84083        -0.29968        0.05211
SUJSEM/SUJ      FAIXAETARIA2a
-0.68186        -0.21075

Degrees of Freedom: 2424 Total (i.e. Null);  2413 Residual
Null Deviance:      2510
Residual Deviance: 2341      AIC: 2365
```

Fonte: elaboração nossa (*print* da tela).

Sabendo o que este teste faz, importa apontar a fórmula que obtivemos após a rotação: “TIPO ~ TIPOORA + TIPOSEQ + MARCADORES + STATUS + SUJ + FAIXAETARIA”. Fica evidente que as variáveis “Sexo” e “amostra” não foram incluídas no modelo final. O teste em “*backward*” começa com todas as variáveis e o *R* vai excluindo uma a uma para testar a eficiência do modelo. Com este teste obtivemos o seguinte resultado:

Figura 4 – Teste “Backward”

```
Call: glm(formula = TIPO ~ STATUS + TIPOSEQ + TIPOORA + MARCADORES +
  SUJ + FAIXAETARIA, family = binomial, data = dados)

Coefficients:
(Intercept)      STATUSINF      TIPOSEQAVA      TIPOSEQDIA      TIPOSEQNAR
-0.93780        -0.29968         0.69947         0.66256         0.23793
TIPOORACOO      TIPOORAPRI      TIPOORASUB      MARCADORESS      SUJIMP
-0.61252        -1.57792        -1.11025        -0.84083         0.05211
SUJSEM/SUJ      FAIXAETARIA2a
-0.68186        -0.21075

Degrees of Freedom: 2424 Total (i.e. Null);  2413 Residual
Null Deviance:      2510
Residual Deviance: 2341      AIC: 2365
```

Fonte: elaboração nossa (*print* da tela).

Novamente, o modelo obtido exclui as variáveis “Sexo” e “amostra”. O último teste a ser realizado é o “*both*”, o resultado obtido por este é o que se apresenta a seguir:

Figura 5 – Teste “Both”

```
Call: glm(formula = TIPO ~ TIPOORA + TIPOSEQ + MARCADORES + STATUS +
  SUJ + FAIXAETARIA, family = binomial, data = dados)

Coefficients:
(Intercept)      TIPOORACOO      TIPOORAPRI      TIPOORASUB      TIPOSEQAVA
   -0.93780        -0.61252        -1.57792        -1.11025         0.69947
TIPOSEQDIA      TIPOSEQNAR      MARCADORESS      STATUSINF      SUJIMP
   0.66256         0.23793        -0.84083        -0.29968         0.05211
SUJSEM/SUJ      FAIXAETARIA2a
  -0.68186        -0.21075

Degrees of Freedom: 2424 Total (i.e. Null); 2413 Residual
Null Deviance:      2510
Residual Deviance: 2341      AIC: 2365
```

Fonte: elaboração nossa (*print* da tela).

A fórmula para o modelo final se mantém, ou seja, excluem-se as variáveis sociais “Sexo” e “amostra”. Este modelo possui, portanto, a melhor qualidade para a análise dos dados. Abaixo apresentamos o resumo do modelo obtido depois dos testes:

Figura 6 – Resumo do modelo final

```
Call:
glm(formula = TIPO ~ TIPOORA + TIPOSEQ + MARCADORES + STATUS +
  SUJ + FAIXAETARIA, family = binomial, data = dados)

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
-1.0994 -0.7391 -0.5586 -0.3456  2.6007

Coefficients:
            Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)  -0.93780    0.17444  -5.376 7.61e-08 ***
TIPOORACOO   -0.61252    0.12682  -4.830 1.37e-06 ***
TIPOORAPRI   -1.57792    0.25569  -6.171 6.77e-10 ***
TIPOORASUB   -1.11025    0.19022  -5.837 5.33e-09 ***
TIPOSEQAVA    0.69947    0.20489   3.414 0.00064 ***
TIPOSEQDIA    0.66256    0.15805   4.192 2.76e-05 ***
TIPOSEQNAR    0.23793    0.15723   1.513 0.13022
MARCADORESS  -0.84083    0.18928  -4.442 8.90e-06 ***
STATUSINF    -0.29968    0.10998  -2.725 0.00643 **
SUJIMP        0.05211    0.10596   0.492 0.62285
SUJSEM/SUJ   -0.68186    0.29194  -2.336 0.01951 *
FAIXAETARIA2a -0.21075    0.10549  -1.998 0.04574 *
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)

    Null deviance: 2510.5 on 2424 degrees of freedom
Residual deviance: 2341.1 on 2413 degrees of freedom
AIC: 2365.1

Number of Fisher Scoring iterations: 5
```

Fonte: elaboração nossa (*print* da tela).

Em comparação ao primeiro modelo, neste obtivemos maior significância das variáveis, apenas dois níveis de variáveis apresentam valor p alto. A partir disso, é possível imprimir uma tabela com outras medidas obtidas a partir desse modelo:

Tabela 1 – Tabela do modelo de regressão logística final

Preditores	<i>Odds Ratio</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercepto)	0.39	0.28 – 0.55	<0.001
Oração coordenada	0.54	0.42 – 0.69	<0.001
Oração principal	0.21	0.12 – 0.33	<0.001
Oração subordinada	0.33	0.22 – 0.47	<0.001
Sequência avaliativa	2.01	1.35 – 3.01	0.001
Sequência dialogal	1.94	1.43 – 2.66	<0.001
Sequência narrativa	1.27	0.94 – 1.73	0.130
Presença de marcadores	0.43	0.29 – 0.62	<0.001
Informação inferível	0.74	0.60 – 0.92	0.006
Sujeito implícito	1.05	0.86 – 1.30	0.623
Oração sem sujeito	0.51	0.28 – 0.87	0.02
2ª Faixa etária	0.81	0.66 – 1	0.046

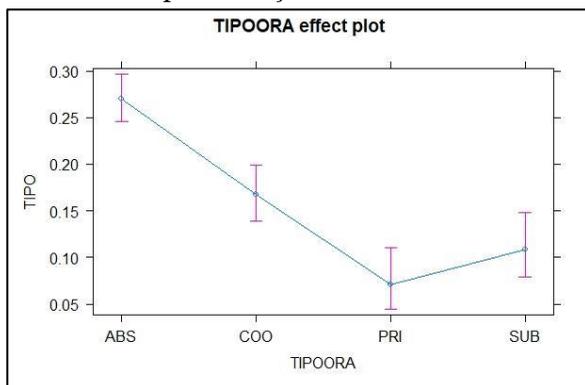
Fonte: elaboração nossa.

Os resultados aqui apresentados usam como coeficiente os odds, ou seja, as chances de a variável acontecer de acordo com o nível da variável previsora testada variam de 0 a 1 se desfavorecem e de 1 a ∞ se favorecem (OUSHIRO, 2017, s/p). A terceira coluna “CI” indica o intervalo de confiança que, segundo Oushiro (2017, s/p): “[...] estabelece um valor mínimo e um valor máximo em que se calcula estar o verdadeiro parâmetro”. Na tabela acima, sabemos que o ponto de partida é NEG2, assim, observamos que os níveis de variáveis que favorecem sua ocorrência são os tipos de sequência avaliativa e dialogal, o status da informação inferível e a 2ª faixa etária – lembrando que o coeficiente do intercepto deve ser somado aos coeficientes de cada nível das variáveis. O tipo de sequência narrativa e o sujeito implícito

possuem um coeficiente que favorece a variação, no entanto o valor p é maior que 0.05. Assim sendo, a sequência discursiva avaliativa é a que mais favorece a variação de formas. Esses resultados podem ser mais bem visualizados nos gráficos a seguir.

Para a interpretação desses gráficos é necessário considera que as medidas apresentadas são de probabilidades em números proporcionais. O gráfico 1 apresenta a probabilidade de NEG2 ocorrer, considerando o tipo da oração. Temos 27% de chances quando a oração é absoluta – com intervalo de confiança entre 25 e 30 % –, em orações absolutas a probabilidade cai para 17% e, em período compostos por subordinação, a queda é ainda maior, com 7% para orações principais e 11% para absolutas.

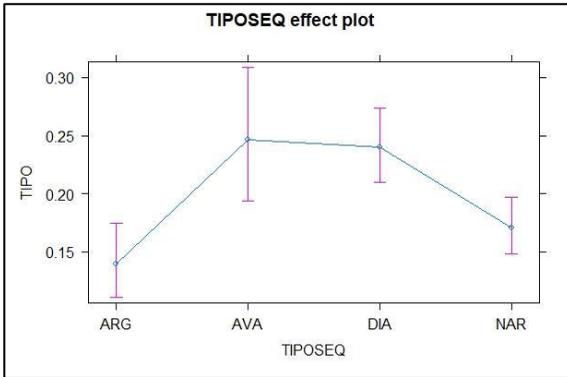
Gráfico 1 – Tipo de oração



Fonte: elaboração nossa.

Para o tipo de sequência discursiva, observamos o intervalo de confiança da sequência narrativa se sobrepondo aos da sequência dialogal e narrativa e os intervalos das sequências narrativa e argumentativa se sobrepondo também. Desta forma, a probabilidade para sequências argumentativas é de 15%, para sequências avaliativas é de 25%, as sequências dialogais somam 24% as narrativas 16%.

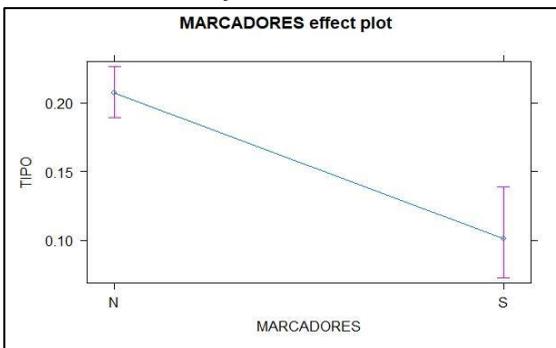
Gráfico 2 – Tipo de sequência discursiva



Fonte: elaboração nossa.

Com a variável previsorora “Marcadores discursivos”, buscamos avaliar se a influência da presença ou ausência desses marcadores poderia ou não influir na escolha do falante. Estatisticamente, a partir dos dados analisados, podemos afirmar que há uma diferença considerável com a ausência desses marcadores. Isso fica evidente ao se observar que tanto a probabilidade aumenta, 21%, quanto o intervalo de confiança é menor nesses casos. Caso se compare às ocorrências em que há marcadores discursivos, temos uma probabilidade menor, 10%, e um intervalo de confiança maior, que varia entre 5% e 14%.

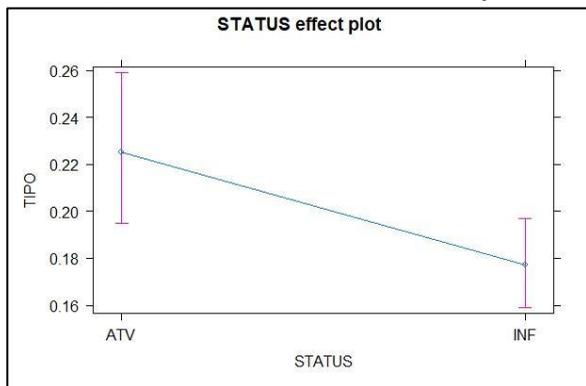
Gráfico 3 – Presença ou ausência de marcadores discursivos



Fonte: elaboração nossa.

O gráfico 4 apresenta os efeitos obtidos para a variável “Status discursivo da informação”, nele fica evidente que a ativação direta da informação aumenta a probabilidade da ocorrência da dupla negação.

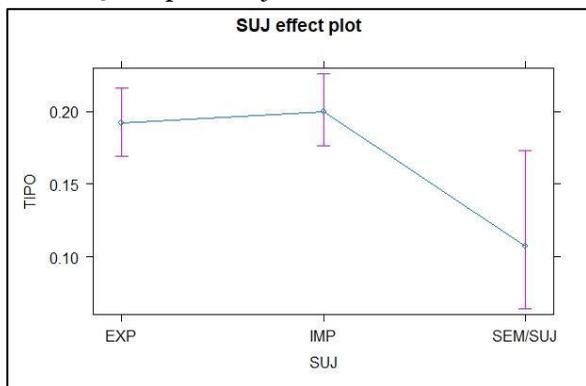
Gráfico 4 – Status discursivo da informação



Fonte: elaboração nossa.

No gráfico abaixo, observamos que oração que possuem sujeito aumentam a probabilidade de NEG2, ao passo que orações sem sujeito fazem as chances caírem.

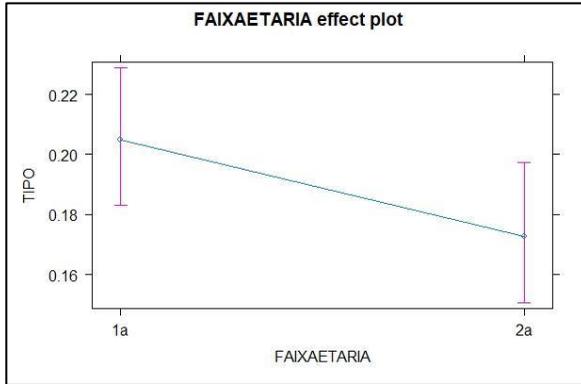
Gráfico 5 – Tipo de sujeito



Fonte: elaboração nossa.

Por fim, a única variável social selecionada nos testes realizados foi a “Faixa etária”, nela observamos um aumento de probabilidade da ocorrência de NEG2 quando o informante pertence à primeira faixa etária.

Gráfico 6 – Faixa etária



Fonte: elaboração nossa.

De todas as variáveis avaliadas, evidenciamos o tipo de oração, visto que as orações absolutas são as que mais elevam a probabilidade de NEG2 ocorrer e, na mesma variável, destacamos as orações compostas por subordinação, principalmente as orações principais, como os níveis que possuem a menor probabilidade de a dupla negação ocorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno aqui estudado é bastante complexo e carece de mais estudos para que seja totalmente elucidado. No que se refere a esta pesquisa, considerando o *corpus* analisado, verificamos que se trata de uma variação estável, visto que, nos testes estatísticos, a variável “Amostra” foi descartada, ou seja, não há diferença significativa entre as escolhas dos falantes nos dados coletados em um intervalo de 16 anos.

A estratégia de negação pré-verbal é mais frequente que a dupla negação e a negação pós-verbal têm poucas ocorrências, o que justificou que estas fossem descartadas para a análise dos dados. Os objetivos desta pesquisa foram alcançados, quais sejam: descrever a variação das estratégias de negação na cidade de Goiás-GO; verificar se o fenômeno em questão se trata de uma variação estável ou de mudança linguística; averiguar quais são as variáveis condicionantes para a variação de formas.

De forma geral, apesar de não ser possível comprovar isso por falta de dados, as formas alternantes de negação no PB parecem ter influência do contato com as línguas de troco banto – conforme discutimos em Menezes (2022, p. 41), visto que elas apresentam a dupla negação sentencial.

Encerramos este trabalho com a síntese dos resultados obtidos e discussões propostas. Encontramos 1909 ocorrências para NEG1 e 516 ocorrências de NEG2, sendo, então, 78.7% de ocorrências se deram com o NÃO anteposto ao verbo e 21.3% para a dupla negação. Em número absolutos, a amostra coletada em 2003 soma mais ocorrências da dupla negação, todavia, proporcionalmente, não obtivemos resultados estatísticos que apontem para uma diferença significativa entre as amostras.

No que se refere às variáveis linguísticas, verificamos que quando a informação é diretamente ativada no discurso as chances de que NEG2 ocorra aumentam. Em se tratando do tipo de sequência discursiva, a avaliativa e a dialogal aumentam as chances da variante inovadora.

Da mesma forma, orações absolutas são mais propícias para NEG2 se comparadas às orações principais, subordinadas e coordenadas. A ausência de marcadores discursivos é, também, fator determinante para que o falante escolha NEG2 em detrimento de NEG1. Por fim, o tipo de sujeito apresenta pouca diferença entre os níveis explícito e implícito, em consonância a orações sem sujeito, que apresentam a menor chance de realização da dupla negação para esta variável.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976. [1920].

AVELAR, L. L. M. R. N.; SILVA, M. R.; ALMEIDA, T. P. As formas de negação com o item não no português falado em Santa Luzia: um estudo preliminar. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (Org.). *O português falado em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013. (Viva Voz). p. 27-36.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BAGNO, M. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, p. 19-31, 2016.

BORGES, F. C. S. F. *A cidade de Goiás e o Turismo: um estudo do patrimônio histórico e cultural e sua influência na organização da atividade turística no município*. 2010. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Programa de Mestrado Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria, Centro de Educação de Balneário Camboriú, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú-SC, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Português brasileiro: a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, C. M. M. de. *Processo de redobramento sintático no português medieval: a formação das perífrases com estar*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, A. A.; PRETI, D. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP, 1987.

CAVALCANTE, R. *A negação pós-verbal no português brasileiro: Análise descritiva e teórica de dialetos rurais afro-descendentes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

DA COSTA SOUZA, P. *A dupla negação pré-verbal no catalão e no português brasileiro: história, variação e uso*. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DI PALMA BACK, A. C. *et al.* Classificação das sequências discursivas em entrevistas sociolinguísticas. *In: Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, 6., 2004, Florianópolis. *Anais...* Universidade Federal de Santa Catarina.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FREITAG, R. M. K. *Documentação sociolinguística: coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: Editora UFS, 2017. 82 p.

FREITAG, R. M. K. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, v. 6, p. 105-12, 2005.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação. *Revista D.E.L.T.A.*, ano 17, n. 1, 2001.

GOLDNADEL, M. *et al.* Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, n. 2, p. 35-74, 2013.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/panorama>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LABOV, W. *Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera*. *Working papers in sociolinguistics*, Washington-DC, n. 44, 1978. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/full-text/ED157378.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Mata Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVANDERA, B. R. Los limites de la variable sociolingüística. In: LAVANDERA, B. R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1984.

LIMA E SILVA, L. F. *Negação verbal no Português Brasileiro: Aspectos teórico-metodológicos em estudo baseado em corpus*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

LIPSKI, J. Angola e Brasil: vínculos linguísticos afro-Iusitanos. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 9, p. 83-98, 1 mai. 2008. Disponível em: <https://digitalis->

dsp.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/34451/1/Veredas9_artigo6.pdf. Acesso em: 26 jan. 2020.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, 33.2, 2017. p. 347-382.

MACHADO, A. L. G. Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2^a pessoa. In: VI Simpósio nacional Estado e poder: cultura, 2010, São Cristóvão: UFF. *Anais...* 2010. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>. Acesso: 28 jun. 2021.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

NASCIMENTO, C. A. R. *A negação no português falado em Vitória/ES*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

NEVES, M. H. M. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OUSHIRO, L. *Introdução à Estatística para Linguistas*. Zenodo, 2017. Disponível em <http://doi.org/10.5281/zenodo.822070>. Acesso em: 20 maio 2021.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Letras) - Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo, Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2015.

PAREDES SILVA, V. L. Forma e função nos gêneros de discurso. *Alfa revista de Linguística*, São Paulo, 1997, v. 41, p. 79-98.

PRUDENTE, T. C. A. *Cotidiano e preservação*: asilo São Vicente de Paulo da Cidade de Goiás. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2013. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, L. C. de S. *Variação pronominal de primeira pessoa do plural: nós e a gente na cidade de Goiás*. 2020. Tese (Mestrado em Língua e Interculturalidade), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade, Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

ROCHA, R. S. *A negação dupla do português paulistano*. 2013. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr.pdf. Acesso em: 15 fev. 2021.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: os gêneros dos falantes em foco. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *ScienceDirect: Língua*, v. 115, n. 10, p. 1427-1456, out. 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384104000889>. Acesso em: 20 maio 2021.

SCHWENTER, S. A. Fine-Tuning Jespersen Cycle. In: BIRNER, B. J.; WARD, G. W. (Orgs.). *Drawing the boundaries of meaning*. Neo-Gricean studies in honour of Laurence R. Horn. Amsterdã e Filadélfia: Benjamins. 327-344, 2006.

SILVA, L. A. *Os usos “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. Goiânia, 2005. 187 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás.

SOUSA, L. T. *Sintaxe e interpretação de sentenças negativas no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

A influência do paralelismo fônico nas construções imperativas de 2ª pessoa do singular: algumas evidências históricas

Márcia Cristina de Brito Rumeu
Luiz Fernando de Carvalho

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste texto, voltamos o foco às construções imperativas de 2ª pessoa do singular (doravante 2G), tendo em vista especificamente a intervenção do *paralelismo fônico* para a sua expressão variável no português brasileiro (doravante PB) dos séculos XIX e XX. Considerando a distribuição das construções imperativas de 2SG no eixo diatópico do PB batual (**aceita** (*tu*), **aceite** (*você*), **aceita** *você*), como já amplamente discutido por Scherre (2007), Scherre (2004), Cardoso (2009), entendemos legítimo que voltemos esforços à análise dessa regra variável em sincronias passadas (séculos XIX e XX).

A distribuição variável do imperativo de 2SG se dá através das formas verbais no indicativo ou no subjuntivo contextualizadas pelos pronomes-sujeito “tu” (**aceita**) e “você” (**aceite**). Acrescentemos ainda as construções do imperativo abrasileirado, nos termos de Paredes Silva *et alii* (2000), como evidência de uma forma verbal etimologicamente marcada para a referência à 2SG através do “tu” em concordância com o *você* **aceita** *você*, conforme já verificado em amostras históricas por Rumeu (2016), Silva (2017), Diniz (2018), Diniz & Rumeu (2019), Carvalho (2020).

De (1) a (4), ilustramos as construções imperativas das cartas cariocas e mineiras com formas verbais no indicativo (**vá, deixa**), no subjuntivo (**vai, deixe**) e no imperativo abrasileirado (paradigma misto (*tu/você*)), em negrito, correlacionadas, respectivamente, aos pronomes-sujeito *tu* ou *você*, em itálico. Neste texto, preferimos salvaguardar a identidade dos informantes das missivas históricas através da sua menção a partir das letras iniciais de seus nomes, acompanhadas das indicações ao local e à data de escritura das cartas históricas.

(1) “[...] *Você*_{suj} **va** pedindo a mamãe que lhe ensine a ler e escrever para com o tempo sustentarmos uã grande correspondencia. [...]” (JPCF. RJ, 15.04.1886, carta carioca.)

(2) “[...] Quanto tempo *pensas*_{suj} demorar-te ainda no Rio? Si *puderessuj*, **vai** a casa dos Padres Barualistas. [...]” (MEPCAM. 08.12.1922, carta carioca.)

(3) “Não fôras *tu*_{suj} minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! **deixa**, minha Helena, **deixa** que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento [...]” (JP. RJ, 14.02.1891, carta mineira.)

(4) “Como *você*_{suj} anda ocupado [...] **Deixe** por em instante a burocracia!” (OLR. RJ, 09.01.1957, carta mineira.)

Uma vez que não só expusemos o fenômeno linguístico (a expressão variável das construções imperativas de 2SG), mas também o ilustramos através de dados históricos, passamos à principal questão norteadora deste texto. Qual seria o papel do *paralelismo fônico* em relação à alternância indicativo/subjuntivo nas estruturas imperativas de 2SG à luz de Scherre *et alii* (1997), Scherre (1998), Scherre (2004), tendo em vista os resultados de Carvalho (2020) e de Diniz (2018), ambos embasados em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas? A hipótese é a de que os verbos regulares de 1ª conjugação com vogais precedentes mais aberta (*f[a]la/f[a]le*; *[ɔ]lha/[ɔ]lhe*) e os verbos de 2ª e 3ª conjugações do paradigma especial (*rec[e]be/rec[e]ba*, *s[e]gue/s[ɨ]ga*) impulsionariam as formas verbais indicativas nas construções imperativas do PB, cf. Scherre (1998, p. 39; 2007, p. 207) e Scherre (2004, p. 18). De (5) a (7), ilustramos, através de dados das cartas mineiras e cariocas, respectivamente, a alternância indicativo/subjuntivo nas construções imperativas de 2SG com verbos da 1ª

conjugação com vogais precedentes mais abertas, menos abertas e com verbos da 2ª conjugação do paradigma especial.

(5) Verbo da 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta]: f[a]llar.

a. “Agenor, [...] **fala** ao Excelentíssimo Director ou Superior [...]” (RAAP. Lagoa Santa, 30.10.1912, carta mineira.)

b. “Quanto ao Thesouro do Estado **fale** ao Augusto d. Lima para se entender com o Doutor Augustinho Carneiro [...] nem sei que relações *você_{suj}* mantem com o mesmo não descuides disto. (JP. RJ, 25.10.1891, carta mineira.)

(6) Verbo da 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta]: av[ɨ]llar.

a. “[...] A 26 sahio daqui o jogo com as loucas que estou com medo cheguem quebradas em grande parte **Avisa**-me do desastre [...]” (JP. Caeté, 05.03.1905, carta mineira.)

b. “[...] *Você_{suj}* não vem ver a Exposição? Como turista, deve ser bom. Venha! **Avis**e.” (OLR. Bruxelas, 09.04.1958, carta mineira.)

(7) Formas verbais da 2ª conjugação como evidência do paradigma especial: rec[ɛ]be/rec[e]ba.

a. “[...] Vou escrever a Reverenda Madre Provincial logo para Roma Adeus - **Recebe** todo o affecto de Tua [...]” (MJPCAM. 12.08.1920, carta carioca.)

b. “[...] Meu filho **receba** o coração de tua mãe extremosa [...]” (ZPAM. RJ, 17.09.1912, carta carioca.)

Este artigo está estruturado em quatro seções. Iniciamos, nestas considerações iniciais, com a apresentação da discussão proposta neste texto em função da questão e da hipótese. Na sequência, passamos à apresentação da regra variável em análise (as construções imperativas de 2SG) em relação aos seus traços morfológicos e sintáticos. Em seguida, apresentamos questões teórico-metodológicas relacionadas à *autoria*, à *autenticidade* e à *validade social e histórica* das amostras históricas. Posteriormente, descrevemos brevemente, à luz de Scherre (1998), o potencial da variável *paralelismo fônico* como um impulso propulsor das construções imperativas com formas indicativas em amostras da língua falada do PB. Na análise dos dados históricos, seguimos pelos resultados probabilísticos alcançados por Diniz (2018) e por Carvalho (2020) através dos quais a variável *paralelismo fônico* mostra-se como um contexto favorecedor das construções imperativas de 2SG com formas verbais no indicativo. Por fim, chegamos a algumas generalizações acerca da influência do *paralelismo fônico*

em relação à expressão variável do imperativo de 2SG em sincronias passadas (séculos XIX e XX) do PB.

A CONFIGURAÇÃO MORFOSSINTÁTICA DAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG: PARÂMETROS DE ANÁLISE.

O modo imperativo é responsável pela semântica dos pedidos, ordens, súplicas consubstanciadas através de um ato ilocutório diretivo (SEARLE, 1969 *apud* FARIA, 2006, p. 73-74). As construções imperativas de 2SG corporificam-se através das formas verbais do presente do indicativo na ausência da desinência número-pessoal “-s” (**faz** (*tu*)) e das formas do presente do subjuntivo (**faça** (*ocê*)) como evidências do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo. Sintaticamente, as construções imperativas de 2SG podem se manifestar com o sujeito nulo (“o **Faz** isso agora”/“o **Faça** isso agora”) ou com o sujeito preenchido (“*Você*_{suj} **faça** isso agora”/“*Você*_{suj} **faz** isso agora”), cf. também discutido e sistematizado por Rumeu & Carvalho (2018, p. 396).

Quadro 1 – As construções imperativas de 2SG, cf. Rumeu & Carvalho (2018)

O IMPERATIVO DE 2SG NO PORTUGUÊS BRASILEIRO		
Pronome-sujeito	Forma verbal	Classificação
Tu	Indicativo (“ Faz ”)	Verdadeiro
Você	Subjuntivo (“ Faça ”)	Supletivo
Você	Indicativo (“ Faz ”)	Abrasileirado

No PB, temos a especificidade das construções imperativas formalmente vinculadas ao paradigma de *tu* (**faz**) no contexto de *você-sujeito* (**faz** *ocê*) como observamos no *slogan* amplamente divulgado no espaço brasileiro (**Vem** pra Caixa *ocê* também). Trata-se de uma evidência do imperativo abrasileirado, nos termos de Paredes Silva *et alii* (2000), já contemplado em análises linguísticas tais como a de Faraco (1982), Menon (1984), Scherre (2007), Cardoso (2009), Rumeu

(2016), Diniz (2018), Diniz & Rumeu (2019), Silva *et alii* (2019), Carvalho (2020), dentre outros.

ANÁLISES NO ÂMBITO DA SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA: ALGUNS ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A coerência dos resultados das análises no âmbito da sociolinguística histórica depende do rigoroso cumprimento dos critérios de composição das amostras históricas (LIMA, MARCOTULIO & RUMEU, 2019; LOPES & RUMEU, 2018; LOPES, MARCOTULIO, RUMEU & LIMA, 2010). Assim sendo, conduzimo-nos, neste texto, também por uma breve exposição acerca das questões como *autoria*, *autenticidade* e *validade social e histórica* das fontes históricas (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012).

A *autoria* das amostras linguísticas de sincronias passadas é fundamental às análises da sociolinguística histórica. Cabe ao linguista-pesquisador atentar ao fato de que a missiva pode ter sido redigida por quem a assina (documento autógrafo), por um redator distinto em relação ao punho que o assina (apógrafo) ou ainda por um autor intelectual (testemunho ideógrafo), porque quem o redige efetivamente o escreve sob o controle e a autorização daquele que responde pela semântica do documento (*autoria intelectual*). Para a apreensão da *autoria* dos documentos históricos, é importante entendermos a relevância de edições conduzidas por conhecimentos paleográficos (NUÑEZ CONTRERAS, 1994; SPINA, 1977). Neste texto, trazemos os resultados das construções imperativas de 2SG embasados em conservadoras transcrições das cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade), redigidas e assinadas (manuscritos autógrafos) por escreventes nascidos e/ou residentes no espaço geográfico do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

A *autenticidade* impõe ao linguista-pesquisador atenção ao fato de as amostras históricas terem sido escritas, o que as evidenciam, conseqüentemente, mais inclinadas à expressão da norma-padrão, considerando a prevalência dos redatores que dominam, em distintos níveis, os modelos da escrita. Acrescente-se também o fato de que as fontes históricas possam apresentar dados de hipercorreções, mistura

dialetal e erros, cf. Labov (1994, p. 11), ainda que estejamos conscientes de que nos restam, nos textos históricos, tão somente evidências positivas que sobreviveram à ação do tempo no interior dos acervos. Conscientes também da vigorosa atuação do “filtro da escrita” (ROMAINE (1982 [2010]) nos textos, assumimos, por outro lado, a possibilidade de evidenciarmos, em algum nível, a norma vernacular de uma época pretérita. Isso posto, entendemos que as “cartas pessoais” em seus subgêneros (amorosas, familiares e de amizade) permitam expor o PB em sua expressão escrita vernacular entre os séculos XIX e XX, visto que expõem a intimidade das interações sociais entre os misivistas, evidenciando a sua propensão à manifestação da norma de uso do PB (CUNHA, 1995).

Não só as preocupações com a *autoría* e com a *autenticidade* das amostras, mas também o necessário trabalho de reconstituição dos *perfis sociais* dos redatores das missivas, mostram-se como parâmetros necessários às análises linguísticas embasadas em dados de sincronias passadas. Como, neste texto, concentramo-nos na análise de amostras de cartas pessoais conservadoramente editadas e organizadas, passamos pelo trabalho de levantamento dos perfis sociais dos seus redatores, o que se mostra exequível também pelo fato de se tratar de informantes socialmente reconhecidos cujos perfis sociais (profissão/função social) puderam ser reconstituídos através de índices genealógicos e dicionários biográficos (BARATA & BUENO, 2000; MARTINS FILHO, 2013). O trabalho de reconstrução dos perfis sociais dos redatores das missivas passa por parâmetros comumente controlados em estudos sociolinguísticos tais como a origem (brasileiro ou português), sexo (homem ou mulher), faixa etária (jovem, adulto, idoso), nível de escolarização (escolarizado ou não escolarizado) e profissão/função social (advogado, escritor, médico, político, professor...) dos escreventes, tendo em vista os acervos (públicos ou privados), cf. minuciosamente discutido por Rumeu *et alii* (2019), Lima, Marcotulio & Rumeu (2019), Rumeu (2013), Hernández-Campoy & Schilling (2012), Lopes, Lima, Marcotulio & Rumeu (2010), Lobo (2001).

Assim sendo, assumimos que a *validade social e histórica* das amostras históricas está respaldada não só na reconstrução dos perfis

dos redatores e das estruturas da sociedade que os conduziam (LABOV, 1994) em sincronias passadas¹, mas também no levantamento, organização e transcrição de amostras confiáveis em relação à *autoria* e à *autenticidade* das cartas pessoais autógrafas em análise. A potência dos estudos no âmbito da sociolinguística histórica reside também na representatividade da amostra que, nesta análise, está respaldada em missivas íntimas e autógrafas, produzidas por redatores brasileiros. Nesse sentido, convém ressaltar que o recuo no tempo para a apreensão de realidades linguísticas pretéritas somente se torna possível, porque temos pesquisadores² brasileiros obstinados e engajados em relação aos trabalhos de levantamento e edição de confiáveis fontes históricas no interior de acervos públicos e privados (RUMEU *et alii*, 2019; RUMEU & SOUZA, 2019; LOPES & RUMEU, 2018; RUMEU, 2013; SOUZA, 2012).

Além do nosso comprometimento com os princípios da sociolinguística histórica (*autoria, autenticidade e validade social e histórica*), conduzimo-nos também pelos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1994; WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968 [2006]). Neste texto, trazemos os resultados probabilísticos embasados na análise de 226 e 202 missivas pessoais produzidas por redatores nascidos e/ou residentes nos espaços geográficos do Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente, a partir das quais foram levantadas as ocorrências das construções imperativas de 2SG (indicativo ou subjuntivo) e submetidas ao pacote de programas GoldvarbX (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001) para o alcance dos seus índices percentuais e probabilísticos (GUY & ZILLES, 2007). Nesta reflexão, trazemos os resultados probabilísticos acerca da interferência do *paralelismo fônico* para a expressão variável das

¹ “[...] we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community.” (LABOV, 1994, p. 11).

² No âmbito do Projeto “Para uma História do Português Brasileiro” coordenado pelo Professor Ataliba de Castilho, temos uma Coleção de livros (10 Volumes até o momento) que ajudam a divulgar o trabalho de um Grupo de Pesquisa que se mantém produtivo em frutíferas pesquisas acerca das especificidades fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-pragmáticas e histórico-sociais do Português Brasileiro.

construções imperativas de 2SG, uma vez que o foco desta reflexão está voltado especificamente para essa variável linguística.

A FORÇA DA VARIÁVEL *PARALELISMO FÔNICO* NAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG: ANÁLISE DE MISSIVAS OITOCENTISTAS E NOVECENTISTAS

Os estudos da Professora Marta Scherre acerca do imperativo de 2SG apontam para a potência do contexto *paralelismo fônico* em relação à expressão dessa regra variável em amostras históricas do PB. Detivemo-nos, neste trabalho, especificamente à discussão acerca da influência do *paralelismo fônico* nas construções imperativas com formas indicativas no plano da palavra, cf. Scherre (1998, p. 39). No âmbito dessa discussão, Scherre (1988, p. 38) trouxe os resultados de suas análises embasadas em amostras da língua falada sobre o imperativo com formas de indicativo (“**passa** o braço na frente”) ou de subjuntivo (“**passe** para a folhinha 29”). Ainda que os outros parâmetros linguísticos tais como o *número de sílabas do verbo*, a *polaridade da estrutura*, a *presença/ausência de clítico* tenham se mostrado relevantes ao caráter variável do imperativo de 2SG, enfocamos, neste artigo, tão somente o *paralelismo fônico* a partir do indicativo como valor de aplicação como o fez Scherre (1998).

Tabela 1: Influência do paralelismo no plano da palavra sobre a forma indicativa nas orações imperativas

INFLUÊNCIA DO PARALELISMO NO PLANO DA PALAVRA SOBRE A FORMA INDICATIVA NAS ORAÇÕES IMPERATIVAS NATUREZA DA VOGAL IMEDIATAMENTE PRECEDENTE NA FORMA VERBAL CONJUGADA EM VERBOS REGULARES DA 1ª CONJUGAÇÃO (SCHERRE <i>et alii</i> , 1997)		
Fatores e Exemplos	Frequência	Peso relativo
[vogal mais aberta]		
- <i>fala/fale</i>	82/88 = 93%	0.64
- <i>olha/olhe</i>	124/135 = 92%	0.68
- <i>espera/espere</i>	42/52 = 81%	0.60
[vogal menos aberta]		
- <i>manda/mande</i>	17/22 = 77%	0.34
- <i>tenta/tente</i>	24/28 = 86%	0.37
- <i>conta/conte</i>	50/61 = 82%	0.46
- <i>vira/vire</i>	46/63 = 73%	0.30
- <i>usa/use</i>	43/64 = 67%	0.23
Total		428/513 (83%)

Fonte: Scherre (1998, p. 39).

Na tabela 1, trazemos os resultados de Scherre (1998, p. 39) que evidenciam a vogal precedente mais aberta como um contexto propulsor do imperativo com formas indicativas de 1ª conjugação (*olha* (0.68), *fala* (0.64), *espera* (0.60)). Por outro lado, o contexto da vogal precedente menos aberta favorece o imperativo com formas subjuntivas (*use* (0.77), *vire* (0.7)) que formalmente são expressas através do morfe terminal [-e] que se realiza como [-i], uma vogal fechada. À luz desses dados, assume a autora que a *harmonização vocálica* (o *paralelismo fônico* no plano da palavra) evidencia “a força da aproximação de formas semelhantes” (SCHERRE, 1988, p. 49). Isso posto, passa-

mos à uma síntese dos contextos que contemplam o *paralelismo fônico* como um profícuo condicionamento linguístico para a expressão variável do imperativo de 2SG.

Tabela 2: Tendências gerais em relação ao traço “paralelismo fônico” como contextos de favorecimento relativo das duas variantes do imperativo singular em termos de grandes oposições.

Tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao indicativo (<i>deixa/recebe/abre/dá/diz/vai</i>)	Tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao subjuntivo (<i>deixe/receba/abra/dê/diga/vá</i>)
5) paradigmas irregulares com posição menos marcada: <i>dá/dê; vai/vá; vem/venha; põe/ponha</i> (SCHERRE, 2004, p.249) ou verbos específicos: <i>deixar</i> e <i>dar</i> (JESUS, 2006, p.107);	5) paradigmas irregulares com posição mais marcada: <i>faz/faça; diz/diga; sê/seja</i> (SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71; JESUS, 2006, p.107) e paradigmas regulares mais marcados (de 2 ^a e 3 ^a conjugações): <i>esquece/esqueça; sobe/suba; come/coma</i> (SCHERRE, 2004, p.249)
7) Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente aberta: <i>fala/olha/espera</i> (SCHERRE et al., 1998, p.67; SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71)	7) Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente fechada: <i>use/abuse/imagine</i> (SCHERRE et al., 1998, p.67; SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71)

Fonte: Adaptado de Scherre (2007, p. 207).

Em termos de tendências gerais (tabela 2), Scherre (2007) expõe os verbos regulares da 1^a conjugação com vogal precedente mais aberta (*fala/olha/espera*) como contexto impulsionador das formas indicativas. Por outro lado, os verbos da 1^a conjugação com vogal precedente menos aberta (*use/abuse/imagine*) tendem a estimular as

formas subjuntivas (SCHERRE *et alii*, 1998, p.67; SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71). Dentre os verbos regulares, temos os de 2^a e 3^a conjugações cujos paradigmas mostram-se mais marcados (*esqu[ε]ce/esqu[e]ça*; *s[ɔ]be/suba*; *c[ɔ]me/c[o]ma*) em função das vogais médias abertas [ε, ɔ] ou fechadas [e, o] que correspondem às construções imperativas com formas indicativas e subjuntivas, respectivamente. Os verbos de paradigmas regulares de 2^a e 3^a conjugações (paradigma especial) tendem a favorecer o subjuntivo nas construções imperativas de 2SG.

Os verbos irregulares menos marcados (*dá/dê*; *vai/vá*; *vem/venha*; *põe/ponha*) tendem a favorecer as construções de imperativo com formas de indicativo. Ainda no âmbito dos verbos irregulares, Scherre (2007) constata que os de posição mais marcada (*faz/faça*; *diz/diga*; *sê/seja*) mostram-se como contextos favorecedores do subjuntivo nas construções imperativas (SCHERRE, 2004, p.249; LIMA, 2005, p.71; JESUS, 2006, p.107).

Uma vez expostos os contextos fônicos impulsionadores das construções imperativas de 2SG em sua expressão variável levantados, estudados e analiticamente discutidos nos trabalhos propostos pela Professora Marta Scherre, passamos, com base nos resultados de Diniz (2018) e de Carvalho (2020), à análise da força do *paralelismo fônico* em dados históricos.

O PAPEL DO *PARALELISMO FÔNICO* NA EXPRESSÃO VARIÁVEL DAS CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG EM AMOSTRAS HISTÓRICAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Inspirados em algumas das análises propostas pela Professora e Pesquisadora Marta Scherre (SCHERRE, 2007; SCHERRE, 2004, SCHERRE, 1998; SCHERRE *et alii*, 1997), Diniz (2018)³ e Carvalho

³ Na análise de Diniz (2018), a autora evidenciou os seguintes contextos selecionados pelo Programa de regra variável: (1) O sujeito pronominal de 2SG (*tu, você, tu/você*); (2) A polaridade da estrutura imperativa; (3) A relação social entre os missivistas; (4) Os períodos das cartas; (5) O paralelismo fônico e (6) O número de sílabas do verbo da construção imperativa em sua forma infinitiva.

(2020)⁴ também assumiram o indicativo como valor de aplicação, considerando que um dos objetivos desses dois estudos era o de levantar, no século XIX, evidências históricas do imperativo abrigado como ilustramos em (8) e (9).

(8) “[...] Foi bom, *Você*_{suj.} voltar para Santa Fé, por que aqui teem adoecido muitas crianças [...] *Você*_{suj.} **va** pedindo a mamãe que lhe ensine a ler e escrever [...]” (JPF. RJ, 15.04.1886, carta carioca.)

(9) “Como é que *você*_{suj} diz que eu não lembro do nosso bemsinho? [...] **Manda** o Raymundo despachar o meu *cloch* [...]” (carta mineira, 1890)).

As construções imperativas de 2SG com o indicativo e a força do *paralelismo fônico*.

CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG

(VALOR DE APLICAÇÃO: INDICATIVO)

PARALELISMO FÔNICO CARTAS CARIOCAS (DINIZ 2018, p.145)		PARALELISMO FÔNICO CARTAS MINEIRAS (CARVALHO 2020, p.186)	
CONTEXTO	Oco/P R	CONTEXTO	Oco/P R
Verbos de 2 ^a e 3 ^a conj. (<i>paradigma especial</i>) (esqu[ε]ce/esqu[e]ç a, s[ɔ]be/s[u]ba)	67/126 (53%) 0.621	Verbos regulares de 1 ^a conj. com vogal precedente [- aberta]	42/163 (26%) 0.647
Verbos irregulares (<i>diz/diga, vê/veja</i>)	78/176 (44%)	Verbos regulares de 1 ^a conj. com vogal	10/40 (25%)

⁴ A análise de Carvalho (2020) passou pelos seguintes grupos selecionados pelo Programa de regra variável: (1) O paralelismo formal e semântico; (2) O sujeito pronominal de 2SG (*tu, você, tu/você*); (3) O subgênero da carta pessoal; (4) A polaridade da estrutura imperativa; (5) O paralelismo fônico.

0.575	precedente [+ aberta]	0.564
	Verbos de 2 ^a e 3 ^a conj. (<i>paradigma especial</i>)	10/56 (18%)
	(esqu[ε]ce/esqu[e]ç a, s[ɔ]be/s[u]ba)	0.549

Fonte: Adaptado de Diniz (2018, p.145) e de Carvalho (2020, p.186).

Em termos comparativos, observamos que os verbos de 2^a e 3^a conjugações (agrad[ε]ce, escr[ε]ve, rec[ε]be) mostraram-se com índices probabilísticos de 0.621 e 0.549, respectivamente, evidenciando tal contexto como favorecedor das construções imperativas com o indicativo, conforme ilustramos em (10a), (10b), (11a), (11b) nas produções escritas de cariocas e mineiros. O fato de o morfe terminal [-e] (vogal média aberta) realizar-se normalmente como [-i] (vogal fechada), em posição átona final, parece evidenciar *harmonização vocálica* (o *paralelismo fônico* no plano da palavra) que pode ter se dado em virtude da “força da aproximação de formas semelhantes” (SCHERRE, 1998, p. 49). Acrescentemos ainda o fato de os verbos irregulares menos marcadas (**diz (tu)**) se mostrarem propulsores do imperativo com formas do indicativo (0.575) tão somente nas missivas cariocas como verificamos em (12).

(10) Forma verbal do paradigma especial: escr[ε]ve.

a. “[...] **Escreve**-me sempre que *puderes*_{suj.} e si *souberes*_{suj.} alguma notícia dos outros, m’as manda. [...]” (ME. 01.01.1920, carta carioca)

b. “[...] **Escreve**-me sempre e sempre o que muito prazer *darás*_{suj} ao teu velho pai. [...]” (RAAP. Lagoa Santa, 21.07.1917, carta mineira)

(11) Formas verbais do paradigma especial: agrad[ε]ce, rec[ε]be.

a. “[...] “Meu Fernandinho, eu gostei de saber que *você*_{suj.} recebeu os bilhetes postaes que te mandei; mas *você*_{suj.} me escreveu dizendo para não mandar mais, porque *você*_{suj.} pensa que é muito caro. [...] Hoje eu não tenho mais tempo de escrever à Mamãe, por isso *você*_{suj.} **agradece** por mim. [...] Que alegria quando eu voltar Padre para o Brasil, não é? Mamãe, Papae Papae Pedreira, todos ficarão contentíssimos, não *achas*_{suj.}?” (Pe. J. Paris, 15.10.1905, carta carioca.)

b. “[...] **Recebe** nesta carta o coração que neste mundo só tem amado a você e a você amará para sempre. [...]” (JP. RJ, 14.02.1891, carta mineira.)

(12) Verbo irregular: dizer (“diz”).

“[...] E como vae o querido amigo Senhor Doutor Aristides José da Gama Vieira Machado? Quando é que vae se casar? **Diz**-lhe que eu recebi os dois bilhetes que elle me mandou [...] mas também *você_{suj.}* não será capaz de me escrever uma carta tão grande como esta. [...] Eu te peço que *dês_{suj.}* muitas lembranças minhas á Titia Mimi e Titia Miná. [...]” (JP. Paris, 15.10.1905, carta carioca.)

Para as cartas mineiras, constatamos que os verbos regulares da 1ª conjugação com vogal precedente mais aberta (f[**a**]la, [ɔ]lha) tendem a estimular as construções imperativas estruturadas a partir do indicativo (0.564), como ilustramos em (13) e (14). Esse resultado probabilístico vai ao encontro da tendência de aproximação de formas semelhanças também em sua expressão fônica por harmonização vocálica no âmbito da palavra (SCHERRE 1988, p. 49), tendo em vista as suas análises embasadas em amostras do PB falado.

(13) Forma verbal da 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta]: f[**a**]la.

“[...] Agenor, quanto antes ... **fala** ao Excelentíssimo Director ou Superior [...]” (RAAP. Lagoa Santa, 30.10.1912, carta mineira.)

(14) Forma verbal da 1ª conjugação com vogal precedente [+aberta]: [ɔ]lha.

“[...] *Você_{suj.}* não deixaria também soffrer nunca um filho meo [...] **olha** as tuas crianças, beija-as, *podes_{suj.}* misturar o nome dos meos filhos como irmãos dellas; *ensinas_{suj.}*-lhes bem o meo nome [...]” (JP. Caeté, 29.12.1896, carta mineira.)

Por outro lado, os verbos regulares da 1ª conjugação verbal (*avisa*, *ingina*) com vogais precedentes menos abertas apresentam-se como contextos propulsores das formas indicativas (0.647), cf. (15) e (16). Trata-se de um resultado que vai de encontro aos de Scherre (1998) em relação ao parâmetro da harmonização vocálica no plano da palavra. Tal resultado pode ter sido impulsionado pela natureza da amostra que, apesar de ser íntima e pessoal, também é resultado da expressão de brasileiros altamente escolarizados que, em sua maioria, mostram-se menos inclinados à produção de um traço da fala brasileira,

em sua produção escrita, ou seja, menos propensos à influência do *paralelismo fônico* no nível da palavra, para os verbos de 1ª conjugação com vogais precedentes menos abertas (avisa, imagina).

(15) Forma verbal da 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta]: av[ɨ]sa.

“A 26 sahio d’ aqui o jogo com as loucas que estou com medo cheguem quebradas em grande parte, pela inexperiencia do acondicionador. **Avisa**-me do desastre [...]” (JP. Caeté, 05.03.1905, carta mineira.)

(16) Forma verbal da 1ª conjugação com vogal precedente [-aberta]: imag[ɨ]na.

“[...] **Imagina**, agora, Agenor em que condições vou ficar seduzido sem ter quem olhe para os meus pequenos e ainda com genros duvidosos! [...]” (RAAP. Lagoa Santa, 27.12.1913, carta mineira)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, esclarecemos que os estudos linguísticos no âmbito da sociolinguística histórica necessariamente estruturam-se em amostras históricas, conferindo limites às generalizações finais caracterizadas por um *natural* desequilíbrio em relação aos subgêneros das missivas pessoais (amizade, amor, familiar) e à quantidade de missivas produzidas por homens e mulheres em todas as faixas etárias (juventude, adultez e velhice), visto que o linguista-pesquisador está sempre à mercê das fontes históricas que venceram o tempo no interior dos arquivos. Isso posto, passemos às generalizações relacionadas à questão e à hipótese com as quais nos comprometemos em relação ao potencial da variável “paralelismo fônico” para a análise das construções imperativas de 2SG.

Constatamos, à luz de Diniz (2018) e Carvalho (2020), que os verbos de 2ª e 3ª conjugações como expressão do paradigma especial mostram-se favorecedores das formas imperativas com o indicativo. Em formas verbais como agrad[ɛ]ce, escr[ɛ]ve, rec[ɛ]be, observamos que o morfe terminal [-e] (vogal média aberta) se realiza foneticamente como [-ɨ] (vogal fechada), em posição átona final, o que parece evidenciar um processo de *harmonização vocálica* (o *paralelismo fônico* no plano da palavra) fomentado por “força da aproximação de

formas semelhantes” (SCHERRE, 1998, p. 49) como uma nítida interferência do *paralelismo fônico* nas construções imperativas com formas verbais no indicativo. Os verbos regulares com vogal precedente mais aberta (f[a]lla, [ɔ]lha) e os verbos irregulares com posição menos marcada (diz (*tu*)) corroboram, respectivamente, a proposição inicial de que tais contextos também figurariam, em sincronias passadas, como fomentadoras das construções imperativas com formas indicativas como já constatado por Scherre (1998, p. 39), Scherre (2004, p. 18), Scherre (2007, p. 207) em relação à fala do PB atual.

Indo de encontro aos resultados de Scherre (SCHERRE *et alii*, 1997; SCHERRE, 1998; SCHERRE, 2007) para a fala brasileira, temos em análise, nas cartas mineiras, a probabilidade de os verbos regulares com vogal precedente menos aberta (av[ɪ]sa, img[ɪ]na) figurarem como contextos propulsores do imperativo com formas verbais indicativas. Tal fato pode ser interpretado pela natureza da amostra que contempla a produção escrita de brasileiros (redatores mineiros) escolarizados (em sua maioria) e, portanto, menos propensos à expressão de uma especificidade da norma de uso do PB.

Em síntese, admitimos a relevância dos resultados expostos neste texto, considerando a potência do *paralelismo fônico* para a produtividade das construções imperativas com formas do indicativo do PB em sincronias passadas. Tendo em vista o fato de as formas verbais no indicativo serem as que efetivamente entram na configuração formal do imperativo abrasileirado (“Mande-me dizer se *você*_{suj.} nasceu 85 ou 86. [...] **Tem** todo o cuidado comsigo [...]”⁵), legitimamos que o foco desta análise tenha sido direcionado à influência do *paralelismo fônico* nas estruturas imperativas de 2SG a partir das incursões feitas por sincronias passadas (séculos XIX e XX). Assim sendo, desejamos que esta análise possa instigar a continuidade dos estudos acerca do potencial variável das construções imperativas de 2SG em sincronias pretéritas e recentes do PB.

⁵ MLPCAM. 21.07.1926, carta carioca.

REFERÊNCIAS

- BARATA, C. E. A. BUENO, A. H. C. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. Volumes I e II. São Paulo: Ibero-América, 2000.
- CARDOSO, D. B. B. *Variação e Mudança no Português Brasileiro: gênero e identidade*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CARVALHO, L. F. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- CUNHA, C. *A questão da norma culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985
- DINIZ, J. S. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- DINIZ, J. S.; RUMEU, M. C. B. O estatuto variável das construções imperativas de 2SG no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 20, n. 22, p. 175-194, ago./dez., 2019.
- FARACO, C. A. *The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Salford, Salford, 1982.
- FARIA, I. H. O uso da linguagem. In: MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, M. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006. p. 55-84.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

JESUS, E. T. *O Nordeste na mídia e os estereótipos: estudo do imperativo na novela Senhora do destino*. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Eds.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, v. I.

LIMA, A. X.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de *corpora*: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, v. 2, p. 68-91.

LIMA, D. P. S. *O uso do imperativo na fala de Campo Grande – MS*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

LOBO, T. C. F. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Volume II. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de *corpora* históricos: encaminhamentos metodológicos. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, p. 147-168, 2018.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B.; LIMA, A. Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em *corpora* históricos. *Gragoatá* (UFF), V. 29, p. 239-253, 2010.

MARTINS FILHO, A.V. *Novo Dicionário Biográfico de Minas Gerais: 300 anos*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2013.

MENON, O. P. S. *O imperativo no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1984.

NUÑEZ CONTRERAS, L. *Manual de paleografía: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra; 1994.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M.; RIBEIRO, T. O. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows. User's Manual*. Toronto: University of Toronto, 2001.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. New York: Cambridge University Press, 2010 [1982].

RUMEU, M. C. B.; SOUZA, A. L. P.; SOUZA, E. Q.; ALCANTARA, I. R.; MARTINS, G. V. S.; DINIZ, J. S.; SANTOS, M. A.; SILVA, N. F.; ALVES, N. G.; CARDOSO, N. D.; FIGUEIREDO, R. Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas. *LABORHISTÓRICO*, V. 5, p. 329-363, 2019.

RUMEU, M. C. B.; SOUZA, A. L. P. Um testemunho da produção escrita brasileira no século XIX (1858): a validade social e histórica das cartas familiares destinadas ao Barão de Cocais. *LABORHISTÓRICO*, V. 5, p. 363-380, 2019.

RUMEU, M. C. B.; CARVALHO, L. F. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino. *Matraga*, v. 25, n. 44, p. 391-409, 2018.

RUMEU, M. C. B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. *Signum: Estudos da Linguagem*, 2016. v. 19, n. 2, p. 310-341.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome você no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso: o imperativo no português brasileiro. In: DIETRICH, W.; NOLL, V. (Org.). *O Português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2004. v. 1. p. 231-260.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, V. 7, n.2, p. 29-59, 1998.

SCHERRE, M. M. P. *et alii*. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. *XXVI New ways of analyzing variation (NWAIVE)* – Universidade de Laval/Quebec, 1997, inédito.

SEARLE, J. R. *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. Cambridge university press, 1969.

SILVA, E. N. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, A. K.; LOPES, C. R. S.; OSÓRIO, P. Variação do Imperativo de 2ª pessoa em Enunciados de Provas da Escola de Formação de Professores Ferraz Bomboco (Huambo, Angola). *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 14, p. 99-124, 2019.

SOUZA, J. P. F. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1977.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. University of Texas Press. 1968.

Reflexões a respeito da internacionalização do ensino do português brasileiro no pós-pandemia

Vânia Cristina Casseb Galvão

Neste capítulo, teço algumas considerações a respeito do ensino transnacional no pós-pandemia, os pressupostos nos quais ancoo as minhas considerações envolvem:

Consciência do papel estratégico das línguas como meio de interlocução, interação e negociação internacional.

Reconhecimento de alta demanda internacional e baixa oferta de ações que favoreçam a aprendizagem do Português brasileiro (PB) fora do território brasileiro.

Necessidade de que essas ações decorram de políticas de base governamental que sejam científica, acadêmica, econômica, metodológica, didática e pedagogicamente consistentes.

Minhas reflexões remontam a Casseb-Galvão (2014), em uma obra produto do IV SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, na qual faço aquelas que denomino de 7 perguntas cruciais sobre a internacionalização do ensino do português. Essas perguntas são na verdade pressupostos para quaisquer reflexões envolvendo a internacionalização do ensino do PB, as quais apresento com algumas alterações, a seguir:

1- A quem cabe estabelecer uma política de promoção, valorização e de difusão oficial do PB?

2- Que fatos do mundo acadêmico e extra-acadêmico revelam a necessidade de uma política de promoção do PB distinta de outras variedades do português, como o Português europeu (PE), por exemplo?

3- Que fenômenos linguísticos indicam uma gramática independente para cada uma dessas variantes, revelando um distanciamento historicamente construído, de modo que se possa considerar o PB uma língua distinta do PE?

4- Em caso afirmativo, quais as evidências linguísticas, sociais, culturais e políticas atestam a identidade linguística do português brasileiro, de modo a demandar uma política de promoção e de valorização do PB como língua de interação internacional com projeção global?

5- Essas evidências atestam uma demanda por informações sobre o funcionamento da língua e por dados que a mostrem em sua diversidade dialetal; e uma demanda específica pela aprendizagem formal da língua?

6- Qual é o papel nesse processo dos agentes (professores, alunos e pesquisadores) das áreas de Teoria e Análise Linguística e da Linguística?

7- Que ações específicas podem auxiliar nessa promoção?

Quando falamos de internacionalização do português, temos em vista um sistema linguístico pluricêntrico, rico em variedades e especificidades, falado em quatro continentes, conforme demonstra o mapa a seguir.

Figura 1 – Países onde o português é língua oficial



Fonte: SERRA, Ana, GARCIA, Ricardo. Português modo de usar - Disponível em: <http://Ciberdúvidas da Língua Portuguesa>. Acesso em: 15 ago. 2022.

O processo de promoção internacional da LP no curso da pandemia não parou, adaptou-se àquela realidade tão inusitada quanto desafiadora e pavorosa, conforme nos mostra o elenco de ações a seguir.

- «A experiência das Bibliotecas Virtuais em Saúde nos países de língua portuguesa», por Regina Lucia Ungerer e Paulo Capel Narvai. (2020)
- “O primeiro exame online de língua estrangeira na Unisalento: a língua portuguesa em tempos de covid” (Casseb-Galvão, no prelo)
- Os ministros da Saúde nos Estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em reunião extraordinária (06/11/2020): “COVID19: Construção de uma Resiliência Comunitária”: objetivo de “encontrar respostas conjuntas e concertadas no quadro da Comunidade, especialmente para fomentar a resiliência para defrontar os novos desafios na governação dos Sistemas Nacionais de Saúde.” (CPLP)
- Congresso Mundial dos Farmacêuticos de Língua Portuguesa (2020).

Figura 2 – Cartaz do Congresso Nacional Farmacêutico – 2020



Fonte: <https://www.ordemfarmaceuticos.pt/pt/artigos/congresso-nacional-dos-farmaceuticos-2020-e-xiv-congresso-mundial-dos-farmaceuticos-de-lingua-portuguesa/>

- Milhares de ações didáticas remotas (síncronas e assíncronas), envolvendo diferentes modalidades de uso da língua (língua vernácula, estrangeira, adicional, de acolhimento, de herança, etc). PNLD/2021: maior processo de escolha e aquisição de livros didáticos do mundo.
- Projeto do 1º Dicionário do Português de Moçambique (UEM-Maputo).
- O fortalecimento das “Wikis” em língua portuguesa.

- Inúmeras publicações científicas e ferramentas de instrumentalização linguística (dicionários, gramáticas, banco de dados), em suportes tradicionais e virtuais.

O acontecimento dessas ações em pleno curso da pandemia, além de revelarem que instituições de ensino e pesquisa, seus agentes e a sociedade civil em geral se uniram em torno da causa da língua portuguesa pelos mais diversos vieses, revelaram que a LP é, além de muito mais, instrumento, processo, motivo e solução. Explico.

É instrumento porque sem ela não se conseguiria ter qualquer uma dessas interações Um dos mantras funcionalistas diz que a língua se constitui na interação.

É processo porque seu uso resulta em produtos que instrumentalizam e viabilizam a vida em sociedade e, no caso do contexto pandêmico, os dicionários e bibliotecas configuraram soluções imediatas para a informação tão necessária naquele momento obscuro.

É motivo quando o mundo interno e externo à lusofonia se multiplicou em ações de ensino da língua portuguesa e isso inclusive aumentou o interesse pela sua aprendizagem. Testemunho um aumento de mais de 30% de alunos italianos interessados no estudo da Língua Portuguesa no curso de Ciência e técnica da mediação linguística da Università Del Salento (Itália) no período entre 2020 e 2022.

É solução porque ela foi o ponto máximo de confluência nos amplos debates ocorridos nos congressos e reuniões das áreas do conhecimento (saúde, tecnologia, logística, etc) mais solicitadas durante o processo pandêmico.

Enfim, esse período nebuloso nos mostrou que língua é fenômeno social, é objeto de estudo e ensino, e que a interação linguística é atividade econômica primordial. Certamente, há muito o que se dizer sobre tais aspectos, que deixo para uma outra oportunidade sob pena de ultrapassar os limites deste capítulo. Cabe, no entanto, trazer a proposta de agenda para os países da Comunidades dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) (Lapão, 2020), a qual traz considerações muito relevantes para aqueles que pensam e fazem a internacionalização do ensino de Língua Portuguesa.

Lapão (2020) é uma obra organizada para propor uma Agenda pós-covid para os países da CPLP (Lapão, 2020). O texto aborda algumas

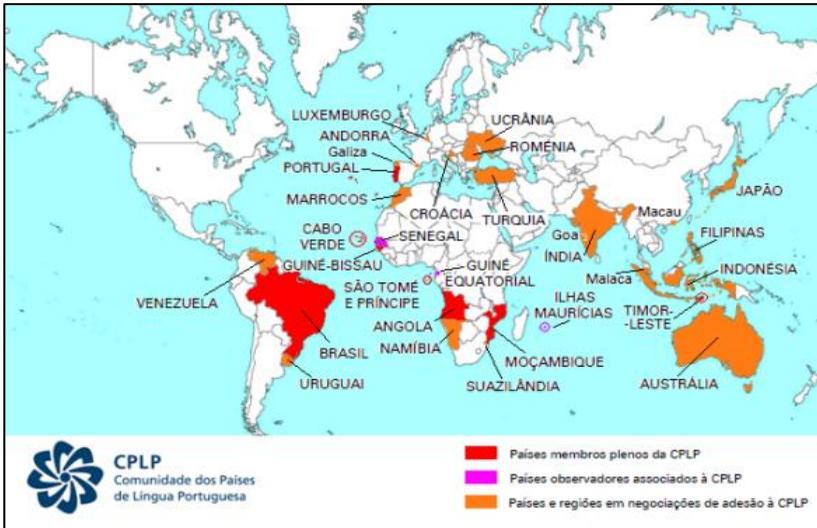
percepções de organismos multilaterais, nomeadamente no âmbito do Sistema das Nações Unidas, e o modo como os instrumentos estratégicos de cooperação setorial criados pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP poderão contribuir para induzir cenários de cooperação pós-covid. Essa agenda considera a universalização e a plena concretização dos objetivos e metas da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas e menciona a quebra significativa no financiamento internacional disponível para apoio aos países em desenvolvimento, o que pode impactar no processo de retomada da normalidade social, da recuperação da saúde e da economia das sociedades.

Essa agenda reforça que essa situação poderá agravar-se por via dos efeitos provocados pela pandemia da covid-19 e que por isso é necessário um aumento substancial de programas não regulares de cooperação, baseados em ações de emergência e humanitárias. Entre as ações positivas para o processo de retomada, estão previstos:

- A promoção de estratégias de horizontalização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), considerando intervenções com cariz transversal, em um olhar a 360º, que incentivem a promoção de alianças estratégicas, parcerias multissetoriais e multidimensionais.
- O incentivo a mecanismos de financiamento partilhados, afigura-se como uma hipótese verossímil para garantir a prossecução do desenvolvimento sustentável.

Essas ações e reflexões reverberam nas políticas internacionais e certamente no processo de retomada do crescimento econômico e social que todos os países estão buscando, agora que a COVID-19 já dá sinais de ter se rendido aos ataques das ações científicas para a sua erradicação. No âmbito das políticas linguísticas, estou segura que o quadro que se vislumbrava para a CPLP, onde cabem países membros plenos, países observadores e países em processo de diálogo para uma possível adesão (conforme o mapa abaixo), tende a consolidar-se e a crescer, reafirmando o papel fundamental da Língua Portuguesa nesse processo.

Figura 3 – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa



Fonte: cplp.org.

As reflexões aqui apresentadas e os muitos ensinamentos que o processo pandêmico nos legou, me levam, a título de considerações finais, a uma reformulação de alguns dos pressupostos que iniciam este texto, a qual envolve reconhecer que:

- A fluência de línguas estrangeiras é um recurso de sobrevivência e de interação restrita e ampla.
- Os interesses globais foram alinhados por uma causa...a sobrevivência humana.
- Variantes e variedades da Língua Portuguesa se mostraram reciprocamente cooperativas quando em interação, sendo assim, dois sistemas podem estar em convivência em processos de ativação e desativação interativamente coordenados, conforme mostra a convivência atual de brasileiros e portugueses devido a presença de mais de 250 mil brasileiros vivendo em Portugal.
- Essa perspectiva não significa unificação de currículo ou visão não heterogênea da lusofonia, e sim que os currículos de formação escolar, universitária devem refletir a diversidade linguística em português.
- A política de promoção oficial do PB é acanhada, restrita a um Departamento do Itamaraty, em confronto com a política ostensiva do Instituto Camões. O mapa abaixo mostra a ampla estrutura de apoio estabelecida pelo Instituto Camões em todo o mundo para promover o PE.

- A política a favor do PB, no entanto, precisa ser vista em flash. Há de se reconhecer, da contraparte brasileira, ações de internalização cobrindo demandas pelo PB em áreas específicas, como aquelas envolvendo os Institutos Confúcio de medicina chinesa, e as áreas de Energia, Agronegócio, Rádio, Cultura etc.
- O definitivo avanço de interações gerais e de ensino mediadas pela Internet, como um aspecto forte do mundo pós-pandêmico.

Figura 4 – Centros de Língua Portuguesa / Instituto Camões



Fonte: instituto-camões.pt.

Em conclusão: em 2022 as 7 perguntas cruciais se transformam em 1, considerando que todos os falantes nativos ou estrangeiros de português devem ser incluídos nesse processo:

- Como promover a internacionalização (do ensino) do português no mundo pós-pandemia??

Em resposta, algumas possibilidades:

Fortalecimento de laços lusófonos, respeitando as diversidades linguístico-culturais e os espaços político-ideológicos.

Ir além da lusofonia, em interação com áreas de formação linguística de grande inserção internacional. (português/inglês; português/mandarim; português/japonês).

Atenção e estímulo ao estudo do Português de especialidades (médicas, agrícolas, farmacêuticas, etc).

Manutenção e reforço da interação com países observadores e simpatizantes da CPLP.

Recuperação, manutenção e fortalecimento de diálogo com culturas fronteiriças.

Fomento ao tripé Ensino – Pesquisa – Extensão em cooperação internacional.

Estímulo a publicações bi/multilingues.

Enfoque e visibilidade às diversas dimensões de linguagem e modalidades de uso da LP, além de língua estrangeira: língua de herança, acolhimento, instrumental etc.

Aumento da visibilidade da LP e de seus falantes perante as comunidades locais.

Busca de atualização e preparação técnica para as novas tendências didáticas.

Novos suportes voltados para uma didática híbrida (PRESENCIAL / remoto).

Docência em cooperação internacional: regência compartilhada de disciplinas, convidados etc.

Ruptura do binômio distanciamento social / ensino remoto, em favor da geração que está sob nossa responsabilidade, na qual a cultura em língua portuguesa exerce um papel forte.

Atenção aos movimentos, propostas e ações dos organismos internacionais.

Um exemplo importante nesse processo, envolveu a estada da língua portuguesa no centro das decisões políticas globais:

De 01 a 06/2021: Portugal assumiu a Presidência rotativa do Conselho da União Europeia

Figura 5 – Cartaz divulgador da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia



Fonte: eurocid.mne.gov.pt.

Lema “Tempo de agir: Por uma recuperação justa, verde e digital”.

REFERÊNCIAS

CASSEB GALVÃO, V C. Notas sobre a promoção do português brasileiro e seu ensino em contexto estrangeiro. In: CASSEB GALVÃO, V. C. (Org). *Políticas de promoção e ensino da língua portuguesa ao redor do mundo*. São Paulo: Pontes, 2015, p. 75-95.

LAPÃO, Manuel Clarote. A Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável no pós-covid: exemplos para a CPLP. In: BARROS, F et al. *O enfrentamento da COVID 19 nos países da CPLP*. Conselho Nacional de Secretários de Saúde: Brasília. DF, 2020, p. 140-168.

Construções passivas complexas: uma descrição funcional centrada no uso

Ivo da Costa do Rosário
Maria Luíza Guimarães da Costa Cruz

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é uma corrente teórica de orientação funcionalista enriquecida com as contribuições da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Essa corrente tem se robustecido ao longo dos últimos anos, servindo como base teórico-metodológica tanto para dissertações e teses (cf. CRUZ, 2022; ACOSTA, 2021 e outros) quanto para capítulos de livros e artigos (cf. PINHEIRO e FERRARI, 2020; FURTADO DA CUNHA e LACERDA, 2017 e outros). Os diversos trabalhos acentuam diferentes vieses do espectro funcional, mas todos estão balizados por um ponto comum: a importância do uso.

Dentro do grande rol de trabalhos desenvolvidos no âmbito da LFCU, apresentamos, neste capítulo, uma investigação funcional das construções passivas complexas (CPC), com ênfase em seus contextos de uso.

De modo a ilustrar o fenômeno em análise, apresentamos um dado de CPC coletado no *Corpus do Português* (<https://www.corpusdopor-tugues.org/>):

(01) Apoio incondicional ao nosso presidente Bolsonaro! Apoio incondicional ao nosso ministro Sergio Moro! Nós não aceitamos um Supremo que está criando um crime sem lei. Vamos dar uma vaia ao Su-

premo! — pediu a parlamentar, **que foi atendida por [quem a escutava]**. Na manifestação, pessoas levaram cartazes com críticas ao presidente de a Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e ao presidente de o Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP).¹

Nesse dado, a CPC é *que foi atendida por quem a escutava*. A CPC é uma construção, ou seja, um pareamento convencionalizado de forma e função, nos termos de Goldberg (1995). Essa construção é formada de duas partes: uma oração matriz, doravante OM (*que foi atendida por*), e uma oração substantiva com função de agente da passiva (*quem a escutava*), doravante OSFAP.

Há poucos estudos sobre as orações com função de agente da passiva, possivelmente por conta de essa oração não ser contemplada na NGB. Por outro lado, os dados atestam sua produtividade em língua portuguesa. Ademais, observamos que a oração com função de agente de passiva tende a manifestar um alto grau de integração sintático-semântica com a matriz a que se liga; daí nossa opção pelo estudo da CPC (OM + OSFAP), que indica uma construção complexa em sua totalidade estrutural e funcional.

Nesse dado (01), retirado de uma reportagem, o emprego da CPC é justificado pragmaticamente pela necessidade de se atribuir ao agente (*quem a escutava*) um papel de paciente da ação verbal. O sintagma *a parlamentar* (representada pelo pronome relativo *que* na CPC), por sua vez, cumpre um papel agentivo mais desfocalizado do que o de um sujeito agentivo prototípico. Além dessa função, que está associada à CPC de forma geral, expomos outras duas razões para o uso da CPC: (a) a OM propicia a continuidade do período *pediu a parlamentar [que foi atendida por]*, ao passo que também vincula a ele a oração *quem a escutava*; e (b) o pronome indefinido *quem*, que introduz a agentiva da passiva, tem forma e significado altamente generalizantes - mais ainda do que se fosse posto o agente da passiva do período simples *pelos manifestantes* - sendo, assim, utilizado, no dado, para abranger e indeterminar o(s) agente(s) da ação.

¹ <https://oglobo.globo.com/brasil/em-brasilia-parlamentares-discursam-em-ato-de-apoio-lava-jato-moro-ao-governo-bolsonaro-23774722>. Acesso em: maio 2022.

A função discursivo-pragmática da passiva complexa é engendrada pela combinação entre a OM e a sua subordinada, a OSFAP. Estruturalmente, trata-se de uma arquitetura que apresenta, em seu núcleo principal, traços menos prototípicos de transitividade. De acordo com Cruz (2022), essa característica repercute nos demais elementos construcionais, tornando-os também mais marginais, o que justifica a natureza menos prototípica da substantiva com função de agente da passiva em particular.

A tradição gramatical tem apregoado que as orações subordinadas substantivas são comumente introduzidas por conjunções integrantes, elementos destituídos de função sintática e semântica. Observamos, todavia, que as substantivas agentivas da passiva são introduzidas por elementos de outra natureza, que são os pronomes indefinidos *quem* e *quantos*. Esse problema taxonômico tem sido solucionado por alguns gramáticos por meio do desdobramento dos indefinidos em pronomes relativos livres, isto é, pronomes sem antecedente expresso, que corresponderiam à(s) forma(s) *aquele(s) que(s)*. Essa proposta, a nosso ver, não é a mais plausível, visto que considera elementos ausentes na construção e, conseqüentemente, prevê desdobramentos sintático-semânticos discutíveis.

Outros gramáticos postulam, ainda no âmbito do período simples, que o agente da passiva cumpre meramente um papel semântico, e não sintático (cf. LUFT, 1986). Classificam-no, por conseguinte, como um adjunto. Citam, por exemplo, que esse termo pode ser retirado sem prejuízo semântico, ao passo que os termos argumentais são indispensáveis para a boa formação sintática das orações. Como o agente da passiva, em tese, pode ser completamente omitido, usam esse critério para defini-lo, portanto, como um adjunto adverbial. Mais à frente vamos indicar um dado que funciona como contra-argumento a essa defesa de Luft (1986).

Outro ponto que merece destaque é a questão do partícipio, que também integra a CPC, uma vez que pertence à OM. Discussões mais recentes sobre a formação desse elemento gramatical (cf. PERINI, 2016) têm questionado seu estatuto verbal. Dado que a estrutura comporta desinências de gênero e de número, como os demais nomes da

língua portuguesa, argumenta-se que o particípio seja um nome derivado de um verbo e, portanto, não faria parte do paradigma verbal. Se essa hipótese estiver correta, seu papel sintático é o de um predicativo do sujeito e, portanto, não haveria voz passiva. Consequentemente, a oração que temos classificado como agentiva da passiva seria reinterpretada como uma completiva nominal. Defendemos, porém, que o particípio carrega especificidades que o distanciam ora dos verbos, ora dos nomes, sendo considerado uma forma limítrofe e multifuncional na língua, muito marcado por sobreposições funcionais.

Sumariamente, podemos identificar, assim, que as construções passivas complexas não se encaixam em um protótipo de transitividade verbal nem de classificação argumental/oracional. Uma vez apontadas algumas dificuldades que cercam a caracterização e o estatuto sintático-semântico das CPC e de suas partes, objetivamos demonstrar de que modo as postulações funcionalistas contribuem, em algum grau, para a análise e descrição dessas estruturas. Em decorrência disso, conceitos como *categorização*, *limites entre categorias* e *gradiência categorial* são elementos-chave para a compreensão da visão funcionalista sobre a CPC e sobre outros fenômenos linguísticos marcados especialmente pelo fenômeno da fluidez categorial.

Este capítulo está organizado em duas seções, sendo a primeira segmentada em duas subseções. Na primeira subseção, expomos a visão teórica funcionalista, com a apresentação de alguns aspectos centrais da LFCU. Na segunda, retomamos delimitações fundamentais propostas por Cruz (2022), a fim de evidenciar importantes resultados obtidos acerca da natureza da CPC. Nessa segunda subseção também apresentamos a metodologia empregada na coleta. Por fim, na segunda e última seção, analisamos dados de CPC, enfatizando sua funcionalidade no discurso.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

VISÃO TEÓRICA

Esta pesquisa, como já indicado previamente, está fundamentada nos princípios da LFCU. De acordo com Rosário e Oliveira (2016), o Funcionalismo, na contemporaneidade, tem passado por uma grande reorientação, levando-o a abarcar nas investigações, com maior apuro, tanto aspectos contextuais quanto cognitivos. É preciso observar, porém, que se mantém como fulcro teórico a importância do uso linguístico na análise dos fatos gramaticais. Afinal, toda análise sempre parte de dados coletados em *corpora*.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar com Diessel (2011) que a gramática é um sistema emergente de categorias fluidas e de restrições dinâmicas que mudam constantemente devido a pressões cognitivas e comunicativas gerais do uso da linguagem. Por esse viés, cognição e comunicação são dois vetores que propulsionam a modulação do sistema gramatical. No contexto linguístico, é possível afirmar que essas duas forças estão associadas às emergências do uso. Depreende-se, a partir disso, que é no e pelo uso que ocorrem as mudanças linguísticas e os demais eventos da língua.

Diessel (2011) destaca também a natureza fluida das categorias linguísticas. Vejamos um dado retirado do nosso *corpus*, para uma breve explanação desse conceito:

(02) Nas principais universidades do mundo, não se exige que o estudante tenha mestrado antes do doutorado, porque são formações diferentes, que exigem competências e habilidades diferentes. Seria um avanço para todo o País eliminar a necessidade de mestrado para deixar que seja feito apenas por [quem realmente quer], e não porque é uma exigência para outra titulação.²

² <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/analise-criado-em-1965-modelo-do-brasil-perdeu-o-sentido,ad5a45cd5fa8708c7768e659b8982da9ms78uycd.html>. Acesso em: maio 2022.

A oração negritada no dado (02) é classificada, neste trabalho, como uma OSFAP (oração subordinada substantiva com função de agente da passiva). Conforme proposto pela Tradição Gramatical, as substantivas são geralmente introduzidas por conjunções integrantes. As agentivas da passiva, todavia, são inseridas pelos pronomes *quem* e *quantos*, categorizados por alguns gramáticos (cf. MATEUS *et al*, 2003) como pronomes relativos livres ou sem antecedente. Essa forma de conexão das OSFAP evidencia, como se mostrará mais adiante, uma aproximação entre orações substantivas e relativas. De outro lado, a possibilidade de omissão do agente da passiva oracional, em determinados contextos, revela a similitude entre esse tipo de oração e as orações adverbiais, já que estas são normalmente menos integradas à matriz, com um caráter mais acessório. Assim, podemos postular que as fronteiras entre as orações substantivas, adjetivas e adverbiais podem apresentar áreas mais difusas, com sobreposições. É justamente nesse entremeio que estão as OSFAP. Apesar de as considerarmos substantivas, reconhecemos sua não prototipicidade e sua natureza fluida, o que a aproxima de outros tipos de ligação intersentencial. À luz da ótica funcionalista, isso não é problemático; ao contrário, revela a natureza das línguas humanas do modo como realmente são.

De acordo com Bybee (2010), a língua é um sistema adaptativo complexo modelado por processos cognitivos de domínio geral. Em outras palavras, a língua é moldada por mecanismos que atuam em outras áreas da cognição, já que muitos processos linguísticos e não linguísticos são os mesmos. Dentre eles, destaca-se o processo de *categorização*, segundo o qual o indivíduo é capaz de reconhecer padrões entre as entidades do mundo, formando categorias em torno de protótipos, ou seja, elementos cognitivamente mais centrais. Assim, coexistem elementos centrais e periféricos nas diversas categorias, o que também se espelha no mundo linguístico. Aplicado o processo da categorização ao caso das OSFAP, constatamos que esse tipo de oração é menos central no rol das substantivas justamente por conta de seus traços mais marginais em relação a outras substantivas mais prototípicas como as subjetivas, objetivas diretas e indiretas, que são dotadas de “natureza completiva” mais central.

É significativo recordar que os mecanismos cognitivos se associam aos discursivos, em diversas situações de usos, viabilizando a constituição do sistema linguístico. Portanto, assim como indica a LFCU, é fundamental investigar os contextos que favorecem a emergência das construções de uma língua. Em relação às CPC, Thompson (1996) observa que, na maior parte dos casos, há uma complexa rede de razões para a escolha da voz passiva, como é o caso do tema. Em sua visão, essa seleção é mais salientada quando os dois potenciais agentes estão expressos no contexto: o sujeito paciente e o complemento agente. Por conseguinte, dado que a CPC é constituída tanto por um sujeito paciente quanto por um complemento agentivo oracional, torna-se propícia sua análise para averiguar o que motiva a preferência pela voz passiva.

Na esteira dos estudos sistêmico-funcionais, Halliday e Matthiessen (2014) retomam os conceitos de sujeito do século XIX, bem como a definição de tema e rema anteriormente abordada pelo Círculo Linguístico de Praga. Os autores recuperam a tripartição do sujeito em psicológico (o ponto de partida para iniciar a mensagem pretendida pelo falante), gramatical (o termo que carrega as marcas gramaticais de concordância com o predicado) e lógico (o sujeito que executa a ação). Essas três noções se relacionam, mas apresentam diferentes vertentes de sentido na cláusula. Elas são associadas, assim, ao tema (o ponto de partida da mensagem e o *quantum* de informação), ao sujeito (o termo que valida gramaticalmente a transação entre falante e ouvinte) e o ator (o componente ao qual é atribuída a função de realizar a ação). Na voz passiva, o sujeito pode corresponder às acepções de tema e sujeito, mas, em nenhuma circunstância, a ator.

Essa dissociação entre o sujeito e o ator (agente) provoca um deslocamento no alinhamento padrão da língua portuguesa, surgindo novas configurações possíveis. De acordo com Langacker (2008), as vozes são opções de focalização e desfocalização dos conteúdos conceituais evocados por meio das expressões linguísticas. Na língua portuguesa, naturalmente orientada para o agente, o recurso da voz passiva é empregado como uma estratégia discursiva na qual a cena enunciada centraliza mais especificamente o sujeito paciente do estado resultativo da ação do que propriamente o ser que realizou o ato. Posto isso,

a voz passiva provoca a desfocagem do agente da ação verbal. Não se trata de uma simples alternativa à voz ativa, mas de uma outra construção de fato.

Com base em Kopple (1986), Halliday (1994), Thompson (1996) e Gómez-González (2000), Hawad (2004) observa a relação entre a voz passiva analítica e sintética e o fluxo informacional do texto. Nesse sentido, a autora faz uma análise global de dados e verifica que, em 77% (102/132) das ocorrências de voz passiva analítica (VPA), o sujeito paciente - que seria o objeto direto, se fosse empregada a voz ativa - é um elemento dado (remissivo / anafórico). Ela constata, em decorrência dessa característica, que a VPA contribui tanto para a manutenção do tópico discursivo quanto para a facilitação do processamento cognitivo do texto, além de ser uma estratégia utilizada para oscilar a focalização do agente.

Tendo em conta os conceitos de desfocagem do agente e de progressão de informações, buscamos evidenciar, na análise de dados deste capítulo, as motivações que oportunizam a preferência pela CPC. Antes, porém, julgamos pertinente abordar os resultados mais relevantes de Cruz (2022), a fim de expor as propriedades que constituem a CPC no português.

RESULTADOS DE CRUZ (2022)

Em *Construções passivas complexas: um estudo funcional centrado no uso*, Cruz (2022) observa que a CPC faz parte de uma rede de redução da valência verbal, conforme proposto por Hilpert (2014) para caracterizar a rede na qual se insere a voz passiva. Embasada nessa ideia, com base em dados reais do uso, a autora aplica os dez parâmetros da Hipótese da Transitividade de Hopper e Thompson (1980), para aferir os níveis de transitividade da CPC e tentar comprovar empiricamente que ela é menos transitiva de fato do que as construções de voz ativa.

Hilpert (2014) argumenta que, embora haja semelhanças entre a voz ativa e a voz passiva, a segunda não deve ser tratada como uma simples contraparte da primeira. Nesse sentido, o autor defende que a voz passiva deve ser tratada como uma construção autônoma, com

suas próprias características sintático-semânticas. Por ser uma unidade do conhecimento linguístico, tem propriedades particulares, como os graus de desfocagem do agente, que a tornam partícipe da rede de redução de valência verbal.

Alicerçada nessa concepção, Cruz (2022) recupera a Hipótese da Transitividade de Hopper e Thompson (1980) para analisar o caso da CPC. Nessa perspectiva, a transitividade envolve a cláusula como um todo, e não apenas o verbo que a integra. Com o objetivo de comprovar essa hipótese, eles analisaram os componentes que se associam ao verbo da cláusula, em uma perspectiva translinguística, e notaram que as suas marcas morfossintáticas sinalizam a variação de diferentes graus de transitividade. Assim, estabeleceram uma escala de dez critérios, que resumimos no quadro a seguir, para medir a transitividade:

Quadro 1 – Os dez parâmetros da Hipótese da Transitividade, Hopper e Thompson (1980)

Participantes	Uma transferência só pode ocorrer quando dois participantes estão envolvidos
Cinese	Ações podem ser transferidas, estados não. Vejamos a diferença entre <i>Eu abracei Sally</i> e <i>Eu não gosto de Sally</i>
Aspecto	Uma visão de ação télica, finalizada, é mais eficazmente transferida para um paciente do que uma que não seja transmitida em seu ponto final.
Pontualidade	As ações realizadas sem uma fase de transição óbvia entre o início e o fim têm efeitos mais marcantes em seus pacientes do que ações em andamento.
Volição	O efeito no paciente é tipicamente mais aparente quando A é apresentado agindo propositalmente.
Afirmção	Parâmetro afirmativo / negativo. Uma transferência é mais aparente quando não é negada.
Modalidade	Uma ação que não ocorreu ou que ocorre em um mundo não real (<i>irrealis</i>) é menos eficaz

	do que a que é apresentada ocorrendo no mundo real (<i>realis</i>).
Agentividade do sujeito	Participantes com alta agentividade podem efetuar uma transferência de forma mais eficaz que aqueles com baixa agentividade.
Afetamento do objeto	O grau em que uma ação é transferida é mais aparente quando o objeto é completamente afetado.
Individuação do objeto	Uma ação pode ser mais efetivamente transferida para um paciente que é individuado do que para um que não seja.

Fonte: elaborado pela autora com base em Hopper e Thompson (1980).

Tendo em vista que a CPC é formada pela OSFAP que se conecta ao núcleo verbal da OM, formando um período composto, Cruz (2022) fez uma distribuição de critérios. Por entender o núcleo verbal da OM como uma estrutura de destaque ao qual se liga a OSFAP, a autora investigou – com base nesse núcleo - os parâmetros de *cinese*, *aspecto*, *volição*, *pontualidade*, *afirmação* e *modalidade*. A autora considerou a existência de dois participantes: o sujeito paciente da OM e o agente da passiva oracional. O critério *agentividade do sujeito* foi aplicado ao sujeito paciente da OM. Por fim, os critérios *afetamento do objeto* e *individuação do objeto* foram aplicados ao agente da passiva como complemento oracional.

Com base em trezentos (300) dados de língua portuguesa escrita do português brasileiro, coletados da subamostra *NOW* do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org>), Cruz (2022) verificou, em perspectiva sincrônica, que a CPC apresenta invariavelmente, em termos gerais, dois graus de transitividade a menos. Enquanto as construções ativas podem chegar a atingir positivamente os dez parâmetros da transitividade, as passivas complexas, em nenhuma circunstância, apresentam (i) *agentividade do sujeito* e (ii) *afetamento do objeto*; e raramente marcam de modo positivo a (iii) *individuação do objeto* (o que foi atestado em somente 5 dados no universo de 300 ocorrências da CPC). Essa constatação empírica comprova que a CPC nunca é capaz de alcançar os dez parâmetros anteriormente citados, o

que as distingue cabalmente das construções ativas. Consequentemente, elas podem ser alocadas na rede de redução de valência postulada por Hilpert (2014).

A autora ainda argumenta que, devido à CPC, em geral, ser uma construção menos transitiva e, assim, mais marginal no protótipo da transitividade, os elementos que a compõem também são menos centrais em suas respectivas categorias. Justifica-se, desse modo, a dificuldade classificatória da OSFAP, que faz parte da passiva complexa. Apresentamos, a seguir, um dado para demonstrar como Cruz (2022), apoiada no aparato da LFCU, analisou a natureza das agentivas da passiva:

(03) Mas "*nem tudo são flores*" na Astronomia amadora. Há duas dificuldades básicas a serem superadas por [quem deseja desfrutar do prazer da observação do céu noturno.] A primeira é saber para que direção olhar.³

Como exposto na apresentação do dado (01), a oração subordinada com função de agente da passiva pode ser classificada de diversas formas sob a ótica gramatical tradicional. Há razões para agrupá-la às orações substantivas, adjetivas ou adverbiais. Pelo viés da LFCU, contudo, ela pode ser arrolada como uma substantiva não prototípica.

No dado (03), a OSFAP *quem deseja desfrutar do prazer da observação do céu noturno* pode ser interpretada, pelos critérios da Tradução Gramatical, como uma adverbial. Entre as razões que poderiam ser empregadas na defesa desse ponto, podemos citar a ocorrência da preposição *por*, que se associa aos adjuntos adverbiais de causa e de meio, por exemplo. Além disso, destaca-se também que a omissão da agentiva da passiva não acarretaria truncamento sintático, conforme pode ser observado na paráfrase (03'): "*Mas 'nem tudo são flores' na Astronomia amadora. Há duas dificuldades básicas a serem superadas. A primeira é saber para que direção olhar*".

A OSFAP também poderia ser interpretada como uma relativa livre, com uma perda do antecedente (aquele que *deseja desfrutar do prazer da observação do céu noturno*). Teríamos, assim, uma relativa

³ <http://astro.if.ufrgs.br/telesc/node4.htm>. Acesso em: maio 2022.

restritiva, posto que *quem deseja desfrutar* especifica o grupo que deve enfrentar as tais duas dificuldades básicas.

Ainda em outra linha, a forma nominal *superadas* poderia ser vista como um nome e a oração seguinte - foco de nossa análise - seria arrolada como uma substantiva completiva nominal. Dado que voz é uma característica verbal, se *superadas* fosse interpretado como nome, já não poderia haver um agente da passiva, e a oração passaria a exercer a função de um complemento do nome.

Apesar da razoabilidade dos argumentos que sustentam essas diferentes interpretações para a OSFAP, defendemos, assim como Cruz (2022), que essa oração deve ser classificada mais apropriadamente como substantiva com função de agente da passiva, ainda que não prototípica. Uma das chaves para essa interpretação está na natureza do participio, que funciona como uma estrutura de detransitivização para compor e engendrar a voz passiva na rede de redução da valência verbal.

Apoiada em Castilho *et al* (2015), em Vivas (2015), em Raposo (2013), em Azeredo (2008), em Abreu (1997), entre outros, a pesquisadora argumenta que, devido ao caráter menos prototípico da OSFAP, essa substantiva se aproxima tanto de uma relativa restritiva quanto de uma adverbial. Assim, a agentiva da passiva pode ser definida como uma substantiva não prototípica por conta das seguintes características:

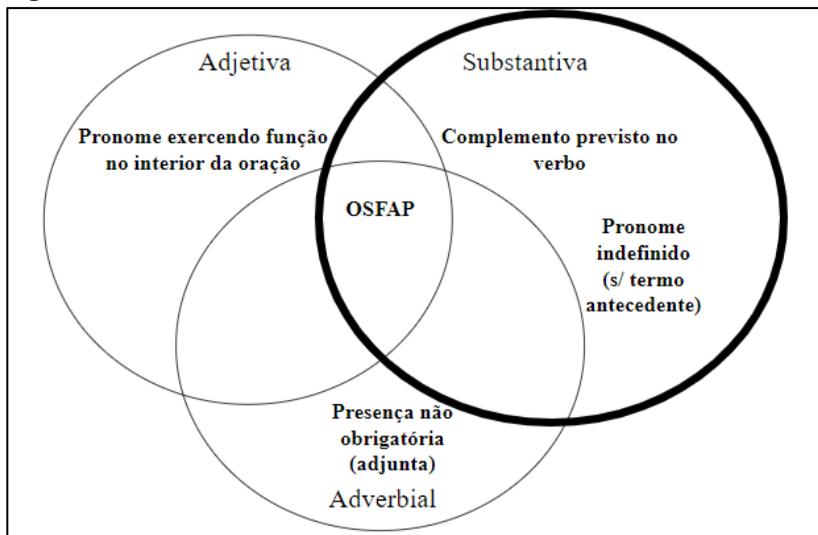
- a) Em uma escala participial (que vai de traços mais verbais a mais nominais), a locução verbal instanciada pela OSFAP é integrada por um participio de voz passiva com agente expresso, com traços mais verbais;
- b) A locução verbal de participio integrada pela preposição *por* forma um predicador verbal complexo – nos termos de Raposo (2013) – que seleciona o complemento oracional, diferenciando-se das construções adverbiais, que têm como núcleo somente a preposição, e não o predicador verbal;
- c) Embora seja menos prototípico, o agente da passiva funciona como complemento, e não como adjunto, dado que adjuntos acrescentam circunstâncias, ao passo que complementos operam diretamente na ação verbal, como ocorre com o complemento agente;
- d) Os pronomes *quem* e *quantos*, classificados como indefinidos, podem introduzir orações substantivas, ampliando a classe dos conecto-

res dessa categoria; logo, não deveriam ser tratados como relativos livres, o que dependeria de desdobramentos hipotéticos das estruturas linguísticas;

e) Ainda que haja semelhanças com a adjetiva restritiva, a substantiva com função de agente da passiva não se limita a especificar um termo da oração principal, mas está ordenada ao seu núcleo verbal e à OM como um todo, tendo a função maior de ser um agente da passiva oracional e, portanto, um termo da OM.

Usando esses critérios, Cruz (2022) não se esquivava de ratificar a complexidade da OSFAP. Por reconhecer as propriedades dessa oração, difusa por natureza, ela propõe uma representação que abarca as “adjacências” da agentiva com orações de outras naturezas:

Figura 1 – Natureza da OSFAP



Fonte: Cruz (2022, p. 118).

Por meio da união dos conjuntos, é possível identificar o viés analítico adotado pela LFCU. A figura retrata a fluidez entre as categorias, bem como as características de elementos que estejam mais às suas margens. Na visão funcionalista, portanto, é possível abrigar fenômenos como esse, marcados pela marginalidade dos usos. Em vez de ig-

norados ou relegados a segundo plano, esses fatos da língua são trazidos à lume e recebem o devido tratamento teórico e empírico. Afinal, essa é a natureza intrínseca das línguas: um mosaico de estabilidades e instabilidades, com convivência regular de elementos centrais e periféricos ao mesmo tempo.

A seguir, a partir de um ponto de vista qualitativo, destacaremos algumas funcionalidades discursivas da CPC, além de possíveis motivações que ocasionam sua escolha no discurso.

ANÁLISE DE DADOS

Conforme exposto, a CPC é alocada em uma rede de redução da valência verbal. Assim, trata-se de uma construção menos transitiva do que potencialmente pode ser a de voz ativa. O que procuramos apresentar, por meio desta análise, são as possíveis motivações para o uso desse tipo de construção, no lugar das transitivas ativas prototípicas. Para tanto, retomamos os dados de Cruz (2022) e observamos que a maioria dos trezentos (300) dados foi encontrada em textos do domínio jornalístico. Foram 160 dados retirados de notícias; 84 de textos inseridos em blogs, sessões e colunas; 21 de reportagens avulsas, e os dados restantes foram coletados a partir de outros gêneros. Vejamos um desses dados:

(04) O chefe criou, especialmente para o festival, uma feijoada de frutos do mar. " Substituí os ingredientes tradicionais da feijoada pelo feijão branco e frutos do mar, mas deixei o bacon e a linguiça calabresa defumada. Até agora, o prato foi bastante aprovado [por quem comeu] ", falou⁴

No dado (04), é reproduzida a fala de um chefe de cozinha sobre a avaliação de pessoas que experimentaram o seu prato. Contrapondo a CPC à paráfrase ativo-transitiva (*até agora, quem comeu o prato [o] aprovou bastante*), podemos observar os fatores que contribuíram para a sua escolha. Em primeiro lugar, no período à esquerda da OM, é possível verificar que o chefe se refere à elaboração do prato e dá

⁴ <http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2012/03/festival-de-frutos-do-mar-tem-ate-feijoada-no-cardapio-no-sul-do-es.html>. Acesso em: maio 2022.

continuidade ao assunto tematizando/topicalizando *o prato*. Ele opta, desse modo, por ter como ponto de partida uma informação conhecida e dada, lançando foco sobre ela; ao mesmo tempo, realiza a desfocagem do agente *quem comeu*. Se fosse empregada a paráfrase ativo-transitiva no lugar da CPC, o tema não coincidiria com uma informação dada, e o foco recairia sobre o agente e sobre a sua ação de *comer* (e não sobre *o prato* e sobre sua *aprovação*). Desse modo, a CPC foi utilizada para evidenciar a parte que o chefe queria salientar em sua fala, favorecendo o entendimento do ouvinte de que sua criação havia sido apreciada.

Vejamos outro dado:

(05) Vale ressaltar que, atualmente, o valor do abono do PIS/Pasep é de até R\$ 998 (dependendo do número de meses trabalhados no ano-base de referência para o pagamento) e não de R\$ 1. 023. Este ano, o saque está sendo feito somente por [quem trabalhou com carteira assinada em 2017 por, pelo menos, 30 dias], tendo recebido até dois salários mínimos. Portanto, não é para quem trabalhou de 1995 a 2018.⁵

O dado (05), extraído de uma reportagem, visa a esclarecer quais pessoas têm direito ao saque PIS/Pasep, após ter sido propagada uma falsa mensagem. Observamos que há a nominalização de *saque* mediante a colocação do verbo suporte *fazer*. Desse modo, a ação de *sacar* se atenua, e *saque* é tematizado como o paciente da ação verbal. Com essa tematização, há o desenvolvimento do assunto iniciado no período anterior e a manutenção de uma sequência de ideias que culmina em quem pode sacar o dinheiro: *quem trabalhou com carteira assinada em 2017, por, pelo menos, 30 dias*. A estratégia de emprego da CPC tanto favorece a continuidade do assunto abordado quanto destaca elementos que precisam ser evidenciados ao identificar o paciente da ação e o agente que pode realizá-la. Ao posicionar o agente oracional ao final do período, o locutor liga as informações ao período seguinte, facilitando o desenvolvimento do texto.

⁵ <https://www.mixvale.com.br/2019/06/28/confira-os-cuidados-que-os-beneficiarios-dever-tomar-para-nao-cair-em-golpe-do-pis-pasep-do-inss/>. Acesso em: maio 2022.

Embora seja um uso diferente do encontrado no dado (04) e embora funcione orientado para outro propósito, a tematização do paciente em ambos os dados ocasiona uma verificável continuidade discursiva. Analisamos abaixo, com mais cuidado, as consequências da tematização do paciente e da locução verbal de participípio:

(06) - " Essa mão de obra tem apresentado aumento contínuo nos últimos anos. Ou seja, mesmo em crise, houve aumento da mão mais qualificada. Assim, podemos concluir que a crise no mercado de trabalho é mais sentida por [quem não tem nível superior completo] ", ressaltou.⁶

No dado (06), examinamos duas importantes questões: (i) as relações entre agente e paciente na CPC; e (ii) as nuances do processo verbal provocadas pela locução verbal de participípio. Podemos averiguar que, nesse dado (06), diferentemente do dado (04), há maior destaque para o agente oracional, de modo que, se ele fosse retirado, haveria um truncamento sintático, também em decorrência do intensificador *mais* na matriz. Assim, seria falso afirmar que o agente poderia ser omitido nesse contexto. Muito embora o paciente *a crise* seja o elemento tematizado, o foco recai mais sobre o agente do que sobre o paciente topicalizado. O que motiva o uso da CPC, nesse caso, é a proeminência que a locução verbal de participípio juntamente com o intensificador *mais* lança sobre o complemento agentivo.

Na paráfrase para a voz ativo-transitiva, pelo valor aspectual na oração, o núcleo *sente mais* se distingue da opção passiva *é mais sentida*. A locução de participípio, no contexto, produz um aspecto mais durativo que, portanto, causa maior impacto no interlocutor. Ainda que a OSFAP seja uma opção de desfocagem agentiva, ela pode se apresentar, como no dado (06), também como uma estratégia argumentativa. Nesse sentido, podemos ponderar que nem sempre a função agentiva se torna tão enfraquecida quanto supõem alguns estudiosos. Esse seria um caso em que dificilmente haveria a defesa da oração em foco

⁶ <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/26/em-meio-a-crise-mercado-de-educacao-e-o-que-mais-cresce-em-numero-de-empresas-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: maio 2022.

como adverbial, afinal, *por quem não tem nível superior completo* não veicula uma informação tão acessória quanto a que se verifica normalmente nas adverbiais. Esse dado também serve para ilustrar a fluidez intracategorial das agentivas da passiva, visto que algumas, sem dúvida, são mais integradas que outras.

Há outro tipo de CPC que chama nossa atenção. Por mais que sejam dados raros, há casos em que há especificação do agente oracional na construção. Vejamos:

(07) Na semana passada, na inauguração da obra da terceira pista da Via Expressa, na Grande Florianópolis, o clima era de festa. Surgiu político de tudo quanto é lado para aparecer na foto. Mas o resultado do prolongamento não foi o esperado. Na reunião desta quinta-feira feita para buscar uma solução ao problema criado, a maioria dos presentes era formada por **[quem realmente poderá resolver o impasse: os servidores técnicos.]**

No dado (07), a ocorrência de CPC favorece o desenvolvimento narrativo até o clímax: *os servidores técnicos*. A OSFAP, contendo a informação de quem poderia resolver o impasse, foi indicada ao final do período. Esse tipo de construção propiciou uma espécie de ápice narrativo. Nesse contexto, o pronome indefinido *quem* estabelece uma espécie de catáfora com a informação subsequente, de natureza apositiva. Como sabemos, normalmente o pronome *quem* indefine, escamoteia a real identidade do agente da passiva oracional. Contudo, nesse caso, discursivamente, esse agente é revelado de maneira clara: *os servidores técnicos*. Essa é mais uma prova de como a língua molda suas construções com o propósito de atingir propósitos comunicativos específicos.

Dados de objeto individuado, como o apresentado em (07), são mais escassos, sendo mais comuns as ocorrências com o pronome indefinido *quem* com traços [+HUMANO] e [+GENERALIZANTE], como já observado em dados anteriores. Esse caráter mais generalizante é aferido por meio da ausência de desinências de gênero e de número, uma vez que *quem* é invariável. Esse traço morfossintático

⁷ <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/anderson-silva/dnit-reage-a-critica-sobre-falta-de-planejamento-na-obra-da-via-expressa>. Acesso em: maio 2022

colabora com uma das principais características da CPC, qual seja, a de desfocar o ator da ação.

Exibimos, a seguir, um dado mais raro, em que a OSFAP é introduzida pelo pronome *quantos*:

(o8) Pois posso devolver, e publicamente, a revelação: isso que você me contou, Urbano, pode mudar inteiramente o que daqui pra frente vou dizer. Saber que as palavras voam, a gente sabe. O que não se sabe é onde elas vão pousar. Isso não pode jamais ser esquecido por [quantos têm o ofício " de viver em voz alta.] "

Observa-se que, diferentemente dos dados com pronome *quem*, empregado tanto para se referir ao singular quanto ao plural, o pronome indefinido *quantos* tem seu uso restrito ao número plural. Em um universo de 300 dados, Cruz (2022) encontrou apenas duas ocorrências de OSFAP introduzida por *quantos* e não notou diferenças significativas entre o uso de um ou outro pronome, com exceção desse traço de pluralidade. Acrescentamos que o uso de *quantas* naturalmente também indicaria o gênero feminino.

A tendência de uso da CPC, em textos do domínio jornalístico, também pode ser explicada com o auxílio do conceito de face, conforme explicitado por Brown e Levinson (1987) e Goffman (1967). Esse conceito diz respeito a uma ideia de autoimagem pública que o indivíduo alega sobre si. Ela se desdobra em face negativa e face positiva. Na primeira acepção, é destacada a questão da territorialidade do indivíduo e da preservação dos seus direitos pessoais. Já a face positiva tem a ver com o desejo que o indivíduo tem de ser apreciado e aprovado por aqueles com quem interage.

Soma-se ao conceito de face negativa o de polidez negativa. No contexto da interação, as estratégias de polidez negativa são empregadas para garantir que o locutor respeita o interlocutor e que, portanto, não irá interferir na sua liberdade de ação. De acordo com os autores, essas táticas são reforçadas linguisticamente, por exemplo, por pedidos de desculpas e por distanciamentos linguísticos, como é justamente o caso da voz passiva.

Posto que um dos compromissos do domínio jornalístico é a busca pelo distanciamento pessoal, a CPC pode funcionar, por fim, como um

desses mecanismos para a construção e preservação da face. Vejamos um dado para elucidar como esses conceitos se aplicam às CPC:

(09) O presidente de a Venezuela, Nicolás Maduro, disse nesta quarta-feira, 1^o, que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, foi enganado por [quem disse] que ele fugiria para Cuba após o levante promovido ontem pelo líder de a oposição, Juan Guaidó.⁸

No dado (09), retirado de uma reportagem, é possível observar como a CPC contribui para o afastamento do locutor em um assunto político. Em vez de citar um dos inimigos políticos de Nicolás Maduro, que teria ligação com Donald Trump, o locutor opta por usar uma forma generalizante, como OSFAP - *quem disse* -, eximindo-se de tecer mais comentários, buscando especificar os indivíduos que teriam dado essa informação ao então presidente dos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a sua não prototipicidade, as orações agentivas da passiva estão ausentes de boa parte das gramáticas normativas do português. Quando abordadas em algumas obras, recebem tratamento bastante heterogêneo, sendo associadas ora às substantivas, ora às adjetivas, ora às adverbiais. Esse tratamento dado ao tema pode ser explicado em função de sua fluidez categorial, como foi comprovado neste capítulo. De fato, a OSFAP é uma construção marginal no âmbito da subordinação.

Reconhecemos que essa estrutura reúne traços de orações adjetivas e adverbiais, mas optamos por filia-las à subordinação substantiva, uma vez que o agente da passiva exibe mais traços de complemento verbal. A essa característica, assomam-se a frequente desfocalização do sujeito, expresso no papel semântico de paciente; a típica redução de valência verbal (cf. HILPERT, 2014); o caráter [+verbal] do particípio que a integra; e o caráter conector dos pronomes indefinidos que a instanciam.

⁸ <https://veja.abril.com.br/mundo/maduro-diz-que-trump-foi-enganado-por-quem-disse-que-ele-fugiria-para-cuba/>. Acesso em: maio 2022.

Além desses traços, a OSFAP, por sua natureza sintático-semântica, liga-se muito intimamente à OM precedente. Esse é um dos motivos principais para considerarmos ambas as partes nas análises realizadas, no que denominamos CPC (construção passiva complexa). Assim, a CPC amalgama OSFAP com a OM, o que revela um caráter singular, à luz das análises empíricas da língua.

Certamente ainda há muitos aspectos a serem considerados nessa grande seara do estudo das construções passivas complexas. Contudo, compreendemos que este capítulo cumpre o importante papel de chamar a atenção para a existência dessa construção na língua, considerada em suas especificidades, ao contrário do que propõe uma visão normativista que insiste em analisar a voz passiva como simples contraparte da mais canônica voz ativa.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. Coordenação e subordinação – uma proposta de descrição gramatical. *Alfa*, v. 41, p. 13-37, 1997.

ACOSTA, Jovana Mauricio de Oliveira. *Análise pancrônica das construções correlatas disjuntivas*. 2021. 190f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2021.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Houaiss/Publifolha, 2008.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba; ILARI, Rodolfo; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão; KLEPPA, Lou Ann ; BASSO, R. M. A Preposição. In: ILARI, Rodolfo. (Org.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil - Palavras de Classe Fechada*. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015, v. 1, p. 163-310.

CRUZ, Maria Luiza Guimarães da Costa. *Construções passivas complexas: um estudo funcional centrado no uso*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). UFF: Niterói (RJ), 2022.

DIESSSEL, Holger. Bybee: Language, usage and cognition. Review Article. *Language Journal of the Linguistic Society of America*, v.87, n.4 janeiro, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EdUFF, 2017, Págs. 17-46.

GOFFMAN, E. On Face-Work. In: ____ (Ed), *Interaction Ritual*, Pantheon, New York, 1967, p. 5-45

HALLIDAY, Michael A. K. & Christian MATHIESSEN. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4^a ed. Londres e Nova York: Routledge, 2014.

HAWAD, Helena Feres. A voz verbal e o fluxo informacional do texto. São Paulo, *Delta*, v. 20, n. 1, p. 97 - 121, 2004

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to english*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul. & THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56 (2): 251-299,1980.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 7^a ed. Porto Alegre: Globo, 1986.

MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

PINHEIRO, Diogo; FERRARI, Lilian. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. In: *Revista Linguística*, v. 16, p. 525 – 621, 2020. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/21492>

RAPOSO, E. P. et al. *Gramática do Português – Volume I, II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

ROSÁRIO, Ivo Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

THOMPSON, Geoff. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 1996.

VIVAS, Vítor de Moura. *Abordagem de padrões derivacionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa: por uma visão gradiente da morfologia do português*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2015.

Construções com *dar* + *x-ada* e *dar* + *x-inha* na fala goiana

Déborah Magalhães de Barros
Rosania Gomes da Silva Domingues
Cleiton Ribeiro e Oliveira

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende verificar, em que medida, os fatores cognitivos e funcionais impulsionam a variação das construções-suporte com o verbo *dar* e os sintagmas nominais formados por *x-ada* e *x-inha*, tais como: *dar uma olhada*, *dar uma cassetada*, *dar uma riscadinha*, *dar uma castigadinha*, *dar uma paradinha*, *dar uma tremidinha* entre outros. Todos esses usos, levando em conta o grau semântico constituído pelos sufixos em diferentes níveis de abstração pelos falantes.

A Gramática de Construções foi utilizada para o embasamento teórico, pois ela tem a perspectiva de que a mente é holística e dessa forma os processos cognitivos e linguísticos estão imbricados em uma rede mental, o que justifica que um mesmo esquema seja acionado e consiga descrever eventos de mundo distintos. A questão central implica, por sua vez, questões ligadas aos fenômenos de variação e mudança linguística.

Dessa forma, respaldados pelos estudos de Bybee (2016) e Neves (2018) sobre a Linguística Centrada no Uso, de Goldberg (2006) sobre Gramática de Construções, Traugott e Trousdale (2013) sobre variação e mudança linguística, buscou-se confirmação para a hipótese de que se as duas construções, por mais que se aproximem semanticamente e envolvam o mesmo esquema (*dar* + [det.] + SN), produzem efeitos de sentido diferentes.

Para essa investigação, recorreu-se ao *corpus* do Fala Goiana, projeto da Universidade Federal de Goiás, que por um viés funcionalista, tem por objetivo investigar fenômenos de constituição do Português Brasileiro (PB) a partir de variedades linguísticas visíveis na fala goiana.

De posse dos dados pesquisados, corroborados pelo referencial teórico citado, verificou-se que as construções-suporte com o verbo *dar*, as quais operam como verbalizadores sobre formas não verbais do tipo *x-ada* e *x-inha* fornecem pistas de como os processos cognitivos e funcionais estimulam o dinamismo da língua que, mesmo a partir de um mesmo esquema, gera usos diferentes. Esses usos produzem diferentes efeitos de sentido e podem ser percebidos no nível pragmático a partir da análise do grau estabelecido pelas terminações sufixais *ada* (aumentativo) e *inha* (diminutivo).

Para tanto, inicialmente, descrevemos, brevemente, as vertentes da LCU, assim como as características dos domínios acionados pelo uso, e os postulados da Gramática de Construções e das construções-suporte com o verbo *dar*. Após isso, apresentamos a metodologia de análise aplicada, explicitando o porquê do *corpus* apresentado. Finalizamos com a exposição de pesquisas que aplicam o aparato teórico da GC a fenômenos presentes na fala goiana, que comprovam a variação semântica dos usos com construções-suporte com verbo *dar* e sintagmas nominais de verbos (*x-ada* e *x-inha*), como resultante das forças de natureza cognitiva e comunicativa oriundas no uso iterativo da língua.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta considerações sobre teorias linguísticas centradas no uso. Para isso, dividimos essa seção em três subseções.

Na primeira subseção, falamos sobre os fundamentos teóricos que embasaram essa pesquisa: a LCU, por ela se dedicar ao estudo da língua em uso, levando consideração aspectos da Linguística Cognitiva. Na segunda subseção, enfocamos a Gramática de Construções por tratar as construções provenientes do uso, como um resultado do pareamento entre a forma e função, assim como, suas variações e mudanças.

E, por fim, na terceira subseção, tratamos do verbo *dar* em perspectiva construcional.

BASE COGNITIVA-FUNCIONAL

A base teórica para o desenvolvimento desta pesquisa é pautada na Linguística Centrada no Uso, termo esse empregado por Martelotta (2011) para descrever a junção dos pressupostos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva. A Linguística Centrada no Uso (LCU) defende a ideia de que a sintaxe da língua não é autônoma, ela é influenciada por fatores externos a língua em um sistema de retroalimentação, sendo que ao mesmo tempo é a base sintática que sustenta o uso, e que o uso modifica a sintaxe.

Dentre os fatores externos, há de se considerar alguns aspectos cognitivos determinantes do uso, tais como a **informatividade**, a **perspectivação**, a **iconicidade**, a **categorização**, a **analogia** e a **memória rica**.

Para Cezário e Cunha (2013, p. 26, grifo nosso) “a **informatividade** refere-se ao conteúdo informacional que os interlocutores compartilham, ou supõem compartilhar, no momento da interação.” É a partir desse processo que o locutor seleciona estruturas a fim informar o seu ponto de vista. Essas questões estão além da forma do enunciado e acontecem, em alguma maneira, um tanto intuitivamente.

Com base em Silva (2014, 24), no que se refere ao grau (aumentativo e diminutivo):

a informatividade se revela no fato de que, ao apresentar um dado conteúdo – referência, eventual, qualitativo ou circunstancial –, se o falante/escrevente atribui-lhe alguma propriedade gradual, está com isso agregando um traço conceitual e assim fornecendo um detalhe (ou informação) a mais acerca desse conteúdo.

Vinculada à informatividade, a **perspectivização** está relacionada as diferentes formas de perceptualização e conceptualização dos eventos de mundo, bem como, a evidência dada aos aspectos característicos desses eventos. Nesse sentido, a **perspectivização** tem a ver com o enfoque dado a informação, se de maneira mais direta ou indi-

reta. Sobre isso, Langacker (2006 *apud* SILVA, 2014, p. 25), “argumenta que a perspectivização é inseparável da conceptualização e que, nesse contexto, objetivamente ou (inter) subjetivamente é uma questão de grau.”

Outro aspecto cognitivo que também está associado à maneira como o falante constrói significados a partir de suas experiências no mundo, cria sua perspectiva sobre o mundo e interage nele por meio de estruturas linguísticas é a **iconicidade**. Em defesa da iconicidade na língua, Neves (2018) salienta que as estruturas podem ser, dessa forma, motivadas. Por esse viés, podemos considerar a iconicidade como um “princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária, entre forma e função/[significado], [...] na linguagem humana” (NEVES, 2018, p. 152).

Givón (1984) indica três subprincípios básicos da iconicidade: quantidade, proximidade e ordenação linear. O subprincípio da **quantidade** se relaciona a quantidade de informação contida em uma estrutura, assim, quanto mais corpo linguístico há em uma expressão, maior sua carga de significado; o subprincípio da **proximidade** está relacionado ao nível de integração cognitiva do conceito, quanto mais forem os conceitos integrados cognitivamente, maior é o grau de aderência morfossintática; o subprincípio da **ordenação linear** se relaciona com a maneira como o falante estabelece a ordem dos eventos, estrutura-se linguisticamente os eventos no mundo na maneira como eles acontecem. Nesta análise serão destacados os subprincípios da quantidade e da proximidade.

Sobre **categorização**, Cuenca e Hilfert (1999), Givón (1984) e Lakoff (1987) afirmam ser o processo pelo qual o falante, ao reconhecer as semelhanças entre os itens que perceptualiza no mundo, os conceptualiza e agrupa-os em conjuntos distintos. Segundo Silva (2014, p. 27), esse agrupamento se dá também no domínio linguístico, do mesmo modo que categorizamos o universo biofísico e sociocultural, categorizamos, enfim, a língua. Sem esse processo não conseguiríamos armazenar tudo o que conceptualizamos no mundo.

Em sua maioria, os processos cognitivos que dão origem a novas construções passam por processos cognitivos de domínio geral, dentre

eles, a **analogia**. Conforme Bybee (2016), a **analogia** trata-se do processo pelo qual enunciações novas são criadas com base em outros enunciados já produzidos em experiências discursivas anteriores e requer categorização, pois dados novos podem ser analisados com base em dados já experienciados. Todas essas informações, sendo novas ou não, são categorizadas e só é possível acessá-las graças a memória enriquecida ou memória rica.

A **memória rica**, também defendida por Bybee (2016), refere-se a capacidade de o ser humano armazenar grandes quantidades de informação por meio de abstrações, e é por essa habilidade cognitiva que o indivíduo consegue realizar outros processos cognitivos de domínio geral como a categorização, a analogia e todos os outros processos supracitados.

Além disso, pela formação de redes esquemáticas que são armazenadas na memória, ao acionar um item, toda sua rede é inteiramente acionada e diferentes processos cognitivos podem ser ativados. Esse princípio de estruturação da língua por meio de redes esquemáticas é o pivô da Gramática de Construções defendida por Traugott e Trousdale (2013), um dos modelos de Gramática baseado nos pressupostos da LCU.

Seguem abaixo algumas considerações sobre a Gramática de Construções.

A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

A Gramática de Construções, como estabelece Goldberg (2006), conceitua a língua como sendo uma estrutura proveniente dos vários usos dos falantes. Desses usos resultam construções formadas pelo pareamento entre a forma e a função, ou melhor, entre o polo da fonologia, morfologia e sintaxe e o polo da semântica, pragmática e discurso, ligados por um elo simbólico entre os falantes de uma comunidade.

O estudo das construções torna-se importante para a compreensão da língua, pois, como defendem Traugott e Trousdale (2013), elas acionam significados independentes dos itens que as compõem. Nessa condição, compreendemos que a semântica de uma construção seja

sustentada pela semântica das partes ou por outros significados construcionais configurados pela pragmática com antecedência. Por esse viés, é possível compreender as construções com o verbo *dar* na categoria suporte, formadas pelas microconstruções *x+ada* e *x+inha*, como sendo construções altamente abstratas e esquemáticas.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções se associam em suas categorias por meio de elos de ligação em um sistema de pirâmide e quanto mais baixo na rede formada, mais específica uma construção é, em contrapartida, quanto mais alta na rede, mais abstrata/esquemática. As categorias formadas em uma rede construcional são formadas por nós e, na mesma perspectiva do grau de prototípia e da decategorização, é possível que um item passe a integrar um novo nó dentro da rede construcional, da mesma forma que um item pode motivar a formação de um nó ainda não existente. Em relação as construções-suporte com verbo *dar* e sintagmas nominais do verbo formados por sufixos indicadores de grau, é possível reconhecer o nível de abstração e esquematicidade, considerando a hipótese de que por mais que as construções em análise apresentem uma similaridade em relação ao aspecto semântico e o mesmo esquema (*dar* + [det.] + SN), representam construções diferentes, com sentidos diferentes, ou seja, cada uma das categorias dos verbos representam um nó diferente na rede.

Ao tratar das diferentes categorias como nós numa rede cognitiva, Traugott e Trousdale (2013) chamam a atenção para a diferenciação entre cada uma das movimentações desses nós, assim como, para o surgimento de um novo nó. Essas movimentações são compreendidas aqui como sendo mudanças na língua. Para as autoras, quando a mudança ocorre em apenas um dos subcomponentes da construção, ou seja, apenas na forma, ou apenas no significado, temos uma mudança construcional. Entretanto, quanto a mudança ocorre tanto na forma quanto no conteúdo, temos uma construcionalização, que representa um novo nó formado a partir do pareamento entre a forma e a função.

No que se refere ao uso com as construções-suporte e análise, alguns constructos revelam indícios de mudança construcional ou de construcionalização. Além disso, trabalhamos também com a hipótese de que o lugar da variação construcional não é apenas no construto,

mas é também o nível abstrato das microconstruções, que é influenciada pelo contexto semântico, discursivo, pragmático, social e/ou cognitivo, quanto pelo cotexto (ambiente estritamente linguístico), podendo aludir diferentes possibilidades de sentido às construções com verbo-suporte *dar*. Adiante, focalizaremos o estudo do verbo pelo viés da Gramática de Construções.

O VERBO EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

De acordo com os pressupostos de Ilari e Basso (2014), o verbo pertence a uma categoria de palavras que podem passar a existir na língua considerando a maneira como o ser humano conceptualiza e verbaliza suas experiências no mundo. Nesse sentido, Goldberg (1995) defende que um mesmo verbo assume diferentes significados sendo usado em construções diferentes. Nessa condição, o significado está mais relacionado ao conjunto formado pelo verbo do que ao verbo em si. Por esse viés, implica analisar tanto a estrutura semântica quanto a estrutura sintática dos componentes selecionados pelo verbo para descrever um evento de mundo, sendo a relação sintática e semântica dependente do verbo.

Em se tratando de uma construção com o verbo como *dar*, que possui diferentes protótipos de construção, tanto em suas relações gramaticais/sintáticas quanto lexicais/semânticas, vale adotar a perspectiva de Goldberg (1995, 2006) para analisar a forma de superfície e o perfilamento dos papéis semânticos que possibilitam o enquadramento do verbo estudado na categoria verbo suporte.

Neves (2018) diz que os verbos suportes são aqueles cuja própria significação é esvaziada e, juntamente com seu complemento, passa a formar um bloco significativo que, normalmente, pode ser substituído por um outro verbo que denote o mesmo sentido da perífrase verbal. Levando em conta as múltiplas funções do verbo *dar* e os significados que oriundos desses uso, o enfoque de nossa análise será investigar as construções formadas com o verbo *dar* e os sintagmas nominais de verbos formados por x-ada e x-inha, a fim de identificar casos de variação semântica, explicar seu funcionamento e existência, além de verificar se estas construções são intercambiáveis.

A motivação para esta investigação foi a hipótese de que se as duas construções, por mais que se aproximem semanticamente e envolvam o mesmo esquema (dar + [det.] + SN), produzem efeitos de sentido diferentes. Esses efeitos de sentido podem ser percebidos no nível pragmático a partir da análise do grau estabelecido pelas terminações sufixais -ada (aumentativo) -inha (diminutivo).

Travassos (2019, p. 54) afirma que “através do processo de sufixação, criamos novas palavras na língua a partir de palavras já existentes, por meio do acréscimo de um sufixo a uma base. Trata-se de um processo produtivo na língua.”. Desse modo, a partir de uma construção já existente na língua, é possível constatar que, considerando aspectos cognitivos como analogia e tantos outros que motivam a língua, o falante é capaz de criar expressões novas por meio de mecanismos de criação inerentes ao ser humano.

O tratamento do grau nas gramáticas de base essencialmente formalista, é dado por meio da divisão do tema nas seguintes categorias semânticas: grau do substantivo, grau do adjetivo e grau do advérbio e normalmente vinculado a categorias lexicais. No entanto, tais direcionamentos não têm dado conta de explicar de maneira produtiva a funcionalidade do grau nas mais diversas situações de uso construção-suporte com o verbo *dar*, considerando aspectos semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, por isso, o enfoque desta pesquisa é no grau em perspectiva.

Na próxima seção será abordada a metodologia do desenvolvimento dessa pesquisa.

METODOLOGIA

Este trabalho tem como principal perspectiva teórica o Funcionalismo Centrado no Uso, o qual se alinha com a Linguística Cognitiva, bem como seu modelo de gramática – Gramática de Construções. Tais pressupostos articulados metodologicamente de maneira conjunta têm sido reconhecidos como Linguística Centrada no Uso ou também Modelos Baseados no Uso.

No que diz respeito à metodologia, para realizar esta pesquisa, foi adotado o *corpus* Fala Goiana, projeto da Universidade Federal de

Goiás que tem o intuito de investigar o falar goiano com enfoque na cidade de Goiás e em suas proximidades. O rigor da coleta e seleção de dados do Fala Goiana segue os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV 1972; 1994). Esse rigor é utilizado na constituição do *corpus* Fala Goiana e foram analisados qualitativamente. Optamos por utilizar o Fala Goiana por ele ser um *corpus* local que valoriza a cultura e a fala da goiana, especialmente da Cidade de Goiás e, dessa forma, por meio da língua colaboramos para uma política de promoção social dessa variedade representante do PB.

No que se refere aos aspectos teóricos, contamos com orientações e conceituações de Bybee (2016), Givón (1984) e Neves (2018) que nos possibilitou analisar os aspectos cognitivos que norteiam os diferentes usos do verbo em estudo; a Gramática de Construções, de Goldberg (2006), a variação e a mudança, de Traugott e Trousdale (2013). Para analisar o grau semântico estabelecido pelos sufixos das formas verbais nominais, foi utilizado Silva (2014), e foram considerados alguns trabalhos já realizados em ótica similar, Oliveira (2018) e Travassos (2019).

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

As teorias que embasam esta pesquisa defendem que a língua é utilizada por seus falantes para fins interacionais e esse processo comunicativo motiva a criatividade linguística para escrever os eventos de mundo nos quais os usuários da língua estão inseridos, é a partir da habilidade cognitiva em lidar com a língua que surgem variações linguísticas e que revelam a estrutura emergente. Nesse viés, Bybee (2016, p. 17) afirma que “se quisermos entender fenômenos que são tanto estruturados quanto variáveis, é necessário olharmos para além das formas superficiais mutáveis e considerarmos as forças que produzem padrões observáveis”. Seguindo essa orientação é que foram realizadas as análises sobre a construção *dar* + x-ada e x-inha, a partir do *corpus* do Fala Goiana.

O esquema elaborado para as construções com o verbo *dar* em função de verbo suporte e um verbo em forma nominal acrescido dos sufixos -ada e -inha e resultam em ocorrências como em (01) e (02):

1) ia só oiano pra trais ora que chega em casa tamém entreguei o dinheiro pra minha mãe fiquei quietim dento de casa tamém... aí depois disso eu vi ele uma veis ele **só deu umas oiada** pra mim eu falei esse caboco vai mim pegá mais graças a Deus ele num mexeu comigo não mai qu/eu já ralei na minha vida tamém já ralei... (FG, grifo nosso)

2) no chão i foi hora que bateu bem em cima assim aí eu levantei assim mei... disacordado num senti dor nenhuma... aí hora qu/eu levantei num senti esse braço num senti essa mão... hora qu/eu **dei uma olhada** assim pra minha mão... tava lá só os osso estufado i só aqui na ponta do côro aqui ó... aí foi hora qu/eu comecei a gritá... aí eu segurei minha mão assim e lá na porta di casa... (FG, grifo nosso)

Em ambas as ocorrências, há duas instâncias de uso (constructos) formados a partir do esquema – dar + [det.] + SN – “deu umas oiada” e “dei uma olhada”. Considerando o aspecto pragmático, em (01) o evento de mundo descrito refere-se a uma desconfiança, e o determinante no plural *umas* reforça a ideia de quantidade e remete à intensidade, pois foi mais de uma olhada. Essa intensidade é reforçada pelo uso da partícula *só* no contexto (em torno da construção). A ideia é que não era necessária nenhuma outra ação para despertar desconfiança, somente a repetição do ato de olhar satisfazia o ato comunicativo: “**só** dar umas oiada”. Em (02), por tratar-se de um ferimento grave, o falante não consegue parar de olhar, a olhada se prolonga, isso também justifica o uso de um sufixo que motive o grau de intensidade.

Em um teste de substituição, percebe-se que ao substituir o sufixo -ada pelo sufixo -inha, “deu umas oiadinha” e “dei uma olhadinha”, o grau de intensidade é perdido, uma vez que o sufixo no diminutivo motiva os sentidos de – afetividade, brevidade da ação. Dessa forma, o uso de -inha em (1) representa o “desejo de olhar”, quando o desejo real era não ser olhado. A ação de olhar, nesse contexto, representa perigo. Em (02), o uso de -inha passa a representar o ato de olhar rapidamente. Considerando que se refere a um ferimento, o mais coerente seria olhar longamente.

Silva (2014) ao postular sobre a metáfora de quantidade como recurso graduador, apresenta o sufixo -ada como sendo também manifestante da ideia de quantidade excessiva/acúmulo, cujos conceitos são construídos a partir do que é quantitativamente perceptível. Os

elementos que exibem concretude por meio da observação físico-perceptível. Essa noção de concretude é transferida para significar aquilo que nos parece além do seu estado entendido como normal. Essa ideia é exemplificada na ocorrência (03):

(03) Uai uma veis nós foi jogá numa tal de grama ainda era muié do Idelmá... inté o Idelmá tava jogano bola junto com nós aí nós ía disputá a bola... caboco foi mim **deu uma cassetada** na minha perna jogô eu no chão eu fiis aquele escândalo pra expursá o otro né? aí rolava pra lá rolava pra cá aí a muié comecô a xingá o juiz e foi expursô o caboco aí eu levantei rino o caboco expursô eu tamém. (FG, grifo nosso)

Na construção “deu uma cassetada”, o sufixo *ada* presta-se a significação de ação enérgica/intensa, em termos abstratos, designa-se como um intensificador. Não foi dado um cassete, mas uma *cassetada* que de tão forte jogou o falante no chão.

Nessa ocorrência, também ao substituir o sufixo *-ada* pelo sufixo *-inha*: “deu uma cassetadinha”, observa-se, mais uma vez, que o grau de intensidade é esvaziado e não contribui para a manutenção da semântica da construção com *-ada*. No contexto apresentado, caso fosse uma “cassetadinha”, não derrubaria o falante no chão.

Na ocorrência (04), verifica-se uma construção com o verbo suporte *dar* com um sintagma nominal formado por derivação regressiva: verbo chutar por regressão dá origem a chute.

(04) Inf. **Deu um chute** nele... tava vino da rua... já era um... já era tarde assim da noite sabe? pegô o dinheiro dele... esses tempo pra traís pegô meu tii... bateu no meu tii... quase matô meu tii
Doc. Credo... uai? (FG, grifo nosso)

Caso o léxico *chute* recebesse o sufixo *-ada*: “Deu uma chutada”, a construção teria um novo sentido, representando uma ação brusca, além do normal, comprometendo então a proposta semântica da ocorrência. Em (04), a ideia é de abordar uma pessoa a fim de que ela entregue o dinheiro, mas percebe-se que a intensão não é machucar. Da mesma maneira, se a construção recebesse o sufixo *-inha*. Certamente, “uma chutadinha” não levaria a pessoa a entregar o dinheiro. A ação seria inútil.

Em (05) e (06), pode-se observar duas ocorrências: “dava um castiguim” e “dava castigo”. Em ambas, como já foi tido, o sufixo –inha, por seu valor designativo de pequenez, aparece mais associado a palavras cuja noção indica direção para menos, reforçando-lhe a ideia diminutiva, como aparece em (05)

(05) Deus castiga de veis em quando a acho que/le **dava um castiguim** acho que Deus agora hoje que a gente entende mais de religião vê que Deus num dá castigo Deus dá demonstração né?

(06) emostra pro/cê que num pode fazê aquilo aí ele demonstra pr/ocê i::: mais na/quela época era castigo na época naqueles tempos os pais falavam era castigo... cê machucava () o dedo **dava castigo** que minha mãe... minha mãe quan... minha mãe agora hoje ela é evangélica era passô... ela era muito católica i nós... tinha de sexta feira da paixão nós minha mãe ti... (FG, grifo nosso)

Na ocorrência (05), a construção “castiguim” é formada a partir do sufixo “im (inho)”, como elemento intensificador, para indicar que o castigo dado por Deus é mais brando. A forma coloquial e a informação de que “Deus castiga **de veis em quando**”, reflete a ideia de quantidade que reforça a intensidade para menos.

Já na ocorrência (06), “dava castigo”, a ação de castigar está no grau normal. Mas, pensando numa relação de poder, a figura dos Pais tem mais poder que a figura de Deus. Mesmo as duas formas apresentando o mesmo esquema, não é possível estabelecer uma relação de intercambialidade, pois as duas construções assumem sentidos diferentes no contexto apresentado.

Caso em “dava castiguim” o sufixo “im” fosse substituído pelo sufixo –ada; “dar uma castigada”, a ideia é de que o castigo dado por Deus seria maior, indicando conseqüentemente que ele é uma figura mais temida. Em (06), fazendo o acréscimo de ada: “Os pais [...] davam uma castigada”, apenas intensificaria a ação dos Pais. Caso fosse acrescido o sufixo “-inha”, a construção não daria conta de manter a proposta semântica indicada no texto, analisando-o de maneira global.

Na ocorrência (07), “dá uma riscadinha”, o sufixo “-inha”, mais uma vez, foi usado para indicar uma intensidade para menor. O risco dado pelo professor pode ser analisado, considerando o tamanho, ou

a inexpressividade do ato de riscar. O falante entende que é somente para alertar, para indicar que algo precisa ser revisado. Caso o sufixo -inho em “riscadinha” fosse substituído por -ada, a intenção do professor seria apresentada como uma intervenção realmente a fim de indicar um erro.

(07) Aqui... alá aquelas fita lá é assim... que... que o professor **dá uma riscadinha** diferente qu/ele vê que num tá certo... ele co::rre lá no telefone e liga **até** pra São Paulo... (FG, grifo nosso)

Quando o falante interage, aciona redes já existentes na memória rica e a reconstrói, ora usando o mesmo esquema, criando assim, novos significados por meio da metaforização e analogia. O mapeamento linguístico, a seleção e a organização dos componentes da língua são realizadas considerando o objetivo do falante em provocar uma mudança no interlocutor (informatização), e nesse momento, toda a combinação de constructos da língua é realizada a partir da perspectivação do locutor. Dessa maneira, justifica-se, então, o fato desta análise basear-se em concepções teóricas que tratam a língua no momento da interação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese inicial deste trabalho era de que é possível que um mesmo esquema de uma construção pudesse proporcionar usos distintos, o mesmo já havia sido atestado por Bybee (2016). No entanto, um esquema formado pelo verbo *dar* em função de verbo suporte associado a sintagmas nominais formados por -ada e -inha, ainda não havia sido explorado na Fala Goiana, nos moldes de orientações teóricas da Linguística Funcional, articulada à Linguística Cognitiva e à abordagem da Gramática de Construções.

A partir das análises realizadas, foi possível confirmar a hipótese inicial, de fato, o esquema (dar + [det.] + SN) foi utilizado pelos falantes goianos em diversas situações de uso. Além disso, cada uma das ocorrências forneceu dados para comprovar a importância de uma análise pragmática para entender o sentido acionado, comprovando a

ideia de que para entender os usos linguísticos é necessário ir para além da forma.

O trabalho também objetivou investigar se as formas *x-ada* e *-x-inha* seriam intercambiáveis nas ocorrências analisadas, percebeu-se que a resposta para essa indagação é negativa, por motivarem diferentes significados relacionados a gradação das ações, pragmaticamente os significados acionados se diferem.

No entanto, como o esquema acionado é o mesmo, todos esses usos se organizam em uma rede constitucional na mente do falante que é armazenada e pode ser acionada a cada nova instância de uso, sendo esse o princípio da memória rica. Com o esquema já formado, pelo princípio da analogia, novas formas surgem a partir de formas já existentes, e, assim, pelo princípio da criatividade linguística que é inerente ao ser humano, é possível que outras formas com *x-ada* e *x-inha* surjam, como também novas construções que sigam essa mesma perspectiva para outras construções-suporte que não o verbo *dar*. Em futuros trabalhos, com corpora mais robustos, pode ser que seja já seja possível encontrar esses novos e diferentes usos para formas e estruturas já existentes.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan L. *Língua, uso e cognição*, tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CEZÁRIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica F. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martellota*. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ 2013.

GIVON, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. V. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O Verbo. In: ILARI, Rodolfo; (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. V. 3. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Sociolinguistics Patterns*. Oxford: Blackwell, 1972.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins, 2018, p. 132-145.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. *Variação e mudança na descrição construcional de complexos verbo-nominais*. In: XXI Seminário Nacional e VII Seminário Internacional do Grupo D&G, 2016.

OLIVEIRA, Cleiton Ribeiro. *Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-Go*.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, José Romerito. *O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, José Romerito. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. Dissertação de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2018.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR*. Tese de Doutorado. 2014.239. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Os neologismos do universo *Harry Potter* no processo tradutório e na escrita criativa de fãs: proposta de atividade didática pautada no conceito de modalidade de tradução

Talita Serpa
William Danilo Garcia
Paula Renata Milani

INTRODUÇÃO

A saga *Harry Potter* (ROWLING, 1998-2007) completou vinte anos em 2018, tendo conquistado uma legião de fãs ao redor do mundo todo com mais de meio bilhão de cópias vendidas, de acordo com o *website Wizarding World Digital*© (2018). Além das obras literárias, a história do jovem bruxo ganhou outros suportes midiáticos, alcançando maior projeção com os filmes da *Warner Bros Studios* entre os anos de 2001 e 2011. Podemos ainda mencionar adaptações para o teatro, parques temáticos, jogos de computador e de tabuleiro, entre muitos outros produtos derivados da série.

Publicados primeiramente pela Bloomsbury, os livros foram traduzidos para mais de oitenta diferentes idiomas, incluindo albanês, hebreu e havaiano, de modo a tornar as histórias ainda mais acessíveis a todos os públicos e aos mais variados grupos de leitores. No Brasil, a tradução foi realizada por Lia Wyler, publicada pela Rocco a partir do

ano 2000, o que rendeu à tradutora o selo de “altamente recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Reconhecemos que as narrativas dessa saga apresentam não somente riqueza em recursos narrativos, lendas e retomadas de valores culturais da Grã-Bretanha (AMARAL, 2008; FENSKE, 2008; HEILMAN, 2008), mas também ampla fonte de construção léxico-gramatical, incluindo a produção de vocábulos novos, entendidos, mais precisamente, como neologismos. Notamos também, pela experiência leitora, que a maneira como alguns fãs dessa série de magia e bruxaria utilizam as traduções destes neologismos em produções textuais “livres” pode destoar da forma proposta pela tradutora Lia Wyler.

Essa percepção de que nem sempre os fãs de *Harry Potter*, ao escreverem, concordam com a proposta neológica de Wyler fez-se possível por meio da exploração do universo *fandom* das ficções de fãs, comumente conhecidas como *fanfictions* ou *fanfics* (JENKINS, 2012; NEVES, 2014).

Ao notarmos que a escrita literária dos fãs os possibilita utilizar formas não consagradas de tradução para alguns dos neologismos presentes nas obras de J. K. Rowling, passamos a considerar os pressupostos relacionados aos princípios da Teoria da Tradução que irão permear nossa análise, principalmente no que concerne ao marco conceitual das modalidades de tradução (VINAY; DARBELNET, 1953; AUBERT, 1998, 2006).

Tais reflexões nos levaram a pensar como estes elementos linguísticos refletem importantes aspectos a serem explorados durante o processo de ensino e aprendizagem de tradutores, uma vez que atrelam fatores advindos da prática tradutória que podem ser amparados por teorizações importantes dentro dos currículos de formação profissional. Nesse sentido, trabalhos como os de Pérez (2005), Vidal Claramonte (1998) e House (1981) salientam a necessidade de integração entre as disciplinas teóricas e os estágios práticos no contexto de sala de aula dos cursos de Tradução.

Dessa forma, compreendemos que a exploração e a análise dos neologismos presentes nas obras de Rowling, bem como a reflexão acerca das traduções desses vocábulos realizadas por Wyler e por fãs,

dentro dos constructos trabalhados por Aubert (1998), podem beneficiar a formação de um olhar crítico entre os aprendizes no que diz respeito a tais unidades de tradução (VINAY; DARBELNET, 1958).

Com tal intuito, selecionamos cinco exemplos de neologismos, cruzando os dados levantados por Martins (2017) e Handley (2018) em suas respectivas dissertações acerca de criações neológicas em Harry Potter e promovemos a análise de tais elementos linguísticos no que diz respeito a seu processo de tradução por Wyler nos sete livros da saga para o português e por fãs em cinco *fanfictions* em língua portuguesa selecionadas na webpage www.fanfiction.net.

Com tais dados em mãos, propomos a associação de tais prerrogativas às premissas advindas da Pedagogia da Tradução (HURTADO ALBIR, 2005, 2007), principalmente no que tange aos princípios do grupo PACTE (PACTE, 2014, 2015, entre outros) e ao constructo de competências tradutórias; e o desenvolvimento de uma tarefa de tradução (HURTADO ALBIR, 1999; SEVILLA MUÑOZ, SEVILLA MUÑOZ, TREJO, 2003; VASCONCELLOS, ESPINDOLA, GYSEL, 2017) voltada à proposta de ensino das denominadas competências estratégicas e aos conhecimentos de tradução que possam ser explorados com base no conceito de modalidades.

A SAGA *HARRY POTTER* E AS PRODUÇÕES TEXTUAIS DE FÃS

Entre todas as histórias infanto-juvenis que chamam a atenção dos jovens e os atraem como seguidores fiéis, a saga de *Harry Potter* destaca-se por ser uma série que já conquistou mais de uma geração de fãs. Os livros e suas respectivas traduções subdividem-se em:

1- *Harry Potter and the Philosopher's Stone – Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997).

2- *Harry Potter and the Chamber of Secrets – Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998).

3- *Harry Potter and the prisoner of Azkaban – Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999).

4- *Harry Potter and the Goblet of fire – Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000).

5- *Harry Potter and the Order of the Phoenix – Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003).

6- *Harry Potter and the Half-Blood Prince – Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005).

7- *Harry Potter and the Deathly Hallows – Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007).

Tratam-se de obras da escritora britânica Joanne Kathleen Rowling, que narram a história da vida de um garoto comum, órfão. Aos 11 anos de idade, Harry descobre ser um bruxo e se muda para a escola de magia Hogwarts. A partir desse momento, a vida do menino sofre uma reviravolta imensa: de humilhado pelos tios, passa a ser o menino-que-sobreviveu, herói no mundo bruxo, cujo nome qualquer criança de sua idade já conhece.

A história decorre ao longo de sete anos, sendo cada livro equivalente a um ano de estudo na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. No que diz respeito ao espaço, a maior parte da narrativa acontece em Londres, bem como em um universo fantástico e paralelo com entradas mágicas que só os bruxos conseguem ver.

Com relação às personagens, destacamos, além do próprio Harry Potter, os melhores amigos do protagonista: Ronald Weasley e Hermione Granger. Além disso, nomes como Voldemort (o vilão), Dumbledore (diretor de Hogwarts) e Gina Weasley (namorada e, ao fim da série, esposa de Harry) também se fazem relevantes.

Apesar de a série de sete livros já ter completado mais de 20 anos desde a publicação do primeiro livro – *Harry Potter e a Pedra Filosofal* – esse universo literário mantém até hoje um considerável público de fãs, que muito expressam sua criatividade por meio da escrita de histórias ficcionais na internet (as *fanfics*).

O CONCEITO DE FANFICTIONS

*Fanfiction*s, mais comumente conhecidas pelo acrônimo *fanfics*, ou até mesmo *fics*, são também chamadas ficções de fãs. Correspondem

a histórias alternativas que leitores/espectadores aficionados escrevem sobre personagens e/ou universos ficcionais. Neves (2014, p. 100) afirma que

(...) as *fanfictions* ou simplesmente *fanfics* são histórias alternativas em prosa [...] escritas por fãs de determinada série ou *fandom*. Nelas, o autor (ou autores) pode colocar os conhecidos personagens das mais variadas séries [...] e livros em novas situações. As situações podem variar de pequenos contos a sagas, dependendo da escolha do autor. Pode-se também criar finais alternativos para os personagens, explorar melhor personagens secundários e colocar os personagens em situações novas que não existiam na obra original.

Enfatizamos o fato de que os fãs expressam, por meio das *fanfictions*, uma liberdade criativa que pode envolver diversos contextos, como o da música, de filmes e séries, de animes etc. Há a ressalva, no entanto, de que esse universo sobre o qual o fã decide escrever seja fascinante o bastante a ponto de atraí-lo a criar e/ou recontar as mais variadas histórias possíveis.

Esse interesse dos fãs de alterar os contextos originais, independentemente de quais forem, é motivado por um sentimento de incompletude da obra à qual a *fanfic* se reporta (JENKINS, 2012). Tal incompletude, por assim dizer, é proposta pelo autor como sementes (informações introduzidas, porém não suficientemente desenvolvidas na história), buracos (aquilo que o fã sente falta na história), contradições, silêncios (aquilo que foi ideologicamente excluído) e potenciais (tudo o que poderia ter acontecido) (JENKINS, 2012).

Além disso, julgamos relevante a informação de que a atividade de recontar histórias não é algo exclusivamente contemporâneo, uma vez que esse hábito dentro da oralidade remonta a tempos passados, como alega Neves (2014). Nesse panorama histórico ainda, ressaltamos que as *fanfics* têm sua origem relacionada aos *fanazines*, revistas de fãs que surgiram em meados da década de 80 (NEVES, 2014).

Já no que diz respeito à circulação das *fanfictions*, observamos que são amplamente veiculadas na internet, sendo hospedadas e acessadas em sites como www.fanfiction.net, www.fanfiction.com.br, www.spiritfanfiction.com, entre outros.

Dentro desse vasto universo, os leitores e autores de *fanfics* criaram classificações para especificar o tipo de história escrita. Podemos dividi-las primeiramente em duas, que são:

- *Cânon*s: seguem o mesmo padrão do original, respeitando o universo, a realidade e a personalidade de cada personagem.

- Universo Alternativo: “escolhem” um único componente do original ao qual se mantêm fiel. Esse componente pode ser apenas um ou mais personagens transportados para nosso ambiente ou até mesmo ambientes de outras histórias, décadas ou séculos passados e/ou futuros. Pode ser também fiel ao universo original, mas com personagens livres ou novos.

Já em uma classificação relacionada a *Harry Potter*, o site www.fanfiction.net apresenta, segundo acesso realizado em janeiro de 2021, nas opções de filtragem de busca as seguintes categorias de *fanfictions*:

- Books: que enfatizam os fatos e acontecimentos reportados nos livros da série.

- Founders: que envolvem os fundadores da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

- Hogwarts: que abordam o período dos sete anos descritos por J. K. Rowling, durante a vida acadêmica das personagens principais.

- Marauders: que remontam à geração anterior de personagens.

- Movies: que se prendem mais às informações apresentadas nos filmes da série.

- Next Generation: que mencionam a nova geração de personagens do universo *Harry Potter*.

- Post-Hogwarts: que narram os acontecimentos posteriores à última guerra com o bruxo das trevas Lorde Voldemort.

- Pre-Hogwarts: as que remetem a um tempo anterior à chegada de Harry Potter à escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

Como podemos observar, a temática *Harry Potter* ganha enorme proporção nas produções livres de aficionados pelas histórias de Rowling dentro do ambiente digital da internet. Na verdade, na cate-

goria Books, esse é o universo que possui o maior número de publicações, segundo o que observamos em nosso último acesso ao site (jan. 2021).

NEOLOGISMOS

A noção de neologismo está vinculada ao que Newmark (1988) convencionalmente chama de unidades lexicais recém-criadas ou unidades lexicais existentes que adquirem um novo sentido¹ (p.140). Para Alves (2004), a criação de tais unidades lexicais tem ocorrido por mecanismos gramaticais próprios da língua, no caso, a derivação e a composição. Entretanto, em decorrência das relações sociais, o empréstimo de vocábulos é outro recurso utilizado contemporaneamente. A exemplo disso, a teórica aponta o uso recorrente, principalmente em áreas técnicas, de palavras da língua inglesa no português.

O ato de produzir neologismos é algo possível a qualquer falante que conheça as regras básicas de funcionamento da língua e ele geralmente o faz quando “quer se expressar, mas não encontra a palavra ideal” (ARAUJO, 2013). Contudo, é por meio da mídia e da literatura que eles se popularizam. A literatura pode não ter a intenção de torná-los difundidos, mas faz o uso dos neologismos por se tratar de um universo mais “livre” no sentido da criação e para alcançar determinado efeito. *Harry Potter*, como já podemos notar, não se exclui de tal consideração e é justamente por isso que nos permite realizar tal pesquisa.

Com relação à tipologia, seguimos aquela sugerida por Alves (2004) em sua obra *Neologismo criação lexical*, de tal modo que apresentamos, primeiramente, os denominados neologismos fonológicos. Alves refere-se a essa nomenclatura como a “criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (2004, p. 11).

Sendo assim, os neologismos fonológicos nomeiam palavras ou expressões completamente novas criadas na língua, que, muitas vezes, possuem um sentido até então não criado. Uma questão importante

¹ *newly coined lexical units or existing lexical units that acquire a new sense.*

quanto a esse tipo de criação lexical é que, por se tratar de um significante inédito, este pode ocasionar falha na comunicação, uma vez que o outro pode não conhecer tal termo e, portanto, não compreender o que lhe fora dito.

Em segundo lugar, encontramos os neologismos sintáticos, que, diferente dos fonológicos, ocorrem em conformidade com a “combinação de elementos já existentes no sistema linguístico português” (ALVES, 2004, p. 14). Assim, dividem-se em:

- Neologismos formados por derivação prefixal;
- Neologismos formados por derivação sufixal;
- Neologismos formados por composição;
- Composição sintagmática, e
- Composição por siglas ou acronímica.

Os neologismos sintáticos formados por derivação prefixal são os ocasionados pelo processo de junção do prefixo a uma base. Como proposto por Alves, prefixos são “partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória [...]” (2004, p. 15). Essa ideia acessória pode acrescentar sentido de grandeza, exagero, oposição, pequenez, repetição etc. Já em casos em que um prefixo e um sufixo são unidos à palavra-base, temos o processo intitulado derivação parassintética.

Sobre os neologismos formados por composição, podemos considerar que ocorrem quando bases autônomas ou não-autônomas são unidas por justaposição. Essa junção de duas palavras mostra um valor sintático e pode ser, portanto, subordinativo ou coordenativo.

Nos neologismos em que a composição é subordinativa, encontramos dois substantivos, sendo o primeiro o determinado, ou melhor, que constitui um elemento genérico; enquanto o segundo representa o determinante, o qual acresce especificação ou caracterização.

Já nos neologismos em que a composição é coordenativa, não há mais essa relação de dependência entre as bases, mas sim o encadeamento, feito por justaposição, de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical.

A penúltima subdivisão dos neologismos sintáticos envolve os feitos por composição sintagmática, àquele que já não pertences ao nível

da palavra, e sim ao nível organizacional da frase – sintaxe. Como descrito por Alves, “[...] processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (2004, p. 50).

Por fim, a composição por siglas ou acronímica ocorre devido à economia discursiva, assim “o sintagma é reduzido de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo de comunicação” (ALVES, 2004, p. 56). Para essa simplificação, frequentemente cria-se o neologismo ao se utilizar as iniciais das palavras componentes do sintagma ou ao unir algumas sílabas do conjunto sintagmático.

Encontramos, conforme Alves (2004), outro tipo de processo neológico, a conversão. Esse fenômeno é o responsável pela formação lexical em que uma unidade léxica sofre mudanças na distribuição sem haver manifestação de mudanças formais. Desse modo, conversão é quando uma unidade léxica, como uma palavra, por exemplo, assume a função de outra classe de palavra. A exemplo disso, há os adjetivos sendo empregados com função de substantivos e a substantivação de verbos.

Outro tipo de neologismo recorrente na língua portuguesa são os neologismos semânticos, em que um novo significado é atribuído a uma palavra ou unidade lexical já existente. Essas atribuições de novos sentidos a uma base lexical existente podem ocorrer por meio da metáfora, da metonímia, da sinédoque etc.

Desse modo, os neologismos semânticos acontecem, por exemplo, quando um termo passa a integrar uma terminologia diferente ou a fazer parte da língua geral. A teórica também aponta que esses tipos de criação lexical são muito empregados nas gírias, já que a intenção é dificultar a compreensão para os que não pertencem a determinado grupo.

Há ainda outros processos, porém que não ocorrem na mesma proporção anteriormente mencionados, é o caso da truncação – tipo de abreviação em que geralmente a parte final da sequência lexical é perdida. Como exemplo, temos *euro*, sendo formado da palavra europeu. Ocorre também a palavra-valise, quando há junção de vocábulos em que uma base, ou as duas sofrem perda. Para exemplificar, a autora

usa a junção de brasileiro com paraguaio, onde ambas sofrem perda e constituem o neologismo “brasiguai”.

Alves (2004) nos traz o fenômeno da reduplicação em que se é repetida a mesma base duas ou mais vezes com o objetivo de constituir um novo léxico. Além disso, há o exemplo da derivação regressiva em que há supressão, geralmente, sufixal para forma novo léxico. Um exemplo disso é *amasso*, forma substantiva relativa ao verbo amassar.

Para finalizar, existe o neologismo por empréstimo, que ocorre quando um item lexical de um sistema linguístico alheio é utilizado, porém sem ainda fazer parte do acervo do idioma que passou a usar o termo estrangeiro. Alves ressalta que quando esse estrangeirismo é proveniente da língua inglesa, este recebe o nome de anglicismo. Por último, Alves (2004) salienta o decalque, quando o estrangeirismo passa a constituir o léxico da língua receptora. Como essa constituição é feita de forma literal, a autora menciona que os decalques muitas vezes são difíceis de serem reconhecidos, como o caso de “alta tecnologia”, decalcado do inglês *high technology*.

OS NEOLOGISMOS EM HARRY POTTER

Dentro das conceituações pontuadas no tópico anterior, notamos que nas produções de Rowling existiam diversos elementos amparados por tal produção lexical. Desta forma, autores como Martins (2017) e Handley (2018) elaboraram seus trabalhos pautados na tentativa de elencar e categorizar os neologismos no ambiente ficcional das narrativas de *Harry Potter*.

Neste sentido, Martins identificou 432 nos livros em língua inglesa, apontando que Wyler reduziu este número em 13%, fazendo uso de outras estratégias de tradução (ao que chamaremos de modalidades em nossa investigação). Tendo isso em mente, passou a elencar os exemplos desse fenômeno em categorias, as quais apresentamos abaixo com alguns exemplos uso:

1) Adjetivos - desenvolvidos pela autora dentro das normas de derivação da língua inglesa, normalmente baseados em nomes próprios: *unDursleyish*; *petunia-ish*; *fred and george-ish*;

2) Alcinhas - apelidos relacionados a características físicas, psicológicas ou sociais dos personagens: *u-no-poo*; *wormtail*; *You-know-who*;

3) Animais - seres vivos ficcionais pertencentes somente ao universo de *Harry Potter*: *wrackspurt*; *thestral*; *snargaluff*;

4) Atividades - Ações e esportes condizentes ao mundo bruxo: *quidditch*; *seeker*; *transmogrifian torture*;

5) Conceitos - ideias e conceituações criadas pela autora para apresentar elementos do universo ficcional: *unplottable*; *untransfigure*; *wandlight*;

6) Doenças - doenças ficcionais: *Umbrige-itis*; *spattergoit*; *loser's lurgy*;

7) Encantamentos - enunciados para realizar feitiços: *lumos*; *liberacorpus*; *jiggery pokery*;

8) Feitiços - nome pelo qual os feitiços são conhecidos: *killing curse*; *jelly leg jinx*; *intruder charm*;

9) Institucional - conceitos relacionados às instituições dos bruxos: *griffindor*; *gringotts*; *gurg*;

10) Lugares – locais e estabelecimentos comerciais: *knockturn alley*; *kwikspell*; *wonderwitch*;

11) Objetos - objetos que em geral têm propriedades mágicas: *wartcap powder*; *Firebolt*; *snitch*;

12) Outros – palavras que o autor não encaixou em outras categorias: *quid agis*; *oddsbodikins*; *mimblewimble*;

13) Plantas – seres do reino vegetal do universo ficcional: *flutterby bush*; *fluxweed*; *furnunculus*;

14) Poções – infusões e receitas com ingredientes mágicos que possuem a função de alterar características físicas ou psíquicas dos usuários: *hiccoughing solution*; *invigoration draught*; *Skele-gro*;

15) Relações - relações derivadas da existência ficcional de bruxos em um mundo ficcional que espelha o mundo real: *muggle*; *death eater*; *merpeople*;

16) Seres - seres vivos com características antropomórficas e níveis de inteligência comparáveis aos dos seres humanos: *kneazle*; *inferius*; *heliopath*;

Por sua vez, Handley (2018) realiza a compilação dos neologismos das mesmas obras, categorizando-os, primeiramente, de acordo com o fenômeno de formação e, em seguida, pela temática apresentada dentro da saga. Sendo assim, apresenta os exemplos elencados de acordo com:

a) Derivação: *Bludger* - Uma bola no jogo de quidditch que ataca os jogadores, de inglês “to bludgeon” (caceteiar). Sufixo *-er* denota ação.

b) Justaposição: *Mudblood* - Composto de “mud” (lama) e “blood” (sangue). Um termo depreciativo para um feiticeiro que nasceu de pais não mágicos.

c) Extensão: *Muggle* - “Mug” – refere-se a uma pessoa ingênua, contudo, no texto, a palavra “muggle” refere-se às pessoas não-mágicas.

Em seguida, correlaciona-os com o ambiente bruxo e constrói espaços para alocá-los conforme as situações de uso, que se subdividem em:

d) Feitiços: *Petrificus Totalus* - Feitiço usado para imobilizar, “petrificar” o adversário.

e) Grupos escolares: *Hufflepuff* - Reduplicação nos sons “huff” e “puff”, que são sons que têm a ver com os efeitos da respiração. É visto como o grupo mais tranquilo de todos e tem um texugo como mascote. Contudo, o texugo é um animal que vive pacificamente até ser provocado, como os alunos deste grupo.

f) Topônimos: *The Leaky Cauldron* - Jogo de linguagem cultural, visto que os nomes dos *Pubs* típicos ingleses se baseiam em nomes de pessoas e objetos. Elemento cômico pelo facto de o caldeirão estar a escoar.

g) Jogos de linguagem: *The Mirror of Erised* - Anagrama, “Erised” é “desire” (desejo) ao contrário.

h) Onomástica: *Professor Remus Lupin* - Remus, um dos irmãos da história latina que foi criado por uma loba. “Lupin” refere-se à lua, o professor “Lupin” transforma-se num lobo quando a lua está cheia.

Partindo de tais subdivisões e especificações, valemo-nos dos dados apresentados para selecionar o nosso objeto de análise, constituído de cinco neologismos presentes em ambos os trabalhos. Contudo, promovemos a reflexão sobre seu processo tradutório para a língua portuguesa partindo das teorias das modalidades de tradução e, conseqüentemente, afastando-nos das conclusões destes autores no que concerne as opções de tradução de Lia Wyler.

MODALIDADES DE TRADUÇÃO

Compreendidos os neologismos, esta subseção visa à conceitualização acerca das modalidades de tradução, principalmente a partir da leitura que Aubert (1998) faz desta classificação realizada por Vinay e Darbelnet no ano de 1958.

Tais autores promulgam a existência de diferentes métodos e procedimentos a serem utilizados durante o processo tradutório. Os teóricos salientam que existem inúmeras maneiras de lidar com o texto fonte (TF) e com o texto meta (TM), mas que em suas proposições procuram concentrar estas ações em sete princípios que apresentam alto grau de complexidade e que podem ser utilizados isoladamente ou de maneira combinada.

Para Vinay e Darbelnet (1953), existiriam dois métodos de tradução, nomeadamente tradução direta ou literal e tradução oblíqua. No caso da primeira metodologia, ou seja, da tradução literal, seria possível transpor os elementos de uma mensagem de uma língua fonte (LF) para uma língua meta (LM) um a um, baseando-se nas premissas de que: (a) há paralelismo estrutural entre os idiomas, ou (b) há conceitos paralelos, que são resultantes de paralelismos metalinguísticos.

No entanto, em outros casos, existem lacunas decorrentes de diferenças ora na estrutura ora no sentido dos idiomas, o que pode acarretar alterações de estilo e de significado entre TF e TM de tal modo que seja necessário promover modificações na ordem sintática ou mesmo no campo lexical. Nesses casos, entende-se que metodologias mais complexas se tornem necessárias, permitindo aos tradutores um controle mais amplo de seus trabalhos. Tais procedimentos são denominados oblíquos e, juntamente, com as categorias de tradução direta,

subdividem-se no que os autores chamaram de modalidades de tradução.

Com base nas categorias apresentadas por tais autores, Aubert, em 1998, reorganizou tais modalidades e as redefiniu, acrescentando informações e ampliando o seu arcabouço e a amplitude de sua atuação. Em nossa pesquisa, pautamo-nos na leitura que este autor faz da teoria. Além disso, é importante ressaltar que esta teorização vem ganhando destaque na atualidade, em trabalhos mais recentes como os de Assis (2016), Santana e Barreiros (2018) e Zavaglia (2005), apesar de ter se fundamentado no século XX.

A primeira modalidade apresentada pelo pesquisador em vigor é a omissão. Esta ocorre “sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta” (AUBERT, 1998, p. 105). Faz-se importante afirmar que, de acordo com o autor, mesmo que não haja a tradução de caráter bi-unívoca, a informação pode sim se manter no texto traduzido. Entre alguns dos motivos que levam a essa modalidade de tradução, Aubert (1998) aponta a censura ou até mesmo as limitações físicas de espaço como nas legendagens, por exemplo.

Em sequência, temos a transcrição. De acordo com o autor, “este é o verdadeiro ‘grau zero’ da tradução” (1998, p. 105). Desse modo, é apontado como transcrição segmentos de textos pertencentes às duas línguas envolvidas no ato tradutório, tais como algarismos ou fórmulas algébricas, por exemplo. O autor ainda aponta que também se considera transcrição fragmentos de textos pertencentes a uma terceira língua que será mantido na realização da tradução.

A terceira modalidade é denominada empréstimo. “Um empréstimo é um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimos (aspas, itálico, negrito, etc.)” (AUBERT, 1998, p. 106). Em conformidade com o teórico, os empréstimos representam as traduções dos nomes próprios, além de termos e expressões que nomeiam etnias. Ressalta-se também que, por vezes, a tradução de um termo por empréstimo pode acarretar um sentido próprio no idioma traduzido ao se fazer uso recorrente deste vocábulo. Assim, temos os casos de *outdoor*, *office-boy*

que pelo uso constante passam a assumir um significado próprio no português.

Em seguida, o autor apresenta-nos o decalque. Segundo Aubert (1998), essa modalidade ocorre quando uma palavra é emprestada da LF, mas sofre alterações para se enquadrar à gramática da LM além de não se encontrar registrada nos principais dicionários da língua a qual se traduz.

Outra modalidade de tradução em questão é a tradução literal, também conhecida por tradução palavra-por-palavra. Essa modalidade representa a tradução feita de forma exatamente similar à escrita da LF, assim como descreve Aubert,

[...] comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, se observa: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as ‘mesmas’ categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos [...] (1998, p. 106).

Dessa forma, podemos pensar no exemplo dado pelo próprio autor, que seria a tradução “Seu nome é Maria” feita de forma palavra-por-palavra para os dizeres *Her name is Mary* do inglês.

Em seguida, Aubert (1998) propõe a transposição, que acontece “sempre que pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfossintáticos” (1998, p. 107). Como dito, a transposição ocorre quando há rearranjos morfossintáticos que são os casos, por exemplo, de duas ou mais palavras da LF serem fundidas em uma na LM. Para melhor explicitação podemos pensar na tradução “visitei” do inglês *I visited*. Ainda é possível pensarmos no contrário, quando uma palavra do inglês, *kindergarten*, é traduzida para o português de forma a utilizar mais palavras que o original, “jardim de infância”. Por fim, a transposição também compreende as traduções que ocorrem de forma a alterar a ordem das palavras ou de forma a causar alteração gramatical.

Há também a modalidade explicitação/implicação. Como define Aubert,

[...] são duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta [...] ou, ao contrário, informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis como determinado segmento textual, tornam-se referências implícitas (1998, p. 107).

Desse modo, podemos pensar que a explicitação é quando uma informação é explicitada no TM. Para isso são, por vezes, usadas notas de rodapé, apostos explicativos, etc. Por outro lado, existe a implicação, a qual se faz presente quando uma informação por ser, por exemplo, redundante é omitida no TM. Caso apresentado pelo autor da frase *Brasília, the Federal Capital of the country*, que contém um aposto cuja informação não se faz necessária ao público brasileiro (sabemos que a capital do país é Brasília), e que, portanto, será implicada ao não se traduzir os dizeres do aposto *the Federal Capital of the country*.

Outra modalidade de grande relevância é a modulação, que acontece “sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no cotexto específicos” (AUBERT, 1998, p. 108). Visto isso, podemos pensar no caso da tradução “surdo como porta”, que, embora não traduzido palavra-por-palavra, no fim contém a mesma ideia dos dizeres *deaf as doornail* do inglês; ou até mesmo no caso de “não é nada fácil” para *it's very difficult*.

Aubert (1998) apresenta também a adaptação, modalidade que representa uma assimilação cultural. O objetivo desta modalidade não é encontrar uma correspondência perfeita, mas sim parcial de sentido ao tentar encontrar semelhanças entre as culturas envolvidas no ato tradutório. Como descritos pelo próprio autor, são os casos de “Saci-Pererê” para o inglês *Hobgoblin* ou “Mestrado em Letras” para *MA in Linguistics*.

Temos ainda a tradução intersemiótica, representação de figuras, ilustrações, brasões, selos, logomarcas etc., realizada em forma de material textual na tradução da língua meta. Como afirma Aubert (1998), esta geralmente ocorre em traduções juramentadas.

Aubert (1998) aponta, por fim, como modalidade de tradução, o erro, e ressalva que só podemos determinar algo como errado em casos evidentes; a correção, ocorrida quando o tradutor opta por “melhorar” o TM em comparação ao TF e, por fim, o acréscimo, que “trata-se de qualquer segmento textual incluído no TM pelo tradutor por sua própria conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original” (1998, p. 109).

Em 2006, Aubert revisita mais uma vez as modalidades e acresce a elas a ideia de categorias, sendo que as divide em: (1) omissão; (2) espelhamento (por empréstimo e decalque); (3) literalidade (por transcrição, palavra por palavra, transposição e explicitação); (4) equivalência (por implicação, modulação e adaptação); (5) tradução inter-semiótica; e (6) erro.

AS COMPETÊNCIAS TRADUTÓRIAS PARA A PEDAGOGIA DA TRADUÇÃO

Dentro do âmbito pedagógico, Perrenoud (1999) destaca que o ensino profissional deve ser realizado a partir do desenvolvimento de competências. Sendo assim, o autor salienta que existem conhecimentos compartilhados, ou seja, ferramentas a serem mobilizadas conforme as necessidades, a fim de que se possam resolver problemas apresentados, primeiramente no ambiente escolar e, posteriormente, no trabalho.

O teórico (2000, p.16) compreende que as competências se referem “[...] ao domínio prático de um tipo de tarefas e de situações”. Nesse sentido, o autor não vê problemas em se trabalhar os conhecimentos na escola, que ele trata como saberes², nos diferentes componentes da

² Para Tardif (2002), os *saberes* são todas as elaborações produzidas pelos sujeitos em acordo com sua historicidade que, para se tornarem conhecimento, precisam ser objeto de análise, reflexão e sistematização, por meio da linguagem. Além disso, o conhecimento é resultante das relações sociais e é por elas mediado, com o objetivo de atender a demanda de compreensão de um grupo social.

formação profissional. Desse modo, segundo Perrenoud (2000), estar-se-ia ampliando o trabalho de educar desenvolvido pela escola e perpassando seus limites, chegando ao ambiente social.

No âmbito da Pedagogia da Tradução, o grupo PACTE, encabeçado por Amparo Hurtado Albir, vem desenvolvendo pesquisas que focam o princípio didático para a Tradução, tendo concebido a noção de competência tradutória como “(...) um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores” (HURTADO ALBIR, 2005, p. 19).

Os estudiosos sugerem, dessa maneira, que existem seis subcomponentes da competência, a saber:

- 1) Competência Comunicativa nas duas línguas, incluindo habilidades linguísticas, discursivas e sociolinguísticas;
- 2) Competência Extralinguística composta pelo conhecimento de mundo e por conhecimentos especializados;
- 3) Competência Instrumental Profissional composta pelo conhecimento e pelas habilidades relacionados às ferramentas de mercado da profissão;
- 4) Competência Psicofisiológica, definida como uma habilidade de usar todos os tipos de fontes psicomotoras, cognitivas e atitudinais, incluindo habilidades psicomotoras para ler e escrever; habilidades cognitivas (por exemplo: memória, atenção, criatividade e raciocínio lógico); atitudes psicológicas (por exemplo: curiosidade, perseverança, rigor, espírito crítico e autoconfiança);
- 5) Competência de Transferência, a qual representa uma habilidade para completar o processo de transferência de uma LF para uma LM, ou seja, entender a LF e reexpressá-la no TM, considerando as funções que uma tradução pode assumir, bem como as características do público de chegada;
- 6) Competência Estratégica, que inclui todos os procedimentos conscientes ou inconscientes, coletivos ou individuais, verbais ou

não-verbais utilizados para resolver possíveis dificuldades encontradas durante o processo tradutório.³

Em nossa investigação, verificamos como as competências integram-se de modo a permitir formular um fenômeno de ensino e aprendizagem da Tradução, concebendo-o como uma “atividade” formulada por meio do reconhecimento dos padrões de uso das linguagens, bem como da internalização das estratégias aceitáveis dentro de um conjunto de práticas assimilativo.

A RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DE TRADUÇÃO

O ensino e aprendizagem de tradução, vem, segundo Pérez (2005), ao longo das últimas décadas, ganhando importante destaque nas vozes de teóricos da área como House (1981) e Hurtado Albir (1999). Tais pesquisadores tendem a apontar a falta de uma abordagem pedagógica sistematizada e que procure associar o ensino das teorias e a prática tradutória. Para House (1981)

O professor do curso... distribui um texto (o motivo da seleção deste texto geralmente não é explicado ...). Este texto está cheio de armadilhas, o que significa que os professores não se propõem a treinar os alunos na complexa e difícil arte da tradução, mas a enganá-los e levá-los ao erro. O texto é então preparado... para as sessões seguintes e todo o grupo percorre o texto frase por frase, sendo cada frase lida por um aluno diferente. O instrutor pede soluções alternativas de tradução, corrige a versão sugerida e finalmente apresenta a frase em sua forma final "correta" ... Este procedimento é naturalmente muito frustrante para os alunos⁴.

³ Essa nomenclatura sofreu uma alteração ao longo dos estudos do grupo PACTE e hoje podem ser verificados estudos em que se encontram dispostos da seguinte maneira: 1) subcompetência bilíngue; 2) subcompetência extralinguística; 3) subcompetência estratégica; 4) subcompetência instrumental; 5) subcompetência de saberes da tradução e 6) componentes psicofisiológicos.

⁴ *The teacher of the course ... passes out a text (the reason for the selection of this text is usually not explained ...). This text is full of traps, which means*

Há, conseqüentemente, uma lacuna que precisa ser preenchida, uma vez que o ensino de tradução tem experienciado um crescimento bastante elevado enquanto objeto de investigação dos Estudos da Tradução, de tal modo que a integração teoria/prática parece ser necessária para um melhor desenvolvimento de uma didática efetiva dentro do universo universitário dos cursos superiores. Por outro lado, esta integração é posta em questão por aqueles que defendem uma dicotomia entre a teoria e a prática docente da tradução (MAYORAL, 2002).

No entanto, contrário à descrição de aulas de tradução feita por House (1981), em que não haveria explicações e apenas armadilhas, muitos estudos atuais sugerem que os professores têm (finalmente) encontrado explicações teóricas para o uso dos textos utilizados nas disciplinas de prática tradutória. Autores como Vidal Claramonte (1998) tendem a apoiar os exercícios didático-práticos em Teorias da Tradução, mostrando a forte conexão entre a teoria e os métodos no treinamento de tradutores.

Ainda para Pérez (2005), existe uma dicotomização nos Estudos da Tradução que abarca noções como processo versus produto, literal versus livre, estudos culturais versus abordagens linguísticas, o que termina por situar a teoria em oposição à prática e ao treinamento. Mas estudiosos e professores proeminentes, como Hurtado Albir (1999), entendem que “a tradução é basicamente uma disciplina de *know how*. Ela requer conhecimento operacional e, como em qualquer

hat the teachers do not set out to train students in the complex and difficult art of translation, but to snare at them and lead them into error. The text is then prepared ... for the following sessions and the whole group goes through the text sentence by sentence, with each sentence being read by a different student. The instructor asks for alternative translation solutions, corrects the suggested version and finally presents the sentence in its final “correct” form ... This procedure is naturally very frustrating for the students.

tipo de conhecimento operativo, este é adquirido principalmente através da prática. O tradutor não precisa ser um teórico: ele não é necessariamente um estudioso nem um linguista”⁵ (p. 151).

Contudo, há acadêmicos que a teoria auxilia no trabalho prático de tradução, como por exemplo, Reiß (1992) que argumenta que a teoria é necessária em pelo menos dois momentos: a) revisão, e, b) críticas à tradução. Em segundo lugar, alguns professores, como o Snel Trampus (2002), afirmam que a teoria pode ser usada ao trabalharmos em uma organização geral das traduções, a fim de desenvolver autoconfiança nos aprendizes.

Além disso, autores que divergem em suas teorizações, como é o caso de Hatim (2001) e Venuti (2000), argumentam que a teoria ajuda a conscientizar os estudantes e os encoraja a tomar decisões conscientes. A teoria também fundamenta as suas decisões em relação às dos outros estudantes que participam de um mesmo processo de tradução.

Hermans (2002) é bastante claro ao dizer que “[a] tradução não é uma habilidade inata, ela tem que ser aprendida e negociada, tanto cognitivamente como normativamente. A tradução sempre se dá no contexto de certas concepções históricas do que a constitui”⁶ (p.14)

O autor sugere que todos os professores de tradução estão, de fato, baseando seu ensino individual em um ou mais conceitos teóricos. Eles fundamentam a relação entre TFs e TMs para oferecer propostas de traduções requeridas ou desejadas.

Pym (2003, p. 489) explica que professores de tradução fariam bem em ensinar os estudantes a gerar uma série de mais de um TM viável com base em um mesmo TF. A capacidade em selecionar tais probabilidades de uso estaria relacionada a maior confiança que os aprendizes desenvolvessem durante as aulas. O teórico afirma que essa determinação está vinculada ao conjunto de estratégias que o pro-

⁵ *La traducción es básicamente 'un saber cómo': un conocimiento operativo y como todo conocimiento operativo se adquiere fundamentalmente por la práctica; el traductor no necesita ser un teórico, y no es necesariamente un traductólogo ni lingüista.*

⁶ Translating is not an innate skill, it has to be learned and negotiated, both cognitively and normatively. Translating always takes place in the context of certain historical conceptions of what constitutes translation.

fessor ensina aos alunos, mas também à forma como o docente apresenta a possibilidade de variação de seus usos considerando, para isso, as diferentes Teorias da Tradução.

Os estudantes podem então selecionar a tradução que consideram mais apropriada em um determinado momento e lugar e sob determinadas circunstâncias. De fato, para fazer isto com sucesso, os alunos precisarão ser proficientes nas estratégias de tradução específicas e em complexos processos de tomada de decisão. Assim, para ensinar as possibilidades de atos tradutórios, os professores podem valer-se de diferentes teorizações e apresentá-las dentro das práticas.

Consequentemente, os alunos podem dominar os conceitos e práticas para as quais foram treinados, apoiando-se no cabedal teórico como parte do ferramental profissional no mundo globalizado de hoje. Neste sentido, Pérez (2005) aponta ser possível desenvolver tarefas de tradução que sejam associadas às proposições conceituais de tal modo que a dicotomia previamente exposta possa ser dissipada. Em nossa perspectiva, o aprendiz amparado em sala de aula por teorizações advindas dos Estudos da Tradução diferencia-se de outros profissionais que se apresentam no mercado por apresentarem em suas escolhas e opções uma capacidade reflexiva que lhes amplia as competências como tradutores.

APRENDIZADO POR TAREFAS

Dentro dos estudos da Pedagogia da Tradução, Berenguer (1996, 1999) aponta que o tradutor em formação seria melhor amparado se houvesse uma metodologia de ensino, um aparato de aprendizagem pautado em tarefas que levasse em conta as competências necessárias ao ato tradutório (BERNARDINI, 2003, 2004a, 2004b).

Exercícios de tradução são comumente aplicados em sala de aulas presenciais e, normalmente são desenvolvidos pelos professores dentro daquele ambiente para cumprir as especificações dos currículos das Universidades e, talvez, por isso, causem tantos problemas e discussões acerca de sua eficácia e uso, uma vez que não existe uma univocidade em sua elaboração e nas estratégias de aplicação.

Sendo assim, de acordo Hurtado Albir (1988), é preciso desenhar as atividades de forma que estas promovam discussões e reflexões a respeito das LF e LM. Para a autora, os objetivos do uso da tradução como material didático estão relacionados à verificação de erros e ao ensino das distinções entre as estruturas e valores das línguas envolvidas. Para a teórica, todo exercício de tradução representa um processo interpretativo em três fases: compreender, desverbalizar e reexpressar. Deve-se, como explica Hurtado Albir, compreender o sentido do TF; uma vez compreendido, é importante “desverbalizá-lo”, ou seja, esquecer suas palavras, retendo dele o sentido, em forma não-verbal na nossa mente. Em seguida, a intenção é buscar a maneira de expressá-lo na LM, de modo que o destinatário do TM possa compreender o mesmo que o destinatário do TF (HURTADO ALBIR, 1988, p.43).

Além dessas funções mencionadas, as tarefas de tradução também desempenham um papel social, já que as discussões das atividades devem explicar que não há uma única tradução correta e promover um equilíbrio de poder. Como defende Ridd (2005), ao oportunizar a discussão autêntica, a tradução recupera a voz silenciada do aprendiz (RIDD, 2005, p.5).

Lucindo (2006) concorda com Hurtado Albir (1988) quanto ao fato de que os exercícios de tradução devem trazer interesse linguístico, onde seja, procurem trabalhar com fatores como palavras polissêmicas, falsos amigos e estruturas de expressões idiomáticas em L1 e L2, mas acresce que também devem ter interesses extralinguísticos, de modo que seja possível que captem a necessidade de mudança de linguagem que cada tipo de texto pede.

Os benefícios dos exercícios de tradução vão além da conscientização do tipo de texto. Estas atividades, quando utilizadas com objetivo claros, contribuem para uma aprendizagem consciente das L1 e L2, permitindo a ampliação do léxico dos estudantes e promovendo, como defende Ridd (2005), uma visão mais equilibrada e crítica das relações culturais, evitando “rotulações”. Porém, conforme aponta Hurtado Albir (2001), é necessário distinguir entre a tradução como modalidade ou como estratégia, e dentro dessa, entre tradutória ou pedagógica.

Assim, Hurtado Albir (2001) associa a tradução à didática de tal modo que a diferenciação se dá no que tange à forma como a tarefa ou atividade é aplicada enquanto material. Trata-se, nesse âmbito, de situações em que as *competências* são colocadas em evidência, levando o aprendiz a reconhecer e desenvolver seu conhecimento para realizar uma tarefa focando em complexidades específicas de cada habilidade a ser trabalhada pelo professor.

É nessa conjuntura que Liparini, Sousa e Gomes (2011) passam a propor o desenvolvimento de atividades voltadas às competências elencadas pelo grupo PACTE. Tais autores focam no aprendiz de Tradução e desenvolvem o que pode ser entendido como sequências didáticas⁷ para a aprendizagem de habilidades de cunho instrumental. Por sua vez, Sevilla Muñoz, Sevilla Muñoz e Trejo (2003), aprofundam tal perspectiva ao apresentarem atividades que se fundamentam com base no uso de TFs com o intuito de reproduzir ou simular uma prática tradutória. Para isso, sugerem que:

1. Sejam textos autênticos, ou seja, que tenham fins outros que não o de ensino (DURIEUX, 1998);
2. Sejam completos, na medida do possível (GAMERO PÉREZ, 1996);
3. Sejam variados em suas temáticas, gêneros e graus de especialização.
4. Sejam suscetíveis de serem traduzidos pelos aprendizes.

No Brasil, o maior destaque dado ao enfoque por tarefas fica a cargo de Vasconcellos, Spindola e Gysel (2017) que retomam, também o PACTE (2005), ao compreender que tais prerrogativas surgem no dentro do espectro do Ensino de L2 no contexto do reconhecimento da necessidade de um currículo “integralizador”, ou seja, métodos de

⁷ Não entraremos no mérito das sequências didáticas no presente projeto, embora acreditemos que, futuramente, nosso ambiente digital também possa comportar este tipo de material. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), expoentes nesta área, determinam que “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.”

ensino que integrassem dimensões como “objetivos”, “conteúdos”, “metodologias” e “avaliação”.

Esses autores acreditam que o uso de tarefas permite tornar o ensino (com base em TFs e TMs) de caráter mais globalizante, de tal modo que professor e aprendiz possam sempre negociar as suas atividades.

Para Hurtado Albir (2005), a tarefa representa uma unidade organizadora do processo de aprendizagem (p. 43), trata-se, ainda, de uma unidade de trabalho representativa de contextos reais de uso, dirigida intencionalmente à aprendizagem da tradução (e também de L2) e desenhada com um objetivo concreto, estrutura e sequência de trabalho. Assim, adaptamos as vantagens apontadas pela autora aos propósitos de nossa pesquisa:

a) pode simular situações reais de uso, utilizando material autêntico (textos reais) relacionado ao mundo profissional;

b) permite um método mais ativo e une teoria e conteúdo, pois ativa uma série de saberes que o aluno vai aprimorando conforme vai executando a atividade;

c) favorece o aprendizado com enfoque no processo, pois o aluno realiza uma sequência de trabalho, desde a pré-tarefa até a tarefa final;

d) possibilita a aquisição não somente das competências tradutórias, mas também das habilidades que podem estar a elas atreladas;

e) é representativa do ensino com enfoque no aluno, o qual é o protagonista na realização das tarefas e o professor é apenas um guia facilitador, e

f) pode se adequar as necessidades dos alunos, além disso, permite que o aluno se autoavale durante todo o processo se tornando mais autônomo.

Dentro das prerrogativas da autora, uma tarefa de Tradução é estabelecida a partir de materiais previamente elaborados, pautados, normalmente em TFs e TMs, com procedimentos reflexivos e avaliativos que podem estar relacionados com “(...) continuações e até mesmo tarefas posteriores, aumentando gradativamente o envolvimento dos alunos no planejamento do material didático, com vistas a promover a gradual autonomia do tradutor-em-formação; além disso,

há a possibilidade de se incluir uma lista de referências teóricas em que a tarefa se baseia” (VASCONCELOS, SPINDOLA, GYSEL, 2017, p.192).

ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS E DAS MODALIDADES NA TRADUÇÃO OFICIAL E NA DOS FÃS

Passamos, nesta seção, para uma análise de como cinco dos neologismos criados na série *Harry Potter* e traduzidos pela tradutora Lia Wyler e como esses mesmos neologismos foram traduzidos por fãs em *fanfictions* disponíveis no site www.fanfiction.net.

Salientamos ainda que esses cinco neologismos dos quais selecionamos para a nossa análise foram baseados nos estudos de Martins (2017) e Handley (2018), que investigaram e catalogaram os neologismos presentes na série *Harry Potter*.

O primeiro neologismo que destacamos é o termo ***Death Eater***, que analisamos como um neologismo sintático por composição sintagmática (ALVES, 2004) na obra original em língua inglesa. Essa palavra, que designa os bruxos que se aliaram ao vilão da série – o *Lord Voldemort* –, foi traduzida por **Comensal da Morte**, portanto, também um neologismo sintático por composição sintagmática. Com relação à modalidade de tradução empregada por Lia Wyler, notamos que se trata de uma transposição (AUBERT, 1998), uma vez que essa opção tradutória envolve rearranjos morfossintáticos.

No entanto, em uma tradução feita por fãs⁸, a opção tradutória foi **Devorador da Morte**, possível de ser compreendido também como um neologismo sintático por composição sintagmática e cuja modalidade de tradução também foi a transposição.

O segundo neologismo analisado foi a palavra ***Quidditch***, que diz respeito ao esporte praticado no mundo bruxo. Por se tratar de um significante inédito, classificamos esse neologismo como fonológico. Na tradução oficial, a opção tradutória foi **Quadribol**, compreendido como um neologismo sintático por fundamentar-se em palavras já

⁸ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/6135746/1/N%C3%A3o-%C3%89-Uma-Po%C3%A7%C3%A3o-de-Amor>. Acesso em: 26 jan. 2021.

existentes da língua portuguesa. A modalidade de tradução recorrida foi a adaptação, uma vez que a tradutora faz uso da junção de dois elementos (quadri + bol), que remetem ao conceito de o esporte bruxo ser praticado com quatro bolas.

No caso de uma tradução realizada por fãs⁹, observamos a opção tradutória foi a de manter a palavra **Quidditch**, o que representa um empréstimo tanto sob a perspectiva dos neologismos quanto das modalidades de tradução.

O terceiro neologismo analisado é **Muggle**, que designa uma pessoa nascida sem o dom da magia. Compreendemos que essa palavra representa um neologismo semântico na língua inglesa, uma vez que *muggle* pode ser encontrado na língua inglesa, embora com outra conotação¹⁰. A alternativa encontrada pela tradutora Lia Wyler foi a palavra **Trouxa**, que também classificamos como um neologismo semântico, pois trata-se de uma inovação de sentido e não de significante¹¹. Sobre a modalidade de tradução, entendemos que houve o uso da adaptação.

Em uma *fanfiction* por nós explorada¹², notamos a opção de manter o termo **Muggle**, classificado, portanto, como empréstimo tanto na tipologia dos neologismos quanto das modalidades de tradução.

O quarto neologismo selecionado é a palavra **Snitch**, que se refere a uma bola dourada utilizada no jogo tipicamente bruxo. Por se tratar de um vocábulo já existente, porém empregado com um sentido inusitado, compreendemos que se trata de um neologismo semântico no inglês. Com relação à tradução da Lia Wyler, o nome utilizado foi **Pomo de Ouro**, sendo classificado, portanto, como um neologismo sintático por composição sintagmática, enquanto a modalidade de tradução utilizada foi a adaptação.

⁹ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/3832479/1/A-Ess%C3%AAncia-de-Wood>. Acesso em: 26 jan. 2021.

¹⁰ Ver <https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/muggle>.

¹¹ Ver <https://www.dicio.com.br/trouxa/>.

¹² Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/5585906/1/The-London-Eye>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Na *fanfic* pós-Hogwarts que nós analisamos¹³, encontramos a utilização da opção tradutória elaborada pela Lia Wyler. Isso evidencia, nesse caso, a aceitabilidade por parte do fã da adaptação feita inicialmente pela tradutora oficial.

O quinto neologismo escolhido envolve o nome dado a uma vassoura que proporciona uma alta velocidade de voo, a **Firebolt**, que se classifica como um neologismo sintático por combinar as palavras *fire* e *bolt*. A tradução feita por Lia Wyler manteve a palavra **Firebolt**, que classificamos como um empréstimo, tanto pelo viés dos neologismos quanto das modalidades.

Entretanto, na *fanfiction* intitulada *Não é uma poção de amor*¹⁴, o fã opta por nomear essa vassoura como **Flecha de Fogo**. Em nossa compreensão, um neologismo classificado como sintático por composição sintagmática. Já no que diz respeito à modalidade de tradução, entendemos que houve o emprego da transposição, pois a tradução envolveu rearranjos morfossintáticos entre as palavras inglesas *fire* e *bolt*.

Como forma de resumir essas discussões, apresentamos um quadro que resume as opções tradutórias da Lia Wyler e as empregadas pelos fãs nas *fanfics* por nós consultadas. Vejamos:

Quadro 1 – opções tradutórias de neologismos de *Harry Potter*

Texto original	Tradução da Lia Wyler	Tradução do fã
<i>Death Eater</i>	Comensal da Morte	Comedor da Morte
<i>Quidditch</i>	Quadribol	<i>Quidditch</i>
<i>Muggle</i>	Trouxa	<i>Muggle</i>
<i>Snitch</i>	Pomo de Ouro	Pomo de Ouro
<i>Firebolt</i>	<i>Firebolt</i>	Flecha de fogo

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

¹³ Disponível em: <http://www.fanfiction.net/s/6677075/1/Pomo-de-Ouro>. Acesso em 26 jan. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://www.fanfiction.net/s/6135746/2/N%C3%A3o-%C3%89-Uma-Po%C3%A7%C3%A3o-de-Amor>. Acesso em 26 jan. 2021.

À luz de uma análise mais interpretativa desses dados, observamos, pela perspectiva não linear das modalidades de tradução, ou seja, pelo viés das categorias mais amplas (AUBERT, 2006), que tradutora Lia Wyler recorreu, para a tradução desses cinco neologismos, as categorias literalidade e equivalência sendo a categoria equivalência a mais utilizada por meio das adaptações. Em contrapartida, nas traduções dos fãs das quais consultamos, observamos a escolha pela categoria literalidade, além do uso em que o fã acatou a adaptação sugerida pela tradutora da série.

Desse modo, Lia Wyler além de diversificar mais nas categorias, optou por adaptações enquanto os fãs aqui analisados não. A nosso ver, isso pode indicar certa resistência por parte dos fãs, que estiveram menos propensos do que a tradutora oficial a se distanciarem dos neologismos utilizados no TF.

DOS CONHECIMENTOS PROCEDIMENTAIS E DA TAREFA DE TRADUÇÃO

Conforme Hurtado Albir (1999, 2007), podemos compreender a competência tradutória como um sistema de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para se traduzir. Acreditamos, portanto, que uma proposta didática que envolva os neologismos e as modalidades de tradução pode contribuir para o desenvolvimento das competências, principalmente estratégicas, e dos conhecimentos de tradução em aprendizes.

Entendemos que ao apresentarmos aos estudantes as modalidades de tradução adotadas por Wyler e pelos fãs, bem como sua variabilidade, evocamos à discussão elementos teóricos de cunho linguístico e tradutório que podem ampliar a habilidade dos alunos de refletir sobre os procedimentos que utilizam em seus TMs, atrelando-os as suas escolhas, sejam elas de ordem individual ou coletiva. Além disso, podem compreender com maior amplitude as estratégias utilizadas por tradutores profissionais e não-profissionais e passar a reexpressá-las considerando a funcionalidade dos neologismos nos TFs.

Além da contribuição desses conhecimentos teóricos e práticos, pensamos, em conformidade com Vasconcellos, SPINDOLA e GYSEL

(2017), que esse objetivo pode ser viabilizado por meio de uma tarefa de tradução que unifique todas essas ponderações e, de fato, constitua uma atividade didática que possa ser aplicada aos tradutores aprendizes.

Vasconcellos, SPINDOLA e GYSEL (2017) aponta que a tarefa de tradução surge no âmbito do ensino de línguas e serve como uma unidade organizadora do processo de aprendizagem que considera o aluno como protagonista. Entre os benefícios da tarefa de tradução destacados por Hurtado Albir (2007), destacamos (i) o de oferecer material autêntico, (ii) de ser uma metodologia ativa, com foco no processo e também no aluno, e (iii) de desenvolver estratégias de resolução de problemas tradutórios.

A PRÉ-TAREFA

Este estágio mais inicial tem o objetivo de apresentar os conhecimentos (neologismos e modalidades de tradução) por meio dos exercícios 1 e 2. Com relação aos exercícios 3 e 4, eles se relacionam com o estabelecimento dos contextos e têm, portanto, como proposta, focar na formação da competência estratégica. Assim sendo, vejamos como se organiza didaticamente esta fase:

Exercício 1) Associe os tipos de neologismos, como propõe Alves (2004), às respectivas definições.

- a) Neologismos fonológicos.
- b) Neologismos sintáticos.
- c) Neologismos semânticos.
- d) Neologismos por empréstimos.

() “combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico português” (ALVES, 2004, p. 14).

() ocorre quando um item lexical de um sistema linguístico alheio é utilizado, porém sem ainda fazer parte do acervo do idioma que passou a usar o termo estrangeiro (ALVES, 2004).

() “criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (ALVES, 2004, p. 11).

() um novo significado é atribuído a uma palavra ou unidade lexical já existente (ALVES, 2004).

Exercício 2) Aubert (1999) elabora uma proposta de modalidades de tradução. Em um trabalho futuro, Aubert (2006) organiza essas modalidades em categorias. Considere essas categorias (1 a 6) para classificar as modalidades de tradução que se seguem. Você pode associar uma categoria a mais de uma modalidade de tradução.

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| 1. Omissão. | () Tradução palavra por palavra. |
| 2. Espelhamento. | () Transcrição. |
| 3. Literalidade. | () Implicitação. |
| 4. Equivalência. | () Decalque. |
| 5. Tradução intersemiótica. | () Adaptação. |
| 6. Erro. | () Empréstimo. |
| | () Transposição. |
| | () Modulação. |
| | () Explicitação. |

Exercício 3) House (1981) sugere uma série de armadilhas da tradução. Na sua opinião, que armadilhas um texto literário pode oferecer a um tradutor? Dessas armadilhas, alguma se aplicaria ao universo literário de *Harry Potter*? Discuta em grupos.

Exercício 4) Se um fã se colocasse na posição de tradutor da série *Harry Potter*, você acredita que ele faria as mesmas escolhas que a Lia Wyler fez? Discuta em grupos de forma a justificar a sua posição.

A TAREFA DE TRADUÇÃO

Esta segunda etapa envolve, mais precisamente, os conhecimentos procedimentais, sendo que o exercício 5 traz, de forma reflexiva e focada no aluno, uma exemplificação de como a Lia Wyler e os fãs traduziram os neologismos com o intuito de que os estudantes identifiquem quais tipos de neologismos e quais modalidades de tradução foram mobilizados. Em seguida, no exercício 6 os estudantes têm a chance de realizar as suas traduções. Vejamos:

Exercício 5) Complete a tabela a seguir de modo a classificar a qual tipo de neologismo (ALVES, 2004) as opções tradutórias da Lia Wyler e dos fãs pertencem. Em seguida, analise essas escolhas tradutórias com base nas modalidades de tradução de Aubert (1999).

Texto original	Tradução da Lia Wyler	Tradução do fã
<i>Death Eater</i>	Comensal da Morte Neologismo: Modalidade de tradução:	Comedor da Morte Neologismo: Modalidade de tradução:
<i>Quidditch</i>	Quadribol Neologismo: Modalidade de tradução:	<i>Quidditch</i> Neologismo: Modalidade de tradução:
<i>Muggle</i>	Trouxa Neologismo: Modalidade de tradução:	<i>Muggle</i> Neologismo: Modalidade de tradução:
<i>Snitch</i>	Pomo de Ouro Neologismo: Modalidade de tradução:	Pomo de Ouro Neologismo: Modalidade de tradução:
<i>Firebolt</i>	<i>Firebolt</i> Neologismo: Modalidade de tradução:	Flecha de fogo Neologismo: Modalidade de tradução:

Exercício 6) Ofereça a sua opção de tradução para os neologismos a seguir. Feito isso, justifique a sua escolha tradutória com base nas considerações de Alves (2004) acerca dos neologismos e de Aubert (1999) no tocante às modalidades de tradução.

- a) *Death Eater*.
- b) *Quidditch*.
- c) *Muggle*.
- d) *Snitch*.
- e) *Firebolt*.

A PÓS-TAREFA

Este estágio final envolve, de certa maneira, a autoavaliação dos estudantes com relação as atividades propostas. O foco é utilizar alguns questionamentos para que os tradutores em formação reconheçam como a tarefa de tradução contribuiu para o desenvolvimento da competência tradutória. Vejamos:

Exercício 7) De que maneira você acredita que os conhecimentos acerca dos neologismos e das modalidades de tradução contribuíram para a sua formação em tradução?

Exercício 8) De que forma a observação e a análise de como a tradutora Lia Wyler e os fãs traduziram alguns dos neologismos tipicamente relacionados ao universo literário de *Harry Potter* trouxe *insights* para a sua atuação futura enquanto tradutor?

Exercício 9) O momento em que você precisou propor uma tradução para o português dos neologismos de *Harry Potter* contribuiu de que modo com a sua competência tradutória?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trabalha o processo tradutório dos contextos literários da saga *Harry Potter* por Wylar e o processo de escritas de caráter mais livres feitas pelos fãs em suas *fanfictions*. Com base nesse TF que faz uso de palavras criadas, apresentamos a conceitualização acerca dos neologismos (ALVES, 2004) e, em um segundo momento, das modalidades de tradução (AUBERT, 1998, 2006), os quais serviram como aparato para a análise das escolhas tradutórias feitas pela tradutora da saga e pelos fãs.

Pautados, portanto, na observação de cinco neologismos propostos pela escritora J. K. Rowling e na forma como foram traduzidos em língua portuguesa, seguindo as modalidades de tradução, procuramos expandir a discussão e promover atividades didáticas que promovam a associação entre teoria e prática no contexto de sala de aula.

Nesse sentido, abordamos a questão da competência tradutória, que compreende justamente um conjunto de conhecimentos operativos e de habilidades subjacentes a prática tradutória e que unem, por assim dizer, as teorizações e os procedimentos efetivos de tradução.

Como resultados alcançados neste trabalho, acreditamos que propusemos uma análise de como alguns neologismos associados à série *Harry Potter* foram traduzidos oficialmente e por alguns fãs. Nesse âmbito, considerando os cinco neologismos por nós estudados, os resultados que obtivemos apontaram que os fãs nem sempre utilizam da mesma modalidade de tradução empregada na tradução oficial. Além disso, notamos que os fãs não utilizaram a modalidade adaptação, o que pode ser visto como um maior receio por parte dos fãs de se distanciar, digamos, do texto original.

Para além dessa análise neológica, desenvolvemos, com base nas informações levantadas, uma tarefa de tradução subdividida em três estágios (pré-tarefa, tarefa de tradução e pós-tarefa) que proporciona aos estudantes de tradução uma reflexão que leve em consideração a complexidade de se traduzir textos literários e palavras neológicas. Além disso, defendemos que a tarefa de tradução favoreceu a aprendi-

zagem das modalidades de tradução. Essa interação, portanto, dos conhecimentos teóricos e práticos, fez com que essa tarefa de tradução visasse ao desenvolvimento de conhecimentos relevantes ao processo de aprendizagem e à competência tradutória estratégica de tradutores em formação. Isso de modo ativo e focado no aluno, como defende Vasconcellos et al (2017), e de forma que a teoria interaja com a prática, como advoga Pérez (2005).

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo criação lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2004.

AMARAL, F. A. *Narrativas Ficcionalis Seriadas: um estudo sobre Harry Potter*. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ARAÚJO, A P. de. *Neologismo*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/linguistica/neologismo/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

AUBERT, F. H. Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida - revendo a ferramenta de análise. *Literatura e Sociedade, [S. l.]*, v. 11, n. 9, p. 60-69, 2006. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.voi9p60-69. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19741>. Acesso em: 20 jan. 2021.

AUBERT, F.H. Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados. *TradTerm*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.

ASSIS, É. G. Especificidades da tradução de histórias em quadrinhos: abordagem inicial. *Tradterm*, v. 27, p. 15-37, 2016.

BERENGUER, L. Cómo Preparar la Traducción en la Clase de Lenguas Extranjeras. *Quaderns: Revista de traducció* 4: 135-150, 1999.

BERNARDINI, S. Designing a corpus for translation and language teaching: The CEXI experience. *Tesol Quarterly*, v. 37, n. 3, p. 528-537, 2003.

BERNARDINI, S. Corpus-aided language pedagogy for translator education. In: MALMKJAER, K. (Eds.) *Translation in undergraduate degree programmes*, p. 97-111, 2004a.

BERNARDINI, S. Corpora in the classroom. How to use corpora in language teaching, v. 12, p. 15-36, 2004b.

DURIEUX, C. *Fondament didactique de la traduction technique*. Brive (Francia): Didier Érudition, 1998.

FENSKE, C. *Muggles, monsters and magicians: A literary analysis of the Harry Potter series*. Peter Lang, 2008.

GAMERO PÉREZ, S. La enseñanza de la traducción científico-técnica. In: HURTADO ALBIR, A. *La enseñanza de la traducción*. Castelló: Publicacions de la Universitat Jaume I, p.195-199, 1996.

HANDLEY, R. *Tradução da criatividade nas obras de Harry Potter*. Tese de Doutorado – Universidade de Lisboa (Faculdade de Letras), Lisboa, 2018.

Hatim, B. *Teaching and Researching Translation*. Harlow: Longman / Pearson Education Limited, 2001.

HEILMAN, E. E. (Ed.). *Critical perspectives on Harry Potter*. London: Routledge, 2008.

HERMANS, T. Translation's representations. In: HUNG, E. *Teaching Translation and Interpreting 4. Building Bridges*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 3-18, 2002.

HOUSE, J. *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr, 1981.

HURTADO ALBIR, A. Competence-based curriculum design for training translators. *The interpreter and translator trainer*, v. 1, n. 2, p. 163-195, 2007.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.M.; PANGANÓ, A. (Orgs.) *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-57.

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología*. Introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

HURTADO ALBIR, A. La competencia traductora y su adquisición. un modelo holístico y dinámico. *Perspectives Studies in Translation Theory and Practice*, v. 7, p. 177-188, 1999.

HURTADO ALBIR, A. Hacia un enfoque comunicativo de la traducción. In: *Actas II Jornadas Internacionales de Didáctica del Español como Lengua Extranjera*. Madrid: Ministerio de Cultura, 1988.

JENKINS, H. Lendo criticamente e lendo criativamente. *Matrizes*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 11-24, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/48047/51801>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LIPARINI, T.; SOUSA, R. C.; GOMES, M. H. P. Formação de tradutores: O desenvolvimento das subcompetências instrumental e estratégica. *Cultura & Tradução*, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2011.

LUCINDO, E. S. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. *Scientia Traductionis*, n. 3, 2006.

MARTINS, L. F. S. *Harry Potter e a tradução de seus neologismos no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução (Universidade de Brasília), Brasília, 2017.

MAYORAL, R. ¿Existe la teoría de la traducción? *Apuntes*. 10(4), p. 12-13, 2002.

NEVES, A. J. *Cibercultura e literatura identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

NEWMARK, P. *A Textbook of Translation*. New York: Prentice-Hall International, 1988.

PACTE. First Results of PACTE Group's Experimental Research on Translation Competence Acquisition: The Acquisition of Declarative Knowledge of Translation. *MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación*, núm. especial 1, 85-115, 2014.

PACTE. Results of PACTE's Experimental Research on the Acquisition of Translation Competence: The Acquisition of Declarative and Procedural Knowledge in Translation. The Dynamic Translation Index. *Translation Spaces*, Vol. 4 núm. 1, p. 29-53, 2015.

PÉREZ, M. C. Applying Translation Theory in Teaching. *New Voices in Translation Studies*, p. 1-11, 2005.

PERRENOUD, P. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. *Revista brasileira de educação*, v. 12, n. 5-21, 1999.

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

REIß, K. Text Types and Translation Assesment. In: CHESTERMAN, A. (Ed) *Readings in Translation Theory*. Helsinki: Oy Finn Lectura Ab, 115-187. 1989.

PYM, A. Redefining Translation Competence in an Electronic Age: In Defense of a Minimalist Approach', *Meta*, 48(4): 481-497, 2003.

RIDD, M. Tradução, Consciência Crítica da Linguagem e Relações de Poder no Ensino de Línguas Estrangeiras [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por emysoares@yahoo.es em 23/08/2005.

ROWLING, J. K. *Harry Potter and the philosopher's stone*. Bloomsbury Publishing, 1997.

ROWLING, J. K. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. Bloomsbury Publishing, 1998.

ROWLING, J. K. *Harry Potter and the prisoner of Azkaban*. Bloomsbury publishing, 1999.

- ROWLING, J. K. *Harry Potter and the goblet of fire*. Bloomsbury Publishing, 2000.
- ROWLING, Joanne K. *Harry Potter and the Order of the Phoenix*. Bloomsbury Publishing, 2003.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter and the half-blood prince*. Bloomsbury publishing, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter and the deathly hallows*. Bloomsbury Publishing, 2007.
- SANTANA, J. M. A.; BARREIROS, P. N. B. De suor a sudor. A Tradução do vocabulário culturalmente marcado no romance de Jorge Amado. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 22, p. 298-327, 2018.
- SEVILLA MUÑOZ, M.; SEVILLA MUÑOZ, J.; TREJO, V. C. Propuesta de una unidad didáctica de traducción científico-técnica dirigida a alumnos universitarios. *Cadernos de tradução*, v. 2, n. 12, p. 109-125, 2003.
- SNEL TRAMPUS, R. D. Aspects of a theory of norms and some issues on teaching translation'. In: RICCARDI. (Ed) *Translation Studies. Perspectives on an Emerging Discipline*. Cambridge: CUP, 38-55, 2002.
- VASCONCELLOS, M. L.; ESPINDOLA, E.; GYSEL, E. Interdisciplinaridade no ensino da tradução: formação por competências, abordagem por tarefas de tradução, tipologia textual baseada em contexto. *Cadernos de Tradução*, v. 37, n. 2, p. 177-207, 2017.
- VENUTI, L. ¿Será útil la teoría de la traducción para los traductores? *Vasos comunicantes* 5(16): 26-35, 2000.
- VIDAL CLARAMONTE, M. C. Á. Nuevas didácticas de la traducción. In: VÁSQUEZ, A. L. S. (Ed) *Insights into Translation*. A Coruña: NINO, 61-66, 1998.
- VINAY, J.P. AND DARBELNET, J. *Stylistique Comparée du Français et de l' Anglais: Méthode de Traduction*. Paris: Didier. 1958 (Transl.

and ed. by Sager, J.C. and Hamel, M.J. (1995) as *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.)

WIZARDING WORD DIGITAL. Disponível em: <https://www.wizardingworld.com/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

ZAVAGLIA, A. Modalidades de tradução e operações enunciativas: o caso do marcador léxicogramatical um e suas traduções para o francês. *Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*. v. 14, 2005.

O professor de língua inglesa e a web: a formação inicial do *class-room influencer*

Queila Barbosa Lopes
Tamara Afonso dos Santos

"[...]na escola, agência de letramento por excelência de nossa sociedade, que devem ser criados espaços para experimentar formas de participação nas práticas sociais letradas" (KLEIMAN, 2007, p. 4).

INTRODUÇÃO

O uso de tecnologias digitais em ambientes formais de aprendizagem não é algo que possa ser considerado recente. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador dos currículos a nível de estados da federação, a quinta competência evidencia de forma clara a necessidade das habilidades com o digital serem ampliadas de modo que os discentes consigam "Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares)" (BRASIL, 2018, p. 9).

Ribeiro (2016) apresenta um breve histórico dessa relação e o quanto ainda precisávamos caminhar, para que as tecnologias digitais estivessem presentes com a mesma fluidez e relevância como o é em nosso cotidiano fora dos muros escolares. Nesse trabalho a autora lembra seus leitores que essas tecnologias têm estado no contexto brasileiro de forma mais presente desde 1995, totalizando mais de 20

anos de uma inserção de tecnologias digitais na vida das pessoas de modo crescente desde então.

De modo que essa inserção torne-se mais orgânica, na escola, "agência de letramento por excelência" (KLEIMAN, 2007), o professor emerge como agente cuja atuação poderá resultar na presença das tecnologias digitais sem o ar de "novidade" no ambiente escolar, contribuindo assim para que a formação do sujeito esteja cada vez mais próxima de sua realidade, tornando-se mais significativa. No entanto, essa ação do professor ocorrerá ou não a depender de sua atitude diante das tecnologias digitais, assim como de sua formação inicial e continuada.

A importância do desenvolvimento de letramento digital pelos professores tem sido tema de pesquisas a partir das quais são suscitadas reflexões quanto à necessidade de um trabalho mais efetivo nesse sentido tanto na formação inicial (FREITAS, PRETTO, BARBA, 2017) quanto na formação continuada de professores (PRETTO, RICCIO, 2010).

Vale ressaltar que a prática pedagógica de uso de tecnologias digitais para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo envolve uma série de fatores que está intrinsecamente relacionada com o reconhecimento da relevância do papel do professor, tais como acesso a dispositivos tecnológicos atualizados, conexão à internet de boa qualidade e condições de trabalho que viabilizem o uso dessas tecnologias, dado que, diferentemente do que se pode imaginar, o uso delas demanda uma quantidade de tempo considerável (RIBEIRO, 2016). Além disso, o professor precisa de uma capacidade de adaptação, realizando as transposições didáticas que forem necessárias para que o uso da tecnologia não se faça por si mesma, ocasionando na repetição das atividades/tarefas para as quais o uso das tecnologias 'papel e caneta' seria suficiente.

Além disso, a partir da determinação de que o distanciamento social era a principal maneira de evitar que a pandemia de Covid-19 continuasse a ampliar o número de óbitos, houve a potencialização do uso dessas tecnologias já que as práticas pedagógicas precisaram ser realizadas através das tecnologias que nos possibilitam encontros síncronos, atividades telecolaborativas e assíncronas.

O trabalho que apresentamos neste capítulo discute reflexões suscitadas durante a oferta de uma disciplina voltada para o desenvolvimento do letramento digital em alunos do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês. Destacamos que a oferta da disciplina iniciou antes da detecção do vírus no Brasil, tendo sido interrompida apenas 3 semanas após o início da disciplina¹. Ensino de Língua Inglesa e Web foi disciplina acrescida ao currículo do curso por ocasião da reformulação do Projeto Pedagógico Curricular do Curso no intuito de auxiliar no desenvolvimento de competências/habilidades do licenciado em Letras/Inglês que o tornem apto a utilizar "Tecnologias da Informação e da Comunicação com finalidades didáticas claras." (UFAC, 2018, p. 18)

As perguntas de pesquisa que procuramos responder são: A partir da experiência da primeira oferta da disciplina Ensino de Língua Inglesa e Web, quais as possibilidades de desenvolvimento do trabalho com tecnologias durante a formação docente? Quais desafios se interpõem a formação inicial dos professores de línguas como *classroom influencers*²?

Nos propusemos a essa empreitada conscientes de que encontraríamos mais reflexões que soluções, principalmente porque compreendemos que cada contexto de ensino é específico e que não há fórmulas prontas.

De modo que possamos atingir o objetivo estabelecido para este trabalho de: apontar indícios, através da análise dos dados coletados durante a disciplina Ensino de Língua Inglesa e Web, de como o trabalho com tecnologias poderia ser realizado durante a formação docente de modo que o letramento digital desses futuros profissionais os

¹ Sete meses após a interrupção da oferta presencial da disciplina, em outubro de 2020 a oferta ocorreu no formato remoto. Para que pudesse ocorrer nesse formato, a professora regente da disciplina refez o planejamento, deixando de trabalhar no formato híbrido em detrimento do Ensino Remoto Emergencial, conforme Resolução do CONSU/UFAC Nº 11/2020.

² Expressão usada em apresentação oral por Marcella Sarah Farias durante palestra em reunião do Grupo de Pesquisa - DALi - Digitalidades e Aprendizagens de Línguas realizada no dia 2 de outubro de 2020. Farias usou a expressão em uma referência a *digital influencer* que foi popularizada pela ascensão das redes sociais no cotidiano das pessoas.

auxilie a oportunizar processos de aprendizagem de língua significativos, organizamos o capítulo com na seguinte ordem: i) discussão teórica que embasa nossos procedimentos de análise; ii) apresentação do contexto de produção e coleta dos dados utilizados na pesquisa; iii) análise e discussão dos resultados; encerrando com iv) considerações quanto ao que discutimos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conceito central na discussão que realizamos neste trabalho, o termo "letramento" surgiu, conforme Soares (2003) em 1980 no Brasil. A diferenciação entre esse e o conceito de alfabetização nos parece claro entre os pesquisadores: o último relacionado a capacidade de decodificar signos linguísticos, de adquirir modos de ler e escrever e o primeiro, mais abrangente, açambarca práticas sociais de uso da linguagem. A desenvoltura nessas práticas é que determinam se o sujeito desenvolveu ou não o letramento. As discussões, na década de 80, estavam mais voltadas a essa distinção do que aos derivados como letramento digital, foco deste trabalho. Vale lembrar que naquele momento histórico, no Brasil, os computadores ainda eram considerados como um bem restrito a alguns poucos que podiam pagar o alto investimento de ter uma dessas máquinas em casa.

Assim, a perspectiva adotada para este trabalho é dos letramentos como práticas sociais (KLEIMAN, 1995; STREET, 2003, 2014) desenvolvidas em contextos nos quais a linguagem, em múltiplas semioses, é central. Quanto a adjetivação de letramento(s), embora haja discussão sobre a não necessidade de incluir "digital" para limitar meios nos quais o letramento ocorre, optamos pela definição que Ana Elisa Ribeiro e Carla Viana Coscarelli tecem no Glossário CEALE³, em que letramento digital diz respeito "às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web,

³ Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>.

entre outras."(RIBEIRO, COSCARELLI, s.d.). Isso em decorrência de que entendemos que o ambiente digital demanda competências/habilidades específicas desse contexto, em consonância com a discussão realizada por Ribeiro (2009) de que "Letramento digital é a porção do letramento que se constitui das habilidades necessárias e desejáveis desenvolvidas em indivíduos ou grupos em direção à ação e à comunicação eficientes em ambientes digitais." (p. 30).

No contexto atual, de maneira ainda mais forte em razão da pandemia em que ainda imersos, o letramento digital se configura como uma habilidade indispensável tanto para a atuação no mundo quanto nos processos de ensino e aprendizagem formais. Como assevera Dudeney (2016) essas "habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital" (DUDENEY, 2016, p. 17).

Os efeitos da nossa atual necessidade de agir no mundo mediados principalmente pelo digital, em decorrência da pandemia, ainda não podem ser mensurados ou diagnosticados. Contudo, uma vez que não se tem uma visão clara das consequências dessa ampliação dos usos das tecnologias digitais a partir desse cenário pandêmico, o que podemos inferir é que uma quantidade maior de pessoas passou a usar mais ferramentas nesse ambiente. Desse modo, nas circunstâncias atuais, fazer uso de ambientes virtuais de aprendizagem não é mais uma escolha ousada do educador que se atreve a explorar a internet, as tecnologias digitais, mas tem sido o único meio de acesso aos alunos.

Gestores escolares e secretarias de educação precisaram em poucos dias verificar o grau de letramento digital e pensar em alternativas possíveis para o caso de precisar ampliá-lo para que o processo de ensino e aprendizagem pudesse ocorrer, a partir de então, remotamente. Em alguns casos, os professores, preocupados com a aprendizagem e o engajamento dos alunos, procuraram alternativas para desenvolver outros níveis de letramento digital, precisando dedicar muito mais horas do que normalmente trabalham, para aprender a usar as ferramentas sobre as quais sequer ouviram falar antes, como Lopes e Queiroz (2020) descrevem em artigo em que analisam entrevistas realizadas

com professores da educação básica do Acre em tempos de ensino remoto.

Os graus de letramento, conforme discute Ribeiro (2009) podem ser dos mais simples aos mais complexos, em um *continuum*. Esses conceitos iluminam os dados coletados durante a oferta da disciplina. Na seção seguinte, apresentamos procedimentos metodológicos de coleta e o contexto de produção desses dados.

MATERIAL E MÉTODO

CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA

Pesquisa qualitativa de cunho interpretativista, conforme Paiva (2019), também nomeada por naturalística por ser desenvolvida no "mundo real", a discussão apresentada neste trabalho tem como método o estudo de caso, na medida em que nos debruçamos para investigar um grupo de discentes de um curso de licenciatura em situação de ensino e aprendizagem envolvendo o uso de tecnologias digitais.

A disciplina, *locus* da pesquisa, Ensino de Língua Inglesa e Web, com carga horária de sessenta horas foi ministrada por uma das autoras deste capítulo no Curso de Licenciatura em Letras/Inglês da Universidade Federal do Acre. Foi a primeira oferta da disciplina, considerando que o Projeto Pedagógico Curricular do Curso foi reformulado em 2018 com a inserção desse componente curricular como relevante para a formação de professores na atualidade.

A disciplina tem como ementa:

O ensino e aprendizagem de Língua Inglesa mediado por tecnologias da informação e comunicação digitais. Foco no desenvolvimento das capacidades linguístico-discursivas, aprendizagem autônoma e colaborativa nas salas de aula de Língua Inglesa. Transposição didática de conteúdos e simulações de situações de ensino de Língua Inglesa. (UFAC, 2018, p. 50)

O intuito com a disciplina, portanto, seria contribuir com a formação dos futuros professores, oportunizando um espaço de aprendizagem em que o uso de tecnologias digitais de informação, para o ensino

e aprendizagem de língua inglesa, fosse realizado de modo que os discentes alcançassem o desenvolvimento da competência/habilidade como descrita no Projeto Pedagógico Curricular (UFAC, 2018, p. 25) como: "dominar os métodos e técnicas pedagógicas que permitam a transposição dos conhecimentos para os diferentes níveis de ensino, bem como a utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação com finalidades didáticas claras."

A oferta da disciplina ocorreu em dois momentos. O primeiro, presencial, interrompido pela pandemia de Covid-19 e o segundo, realizado totalmente no formato remoto, oito meses após a suspensão das atividades de ensino na universidade. Nessa segunda oferta foi realizada nova matrícula e a partir do que foi estabelecido pela Resolução CONSU Nº 11/2020 que regulamentou a oferta de Ensino Remoto Emergencial (ERE) na UFAC, orientando que cada componente curricular deveria ser realizado considerando uma divisão das atividades em síncronas e assíncronas, de modo que as últimas deveriam ser priorizadas. A orientação do Conselho Universitário ocasionou a decisão colegiada de que a totalização de sessenta por cento (60%) da carga horária da disciplina deveria ser realizada de forma assíncrona. Os alunos não poderiam receber faltas pela ausência em atividades síncronas, podendo inclusive solicitar cancelamento de sua matrícula a qualquer momento da disciplina.

Nesse cenário, a disciplina teve trinta e nove (39) alunos matriculados. Vinte e seis desses discentes participaram em algum momento de atividades da disciplina e vinte concluíram as atividades com aprovação.

O PERCURSO

As atividades, cujos dados são analisados neste trabalho, foram realizadas no período de vinte e seis de outubro de 2020 a onze de janeiro de 2021, período da oferta da disciplina. A organização das unidades temáticas foi planejada para que, no término das atividades, os discentes apresentassem atividades elaboradas para o ensino e aprendizagem de língua inglesa em salas de aula da educação básica.

Assim, durante a primeira unidade os discentes discutiram o papel do professor na sala de aula contemporânea, o histórico da presença das tecnologias digitais na sala de aula no Brasil (RIBEIRO, 2016), o que incidiu na discussão dos conceitos de letramento(s) acadêmico, digital, e dos modelos de letramento autônomo e ideológico (STREET, 1984). Nas segundas e terceiras unidades, os discentes discutiram o uso de redes sociais, tecnologias digitais diversas, gamificação e escrita telecolaborativa no contexto de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa (LI). A jornada da disciplina foi encerrada com a proposição de uma atividade utilizando tecnologias digitais para o ensino e aprendizagem de LI na educação básica a partir das discussões e vivências durante a disciplina.

O SÍNCRONO E O ASSÍNCRONO

Os encontros online (síncronos) ocorreram semanalmente, iniciando às quatorze horas e terminando às dezesseis horas. O aplicativo de videoconferência utilizado para esses encontros foi o Zoom®⁴, a partir da plataforma Sympla® para que pudessem ocorrer por mais de quarenta minutos⁵ sem a necessidade de assinatura. A regente da disciplina utilizou o Canva®, Emaze® e Google Slides® para apresentações durante os encontros virtuais.

Como ambiente virtual de aprendizagem, foi adotado o Edmodo®. Nele os discentes tiveram acesso ao Plano de Ensino da disciplina e aos textos que precisaram ler para fazer resenhas, gênero acadêmico escolhido a ser desenvolvido como um dos objetivos da disciplina. Os alunos foram convidados a redigirem suas reflexões sobre o que estavam vivenciando na disciplina em Padlets® individuais, compartilhados com a professora.

Além desses, o Classcraft foi utilizado tanto em atividades síncronas como assíncronas com missões que revisavam conceitos e leituras

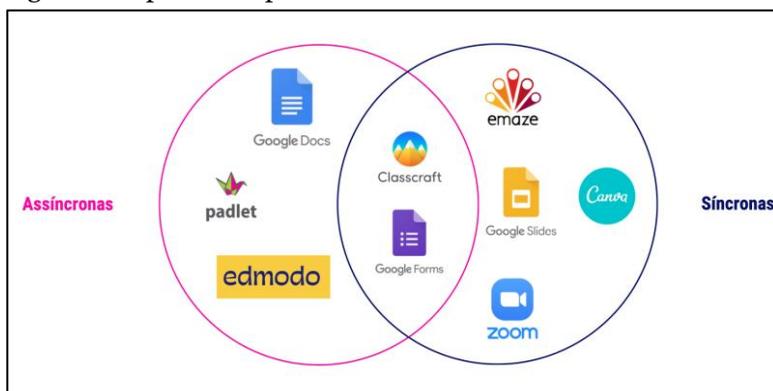
⁴ A escolha do Zoom® como meio para os encontros síncronos foi feita para que se pudesse utilizar a ferramenta "Breakout rooms" que viabiliza a divisão dos participantes em pequenas salas para discussões e atividades, tornando os encontros mais colaborativos.

⁵ Duração máxima de uma atividade online no Zoom® com conta gratuita.

de artigos acadêmicos trabalhados na disciplina. Uma orientação dada pelo NDE (Núcleo Docente Estruturante) do Curso é que cada professor opte por um gênero acadêmico para trabalhar durante a oferta das disciplinas. Para essa disciplina, a professora optou pela resenha que deveria ser escrita tanto individual quanto colaborativamente, utilizando o Google Docs ®.

A figura 1 ilustra a quantidade de aplicativos e seus usos na referida disciplina.

Figura 1 – Aplicativos por atividades



Fonte: Elaborado pelas autoras.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram produzidos durante a oferta da disciplina, salvos em pastas no Google Drive, que, ao final da disciplina continham vinte e cinco (25) formulários on-line, a maioria utilizados nas missões do Classcraft®. Foram 10 encontros, totalizando 20h de atividades síncronas, de modo que as atividades assíncronas constituíssem a maior porcentagem de horas da disciplina. Cada encontro de duas horas foi planejado com atividade a ser realizada nas breakout rooms do Zoom®. Alguns dados apresentados foram coletados da

turma "Copy⁶ of English Language Learning and Web" no Edmodo®, em conversas entre a docente e os discentes quando da realização das atividades da disciplina. Os discentes autorizaram o uso dos dados para análise, resguardando a face com anonimização que dificulta sua identificação.

Nos dados procuramos identificar alterações nos níveis de letramento digital dos professores em formação a partir da participação dos discentes nas atividades propostas durante a disciplina. Para tal, utilizamos comentários, respostas aos formulários que indiquem dificuldade de uso das ferramentas e as respostas ao questionário de avaliação final, aplicado na última aula síncrona. Para tal, procuramos palavras/expressões como "difícil", "não consegui", "complicado", "não conhecia", "não sabia usar".

CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram alunos do Curso de Letras Inglês da UFAC matriculados para a disciplina. A partir do que queremos discutir, o letramento digital dos professores em formação, entendemos ser relevante informar que houve um número inicial de matriculados, no presencial, interrompido, outro número com o início da oferta do ensino remoto, e um outro número de alunos matriculados no final da disciplina.

Essa variação, entre número de matriculados no início e no final ocorreu porque os discentes estavam amparados pela Resolução CONSU/UFAC N°11/2020 que possibilitou a desistência até o último dia de atividades das disciplinas oferecidas em formato remoto. A análise dos dados apresentados neste trabalho inclui o quantitativo de discentes matriculados que participaram em algum momento da disciplina. Ou seja, do total inicial de matriculados, quarenta e nove (49), no presencial, tivemos trinta e nove (39) matriculados para a oferta no

⁶ A disciplina ficou assim nomeada porque os textos que foram selecionados para serem discutidos no decorrer da disciplina no formato presencial foram mantidos.

formato remoto. Desses últimos, um total de vinte e quatro (24) participaram em algum momento da disciplina e vinte (20) concluíram-na aprovados.

Os participantes são acreanos, com exceção de um discente que é de um estado do sudeste, jovens entre 17 e 21 anos, a maioria ainda não inserido no mundo do trabalho. Na análise dos dados, os participantes desta pesquisa são referidos como LI4, LI9, LI13, LI15, preservando sua identidade.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A discussão que levantamos neste trabalho, dada a complexidade, pode partir de diversos elementos. Embasadas em Ribeiro (2009), Kleiman (1995) e Tfouni (2004) principalmente, procuramos identificar indícios de desenvolvimento de níveis mais complexos de letramento em professores em formação.

A partir da tabulação dos dados podemos destacar que os alunos que concluíram a disciplina desenvolveram seu nível de letramento. Nessa seção discutiremos dados que apontam para esse desenvolvimento promovido pela participação na disciplina.

O INÍCIO DA JORNADA

As atividades tiveram início dia 29 de outubro de 2020. A avaliação dos discentes foi planejada de modo que estivessem dedicados tanto à reflexão a partir da leitura dos artigos acadêmicos⁷ selecionados pela docente, quanto ao desenvolvimento do letramento digital pelo uso de ferramentas digitais diversas que pudessem ser utilizadas para promover ensino e aprendizagem de línguas. Foram aferidas notas para as resenhas dos artigos, assim como pelo uso das ferramentas, de modo que 50% da avaliação estava relacionada a leitura dos textos de embasamento teórico, diagnosticada através das resenhas e discussões nos encontros síncronos e 50% foi concedida pelo uso adequado

⁷ A temática dos artigos selecionados compreendia cibercultura, letramentos, ensino e aprendizagem de línguas na era da tecnologia digital e princípios da gamificação.

das ferramentas apresentadas como possibilidades para o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira.

O primeiro dia de encontro síncrono foi um tanto tumultuado porque uma parte dos discentes não conseguia encontrar o link individual de acesso criado na plataforma Sympla® para acesso à sala no Zoom®. A docente precisou acessar a plataforma e enviar aos discentes com problemas, via WhatsApp® os links individuais.

Resolvida a dificuldade de acesso, passamos a apresentação do plano de ensino. Os alunos não conheciam grande parte das ferramentas utilizadas pela docente, o que causou preocupação nos discentes, haja vista que precisariam utilizar as ferramentas, não apenas ler sobre elas, e o uso seria objeto de avaliação. O fato de não conhecerem grande parte das ferramentas os impunha receios. Algumas dificuldades foram relatadas nos Padlet®, como é possível perceber nos excertos a seguir.

Figura 2 – Medos

<p>comecei tão assustada, eu que não tenho costume com ferramentas e mídias sociais, estava ali sentada toda assustada e pensando como posso sentir medo estando dentro de minha própria casa, mas depois a aula foi fluindo e lá estava eu em um jogo já acertando direitinho, com medo do novo de coisas que nunca testei e com medo de ficar para trás já que não estava preparada. Apenas com um celular e um fone em mãos, refletindo bem sobre este primeiro encontro, penso que em tudo há uma lição e neste dia tive várias, fiz aula on-line pela primeira vez, encarei meus medos, e me senti motivada a seguir</p>	<p>colega. Além de, é claro, aprender como utilizar a própria ferramenta. Como um bom amante de coisas mais tradicionais (como lápis e papel e, depois, dos pacotes de edição da Microsoft) sentia muito receio de cometer algum erro na hora da edição, não saber como recuperar caso houvesse algum problema de conexão, acabar por acidente apagando o trecho escrito por um colega, etc. Me sinto desafiado e inspirado a cada vez mais buscar adquirir novos conhecimentos.</p>
---	--

Fonte: Dados da presente pesquisa (participantes LI13 e LI15).

Podemos observar que a discente LI13 começou a participar da atividade síncrona, no primeiro dia de aula, com receio por não ter "costume com ferramentas e mídias sociais". No entanto, uma segunda questão interfere nesse sentido: a única máquina que a discente tinha para acessar a aula e realizar as atividades era um celular. O desenvolvimento de letramento digital demanda também a necessidade de acesso a máquinas que oportunizem-no (RIBEIRO, 2016). O que a discente relata como falta de preparo, podemos dizer que está diretamente relacionada a sua consciência de que precisa desenvolver esse letramento, mas também pela percepção de que precisaria ter além de um celular para participar das aulas. Importante ressaltar que a universidade ofereceu subsídio, via edital, para os alunos que precisassem adquirir equipamentos para acessar as salas e participar das aulas, mas não houve recursos para contemplar todos os que necessitavam.

O que podemos observar no que compartilhou o discente LI15 é um medo da autodiagnosticada ausência de letramento digital ocasionar algum apagamento do trabalho do colega na escrita colaborativa de uma das resenhas. Ele deixa claro que no trecho apresentado que desconhece o uso e esse desconhecimento o causa medo. Nos dois casos, tanto LI13 quanto LI15, apesar dos receios, demonstraram disposição para enfrentar os desafios da necessidade de ter maior grau de letramento (KLEIMAN, 1995; TFOUNI, 2004; RIBEIRO, 2009) digital.

Dado o espaço que temos disponível neste trabalho, passaremos a apresentar dados da avaliação final da disciplina aplicada no último encontro, principalmente porque nas respostas dadas os discentes relataram o quanto desenvolveram seu letramento digital durante a disciplina.

FINALMENTE, CLASSROOM INFLUENCERS?

No último encontro síncrono, foi aplicado um questionário de avaliação da disciplina, que os discentes responderam de forma anônima, objetivando que tivessem liberdade para responder às questões. O formulário foi respondido por todos os discentes que concluíram a disciplina, um total de vinte (20). O objetivo era identificar se aqueles que

concluíram as atividades estavam a caminho de se tornarem o que chamamos aqui de *classroom influencers* que seria, sob nossa perspectiva, aquele professor que, pelo letramento digital e uso dessa competência para realizar seu trabalho, influenciaria seus discentes a engajarem-se na aventura que é o conhecimento.

O questionário foi composto de 5 perguntas, 4 delas voltadas diretamente para a detecção da percepção dos alunos quanto ao desenvolvimento de seu letramento digital.

A primeira pergunta: "Você considera que o seu letramento digital, após as tarefas e atividades da disciplina, está em um nível um pouco maior hoje? Justifique ", buscava coletar informações quanto a visão do discente quanto ao seu letramento digital, conceito discutido tanto em atividades assíncronas como síncronas. Todos os discentes responderam ter desenvolvido suas habilidades para o uso de ferramentas digitais para o ensino e aprendizagem. No quadro 1, algumas respostas que consideramos relevantes para nossa discussão.

Quadro 1 – Respostas à pergunta 1

Aluno	Resposta
LI4	Concordo plenamente. Mesmo sendo uma consumidora ativa das mídias digitais, não estava adepta a essas ferramentas digitais no contexto educacional, então acredito que hoje, além de conhecer várias ferramentas, sei como utilizá-las e/ou adaptá-las para utilização em sala de aula.
LI18	Com certeza, muitas ferramentas que foram apresentadas eu nem fazia ideia que existia. Nunca passou pela minha cabeça a diferença de letramento e alfabetização, eu desconhecia até mesmo o termo. Atualmente consigo exercer muito melhor o uso das tecnologias, principalmente ao pensar no uso delas para fins pedagógicos.

LI9	Com certeza, hoje em dia já estou bem mais apta a usar as ferramentas digitais, sem medo, me sinto mais segura agora.
-----	---

Fonte: Dados da presente pesquisa.

As respostas apresentadas no quadro⁸ indicam que eles perceberam o desenvolvimento de suas habilidades para ação mais eficiente em ambientes digitais (RIBEIRO, 2009). Nessas respostas também podemos identificar a pouca familiaridade dos jovens discentes com as ferramentas que a professora selecionou para trabalhar durante a disciplina com o intuito de proporcionar maior nível de letramento digital dos professores em formação. Nessa pergunta, cinquenta e cinco (55%) por cento dos discentes reportaram conhecer bem o funcionamento apenas de redes sociais, não tendo utilizado antes tecnologias diferentes ou que contribuíssem para a aprendizagem.

Esse dado fortalece a discussão de que nos ambientes formais de aprendizagem as tecnologias digitais ainda não são usadas em todo seu potencial, apontando indícios de que o trabalho para o desenvolvimento da quinta competência da BNCC é relevante em nossos dias, principalmente porque esse letramento amplia as possibilidades de participação cidadã em uma sociedade cada vez mais digital. Trabalhar para ampliar o letramento digital dos docentes em formação é indispensável, dado que entendemos, com Kleiman (2007, p. 4) que a escola é "agência de letramento por excelência".

Os discentes, professores em formação, que têm fluidez na comunicação via redes sociais⁹, o que inicialmente poderia ser uma vantagem dado que circulam em ambientes digitais, apresentaram alguma dificuldade para o desenvolvimento de habilidades com ferramentas que podem ser utilizadas para o contexto escolar.

⁸ Selecionadas seguindo o critério de terem maior quantidade de palavras dentre as demais respostas dos discentes.

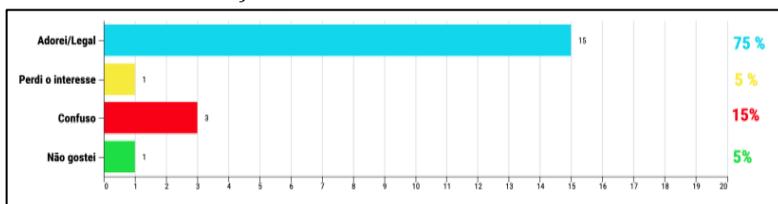
⁹ Mas não somente, dado que todos relataram ter dificuldade em usar tantas ferramentas que desconheciam por completo.

No sentido de auxiliar e realizar acompanhamento do desenvolvimento dos discentes durante a disciplina, de maneira que fosse possível sanar dificuldades no decorrer do processo, a professora utilizou três maneiras diversas, em três ambientes: i) o Padlet®, ii) o Edmodo® e iv) atendimento ao aluno agendado no Calendly®. No Padlet®, eram convidados a redigir diários de experiências quanto às aulas. No Edmodo, havia a possibilidade de enviar mensagem direta à professora, acompanhar os avisos sobre as aulas, acessar textos e apresentações. A ferramenta de agendamento Calendly® organizava o atendimento individual para dirimir dúvidas que persistissem quanto ao uso de alguma ferramenta ou de alguma atividade.

Questionados quanto à eficácia desse acompanhamento através dessas ferramentas, os discentes relataram que iniciaram a disciplina com receios de que encontrassem muitas dificuldades e que elas os impedissem de desenvolver a aprendizagem necessária por não se encontrarem presencialmente com a professora. No entanto, 100% dos discentes que concluíram a disciplina afirmaram que o uso das ferramentas foi eficaz.

À pergunta quanto à autoavaliação da experiência com Classcraft® durante a disciplina os discentes responderam ter sido positiva e engajadora, mas nessa pergunta dois alunos divergiram da maioria, afirmando que não foi tão positiva assim, indicando que o fato de ter apenas o celular para realizar as atividades e de que a ferramenta por vezes não funcionava como deveria, acabou o desestimulando.

Gráfico 1 – Avaliação do Classcraft

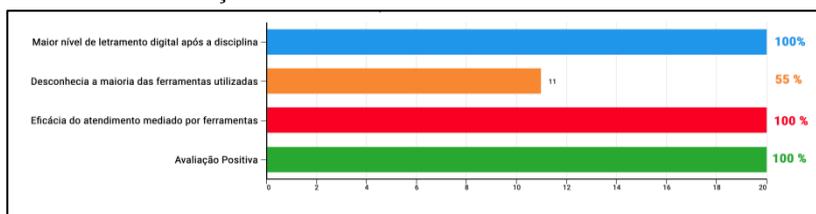


Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos dados da presente pesquisa.

O leitor pode verificar que a maioria dos discentes aprovou o uso da ferramenta, respondendo a pergunta quanto à experiência de realizar aprendizagem através de atividades gamificadas no Classcraft® com "legal" ou "adorei". Podemos inferir que os discentes que avaliaram como "confuso", tiveram essa experiência pelo fato de que apresentavam letramento digital não suficiente para o uso da ferramenta, mas precisaríamos de mais dados para analisar e nosso intuito aqui não é esse, mas discutir como a disciplina contribuiu para o desenvolvimento do letramento digital dos futuros professores.

No geral, os discentes relataram dificuldades em decorrência da quantidade de ferramentas que precisariam conhecer para realizar as atividades remotamente. Quando do início da oferta, ainda no formato presencial, todos os alunos foram orientados a usar, por exemplo, o Edmodo®, mas nem cinquenta por cento (50%) deles acessou a plataforma, mesmo a docente informando que todos os textos seriam disponibilizados na plataforma. Na oferta remota, os discentes não tiveram opção e todos utilizaram as ferramentas selecionadas, apesar das dificuldades iniciais, o que ocasionou maior letramento digital, como podemos verificar no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Avaliação discente final



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos dados da presente pesquisa.

A dificuldade inicial não os impediu de desenvolver o letramento digital para usar ferramentas de ensino e aprendizagem como podemos observar no gráfico 2. Os discentes que desistiram da disciplina informaram que questões emocionais, em decorrência da situação sanitária do país, e a necessidade de trabalhar para garantir o sustento da família foram as únicas razões para não concluírem a disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar como uma disciplina, voltada para o desenvolvimento de letramento digital dos professores de língua inglesa em formação na Universidade Federal do Acre, contribui para o desenvolvimento de um profissional da educação que possa ser considerado um *classroom influencer*.

As perguntas que nos moveram na investigação foram:

- A partir da experiência da primeira oferta da disciplina Ensino de Língua Inglesa e Web, quais as possibilidades de desenvolvimento do trabalho com tecnologias durante a formação docente?
- Quais desafios se interpõem a formação inicial dos professores de línguas como *classroom influencers*¹⁰?

Objetivando respondê-las, analisamos os dados produzidos durante a oferta em formato remoto da disciplina, procurando identificar os indícios do grau de letramento digital antes e após o período de oferta da disciplina.

No cenário em que as discussões sobre ensino remoto, em decorrência da pandemia de Covid-19, tornaram-se indispensáveis, a formação do professor que atuará em uma sociedade que atravessou meses de ensino mediado exclusivamente por tecnologias digitais, investigar e propor alternativas para ampliar o letramento digital dos professores em formação é premente.

No percurso, a principal limitação foi a impossibilidade de acesso de alguns discentes, dado que alguns precisaram abandonar a disciplina antes do seu término, impedindo o desenvolvimento do letramento proposto na disciplina. Além disso, os discentes reportaram dificuldade com a quantidade de ferramentas utilizadas para o alcance

¹⁰ Expressão usada em apresentação oral por Marcella Sarah Farias durante palestra em reunião do Grupo de Pesquisa - DALi - Digitalidades e Aprendizagens de Línguas realizada no dia 2 de outubro de 2020. Farias usou a expressão em uma referência a *digital influencer* que foi popularizada pela ascensão das redes sociais no cotidiano das pessoas.

dos objetivos de aprendizagem, dado que elas eram desconhecidas para eles.

Esses dados nos indicam que há necessidade de um trabalho transversal no decorrer da materialização do currículo do curso, em um trabalho colaborativo de todos os docentes do curso de licenciatura, no intuito de tornar mais natural e corriqueiro o uso dessas ferramentas. Há de se considerar que as tecnologias que esse futuro professor vai poder utilizar em sala de aula ainda não podem ser previstas. O que precisamos é trabalhar de modo que esse professor em formação compreenda o funcionamento dessas aplicações, tornando-se apto a usar inclusive as que estão por vir a partir do uso atual de ferramentas diversas.

O que concluímos é que o letramento digital dos professores em formação deveria ocorrer de modo orgânico, a partir da prática, do uso de ferramentas digitais diversas durante o curso de licenciatura em todas as disciplinas. Assim, entendemos que apenas um trabalho conjunto poderá de fato proporcionar o desenvolvimento de um *class-room influencer*, profissional que impactará com sua atuação docente a vida e hábitos de seus alunos, oportunizando aprendizagem significativa para a formação de cidadãos críticos e construtores de uma sociedade em que todos possam ter acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, uma realidade menos excludente do que a temos atualmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educar é a base*. Comitê Gestor da Base Nacional Comum Curricular e reforma do Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BUZATO, Marcelo El K. *Letramentos digitais e formação de professores*. III Congresso Ibero-Americano EducaRede: Educação, Internet e Oportunidades. Memorial da América Latina, São Paulo, BRASIL, 29 a 30 de maio de 2006

GOMES, F. W. B. *Letramento digital e formação de professores nos Cursos de Letras de Universidades Brasileiras*. Teresina: EDUFPI, 2019.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A.B. (Org.). *Os Significados do Letramento: Uma Nova Perspectiva sobre a Prática Social da Escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LOPES, Q. B.; QUEIROZ, R. N. Lessons from teachers at Occidental Amazon: reifying digital literacy practices in pandemic times. In: ALVES, J. A.; KOMESU, F.; FLUCKIGER, C. *Práticas discursivas em letramento acadêmico. Questões em estudo V. 4. Efeitos da Covid-19 em práticas letradas acadêmicas*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020. E-book. ISBN: 978-65-88547-12-0. Disponível em: https://issuu.com/cespuc-centrodeestudoslusosafrobra/docs/praticas-discursivas-v4?fbclid=IwARosvgyvnN3zHPvN-xCZlnUDH3XESU3n_1OIR5TsafI9nd3b7jmKG-OMsngo Acesso em: 17 mar. 2021.

PRETTO, Nelson de Luca; RICCIO, Nícia Cristina Rocha. *A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais*. Educar, Curitiba, v. 0, n. 37, p.153- 169, maio 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n37/a10n37> Acesso em: 18 mar. 2021.

RIBEIRO, A. E. *Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação*.

Revista Linguagem & Ensino, v. 19, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15260> Acesso em: 18 mar. 2021.

RIBEIRO, A. E. *Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros*. Revista da ABRALIN, v. 8, n. 1, 15 maio 2017.

RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C. “Letramento Digital” In: *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>. Acesso em 15 mar. 2021.¹¹

SANTOS, Hosana Pereira dos; LACERDA, Naziozênio Atonio. O letramento digital na prática docente do professor de língua portuguesa no ensino fundamental. *Revista Ininga*. Teresina, PI, v. 4, n. 1, p. 72-92, 2017

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Brian V. *What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*. *Current Issues in Comparative Education*, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

¹¹ No link E-book de ferramentas utilizadas na disciplina é possível ter acesso a uma breve explicação sobre cada ferramenta.

O gênero *abstract* nas aulas de inglês do ensino superior: uma proposta de sequência didática

Liliane Mantovani

Paula Tavares Pinto

Diva Cardoso de Camargo

INTRODUÇÃO

Publicações de trabalhos escritos por alunos-pesquisadores têm crescido nacional e internacionalmente e, em sua maioria, são acompanhados de um resumo na língua do autor e numa língua estrangeira que, geralmente, é a língua inglesa, considerada língua franca nos dias atuais (JENKINS, 2007, 2007). Por esta razão, o gênero *abstract* tornou-se um dos focos de estudo das aulas de inglês, principalmente aquelas voltadas para o ensino de Inglês para Fins Acadêmicos (IFA), disciplina que surgiu da subdivisão do Inglês para Fins Específicos (IFE), mais conhecidas como English for Academic Purposes (EAP) e English for Specific Purposes (ESP), respectivamente (SWALES, 1990).

No Brasil, o IFE foi inicialmente chamado de Leitura Instrumental, por ter um enfoque maior nas estratégias de leitura em língua inglesa, no entanto, hoje também trabalha outras habilidades da língua inglesa como escrita, compreensão e produção oral. A abordagem instrumental é muito propícia para o desenvolvimento de tarefas linguísticas específicas, ou seja, a exposição a diferentes gêneros textuais e possibi-

lita ao aluno não somente dominar uma forma linguística, mas o capacita a realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares (RAMOS, 2004; MARCUSCHI, 2002).

Além do gênero textual, o léxico também é parte importante na escrita de um *abstract*. Pinto et al. (2021) e Tavares Pinto et al. (2021) descrevem como as escolhas de combinatórias de palavras não usuais na língua inglesa, neste caso, das colocações acadêmicas, podem causar estranhamento por parte dos leitores e pareceristas da comunidade científica internacional. De acordo com Dayrell, “escritores novatos podem se beneficiar ao aprender padrões de escrita porque o seu uso recorrente é geralmente associado com uma produção linguística fluente” (DAYRELL, 2014, p. 154, tradução nossa)¹. Desse modo, a autora explica que falantes competentes de um idioma são capazes de distinguir o que é usual e natural em um contexto específico.k

Partindo do conceito da escrita de *abstracts* e dando enfoque ao léxico de artigos científicos em língua inglesa, neste artigo, investigamos o uso dos pronomes pessoais em textos científicos. Para isto, consideramos a estrutura da escrita do *abstract* descrita por alguns teóricos da área (SWALES, FEAK, 2009; MARTIN, 1984), que definem o referido gênero de acordo com seus objetivos específicos. A fim de analisar tal gênero, utilizamos a metodologia da Linguística de Corpus para avaliar *abstracts* veiculados em formato digital na plataforma *SciELO* e na plataforma do MICUSP² com o intuito de verificar como os textos são estruturados.

Buscando trazer uma contribuição para esse campo de estudo, faremos uma proposta sobre como o gênero pode ser explorado em sala de aula, ou seja, como os alunos podem reconhecer seus componentes e se apropriarem desse conhecimento para o uso prático. Desta forma, esta pesquisa possui três objetivos principais:

¹ “*Novice writers can benefit from learning about textual patterns because their recurrent use is said to be closely associated with fluent linguistic production.*”

² Plataforma que reúne trabalhos acadêmicos de alunos da Universidade de Michigan com nível intermediário superior de inglês.

1. tecer uma relação entre a Linguística de Corpus (LC) e o ensino de IFA;
2. estudar o uso dos pronomes pessoais no gênero *abstract*;
3. apresentar uma atividade de ensino-aprendizagem de escrita de *abstract* em inglês.

Esta pesquisa utiliza o arcabouço teórico-metodológico da Linguística de *Corpus* (SINCLAIR, 1991; BERBER SARDINHA, 2004) que, quando aplicada ao ensino-aprendizagem de IFE, pode fornecer subsídios para a coleta, exploração e análise dos dados. Passamos, então, a apresentar as etapas de nossa investigação: na próxima seção, dissertamos sobre as teorias inseridas na LC e sua relação com o ensino de IFA e, em seguida, explicitamos a noção de gênero adotada neste trabalho.

Em seguida, descrevemos a metodologia da pesquisa e apresentamos os resultados do desenvolvimento de uma sequência didática a ser usada em sala de aula com alunos universitários.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao apresentarmos este trabalho, descrevemos as vertentes teóricas que, ao serem utilizadas interdisciplinarmente, produzem importantes trabalhos de ensino e aprendizagem de escrita. Inicialmente, tecemos algumas considerações sobre a interface do IFA e da Linguística de Corpus para, então, abordarmos as características do gênero *abstract*.

Tratamos, depois, dos passos para a construção da sequência didática a partir de *corpora*.

2.1. A relação entre Inglês com Fins Acadêmicos e a Linguística de Corpus

A fim de contextualizar a proposta de ensino do IFA, apresentamos uma breve descrição sobre sua origem. Em 1978, foi implementado no Brasil, o Projeto Nacional de Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras, que se desenvolveu até 1990 pela coordenação

da PUC/SP. Nesse projeto, a metodologia do ensino-aprendizagem de leitura foi criada, visando a compreensão geral de textos autênticos e, posteriormente, a compreensão mais detalhada (CELANI, 1988).

Nesse período, nosso país era comandado por militares e a educação brasileira tinha como meta o tecnicismo, isto é, formar os cidadãos para o mercado de trabalho. Conseqüentemente, o ensino de IFA foi pautado nos princípios da Abordagem Instrumental, cujo foco é possibilitar ao aluno a realização de tarefas em contextos nos quais precise usar o idioma que está aprendendo (RAMOS, 2005).

Atualmente, o IFA no Brasil superou a educação tecnicista e, ao contrário, não se baseia somente em estratégias de leitura, e sim em habilidades como a leitura de textos acadêmicos, escrita de resumos, a compreensão oral, entre outras. Sendo assim, cursos de inglês para acadêmicos são relevantes, já que se propõem a ensinar alunos universitários a fazer uso da língua na qual sua comunidade está inserida (ARANHA, VIEIRA, 2018).

Tais cursos podem ser aliados a outras teorias, como é o caso da LC, que favorece a análise de fenômenos linguísticos em grandes quantidades com o auxílio de ferramentas computacionais. Tendo em vista que conteúdos e metodologias de ensino baseados na LC têm sido repensadas por professores e pesquisadores, e que sua abordagem se baseia em um conjunto de dados linguísticos sistematizados segundo determinados critérios, o ensino de IFA pode ser beneficiado ao propiciar mais autonomia de análise aos aprendizes, ou seja, os dados representativos de um determinado uso da linguagem podem ser consultados nas mais diversas áreas acadêmicas, sendo passíveis de comparação (DAYRELL, 2011).

Atribui-se a Sinclair (1991) a ampliação e divulgação de estudos lexicológicos a partir de corpora eletrônicos, sendo que seus trabalhos ainda são citados hoje em dia. Para ele, o corpus em pesquisas linguísticas é uma amostra da língua em uso e o acesso aos dados por meio do uso de tecnologias tem aberto novos caminhos para pesquisas. O dicionário *Cobuild* (SINCLAIR, 1989), de sua autoria, foi o primeiro a ser compilado a partir de um corpus computadorizado.

A LC tem a função de investigar a língua empiricamente, e utiliza para isso, textos produzidos espontaneamente por seus falantes. A

esse respeito, Biber (2010) afirma que o estudo dos registros de uma língua deve ser pautado na análise de *corpus*. Deste modo, convém apresentar a definição de *corpus* que, segundo Berber Sardinha e Shepherd (2012), pode ser descrito como: “um conjunto de textos (escritos ou falados) em formato de arquivo de computador, coletados e organizados com a finalidade de serem amostras de uma língua ou de uma variedade linguística.” (BERBER SARDINHA; SHEPHERD, 2012, p. 7).

Além da definição de *corpus*, é importante salientar os tipos de *corpora* utilizados por pesquisadores. Baker (1996) os distingue em:

- a) **Corpus paralelo:** conjunto de textos originais em determinada língua e as respectivas traduções;
- b) **Corpus multilíngue:** conjunto de dois ou mais *corpora* monolíngues, cada um em uma língua diferente;
- c) **Corpus comparável:** dois conjuntos de textos de uma língua em comum – sendo um composto de textos originais e outro de textos traduzidos.

Em adição aos *corpora* acima listados, há um outro tipo de *corpus*, chamado *corpus* de aprendizes, composto a partir de textos de aprendizes de uma determinada língua estrangeira e que figuram como um recurso importante para a investigação da linguagem de falantes não-nativos. Esse tipo de *corpus* pode ser aplicado na pesquisa e preparação de materiais didáticos, estudo dos desvios de padrão da língua, análise de currículos e abordagens (BERBER SARDINHA, 2004).

O uso de computadores foi um expressivo avanço para a área da LC, visto que a utilização de ferramentas tecnológicas para a compilação de textos otimizou o tempo dos pesquisadores (BERBER SARDINHA; SHEPHERD, 2012). Por ser definida como uma abordagem empírica para o estudo da língua em diversas dimensões, a LC utiliza bancos de textos de linguagem autêntica, criteriosamente construídos, podendo apresentar formato digital ou impresso.

Considerando que a LC examina a linguagem em contexto autêntico, os *corpora* devem ser detalhadamente compilados e representativos ao objetivo a que se destinam, além do cuidado de serem provenientes de fontes confiáveis (TAGNIN, 2015). Sendo assim, pesquisas

baseadas no uso de corpora eletrônicos oferecem contribuições importantes para o desenvolvimento de pesquisas. Além disso, a possibilidade do uso de ferramentas tecnológicas para o estudo de grandes volumes de textos otimizou a produtividade dos profissionais desse campo.

Deste modo, considerando-se o amplo armazenamento de dados para fins de pesquisa, a LC tem ganhado espaço no contexto de ensino de línguas ao permitir o estudo de dados coletados por meio de programas computacionais, principalmente porque o acesso a computadores tem sido cada vez mais recorrente na rotina dos aprendizes de línguas.

Além disso, devido à sua interdisciplinaridade, ao trabalhar com um contexto mais restrito de observação (por exemplo, um vocábulo), a LC auxilia na análise do léxico de produções escritas. Desse modo, partindo do estudo do léxico, torna-se possível estudar um contexto maior (o textual), em nosso caso, o gênero *abstract*. Por conseguinte, os cursos de inglês com fins acadêmicos podem auxiliar os alunos universitários a observar características gerais na escrita de resumos, bem como identificar características específicas de suas áreas a partir de uma coletânea de resumos pré-selecionados.

O GÊNERO *ABSTRACT* (RESUMO CIENTÍFICO)

Na definição de Marcuschi, gênero textual é um fenômeno histórico ligado à atividade cultural e social que serve para ordenar as situações comunicativas do nosso dia a dia. Historicamente, surgiram em povos que possuíam uma cultura essencialmente oral (século VII A.C.) e, após a criação da escrita alfabética, multiplicaram-se tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI, 2002).

Nos últimos dois séculos, o desenvolvimento das novas tecnologias, em especial aquelas voltadas à área da comunicação, propiciou o surgimento de novos gêneros, pois nossas atividades comunicativas passaram a percorrer outros suportes tecnológicos, como o rádio, a televisão, o jornal, entre outros. A partir de então, novos gêneros foram criados baseados naqueles já existentes, favorecidos pela tecnologia, e com formas comunicativas próprias.

O gênero *abstract* é definido, para Martin (1984), como uma atividade regida por objetivos e intenções, realizada em estágios. Sendo assim, a identificação do gênero conta com um sistema de convenções cujo propósito comunicativo é facilmente identificado observando-se a situação e o contexto de cultura. Bhatia (1993) também defende o propósito comunicativo para o reconhecimento do gênero. Para o autor, gênero pode ser definido como:

um exemplo de realização bem-sucedida de um propósito comunicativo específico, usando um conhecimento convencional de recursos linguísticos e discursivos. Uma vez que cada gênero, de certa forma, estrutura o estreito mundo da experiência ou realidade de um modo particular, a implicação é a de que a mesma experiência ou realidade vai requerer um modo diferente de estruturação, se for para operar em um gênero diferente. (BHATIA, 1993, p. 116, tradução nossa).³

Recentemente, o *abstract* tem se tornado cada vez mais comum na área acadêmica, já que a demanda por publicações aumenta a cada dia. Por esta razão, a escrita do resumo passou a ser de fundamental importância porque é o “chamariz” de informações ao leitor.

Corte e Fischer (2000) apresentam algumas descrições das partes de um *abstract* para um reconhecimento geral do gênero, a saber: 1) objetivo da pesquisa; 2) descrição da metodologia; 3) apresentação e discussão dos resultados; e 4) conclusão e avaliação dos resultados. Tal estrutura está presente em resumos de artigos de pesquisa, em trabalhos de conclusão de curso, monografias e dissertações.

De acordo com Swales (1990), os trabalhos acadêmicos que são escritos na língua de origem do autor, normalmente apresentam o *abstract* em língua inglesa (SWALES, 1990, p. 179). Por conseguinte, estudar este gênero textual, sua forma e seu propósito comunicativo pode ajudar nas observações das escolhas léxico-gramaticais dos alunos quando alunos forem realizar os exercícios de escrita.

³ “[...] an instance of a successful achievement of a specific communicative purpose using conventionalized knowledge of linguistic and discursal resources. Since each genre, in certain important respects, structures the narrow world of experience or reality in a particular way, the implication is that the same experience or reality will require a different way of structuring, if one were to operate in a different genre.”

UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A ESCRITA DE *ABSTRACTS*

Na primeira etapa, o aluno passa por um processo de conscientização e ambientação ao gênero, visto que este talvez seja seu primeiro contato com o mesmo, conforme discutido em Pinto (2018). Em seguida, o aluno é levado a materializar o que já sabe sobre o gênero, etapa que serve como diagnóstico para os próximos passos. Sugere-se um maior detalhamento, ou seja, uma abordagem de aspectos mais específicos como a organização retórica dos textos e suas características léxico-gramaticais. A esse respeito, Ramos (2004) explica que:

Os objetivos desta fase são: fornecer condições satisfatórias para a compreensão/produção geral e detalhada dos textos, bem como explorar a função discursiva e os componentes léxicogramaticais particulares ao gênero em pauta; compreender os significados e a relação entre um texto e seu contexto de situação (RAMOS, 2004, p. 122).

Por fim, a terceira e última etapa apresenta o resultado da aprendizagem desenvolvida em toda a sequência de atividades, que serão baseadas nas análises dos *corpora*.

Em nosso estudo, utilizamos um corpus de resumos científicos escritos em língua inglesa por estudantes nativos e com boa fluência com o objetivo de levantar e estudar os padrões de convencionalidade presentes em tais produções, mais especificamente com foco nas marcas de imparcialidade, explicitação de autoria e propriedade. Em seguida, também coletamos um corpus de textos pertencentes ao mesmo gênero do primeiro, oriundo da escrita acadêmica de pesquisadores brasileiros.

Tais padrões de convencionalidade linguística são definidos por serem aceitos e frequentemente utilizados por uma determinada comunidade e não serem delimitados por uma regra formal. Nesse sentido, a convencionalidade é um princípio pragmático que define o uso convencional das palavras em uma determinada comunidade linguística, ou seja, para que uma comunicação seja efetiva, é importante que os falantes escolham e usem as mesmas regras de linguagem (TAGNIN, 2005).

METODOLOGIA

A seguir, apresentamos os passos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa, a saber, descrição dos *corpora* (3.1); a sequência didática (3.2) e a atividade didática (3.3).

DESCRIÇÃO DOS *CORPORA*

Para a realização desta proposta, utilizamos duas fontes de textos, o MICUSP (Michigan Corpus of Upper-Level Student Papers) e o SCIELO (Scientific Electronic Library Online). O primeiro deles é formado por textos acadêmicos de alunos da Universidade de Michigan e coletados no período de 2004 a 2009. Este corpus é composto de, aproximadamente, 830 trabalhos de quatro áreas de estudo, a saber: Humanidades e Artes, Ciências Sociais, Biologia e Ciências da Saúde, e Ciências Físicas).

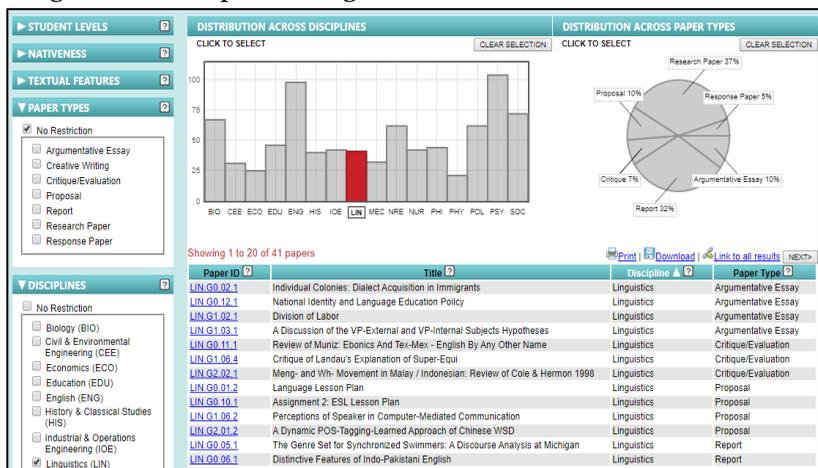
Os filtros de busca utilizados para a seleção dos resumos em língua inglesa são:

- a) Tipo de trabalho: artigo científico
- b) Parte específica do trabalho: resumo
- c) Área temática de Ciências Humanas
- d) Total de artigos: 15

Com a observação de tais textos, desenvolvemos para as aulas de IFA, atividades cujo foco foi a produção de resumos científicos, divididas em duas fases principais: na primeira etapa, os alunos consultaram o MICUSP com o propósito de investigar quais padrões linguísticos são notados na maioria dos resumos científicos.

Na figura 1 a seguir, tem-se a página inicial de busca do MICUSP:

Figura 1 – O Corpus de Linguística da ferramenta online MICUSP



A figura nos mostra a ferramenta que permite buscar diferentes gêneros (ensaio argumentativo, relatório, artigo científico, entre outros) bem como uma variedade de filtros de pesquisa (textos de nativos ou não nativos, áreas de conhecimento, etc.).

A segunda fonte de textos foi a plataforma SciELO, que é uma biblioteca eletrônica científica online cujo acesso a periódicos brasileiros é livre. Os textos foram escolhidos segundo alguns critérios de busca, a saber:

- a) Periódico: DELTA – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada
- b) Idioma: português / inglês
- d) Área temática de Linguística Letras e Artes
- d) Ano de publicação: 2018
- e) Total de artigos: 53

A figura 2 a seguir, mostra a página de pesquisa na plataforma SciELO da qual foram retirados os textos para compor um corpus a ser usado em sala de aula:

Figura 2 – Página de pesquisa na plataforma SciELO

The screenshot shows the SciELO search results page. On the left, there is a sidebar with filters. The top filter is 'Periódico: DELTA: Documentação...' with a 'LIMPAR' button. Below it is 'Ano de publicação: 2018'. The 'Filtros' section has a 'Filtrar' button. The 'Coleções' section has 'Todos' and 'Brasil' (55) options. The 'Periódico' section has 'Todos' and 'DELTA: Documentação de ...' (55) options. The 'Idioma' section has 'Todos' and 'Português' (49) options. The 'Ano de publicação' section is partially visible. The main content area shows a list of search results. The first result is 'Resumo: > EN > PT | Texto: EN PT | PDF: EN | ePDF: EN' with a DOI link. The second result is '2. Tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês' by Vera Lúcia Menezes de Oliveira, published in DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada Dez 2018, Volume 34, Nº 4, Páginas 1319 - 1351. The third result is '3. A licenciatura como ato performativo: reflexões sobre a formação universitária do professor de Língua Portuguesa' by Marcos Bispo dos Santos, published in DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada Dez 2018, Volume 34, Nº 4, Páginas 1159 - 1185. The fourth result is '4. Análise das vogais átonas finais /e/ e /o/ em sândi vocálico externo em dados do Projeto NURC-Recife' by Oliveira Jr., Miguel Santos, João Paulo Moraes Lima dos, published in DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada Dez 2018, Volume 34, Nº 4, Páginas 1243 - 1274.

Com base na observação do MICUSP e dos abstracts do SciELO, os alunos universitários, inseridos em um contexto de ensino de IFA, foram convidados a produzir seus próprios *abstracts* e a enviar suas produções, por e-mail, para a pesquisadora responsável para que, então, fossem feitas as correções necessárias e posterior reescrita, conforme proposta de Pinto (2018).

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A fim de facilitar o trabalho com o gênero em foco, o seguinte quadro foi elaborado:

Quadro 1 – Sequência Didática baseada no trabalho de Cantarotti e Pinto (2018)

Sequência Didática: gênero <i>abstract</i>	
Objetivo	- conhecimento do gênero
	- leitura e interpretação do gênero
	- produção escrita
Perfil do aluno	- alunos do quarto ano do curso de Letras
Conteúdo	- relato de pesquisa acadêmica
Características	- objetivo
	- referencial teórico
	- metodologia
	- tipo de análise
	- resultados
	- conclusão
	- linguagem forma, sucinta e direta

O desenvolvimento da Unidade Didática está pautado nas propostas de Ramos (2004) e serviu como uma proposta de trabalho aplicada em uma instituição pública de ensino superior, mais precisamente, nas séries finais do curso de Letras. A aplicação da atividade deveria durar aproximadamente três aulas, e as atividades foram elaboradas para serem desenvolvidas na disciplina de Escrita Acadêmica.

Para que os aprendizes pudessem ter um parâmetro para a elaboração do gênero, inicialmente, o professor levou para a sala de aula alguns modelos de *abstracts* retirados do MICUSP e SciELO, para que os alunos se familiarizassem com o gênero a ser discutido.

Na primeira etapa, com o intuito de guiar a leitura dos alunos, o professor de inglês iniciou a abordagem do gênero com algumas perguntas como, por exemplo:

- What types of texts are usually common in the academic context?
(Quais tipos de textos são geralmente encontrados no contexto acadêmico?)

- What are their characteristics?
(Quais são suas características?)

- What are their themes and main objectives?
(Quais são seus temas e principais objetivos?)

Nesse momento, a turma foi dividida em pequenos grupos que permitiu uma discussão entre todos. As respostas às questões apresentadas foram norteadoras para a produção de seus textos na fase seguinte. Após esta primeira etapa, os alunos foram convidados a se dirigirem a um laboratório de informática (ou sala de aula devidamente informatizada) para percorrerem as duas plataformas de estudo: SciELO e MI-CUSP. O professor os orientou a acessar os sítios eletrônicos e, então, selecionar os filtros de busca das duas plataformas.

Após observarem a frequência do pronome em ambos os *corpora* e compararem os exemplos de *abstracts* oriundos de pesquisadores brasileiros e alunos nativos e não-nativos da universidade estadunidense, o professor poderá liderar uma discussão sobre as práticas discursivas presentes no texto científico, ou seja, este seria um espaço para discutir e refletir sobre as construções linguísticas que expressam ou não o posicionamento do autor em seus textos.

Em seguida, iniciou-se a terceira fase da atividade, a qual consistiu na primeira elaboração do *abstract*. Mantendo-se os mesmos grupos elaborados na etapa anterior, os alunos criaram uma primeira produção do gênero em foco. Tal exercício pode ser utilizado por outros professores na disciplina de Escrita Acadêmica, cujos temas podem ser previamente discutidos com o professor supervisor.

Após esta fase, os resumos foram corrigidos pelo professor, o qual selecionou os problemas mais comuns encontrados nas produções escritas e propôs correções, além de chamar a atenção dos alunos quanto

aos padrões estruturais frequentes neste tipo de gênero. A atividade, então, seguiu para a fase final: a reescrita do resumo. Os discentes, juntamente com o professor, foram convidados a discutir os padrões estruturais observados nos textos observados na plataforma MICUSP e SciELO.

DESCRIÇÃO DE UMA ATIVIDADE DE INTRODUÇÃO A SER REALIZADA DENTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Acreditamos que trabalhos como este podem investigar padrões estruturais e de convencionalidade a serem explorados em aulas de IFA, bem como em aulas de tradução para que alunos aprendam a observar e reproduzir o gênero *abstract*.

As atividades abaixo foram elaboradas para que os alunos possam observar o posicionamento do pesquisador ao escrever seu *abstract*, uma vez que o posicionamento e afastamento do autor em diferentes partes do resumo ou do artigo científico, é um padrão apontado por Swales e Feak (2009) como relevante na escrita científica.

Utilizando as plataformas MICUSP e SciELO, os alunos serão guiados à escrita de seus *abstracts*:

1. Ao acessar a plataforma SciELO, selecione, juntamente com um colega, uma área de conhecimento de sua preferência. Em seguida, selecione quatro exemplos de sentenças que apresentam pronomes pessoais em língua portuguesa.

2. Na plataforma MICUSP, consulte resumos da mesma área científica escolhida no exercício anterior, que e observe os pronomes pessoais utilizados pelos autores. Quais são eles?

3. Após a observação entre o uso ou omissão dos pronomes pessoais

nos resumos em português do ScieLO e da plataforma MICUSP, traduza os dois exemplos que você selecionou nos exercícios anteriores, fazendo as adaptações necessárias para que sigam os padrões observados nos resumos em inglês.

4. Compare a sua tradução com a de um colega. Vocês utilizaram a mesma estrutura linguística? Se o resumo já havia sido publicado em inglês na plataforma ScieLO, houve alguma mudança a ser feita? Discuta com seu colega qual tradução seguiu os padrões observados no MICUSP.

O professor, em seguida, solicita que os alunos apresentem, oralmente, algumas sentenças ou trechos traduzidos para que, em seguida, discutam como os autores dos *abstracts* analisados elaboram sua escrita em língua inglesa e os motivos que os levariam a adotar cada estrutura linguística, ou seja, o uso ou a omissão da primeira pessoa do plural. Em havendo omissão, quais seriam as estruturas usadas em seu lugar, primeira pessoa do singular ou voz passiva.

ANÁLISES DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA A ALUNOS DO CURSO DE LETRAS

A seguir, apresentaremos (4.1) análise de uma atividade didática a partir de exemplos retirados das plataformas MICUSP e ScieLO e (4.2) análise da escrita dos alunos após a observação das plataformas MICUSP e ScieLO.

ANÁLISE DA ATIVIDADE APLICADA AOS ALUNOS DE LETRAS A PARTIR DAS PLATAFORMAS MICUSP E SCIELO

Com a plataforma MICUSP é possível observar as linhas de concordância presentes nos resumos. Tomando como foco o posicionamento do autor por meio do uso de pronomes ou voz passiva, sugerimos aos alunos que digitassem a palavra de busca “*we*” e selecionassem os filtros de busca. A partir da análise dos exemplos extraídos das duas plataformas acadêmicas, os alunos puderam refletir sobre o uso do pronome *e*, a partir de então, realizar as escolhas lexicais para a produção de seus textos científicos. Alguns exemplos encontrados MICUSP são mostrados no seguinte quadro:

Quadro 1 – Ocorrências de primeira pessoa do plural (*we*) no MICUSP

“...We will review several positions held by scholars supporting primarily child-driven creolization theories, and also several theories stressing the importance of...”
“...Clearly, the hypothesis should be considered the test (the equivalent of the candidate translation), since we want to count the number of n-grams in H that...”
“...The important principle we are testing is that, regardless of what parameter a language takes in defining what constitutes a filled slot, the number of...”
“... In this paper, we present a multi-lingual segmenter by implementing Viterbi algorithm and supplementing it with inword probability and automatically...”

Considerando a totalidade de resumos da área de Linguística que figuram neste corpus (15) e aqueles que apresentam o pronome *we* (12), conclui-se que 80% dos textos apresentam orações cujos autores se manifestam linguisticamente.

Posteriormente, os alunos foram convidados a comparar os dados do quadro 1 com as informações extraídas da análise do *corpus* compilado com resumos do ScieLO em inglês:

Quadro 2 – Ocorrências de primeira pessoa do plural (*we*) no corpus SciELO

“The aim of this paper is to explain why we utilize a grammar typical of movement when...”
“In this paper, we present theoretical insights about the literacies of people with visual...”
“In the first case, on the one hand, we will argue that there is depictive secondary...”
“ We also argue the possibility of juncture in the environment of final unstressed...”

No caso do SciELO, aproximadamente 43% dos *abstracts* apresentam o pronome que denota a primeira pessoa do plural, “*we*”.

Em adição aos passos supracitados, a ferramenta WordSmith Tools (SCOTT, 2007) também é relevante para o contexto de desenvolvimento das atividades propostas. Através desse programa, é possível elencar todas as palavras presentes em um corpus, bem como sua frequência, relevância e concordância entre palavras. A figura seguinte é uma amostra das linhas de concordância com a palavra “*we*”:

Figura 2 – Exemplo das linhas de concordância com a palavra “*we*”

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Para	Para	H.	H.	Sect	Sect	File	Date	%
1	found ^{ing} a new science. Based on Miner (2012), we assume that Saussure continues the linguistics	1.821	57	5	01..9			01..9		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	26,3%	
2	by cultural aspects of the target language. 40 We present, in this paper, a comparative study	4.770	174	2	01..8			01..8		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	96,6%	
3	based on the production on the anagrams. We will see that, although these concepts are	2.691	84	1	02..9			02..9		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	38,5%	
4	of one another (Telles 2006). In this article, we aim to investigate the rhetorical structure of the	4.413	162	4	01..1			01..1		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	63,4%	
5	of the analysis performed. 45 In this article, we aim to present the analyze the thematic structure	5.377	195	5	05..5			05..5		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	77,5%	
6	irradiating effect of Saussure's thought, which, as we know, goes beyond the frontier of linguistics to	1.978	72	19	01..6			01..6		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	28,5%	
7	and passives. Departing from this classification, we propose a syntactic decomposition analysis of	3.740	131	5	03..8			03..8		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	53,7%	
8	a concept of self-movement proper to cyberspace. We argue on behalf of perceptual (rather than an	331	13	1	0.329			0.329		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	5,0%	
9	referring to activities conducted in cyberspace. We argue that to a large degree, perception of our	277	11	1	0.275			0.275		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	4,2%	
10	with the following vowel, a rising diphthong. We also argue the possibility of juncture in the	1.183	45	1	01..1			01..1		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	17,3%	
11	we have named a vision-centric order of discourse. We examine this order and its implication for the	424	17	1	0.422			0.422		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	6,3%	
12	reveal the instantiation of genres of the story family. We focus on the notions of language stratification	5.219	169	1	05..7			05..7		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	75,1%	
13	in Brazil, whether in the theoretical or applied field. We are mainly based in Bronckart (2003, 2013) e	4.825	176	1	01..3			01..3		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	69,5%	
14	perception of self-movement in cyberspace. Finally , we postulate that the process of grammatical	379	15	2	0.377			0.377		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	5,7%	
15	elements between both. To this end, first we present each one of the proposals highlighting	5.331	192	5	05..9			05..9		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	76,8%	
16	distinctive elements between both authors. Finally , we present a synthesis of the analysis performed.	5.365	194	2	05..3			05..3		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	77,3%	
17	For analysis purposes, as a theoretical framework, we chose the semantic model from Lieber (2004).	3.160	110	8	03..8			03..8		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	45,1%	
18	(during the war). In the first case, on the one hand, we will argue that there is depictive secondary	992	37	9	0.990			0.990		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	14,7%	
19	(SD) and in Systemic Functional Linguistics (SFL). We aim to identify the similarities and/or differences	4.793	175	1	01..1			01..1		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	69,0%	
20	by means of experimental methodology. We report the results of two elicited production	4.108	150	1	01..6			01..6		dados abstracts - Copia		2019/ago22 00	59,0%	

A figura acima mostra o resultado da plataforma SciELO quanto ao uso do pronome pessoal do plural em contexto de uso. Conforme exposto, podemos observar que, na maioria das ocorrências, o pronome

é acompanhado dos verbos *aim* e *present* no tempo presente, estruturas comumente encontradas nesse tipo de gênero textual.

Os resultados sobre o uso da primeira pessoa do plural, “we”, no MICUSP (80%) e no SciELO (43%) mostraram que os alunos de escrita acadêmica em língua inglesa da universidade de Michigan se posicionaram mais em seus textos do que os autores dos artigos publicados em inglês por pesquisadores do SciELO, que são, em sua maior parte, brasileiros. É importante ressaltar que o gênero analisado foi o mesmo, ou seja, os *abstracts* que iniciam o artigo científico. Este dado poderia indicar o fato de haver um maior incentivo nas universidades norte-americanas para que os alunos se posicionem como autores de suas pesquisas ou parte de um grupo de pesquisadores que realizaram a pesquisa mesmo havendo um número bem maior de *abstracts* na plataforma SciELO do que no MICUSP.

ANÁLISE DA ESCRITA DOS ALUNOS APÓS A OBSERVAÇÃO DAS PLATAFORMAS MICUSP E SCIELO

Para testarmos a aplicação desta sequência didática, ministramos dois encontros com uma turma de Licenciatura em Letras do qual participaram 07 alunos. As áreas selecionadas pelos alunos foram parecidas e envolviam suas pesquisas de iniciação científica, ou seja, Tradução, Ensino, Gramática, Linguística e Literatura.

Na primeira pergunta, na qual os alunos poderiam escolher resumos para observar a linguagem utilizada por seus autores na plataforma SciELO, alguns exemplos foram selecionados:

Exemplo 1: “Thus, **we** aim, first, to discuss this contradiction, from a systemic-functional perspective of language.”

Exemplo 2: “**I** offered five features of a genre-based pedagogy for academic writing in higher education...”

Considerando o total de 7 resumos, todos apresentaram o uso do pronome pessoal referente à primeira pessoa do plural, mostrando serem um trabalho coletivo (exemplo 1). Além disso, aproximadamente 43% dos trabalhos apresentaram o pronome pessoal referente à primeira pessoa do singular, expressando serem uma pesquisa individual. É interessante ressaltar que, em 3 casos, os pronomes “*we*” e “*I*” ocorrem, isto é, a escrita do(s) pesquisador(es) ora mostram um afastamento do(s) autor(es) em relação ao trabalho, ora mostram maior aproximação.

Em relação à segunda pergunta, na qual os alunos deveriam consultar textos pertencentes ao mesmo tema da pergunta anterior no MICUSP e observar os pronomes que os compõem. Destacam-se os seguintes exemplos:

Exemplo 1: *“I will be considering whether standard Dutch conforms to CVX syllable structure for non-final syllabic positions, as has been shown for English.”*

Exemplo 2: *“...we deal in this article with simple and compound pluperfect in historical journals of the Institute of Ceará from 1887 to 2012.”*

Do mesmo modo, os resumos pesquisados apresentaram os pronomes pessoais da primeira pessoa do singular e também da primeira pessoa do plural, expressando uma postura de maior posicionamento do autor com a própria pesquisa.

Na terceira pergunta, os estudantes traduziram para a língua portuguesa exemplos pré-selecionados oriundos das duas plataformas. Entre os exemplos, destacam-se:

Exemplo 1: *“We used the historical method as described by Rösen (2015), seeking to understand the theoretical and methodological assumptions that guides the work.” / “Nós aplicamos o segmentador tanto para a segmentação chinesa quanto para o exercício coreano de espaçamento.”*

Exemplo 2: *“We used the historical method as described by Rösen (2015), seeking to understand the theoretical and methodological assumptions that guides the work.” / “Usamos o método histórico como*

descrito por Rösen (2015), procurando entender as pressuposições teóricas e metodológicas que guiam o trabalho.”

Em suas traduções, a maioria dos alunos manteve o uso dos pronomes “we” e “I”, optando por uma tradução literal dos excertos e mantendo a voz ativa do(s) autor(es) do texto (conforme exemplo 1). Notamos, porém, que em um dos casos, o aluno traduziu a expressão “we used” como “usamos”, omitindo, portanto, o sujeito da oração, estrutura possível na língua portuguesa, diferentemente da língua inglesa (vide exemplo 2).

Por fim, ao responderem à pergunta quatro do questionário, referente à comparação das traduções feitas pelos alunos com a de um colega, algumas respostas foram as que seguem:

Exemplo 1: *“Minha colega e eu fizemos a mesma tradução do excerto (b). No excerto (a), fizemos diferentes sentenças, com pronomes diferentes, o pronome “it” retoma a expressão “segmentação de texto”.*

Exemplo 2: *“Não. Eu utilizei somente o verbo ao passo que a colega usou também o pronome.”*

Ao analisar as respostas dos alunos, notamos que a língua inglesa influenciou as traduções dos excertos para a língua de chegada, uma vez que a maioria dos alunos manteve os pronomes pessoais nos textos traduzidos. Vale ressaltar que apenas um aluno optou por utilizar a estrutura verbal sem a presença do pronome, provavelmente por estar mais familiarizado com a escrita de textos acadêmicos em língua portuguesa, visto que se trata de um aluno que também cursa estudos de pós-graduação.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresentamos algumas teorias relevantes para o campo do IFA e da LC como base para a proposta de escrita de *abstracts*. Tanto as atividades de coleta de resumos quanto o uso do corpus online serviram como exercícios para a observação de estruturas linguísticas antes da escrita, passos importantes para esclarecer as especificidades da língua inglesa.

Fizemos uma proposta de sequência didática para a observação de *abstracts* antes de os alunos redigirem seus textos para que se envolvam mais no reconhecimento e aprendizado da escrita do gênero acadêmico a partir de sua exploração, tornando-os mais autônomos em suas produções e aptos a observarem outras estruturas linguísticas que são comuns neste gênero.

Uma das características linguísticas na escrita acadêmica em língua inglesa que sempre traz dúvidas para os alunos, é o posicionamento do autor no texto ao utilizar o pronome pessoal “I” e “we”, uma vez que, na língua portuguesa, a tendência é utilizarmos a primeira pessoa do plural. No entanto, percebemos que os alunos utilizaram a primeira pessoa do singular ao traduzirem excertos que traziam este pronome no inglês. Acreditamos que se eles estivessem escrevendo diretamente em língua inglesa provavelmente evitariam a primeira pessoa do singular. Deste modo, percebemos que a observação da língua a partir de exemplos retirados das duas plataformas MICUSP e ScieLO e o exercício de tradução possibilitaram a reflexão sobre algumas diferenças estruturais na escrita acadêmica em língua inglesa, fato que pode ser positivo para o aprendizado autônomo de ambas as línguas.

Vale ressaltar que, por ser considerada “língua franca” ao possibilitar acesso aos resultados de pesquisa internacionalmente, a língua inglesa tem estado cada vez mais presente em disseminações de trabalhos científicos de graduandos, pós-graduandos, professores e pesquisadores. Desse modo, levar para a sala de aula o trabalho com um gênero tão frequente na academia faz-se importante por preparar os alunos para lidarem a escrita acadêmica em língua inglesa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARANHA, S.; VIEIRA, B. G. A. M. Conhecimento de língua, gênero e registro acadêmicos em foco: atividades na Análise de Necessidades

de um curso de EAP para pós-graduandos em Ciência da Computação. In: FERREIRA, M. M.; STELLA, V. C. R. (org.). *Redação acadêmica: múltiplos olhares para a produção textual e o seu ensino*. São Paulo: Humanitas, 2018. p. 191-220.

BAKER, M. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMER, H. *Terminology, LSP and translation studies in language engineering*: in honour of Juan C. Sager. John Benjamins, 1996. p. 177-243.

BERBER SARDINHA, T. Visão geral da linguística de *corpus*. In: *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA, T.; SHEPHERD, T. O *corpus*, novas tecnologias e mídias no ensino de inglês: para uma pedagogia do terceiro milênio. In: BERBER SARDINHA, T.; SHEPHERD, T. M. G.; DELEGÁ-LÚCIO, D.; SÃO BENTO FERREIRA, T. (org.). *Tecnologias & mídias no ensino de inglês: o corpus nas "receitas"*. São Paulo: Macmillan, 2012. p. 6-14.

BHATIA, V. K. *Analysing Genre: Language Use in Professional Settings*. New York: Longman, 1993.

BIBER, D. M. What can a corpus tell us about registers and genres? In: O'KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. (ed.). *The Routledge handbook of corpus linguistics*. London: Routledge, 2010. p. 241-254.

CANTAROTTI, A.; PINTO, P.T. Inglês para fins específicos e o ensino para o secretariado: *data driven learning* e tradução. *The ESPecialist*: descrição, ensino e aprendizagem, São Paulo, vol. 39 n. 1, p. 1-25, jan./jul. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i1a3>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CELANI, M. A. A. A retrospective view of an ESP teacher Education programme. *The ESPecialist*. São Pauçp: PUCSP, v. 19, n.2, 1998, p. 233-244.

CORTE, Angela Cristina de O.; FISCHER, Cynthia Regina. Introdução, conclusão e “*abstract*” em relatórios de pesquisa em língua inglesa. *Cadernos do Centro de Línguas*, São Paulo, n. 3, p. 45-53, 2000.

DAYRELL, C. *Corpora no ensino do inglês acadêmico: padrões léxico-gramaticais em abstracts de pós-graduandos brasileiros: corpora* no ensino de línguas estrangeiras. (ed.). Vander Viana; Stella Tagnin. São Paulo : HUB Editorial, 2011. p. 131-172.

DAYRELL, C. Instructional practices using corpus linguistics. In: *Writing Scientific Papers in English Successfully*. Library of São Carlos Institute of Physics, University of São Paulo, São Carlos, pp. 151-178, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

JENKINS, Jennifer. *English as a lingua franca: Attitude and identity*. Oxford University Press, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: A. P. DIONISIO et al. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Editora Lu-
cerna, 2002.

MARTIN, J. R. Language, register and genre. In: CHRISTIE, F. (ed.). **Children writing**: reader. Geelong: Deakin University Press, 1984. p. 21-29.

MICUSP. *Michigan Corpus of Upper-Level Students Essays*. Disponível em <https://micusp.elicorpora.info/> Acesso em: 13 mar. 2021.

PAIVA, P. T. P. *Uma investigação de traduções de textos da área médica sob a luz dos estudos da tradução baseados em corpus*. São José do Rio Preto, 2009.

PINTO, P. T. Um curso de inglês com fins acadêmicos baseado em *corpus* para alunos universitários das áreas de humanas, exatas e biológicas. In: FERREIRA, M. M.; STELLA, V. C. R. (org.). *Redação acadêmica: múltiplos olhares para a produção textual e o seu ensino*. São Paulo: Humanitas, 2018. v. 1, p. 122-136.

PINTO, P.T.; CAMARGO, D. C. ; SERPA, T. ; SILVA, Luciano Franco da . Analysing the behaviour of academic collocations in a corpus of research-papers: a data-driven study / Analisando o comportamento de colocações acadêmicas em um corpus de artigos científicos: um estudo dirigido por dados. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 29, p. 1229, 2021

RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. Gêneros textuais: uma proposta de aplicação em cursos de inglês para fins específicos. *The ESPECIAlist: descrição, ensino e aprendizagem*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 107-129, 2004.

SCIELO. Disponível em <https://scielo.org/> *Scientific Electronic Library Online*. Acesso em: 13 mar. 2021.

SCHUSTER, E.; LEVKOWITS, H.; OLIVEIRA, O. *Writing scientific papers in English successfully. Your complete Roadmap*, Hyprtek.com, inc., 2014.

SCOTT, M. *WordSmith Tools Version 7*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SINCLAIR, John. *Collins COBUILD English language dictionary*. Collins Publishers, 1989.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1991.

SWALES, John M. *Genre analysis*. 13. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M.; FEAKE, C. B. *Abstracts and the writing of abstracts*. Michigan: University of Michigan Press, 2009.

TAGNIN, S. E. O. Linguística de *corpus* na e para a tradução. In: TAGNIN, S.; VIANNA, V. (org.). *Corpora na tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015. p. 19-56.

TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz*: expressões convencionais e idiomáticas: inglês e português. São Paulo: Disal, 2005.

TAVARES PINTO, PAULA; REES, G. ; FRANKENBERG-GARCIA, A.. Identifying collocation issues in English L2 research article writing. In: CHARLES, Maggie;FRANKENBERG-GARCIA, Ana. (Org.). *Corpora in ESP/EAP Writing Instruction: Preparation, Exploitation, Analysis* (no prelo). 01ed.Londres: Routledge, (no prelo), v. , p. 01-20.

Análise do léxico mesclado português-inglês de interações em fóruns de *games online*

Guilherme Lucas de Souza

Paula Tavares Pinto

Talita Serpa

INTRODUÇÃO

O mundo do entretenimento virtual, principalmente referente aos *videogames*, é, atualmente, um dos mercados mundiais mais importantes e proeminentes. O que se iniciou em meados do século XX, com plataformas de jogos eletrônicos rudimentares e pouco investimento, conta agora, no século XXI, com os ganhos que superam a receita da indústria cinematográfica norte-americana desde o ano de 2006, segundo a *Entertainment Software Association (ESA)*, atingindo, no ano de 2017, a arrecadação de 36 bilhões de dólares.

No Brasil não é diferente. Seguimos as mesmas projeções de crescimento em relação ao consumo de jogos eletrônicos. Em pesquisa realizada pelas empresas *Sioux Group*, *Blend New Research* e *ESPM*, notamos que 75,5% dos brasileiros têm acesso a jogos eletrônicos em qualquer plataforma de jogo. No entanto, existe um grande apreço desse público pelos jogos *mobile* (43,6% das respostas), ou seja, os que podem ser jogados pelos *smartphones*. A pesquisa aponta também que 35,2% do grupo de jogadores têm idade entre 25 e 34 anos (IGN, 2018). Uma dessas plataformas de jogos eletrônicos é a *Multiplayer Online Battle Arena (MOBA)*, que apresenta misturas de jogos de in-

terpretação de personagens, mais conhecido como *Role-Playing Games (RPG)* e jogos de estratégia, pois o jogador precisa jogar em equipe e possuir estratégias para vencer.

Nesse *game*, o jogador cria um personagem de acordo com a possibilidade do mundo virtual, desenvolvendo-o dentro deste ambiente virtual. Diferentemente dos *Massive Multiplayer Online Role-Playing Games (MMORPG)*, que possuem milhões de jogadores interagindo em um mundo aberto e sem fim, o MOBA seria uma modalidade de jogo que permite partidas rápidas. Um dos exemplos mais famosos nesse tipo de plataforma é o jogo *League of Legends®*, doravante *LoL®* (RIOT, 2020), o mais popular e mundialmente conhecido deste gênero e que foi escolhido para esta pesquisa devido, justamente, à sua notoriedade e facilidade de acesso.

Esse ambiente de jogos eletrônicos *online* permite que formas de linguagem diferentes possam emergir nesse contexto comunicacional permeado por interações entre pessoas de diversos países, apresentando estruturas próprias, mesclando palavras e ocasionando fenômenos que poderiam ocorrer entre fronteiras geográficas.

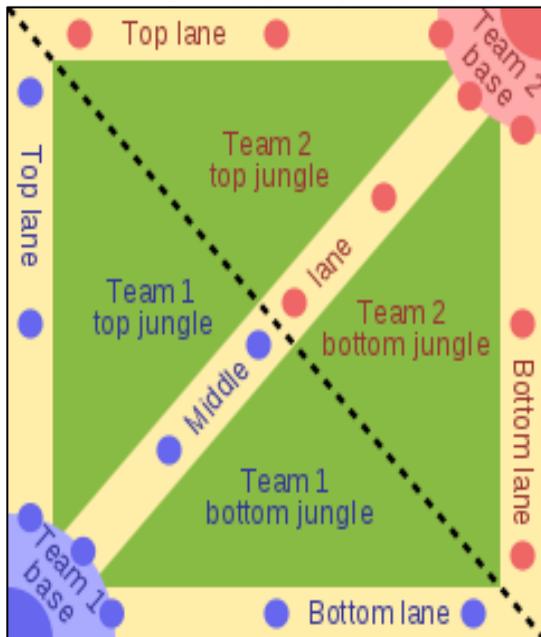
O JOGO LEAGUE OF LEGENDS®

O jogo *League of Legends* surgiu no início da década de 2010, disponibilizado pela produtora Riot Games, como um RPG de arena gratuito, conhecido como MOBA. Logo tornou-se um dos passatempos mais populares da atualidade e, em 2012, alcançou a marca de jogo mais jogado da América do Norte e Europa, vindo a ser utilizado, até 2014, por mais de 67 milhões de pessoas (WIKIPEDIA, 2020). Atualmente, devido à sua popularidade, são realizados torneios mundiais, nos quais equipes disputam prêmios milionários.

LoL® trata-se de um jogo eletrônico que deve ser jogado por equipes. Cada equipe se organiza da melhor maneira que puder e cada jogador escolhe um de seus “campeões” ou *champions*. Uma equipe deve vencer a outra, destruindo as torres pelo caminho (*lanes*), dentro de um mapa, conhecido entre os jogadores como *jungle*, para que, as-

sim, se chegue ao ponto de origem dos “campeões”, ou seja, dos personagens utilizados no jogo. Abaixo, podemos observar a forma como o mapa do jogo é constituído:

Figura 1 – Mapa do jogo *League of Legends*®



Fonte: *League of Legends*®. (WIKIPEDIA, 2020).

Em uma partida, os jogadores se comunicam via *chat* ou microfone. Sendo assim, o uso do microfone e fones de ouvido é o mais recorrente por ser mais dinâmico, entretanto, esses aparelhos fazem a linguagem escrita ser, muitas vezes, relegada a poucas partidas ou momentos muito específicos, tornando-se um dos problemas da coleta de dados desta pesquisa, o qual será exemplificado na seção Materiais e Métodos.

Vemos que, nessas comunicações, os jogadores utilizam diversas misturas entre as línguas portuguesa e inglesa, causando estranhamentos às pessoas que não estão inseridas nesse contexto de uso. As-

sim, surgiu o interesse que motivou esta pesquisa, ou seja, o de compilar esse vocabulário misturado entre a língua inglesa e portuguesa e procurar categorizá-lo, de modo a compreender seus usos em contexto.

Para termos acesso aos jogadores e à linguagem empregada, nos atemos a pesquisar e coletar informações contidas em um fórum *online*, no qual os jogadores brasileiros fazem postagens diariamente. Este fórum é gratuito e disponibilizado pela produtora do jogo¹, sendo utilizado apenas para interação entre os jogadores e a empresa, pois é nele que a produtora faz avisos, apresenta novidades, etc.

O FÓRUM ONLINE DE LEAGUE OF LEGENDS®

O fórum de *LoL*® encontra-se disponível *online*, com sua versão voltada apenas aos jogadores brasileiros, e possui *layout* e textos oferecidos pela produtora em língua portuguesa. O fórum *online* pode ser acessado pelo link <https://forum.br.leagueoflegends.com/> e conta com atualizações diárias oferecidas pela produtora do jogo.

Por meio do *website*, a empresa posta novidades, atualizações, problemas que estão ocorrendo, notícias etc. Nesse mesmo *website*, podemos fazer o *download* do jogo e saber sobre sua mecânica, modos de jogo e configurações; nele, também, podemos ter a interação de jogadores novos e veteranos, trocando informações por postagens de forma escrita no fórum. Os comentários realizados por meio dos fóruns são discutidos por diversos participantes, assim, apresentando e evidenciando o vocabulário utilizado. Dessa maneira, torna-se mais prática a coleta dos dados para a pesquisa.

Ao estarmos em contato com a linguagem produzida por esse público, podemos refletir sobre como jovens brasileiros, que dificilmente possuem contato com aulas de língua inglesa, tampouco com falantes da língua, podem ter acesso e utilizar palavras que são de origem estrangeira dentro de suas interações.

Vemos que, do ponto de vista linguístico, fenômenos parecidos ocorrem em comunidades nas quais existem duas línguas em contato,

¹ Abordaremos o fórum do jogo *League of Legends*® no próximo tópico, apresentando as características e informações encontradas no *website*.

as quais podem ou não possuir proximidades gramaticais e fonológicas, porém, tais características não se aplicam ao ambiente de interação que não é bilíngue, posto que os participantes dos fóruns são, geralmente, jovens brasileiros, de acordo com o levantamento realizado sobre o público que tem contato com jogos eletrônicos.

Assim, podemos pensar em uma relação de uso de palavras em uma língua estrangeira e suas misturas com a língua portuguesa, devido ao contexto de uso e motivado pelo *game* que possui seu vocabulário em língua inglesa, fomentando, dessa forma, o seu uso por falantes brasileiros que não são bilíngues nem possuem proficiência na língua estrangeira.

Sendo assim, a linguagem que esses jogadores empregam nesses ambientes é o foco desta pesquisa e, em consonância com a discussão acima, este trabalho pretende responder quais são os fenômenos relacionados às misturas de códigos linguísticos observados nas interações entre os jogadores nesse fórum *online*, assim como quais são as recorrências de uso desses fenômenos e o que eles nos dizem sobre a linguagem no contexto da interação entre os jogadores e usuários do fórum *online*.

Para entendermos os fenômenos presentes nessas interações, compilamos um *corpus* e, para a investigação dos resultados, utilizamos as teorizações acerca de *code-mixing (CM)* (MUYSKEN; SCIULLO; SINGH, 1986; MUYSKEN, 2001). Para entender o que pode ser considerado como *CM*, precisamos também compreender as proposições acerca dos conceitos de empréstimo e *code-switching (CS)* (WEINREICH, 1968; POPLACK, 1980, 1982; POPLACK; SANKOFF, 2004; AUER, 1998; CACCAMO, 1998; GROSEJAN, 2006; GARDNER-CHLOROS, 2008; BAKER, 2001).

De acordo com os estudos postulados pelos autores mencionados acima, o *CM* e o *CS* existem em contextos em que há “fronteiras linguísticas”² ou comunidades linguísticas diferentes que estão em contato, porém, em um sentido físico e espacial.

² O termo “fronteira de linguagem” ou “fronteiras linguísticas” é abordado por Appel e Muysken (2005).

Nesta pesquisa, no entanto, ponderamos que, apesar de não haver uma fronteira linguística material, o ambiente virtual atua como tal, de forma que a língua materna (L1) influencia a língua estrangeira (L2), assim como a L2 influencia na aquisição da L1.

É relevante, para a nossa área de atuação, a observação dos fenômenos intrínsecos à linguagem, dessa maneira, é importante salientar que esta pesquisa tem como ponto-chave a observação e coleta de dados sobre o fenômeno relacionado às fronteiras de linguagem, posto que, mesmo não sendo geograficamente ligadas, a fronteira digital nos permite estratégias peculiares aos dois idiomas, não sendo possível sua ocorrência em outros tipos de contexto.

Tomando essa fronteira digital como alusão, Fiorin (2008) aponta que existem fenômenos curiosos de ortografia; no entanto, não é fácil encontrar palavras ou uma nova gramática na internet.

Fiorin (2008) tece um breve, mas importante, comentário sobre a linguagem, apontando que ela possui um fundo léxico comum, criado a partir de diversas misturas que foram sendo incorporadas à linguagem por culturas em contato, porém, o léxico comum não está sendo afetado por empréstimos, os quais, inclusive, são trazidos à língua portuguesa em sua primeira conjugação, que é a única conjugação produtiva no português moderno (FIORIN, 2008, p. 3).

O CODE-SWITCHING

Poplack (1980) aponta, em seus estudos iniciais, que o CS pode ocorrer de maneira consciente nas comunidades linguísticas, como em seu estudo sobre as relações de interferência entre o inglês e o espanhol em comunidades porto-riquenhas em Nova York. Neste estudo, o autor (1980) demonstra recorrências de uso e alternância nas orações, afirmando que existe sempre uma relação entre a língua matriz e a língua embutida e identificando determinadas regras linguísticas que validam o uso dentro de um contexto comunicativo, ou seja, Poplack (1980) expõe que os CS podem ser teórica e gramaticalmente explicados.

Poplack (1980, 1982) assume o viés explicativo da Sociopragmática (BLOM; GUMPERZ, 1972). Sendo assim, os CS possuem razões gramaticais e regras para serem realizados. O pesquisador (1980) postula as teorias de “equivalência condicionada”³ e de “condição dos morfemas livres”⁴.

A teoria da equivalência condicionada trata-se uma área investigativa que apresenta regras de aplicação de CS muito mais elaboradas, com alternâncias “intrassentenciais” (POPLACK, 1980), ou seja, os interlocutores alternam entre duas línguas no espaço oracional, respeitando as regras dos dois idiomas, o que demanda dos interlocutores uma proficiência muito maior nas L1 e L2.

A teoria da condição dos morfemas livres diz respeito à alternância de constituintes em qualquer parte do discurso que não sejam prefixos ou sufixos. Nessa condição, não se abarca a produção fonológica, pois os interlocutores tendem a pronunciar as alternâncias de maneira próxima à L1. Dentro dessa condição, podemos observar que Poplack (1980) discute sobre alternância emblemática⁵ e alternância de substantivos, muito comum em falantes que não possuem um nível mais elevado de fluência, assim, é a partir dessa condição que Muysken (2001) introduz o que passa a ser considerado *CM*.

O CODE-MIXING

Muita confusão em relação aos termos *CM* e empréstimo emergem quando o assunto é a mistura de códigos linguísticos, pois não há um consenso entre os estudiosos em relação a como definir de fato essas alternâncias ou misturas. De acordo com Poplack (2004):

³ O termo original na língua inglesa é “*Equivalence Constraint*”, postulado por Poplack (1979).

⁴ O termo original em língua inglesa é “*The Free morpheme Constraint*”, conforme Poplack (1979).

⁵ Originalmente chamados pela autora de *tag-switch* (POPLACK, 1980, p. 589), esses tipos de alternância ocorrem quando se utilizam expressões idiomáticas de L2 no discurso que está sendo realizado em L1.

Apesar da identidade etimológica com a língua doadora, os empréstimos estabelecidos assumem os níveis morfológicos, sintáticos, e frequentemente, fonológicos da língua recipiente. Eles tendem a ser recorrentes no discurso do indivíduo e se espalhar entre a comunidade. [...]. Empréstimos ainda diferem do CS, pois nele não há envolvimento da morfologia, sintaxe ou fonologia da língua doadora. (POPLACK, 2004, p. 590).

Consequentemente, mesmo tendo verificado não haver consenso entre os estudiosos, neste trabalho, abordamos o tema de maneira mais incisiva, adotando o uso de *CM* discutido por Muysken (2001). Consideramos que esse fenômeno pode ser observado no uso das combinações de inglês e português pelos jogadores, de tal forma que ocorre a inserção de palavras de origem estrangeira dentro de um contexto totalmente em português, assim como a adaptação de empréstimos.

Pfaff (1979) aborda que os empréstimos podem ser morfologicamente adaptados, demonstrando que verbos em língua inglesa tendem a sofrer adaptações para serem utilizados em outra língua, por exemplo no espanhol usado pelas comunidades chicanas. Assim, da mesma forma, podemos encontrar esse método de adaptação também na língua portuguesa.

Não existe um consenso em relação ao que pode ser caracterizado como *CS*, *CM* ou empréstimo, mas há, no entanto, nuances do que cada conceito pode abarcar.

O *CS* lé relativamente mais antigo nos estudos da área sobre o bilinguismo, os *CM*, por sua vez, configuram parte de uma abordagem mais recente na área. Enquanto Poplack (1979, 1980, 2004) trata o *CS* como um conjunto de regras que considera as alternâncias sentenciais como verdadeiras alternâncias de código, ainda que deixando as misturas de códigos ou a troca entre pequenos conjuntos lexicais para serem tratadas posteriormente, Muysken (2001) passa a observar que a produção de misturas por bilíngues ou indivíduos no processo de aprendizado ou aquisição de L2 possui a mesma relevância para a área.

A partir deste pressuposto, Muysken, Sciallo e Singh (1986) cunham o termo *CM* ao se referirem a “misturas” que ocorrem em processos discursivos dentro de uma oração, sem alterar o tópico discursivo, assim, também, abarcando os níveis mais básicos das regras gramaticais.

Muysken (2001) analisa essa categoria de ocorrência mais profundamente, oferecendo explicações sociopragmáticas e psicolinguísticas que podem explicar a motivação de uso, assim observando as regras que recorrem no uso de *CM* pelos falantes bilíngues, estipulando três estilos de *CM*: Inserção, Alternância e Lexicalização Congruente.

O estilo de *CM* relacionado à Inserção (MUYSKEN, 2001) encaixa-se ao uso do léxico de L2, posicionado em um processo discursivo em L1. Neste nível de *CM*, essa inserção pode ocorrer em qualquer parte do discurso, desde que não burle as regras de ambas as línguas, ou seja, é necessário que seja gramaticalmente coerente para os interlocutores.

Tende-se a se conceber alguns equívocos em relação ao processo de Inserção (MUYSKEN, 2001) e em relação aos “empréstimos”, que geralmente se limitam a um único item lexical que possui um amplo uso dentro de uma comunidade.

De acordo com o exemplo acima, a inserção funcionaria no discurso, com a L1 sendo produzida inicialmente pelo interlocutor bilíngue em espanhol, inserindo, depois, uma construção lexical em língua inglesa e logo voltando para o espanhol.

Muysken (2001) mostra que a inserção de L2 no discurso, ocupando a posição pós-verbal, é uma prática recorrente e está ligada aos princípios postulados por Poplack (1979) em relação à condição dos morfemas livres, nos quais a inserção pode ocorrer após qualquer constituinte do discurso, desde que não viole as regras das duas línguas, ou seja, as regras gramaticais de ambas as línguas precisam ser respeitadas.

Em relação ao nível de Alternância proposto por Muysken (2001), este se relaciona à definição de Poplack (1980), que sugere alternâncias intersentenciais, ou seja, entre as frases. No entanto, a Alternância, para Muysken (2001), se revela como sendo intrassentencial, ocorrendo nas frases produzidas pelos falantes, porém o autor aponta que, para esse nível de *CM*, é necessário um nível de proficiência maior.

Geralmente, espera-se que, nesta categoria de *CM*, o falante alterne diversos constituintes encadeados no discurso para outra língua, sendo este tipo de concepção o mais estudado entre os linguistas. Os constituintes alternados podem ser orações inteiras, partículas do discurso e advérbios (MUYSKEN, 2001, p. 97).

Já no terceiro nível, que compõe a Lexicalização Congruente, é o estilo de *CM* que compartilha a estrutura gramatical da sentença em partes ou completamente (MUYSKEN, 2001, p.122). Nesse nível, não passamos pela inserção ou alternância de constituintes, mas sim pela alternância e uso de sistemas gramaticais de L2 em L1, ou L1 em L2. Muysken (2001) aponta que existem diversos gatilhos que podem desencadear esse estilo de *CM* e apresenta dois principais: a abundância de palavras homófonas que ativam os *CM* e uma estrutura gramatical equivalente.

Vemos que a Lexicalização Congruente necessita que os interlocutores bilíngues possuam um nível maior de proficiência em ambas as línguas para que possam realizar essa mistura, o que é geralmente observado em comunidades bilíngues em que ambas as línguas - a língua matriz e a língua embutida - possuam prestígio, não havendo tradicionalmente uma separação entre elas (MUYSKEN, 2001, p. 9).

O CODE-MIXING

Muita confusão em relação aos termos *CM* e empréstimo emergem quando o assunto é a mistura de códigos linguísticos, pois não há um consenso entre os estudiosos em relação a como definir de fato essas alternâncias ou misturas. De acordo com Poplack (2004):

Apesar da identidade etimológica com a língua doadora, os empréstimos estabelecidos assumem os níveis morfológicos, sintáticos, e frequentemente, fonológicos da língua recipiente. Eles tendem a ser recorrentes no discurso do indivíduo e se espalhar entre a comunidade. [...]. Empréstimos ainda diferem do CS, pois nele não há envolvimento da morfologia, sintaxe ou fonologia da língua doadora. (POPLACK, 2004, p. 590).

Consequentemente, mesmo tendo verificado não haver consenso entre os estudiosos, neste trabalho, abordamos o tema de maneira mais incisiva, adotando o uso de *CM* discutido por Muysken (2001). Consideramos que esse fenômeno pode ser observado no uso das combinações de inglês e português pelos jogadores, de tal forma que ocorre a inserção de palavras de origem estrangeira dentro de um contexto totalmente em português, assim como a adaptação de empréstimos.

Pfaff (1979) aborda que os empréstimos podem ser morfologicamente adaptados, demonstrando que verbos em língua inglesa tendem a sofrer adaptações para serem utilizados em outra língua, por exemplo no espanhol usado pelas comunidades chicanas. Assim, da mesma forma, podemos encontrar esse método de adaptação também na língua portuguesa.

Não existe um consenso em relação ao que pode ser caracterizado como *CS*, *CM* ou empréstimo, mas há, no entanto, nuances do que cada conceito pode abarcar.

O *CS* é relativamente mais antigo nos estudos da área sobre o bilinguismo, os *CM*, por sua vez, configuram parte de uma abordagem mais recente na área. Enquanto Poplack (1979, 1980, 2004) trata o *CS* como um conjunto de regras que considera as alternâncias sentenciais como verdadeiras alternâncias de código, ainda que deixando as misturas de códigos ou a troca entre pequenos conjuntos lexicais para serem tratadas posteriormente, Muysken (2001) passa a observar que a produção de misturas por bilíngues ou indivíduos no processo de aprendizado ou aquisição de L2 possui a mesma relevância para a área.

A partir deste pressuposto, Muysken, Sciallo e Singh (1986) cunham o termo *CM* ao se referirem a “misturas” que ocorrem em processos discursivos dentro de uma oração, sem alterar o tópico discursivo, assim, também, abarcando os níveis mais básicos das regras gramaticais.

Muysken (2001) analisa essa categoria de ocorrência mais profundamente, oferecendo explicações sociopragmáticas e psicolinguísticas que podem explicar a motivação de uso, assim observando as regras que recorrem no uso de *CM* pelos falantes bilíngues, estipulando três estilos de *CM*: Inserção, Alternância e Lexicalização Congruente.

O estilo de *CM* relacionado à Inserção (MUYSKEN, 2001) encaixa-se ao uso do léxico de L2, posicionado em um processo discursivo em L1. Neste nível de *CM*, essa inserção pode ocorrer em qualquer parte do discurso, desde que não burle as regras de ambas as línguas, ou seja, é necessário que seja gramaticalmente coerente para os interlocutores.

Tende-se a se conceber alguns equívocos em relação ao processo de Inserção (MUYSKEN, 2001) e em relação aos “empréstimos”, que geralmente se limitam a um único item lexical que possui um amplo uso dentro de uma comunidade.

De acordo com o exemplo acima, a inserção funcionaria no discurso, com a L1 sendo produzida inicialmente pelo interlocutor bilíngue em espanhol, inserindo, depois, uma construção lexical em língua inglesa e logo voltando para o espanhol.

Muysken (2001) mostra que a inserção de L2 no discurso, ocupando a posição pós-verbal, é uma prática recorrente e está ligada aos princípios postulados por Poplack (1979) em relação à condição dos morfemas livres, nos quais a inserção pode ocorrer após qualquer constituinte do discurso, desde que não viole as regras das duas línguas, ou seja, as regras gramaticais de ambas as línguas precisam ser respeitadas.

Em relação ao nível de Alternância proposto por Muysken (2001), este se relaciona à definição de Poplack (1980), que sugere alternâncias intersentenciais, ou seja, entre as frases. No entanto, a Alternância, para Muysken (2001), se revela como sendo intrassentencial, ocorrendo nas frases produzidas pelos falantes, porém o autor aponta que, para esse nível de CM, é necessário um nível de proficiência maior.

Geralmente, espera-se que, nesta categoria de CM, o falante alterne diversos constituintes encadeados no discurso para outra língua, sendo este tipo de concepção o mais estudado entre os linguistas. Os constituintes alternados podem ser orações inteiras, partículas do discurso e advérbios (MUYSKEN, 2001, p. 97).

Já no terceiro nível, que compõe a Lexicalização Congruente, é o estilo de CM que compartilha a estrutura gramatical da sentença em partes ou completamente (MUYSKEN, 2001, p.122). Nesse nível, não passamos pela inserção ou alternância de constituintes, mas sim pela alternância e uso de sistemas gramaticais de L2 em L1, ou L1 em L2. Muysken (2001) aponta que existem diversos gatilhos que podem desencadear esse estilo de CM e apresenta dois principais: a abundância de palavras homófonas que ativam os CM e uma estrutura gramatical equivalente.

Vemos que a Lexicalização Congruente necessita que os interlocutores bilíngues possuam um nível maior de proficiência em ambas as línguas para que possam realizar essa mistura, o que é geralmente observado em comunidades bilíngues em que ambas as línguas - a língua matriz e a língua embutida - possuam prestígio, não havendo tradicionalmente uma separação entre elas (MUYSKEN, 2001, p. 9).

EMPRÉSTIMOS ADAPTADOS

Outro aspecto importante que emerge dentre as misturas de códigos são os empréstimos, os quais geralmente são categorizados de maneira diferente de *CM* ou *CS*, e referem-se a unidades lexicais que já foram incorporadas à língua. Hoffer (2002) aponta que o termo “empréstimo” ou *borrowing* é predecessor do *CS* e *CM*, e diz respeito à tentativa de reproduzir em uma língua algum termo anteriormente encontrado em outra (HAUGEN *apud* HOFFER, 2002, p. 5).

Blom e Gumperz (1972), assim como Poplack (1982), passam a discorrer sobre os empréstimos como possuidores de características distintas de uso, a depender do nível sociolinguístico da comunidade que os utiliza, e, em seguida, sobre as teorias da linguística e da sociolinguística que os compuseram, aprofundando, assim, os estudos dos *CS*.

Os empréstimos são caracterizados por suas alterações linguísticas, geralmente fonológicas e morfológicas, diferenciando-se, portanto, dos *CM* e *CS* que mantêm suas características morfológicas e fonológicas, assim como semânticas.

Como observado acima, os empréstimos podem sofrer alterações linguísticas para que se incorporem à língua destino, por exemplo, a palavra *mix* (mistura) pode ser adaptada para a língua portuguesa como *mixar*, sofrendo a sufixação -ar, muito comumente utilizada para verbos de ação na língua portuguesa.

Pfaff (1979) aponta a existência do que podemos chamar de “empréstimos adaptados”, que condizem com a realidade sociolinguística dos indivíduos, apresentando, assim, regras de usos para estes fenômenos.

Pfaff (1979) discorre, ainda, sobre a diferença entre empréstimos adaptados e *CS*. Os empréstimos podem acontecer na fala daqueles

que possuem competência monolíngue, enquanto o CS implica algum grau de competência bilíngue. (PFAFF, 1979, p. 295-296). Nesse sentido, tomamos essa asserção como guia para esta pesquisa, visto que o ambiente em que os jogadores brasileiros estão inseridos pode ser caracterizado como ambientes monolíngues de interação.

A seguir, apresentamos os pressupostos da LC necessários para que haja conformidade na coleta de dados e em sua análise, assim, podemos demonstrar detalhadamente quais são as práticas metodológicas adotadas nesta pesquisa.

PRESSUPOSTOS DA LINGUÍSTICA DE CORPUS

Para a análise de dados e sua compilação, seguimos os preceitos científicos de coleta de dados linguísticos, tendo a LC (SINCLAIR, 1991; BERBER SARDINHA, 2002, 2004; MCENERY; WILSON, 2001; BIBER; CONRAD e REPPEN; 1998) como nossa base teórico-metodológica.

Ao observarmos esses processos, podemos encontrar quais palavras são mais utilizadas, quais são as formas que sofrem misturas de códigos linguísticos e adaptações em empréstimos, assim como a quais outras palavras elas se ligam. A partir da obra de Berber Sardinha (2002, 2004), podemos ter uma noção mais precisa do que se trata um *corpus*, ele aponta, retomando Sanchez (1995) que:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (SANCHEZ, 1995, p. 8-9 *apud* BERBER SARDINHA, 2000, p. 338).

Dessa maneira, nos organizamos de acordo com alguns preceitos importantes que devem ser seguidos. Abaixo, o quadro 1 apresenta informações sobre o *corpus* levantado nesta pesquisa, considerando a metodologia utilizada.

Quadro 1 – Informações sobre o corpus

Corpus de fóruns <i>online</i> em português (LoL®)	Quantidade de palavras	Modalidade	Fonte
Total de <i>palavras em língua portuguesa</i>	30442	Escrito	Fóruns <i>online</i>

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

No quadro anterior, vemos o número de palavras – *tokens* (RIBEIRO, 2004; BERBER SARDINHA, 2004) coletadas em um *corpus*. Observa-se que, de acordo com a LC, quanto maior o *corpus*, mais representativo ele pode ser (SINCLAIR, 1991), porém, atualmente, a coleta de textos para a constituição de *corpus* estão mais voltados aos objetivos que se pretende atingir com a sua coleta.

Sendo assim, os *corpora* pequenos, ou *small corpora*, são uma tendência crescente dentro da LC, distanciando-se da ideia de que o *corpus* necessita ser grande e possuir representatividade da língua na totalidade, conforme aponta Sinclair (1991, p. 18), ao afirmar que o *corpus* deve ser “o quão grande possível e, se possível, deve crescer com o tempo”⁶.

Essa ideia de que para se representar melhor uma língua é necessário que haja o maior número de dados, e, no caso da LC, o maior número de palavras possível, perpetua-se dentro da LC desde o princípio.

Atualmente, a concepção de que quanto maior o número de palavras dentro de um *corpus*, mais preciso e melhor ele será, é difundida e defendida por pesquisadores da área. No entanto, essa concepção vem sendo debatida há algum tempo, como podemos observar nos estudos de Ghadessy, Henry e Roseberry (2001), em que discutem que os *corpora* pequenos podem ser utilizados com diferentes propósitos de acordo com os temas do estudo, ou seja, ensino, tradução etc.

⁶ *The only guidance I would give is that a corpus should be as large as possible, and should keep on growing* (SINCLAIR, 1991, p. 18).

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Como material de estudo para esta pesquisa, foram coletados textos de interações realizadas em um fórum *online* do jogo *LoL*®. Os textos foram retirados do *website forum.br.leagueoflegends.com*, o qual é atualizado diariamente pelos jogadores ou pela empresa criadora do jogo.

O *corpus* que foi coletado e analisado foi compilado no período de novembro de 2018 a março de 2019, ou seja, foram 5 cinco meses de coleta, o que nos ofereceu a quantidade de 30.442 palavras, incluindo palavras em português e inglês produzidas por falantes nativos de língua portuguesa.

A língua portuguesa foi o idioma utilizado pelos jogadores ao realizar os comentários nos fóruns. Levamos em consideração os aspectos relacionados à forma com que os jogadores se comunicam para a criação de critérios para a seleção desses textos, assim, pudemos ter acesso aos fenômenos linguísticos que esses indivíduos produziam em relação às alternâncias entre a língua portuguesa e a língua inglesa.

CRITÉRIOS PARA COLETA DE MATERIAL

O desenvolvimento metodológico desta pesquisa foi pautado nos critérios e procedimentos de coleta de dados e suas análises. Nesta seção, discutimos e demonstramos quais serão os passos metodológicos que foram seguidos na compilação do *corpus* e em sua observação (SINCLAIR, 1991; BIEBER; CONRAD; REPPEN, 1998; BERBER SARDINHA, 2004).

O processo de compilação do *corpus* teve como objetivo observar o léxico empregado pelos jogadores de games *online*, nesse caso o jogo *LoL*®, observando se o *CM* se apresenta no ambiente de interação desses jogadores. Para a coleta destes dados, definimos os seguintes critérios de seleção de dados: 1. Fonte do texto; 2. Conteúdo; 3. Idioma do produtor do texto.

O critério número 1 refere-se à fonte dos textos que são fóruns de discussão *online*, disponibilizados pela própria produtora do jogo.

Nesse *website*, existe uma grande movimentação de usuários em postagens sobre problemas técnicos, dicas de como melhorar seus personagens, atualizações do jogo etc., dessa maneira, retiramos os textos de todas as seções de discussão dos jogadores.

O segundo critério se relaciona à quantidade de caracteres observados em cada texto coletado para que pudéssemos ter informações em quantidade satisfatória, tendo em vista que determinamos um número ideal de, no mínimo, duzentos caracteres por texto.

Inicialmente, consideramos esse critério impraticável, pois se mostrou demorado e pouco produtivo. Por isso, optamos por coletar todos os tipos de comentários, desde que fossem realizados pelos jogadores no fórum, excluindo textos pré-produzidos pelos administradores.

No terceiro e último critério, escolhemos textos produzidos por falantes da língua portuguesa, pois, por ser um *website*, podem existir postagens em outros idiomas, como inglês, por exemplo. Em consonância com nosso objetivo, pretendemos analisar a mistura de códigos linguísticos diferentes nesses ambientes de interação virtual, sendo vital que os produtores dos textos fossem falantes nativos de língua portuguesa.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DO MATERIAL

Realizamos a coleta do *corpus* compilando os textos retirados dos fóruns (copiando e colando) e salvando-os em arquivos *Word*® no computador. Todos os textos foram refinados, retirando-se números ou elementos que não fossem necessários aos dados, como figuras e caracteres não linguísticos (*emoticons*, figuras e *gifs*). A partir deste ponto, convertemos todos os arquivos para o formato *txt*, para que fossem lidos no programa *AntConc*®, a fim de possibilitar a observação dos dados.

A partir dessa compilação das palavras e dos dados de frequência, separamo-nas de acordo com o seu uso (*CM* e empréstimos) e transferimos esses dados para o *Excel*®, assim, obtivemos a organização das palavras e das frequências de cada uma delas.

O PROGRAMA ANTCONC®

O programa *AntConc*® é uma ferramenta de uso gratuito e livre criada por Anthony (2019), utilizada para a compilação e análise de *corpora*. Nesse programa é possível utilizar as ferramentas *Wordlist*, *Concordance*, *Keywords List*, *Collocates*, *Concordance Plot* e *Clusters/N-gram*.

Na análise do *corpus* deste estudo, utilizamos a ferramenta *Word List*, *Concordance*, *Collocates* e *Clusters/N-grams* ao analisarmos a frequência, utilização e combinações de palavras nos textos.

O programa possui uma interface amigável para os estudiosos da área de Linguística, não sendo necessário um conhecimento aprofundado sobre a LC para utilizá-lo.

A ANÁLISE DO CORPUS

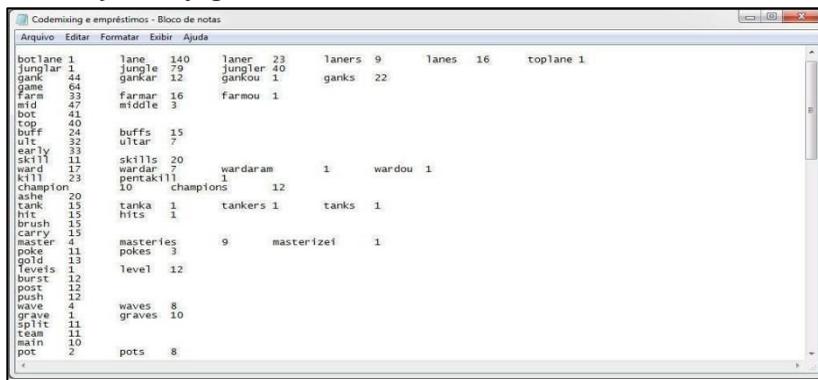
A partir da observação da *Wordlist*, procuramos todas as palavras que não pareciam ser vocábulos da língua portuguesa. Nesse passo, selecionamos as palavras e observamos as linhas de concordância nas quais se inseriram, quais eram os contextos e com quais palavras se relacionam. Assim, pudemos saber se as palavras possuíam radicais em língua inglesa e sufixação em língua portuguesa, como, por exemplo, em *gankar*. Sabemos que o radical da palavra vem da língua inglesa (*gank*), porém, foi adicionado a ela o sufixo *-ar*, tornando-a um verbo dentro do contexto comunicativo.

Após essa seleção de palavras, passamos a copiar e colar essas palavras dentro de planilhas no programa *Excel(r)*. Por meio desse procedimento, o programa ofereceu-nos a conta básica de quantas palavras tínhamos, tal como a porcentagem de frequência em relação ao *corpus* inteiro.

Após a realização desses processos, observamos que o uso de *CM* por inserção sobressaiu muito ao de “mistura” no nível morfossintático, tendo, como amostra, a tabela ao final desta seção, com 863 ocorrências no *corpus* coletado, contra 409 ocorrências de empréstimos adaptados.

Para entendermos a frequência de *CM* e empréstimos, utilizamos os resultados oferecidos pelo programa *AntConc*®, os quais copiamos e colamos no Bloco de Notas, como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 2 – Frequência de empréstimos e *code-mixing* no *corpus* de transcrições de jogadores de MMORPG



Fonte: Captura de tela do Bloco de Notas (2020).

É possível verificar que, em cada linha, há uma palavra de entrada e, em seguida, o número referente à sua frequência, como no exemplo abaixo:

Lane > Botlane/laner/laners/lanes/toplane

Assim como foi observado na lista de palavras do programa *AntConc*®, o diferencial nesse arquivo foi sua distribuição, pois podemos observar que, em cada linha, há a palavra de entrada, assim como suas variações ao longo do *corpus*, e a frequência de cada uma delas.

ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DOS USOS DE CM E EMPRÉSTIMOS

Temos, no programa *AntConc*®, o valor absoluto da frequência, ou seja, o valor de quantas vezes uma palavra apareceu no *corpus* coletado. um exemplo, a palavra *kill* aparece 23 vezes no *corpus* coletado.

Dessa forma, ela tem uma frequência absoluta de 23 vezes dentro das 30442 palavras, tamanho total do *corpus*, ou seja, cerca de 0,07%.

FREQUÊNCIA DOS AGRUPAMENTOS LEXICAIS

Nesta seção, discutimos os agrupamentos lexicais encontrados em relação aos *CM* e aos empréstimos e apresentamos suas recorrências. Para isso, dividimos esta subseção em subtópicos, relacionando a palavra e suas combinações.

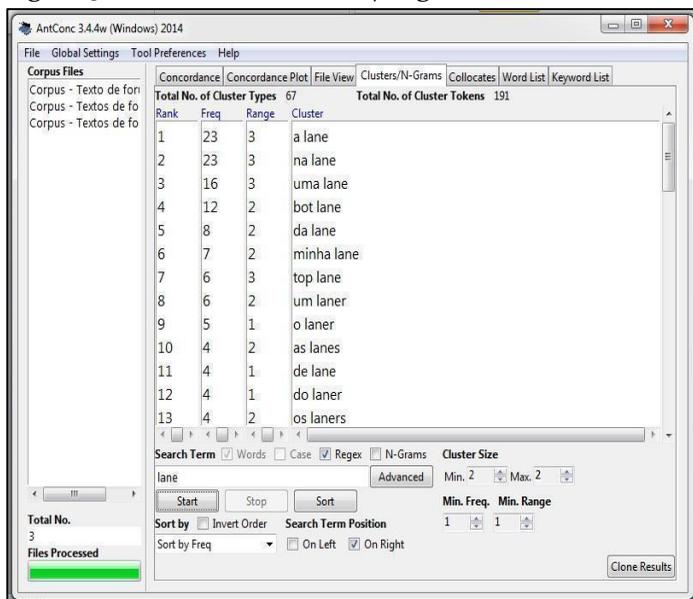
AGRUPAMENTOS LEXICAIS (CLUSTERS)

Analisamos os *clusters* ou agrupamentos lexicais envolvendo os *tokens* mais frequentes observados no *corpus* compilado. Optamos por utilizar os *tokens lane, jungle, gank e farm*, para analisar suas ligações gramaticais devido a serem os mais frequentes e terem uma carga gramatical importante, caracterizando-se como substantivos e verbos. Os agrupamentos lexicais desses verbos e substantivos foram analisados levando em consideração as seguintes características: 1. Formas mais recorrentes que se ligam ao *token*; 2. Funções gramaticais que essas palavras desempenham; 3. Função gramatical que as palavras ocupam na mesma posição em um contexto em língua estrangeira.

Para analisar esses quatro *CM* mais frequentes, utilizamos a ferramenta *Clusters/N-grams* no programa *AntConc®*, abordada na seção de Materiais e Métodos. Essa ferramenta mostrou-se mais eficaz na forma de observar e analisar quais categorias de palavras e agrupamentos são mais recorrentes entre os *CM*.

A seguir, podemos ver um exemplo de uso para a ferramenta contendo o *CM lane*:

Figura 3 – Ferramenta Clusters/N-grams



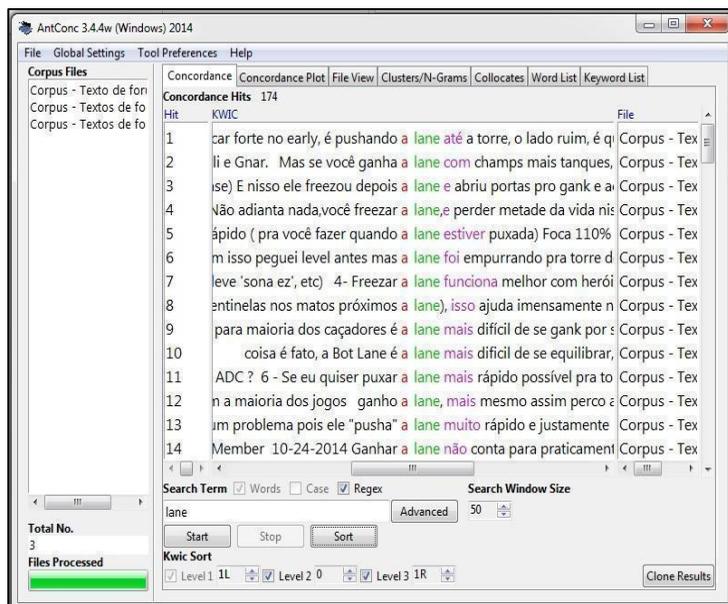
Fonte: Captura de tela do programa *AntConc®* (2020).

Na figura 3, temos a palavra pesquisada *lane* em uma lista de frequência de combinações, vemos à esquerda a posição das palavras e sua frequência; à direita, observamos os agrupamentos lexicais. Foram essas as combinações de palavras e suas recorrências que selecionamos.

Outra ferramenta que nos possibilitou ter uma visão mais clara sobre o uso no contexto desses agrupamentos foi a *Concordance*, pois, ao centralizarmos as palavras que estamos buscando, podemos destacar e observar as palavras que vêm em volta, reconhecendo facilmente quais são suas funções.

Para analisar essa questão, observamos, primeiramente, a ferramenta *Concordance*, por meio da qual foi possível selecionar as palavras que acompanhavam o *CM*, baseando-nos nas cores destacadas, como o exemplo apresentado na figura a seguir:

Figura 4 – Exemplo de combinações utilizando a ferramenta *Concordance*



Fonte: Captura de tela do programa *AntConc*® (2020)

Pode-se notar que a palavra que está sendo pesquisada encontra-se centralizada em verde, as outras palavras no entorno possuem outras cores, como, por exemplo, o artigo definido “a” em vermelho e, depois da palavra centralizada, temos outras classificações de palavras destacadas em roxo.

Abaixo, apresentamos o quadro que informa os *tokens*, sua frequência e sua função gramatical na língua inglesa:

Quadro 2 – *Tokens* mais frequentes de *code-mixing*

Token	Frequência	Função gramatical
Lane	140	Substantivo
Jungle	79	Substantivo
Gank	44	Verbo

Farm ⁷	33	Substantivo/verbo
-------------------	----	-------------------

Fonte: Elaborado pelos autores

ARTIGO + CODE-MIXING COM FUNÇÃO DE SUBSTANTIVO

Ao realizarmos a análise dos agrupamentos, observamos que, inicialmente, as combinações lexicais mais recorrentes devem-se aos agrupamentos envolvendo artigos definidos e indefinidos⁸, como os *CM* apontados no quadro 2.

Vemos que *lane* e *jungle*, substantivos na língua inglesa, são os *CM* mais frequentes no *corpus* compilado, justamente por assumirem o papel de substantivos também em língua portuguesa.

Ao observar os agrupamentos dos dois substantivos, notamos que o uso de artigos é recorrente e frequente. Nota-se, ainda, que o artigo definido feminino “a” é o mais frequente, aparecendo 23 vezes com a palavra *lane* e 21 vezes com a palavra *jungle*, o que mostra que os jogadores reconhecem esses substantivos na língua portuguesa como sendo femininos.

Os artigos indefinidos são menos recorrentes nessa categoria de palavras, o artigo indefinido “uma”, por exemplo, tem a frequência de uso com o *CM lane* apenas 16 vezes. Nas duas figuras abaixo, podemos ver as frequências de uso desses artigos:

⁷ *Farm*, de acordo com o *Longman Dictionary* (2009), possui a função gramatical de substantivo e verbo.

⁸ Bechara (2009) define artigos definidos como “simplesmente artigo o, a, os, as que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.” (BECHARA, 2009, p. 130). Já com relação aos artigos indefinidos, segundo Bechara (2009), “a tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de um, uns, uma, umas, chamados artigos indefinidos” (BECHARA, 2009, p. 130).

Figura 5 – Artigos definidos + *code-mixing*

Rank	Freq	Range	Cluster
1	23	3	a lane
2	23	3	na lane
3	16	3	uma lane
4	12	2	bot lane
5	8	2	da lane
6	7	2	minha lane
7	6	3	top lane

Fonte: Captura de tela do programa *AntConc*® (2020).

Figura 6 – Artigo indefinido + *code-mixing*

Rank	Freq	Range	Cluster
1	21	1	a jungle
2	11	1	counter-jungle
3	11	2	da jungle
4	7	2	na jungle
5	5	1	é a jungle
6	4	2	de jungle
7	4	1	invadir a jungle

Fonte: Captura de tela do programa *AntConc*® (2020).

No *corpus* compilado, podemos notar que esse padrão de frequência se repete com *CM* que são substantivos em sua língua de origem, ou seja, na língua inglesa. No quadro abaixo, os artigos definidos e indefinidos são apresentados nestes agrupamentos lexicais envolvendo *CM*:

Quadro 3 – Frequência de uso de artigos definidos e indefinidos com *code-mixing*

<i>Code-mixing</i>	Artigo	Frequência de agrupamento
<i>Lane</i>	a	23
<i>Jungle</i>	a	23

<i>Kill</i>	a	7
<i>Burst</i>	um	6
<i>Skills</i>	as	6
<i>Hit</i>	o	4
<i>Carry</i>	o	4
<i>Gold</i>	ao	3
<i>Ward</i>	uma	3
<i>Champions</i>	os	2
<i>Skill</i>	uma	2
<i>Early</i>	o	3
<i>Gank</i>	o	3
<i>Farm</i>	a	1
<i>Poke</i>	o	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro, podemos observar que muitos desses *CM* possuem artigos definidos como formas recorrentes de combinação lexical, porém, outras formas são também usuais, como, por exemplo, os agrupamentos que envolvem os *CM* e empréstimos adaptados, tendo em seu agrupamento a utilização de verbos e locuções verbais. Bechara (2009) os define como:

Chama-se locução verbal a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal: hei de estudar, estou estudando, tenho estudado. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados aspectos do verbo. (BECHARA, 2009, p. 191).

A partir dos exemplos de agrupamentos, vemos que os artigos são flexionados e ligados de maneira inusitada com as palavras que são inseridas no contexto comunicativo do jogador.

Tomemos como exemplo a palavra *jungle*, que, sendo um substantivo que não possui gênero na língua inglesa, traz para seu uso em contexto em L1 o gênero feminino. Dessa maneira, os jogadores optam por utilizar o artigo “a” para se referir a essa palavra, pois o uso criado por eles mesmos assim permite.

Por sua vez, a palavra *kill*, sendo um verbo e não possuindo gênero na língua inglesa, assume o papel de um substantivo feminino, pois é apenas utilizada para se referenciar à “morte” de um personagem. Sendo assim, o substantivo “morte” é designado como um substantivo de gênero feminino, o que pode explicar a opção de uso do artigo “a”, mesmo que não haja a tradução direta no jogo.

Na subseção a seguir, podemos ver exemplos de uso em que verbos são ligados aos *CM* e aos empréstimos.

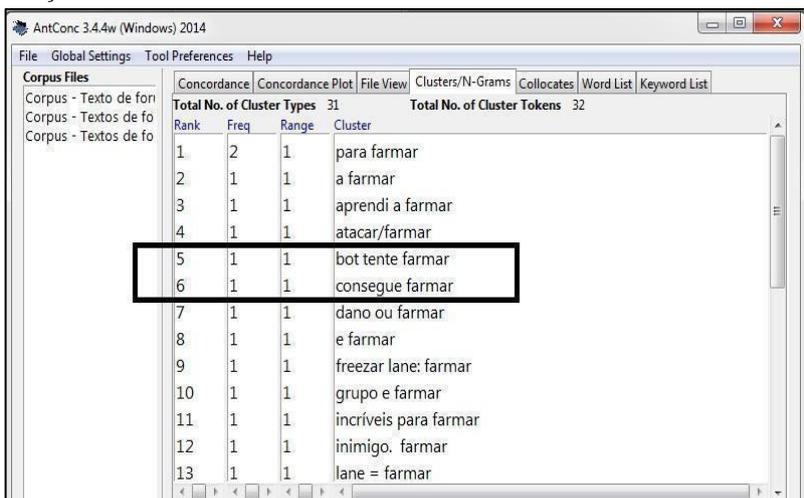
VERBOS + CODE-MIXING E EMPRÉSTIMOS

Discutimos anteriormente que o uso de artigos com *CM* na função de substantivo é recorrente dentro de nosso *corpus*, porém o fenômeno que mais se ressalta envolve os verbos em língua portuguesa e em língua inglesa. Vimos que os artigos definidos são, em sua maioria, ligados a substantivos em língua inglesa. Alguns verbos de língua inglesa podem assumir a posição de substantivo quando inseridos em um contexto de língua portuguesa, como, por exemplo, o *CM kill*.

O uso de verbos adaptados da língua inglesa para a língua portuguesa é recorrente, pois se observa no *corpus* que são mais frequentes do que o uso de substantivos. Outro fator que pudemos analisar é o uso de locuções verbais, quando verbos em língua portuguesa se unem a verbos de língua inglesa, os quais são verbos de ação, como pode ser observado na figura a seguir.

Nesse caso, temos as locuções verbais *tente farmar* e *consegue farmar*, que estão presentes no vocabulário dos jogadores. A forma adaptada *farmar*, recebe a sufixação “-ar”, indicando que *farm* passa a ser um verbo de ação, o que é recorrente nas falas dos jogadores ao adaptar verbos e até mesmo substantivos de língua inglesa para a língua portuguesa.

Figura 7 – Locução verbal envolvendo empréstimo adaptado com sufixação -ar



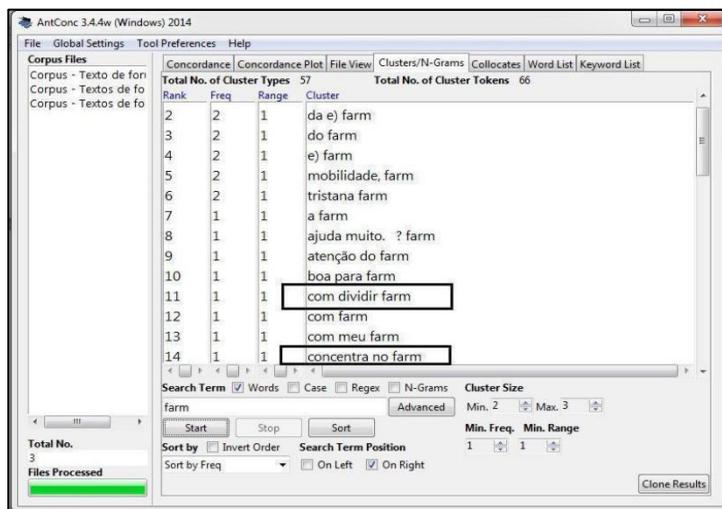
Rank	Freq	Range	Cluster
1	2	1	para farmar
2	1	1	a farmar
3	1	1	aprendi a farmar
4	1	1	atacar/farmar
5	1	1	bot tente farmar
6	1	1	consegue farmar
7	1	1	dano ou farmar
8	1	1	e farmar
9	1	1	freezar lane: farmar
10	1	1	grupo e farmar
11	1	1	incríveis para farmar
12	1	1	inimigo. farmar
13	1	1	lane = farmar

Fonte: Captura de tela do programa *AntConc*® (2020).

Os casos em que ocorre locução verbal são mais voltados ao uso de adaptações morfológicas de empréstimos provindos da língua inglesa, porém elas não acontecem quando se trata de *CM* envolvendo os substantivos ou verbos, que são tratados geralmente como objeto direto ou indireto.

Para obtermos uma melhor noção sobre as ligações entre verbo e *CM* ou empréstimos, organizamos um quadro apresentando os verbos mais recorrentes entre os *CM* e empréstimos morfológica e adaptados. Neste quadro também apresentamos os empréstimos e *CM* agindo como objeto da ação do verbo, assim, a título de ilustração, organizamos o quadro utilizando as palavras mais recorrentes no *corpus*, dividindo-as com os verbos que as acompanham e que são mais recorrentes, nesse caso os verbos “tentar”, “fazer” e “dar”.

Figura 8 – CM como objeto da ação



Fonte: Captura de tela do programa *AntConc*®.

Quadro 4 – Verbos recorrentes e suas ligações com os CM e empréstimos

Verbo	Code-mixing/ Empréstimo
Tentar	Farmar
	Gankar
	Wardar
Fazer	Ganks
	Counter
	Bufs
	Poke
	Peel
	Split
	Dar
Counter	
Buff	
Counter	

	Ganks
	Poke
	Bait
	Rage
	Split

Fonte: Elaborado pelos autores.

No quadro, fica evidente que os três verbos mais recorrentes são verbos de ação, empregados pelos jogadores ao explicar suas jogadas e táticas no jogo. Esses verbos geralmente são sucedidos por preposições, como, por exemplo, “tentar *wardar as*” e “vou *gankar uma*” principalmente o verbo “dar”, mostrando que os *CM* e empréstimos adaptados assumem a função de objeto indireto. Isso se deve à própria língua portuguesa, na qual o verbo “dar” pode ter transitividade direta ou indireta, podendo ser sucedido por uma preposição, geralmente “a”.

Para ilustrar a frequência de uso dos empréstimos e dos *CM* no *corpus*, decidimos, inicialmente, fazer a separação manualmente. Para isso, observamos toda a *wordlist* à procura dos termos a fim de contabilizá-los. Os números, na tabela a seguir, mostram os itens contabilizados.

Ao realizar a contagem, percebemos o número mais elevado de palavras relacionadas às inserções de palavras de língua inglesa nos comentários postados pelos jogadores. Tal diferença pode ser observada no quadro 5, no qual apontamos a tipologia dos *tokens* (*CM* e empréstimos), assim como sua frequência.

Quadro 5 – Quantidade e tipologia dos *tokens* observadas no corpus

<i>Empréstimos</i>	409	Escrito	Fóruns <i>online</i>
<i>Code-mixing por inserção</i>	863	Escrito	Fóruns <i>online</i>
Total de palavras coletadas.	30422	Escrito	Fóruns <i>online</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como vimos anteriormente, os empréstimos adaptados são menos numerosos em relação aos *CM*, pois eles são substantivos e palavras

que já existem no jogo, possuindo uma visibilidade e necessidade de uso maior do que as palavras que são adaptadas. Como exemplo, temos a palavra *jungle*, o mapa do jogo, a qual o jogador tende a usar por referir-se ao ambiente em que está jogando, e a palavra *gankar* (uma adaptação da palavra *gank*), que é utilizada apenas em jogadas ou comentários entre os jogadores.

Podemos considerar que o fato de os empréstimos serem menos numerosos em relação aos *CM* se deve aos termos utilizados, como *CM* representarem habilidades, lugares e até mesmo ações no jogo que não podem ser traduzidas, a tendência é que seu uso seja recorrente. Um exemplo disso ocorre com a palavra *lane*, que foi utilizada 140 vezes no *corpus* compilado, ou seja, sua incidência é alta comparada com, por exemplo, sua forma hibridizada *laner*, que aparece 23 vezes.

Ao observar o contexto da palavra *lane*, veremos que ela ocupa estruturalmente o lugar de um substantivo, como observaremos no quadro 6, no comentário de um jogador postado no fórum sobre como realizar uma jogada utilizando um personagem do jogo.

Quadro 6 – O uso de *code-mixing* e empréstimos no discurso dos jogadores

<p><i>Code-mixing</i> com função de substantivo.</p>	<p>“qual desses eu compro? Kog maw e late game?,ezreal e late game? qual desses se da melhor <i>na lane</i> phase contra qlqer um,etc..”</p>
<p>O empréstimo morfológicamente adaptado com função de substantivo.</p>	<p>“Maokai (que particularmente é meu tipo favorito), deixar a kill para o laner não é uma má ideia, se essa kill ajuda-lo a sobrepujar o oponente com mais facilidade ele pode se tornar menos dependente da sua ajuda.”</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observamos, no quadro acima, trechos retirados de comentários no fórum *online*. Observa-se que os itens em negrito são *CM* e empréstimos, o primeiro é a palavra *lane*, que possui correspondência com a língua inglesa e cujo significado, segundo o *Longman Dictionary*

(2009), é “pista”; no entanto, o item “*laner*” não possui nenhum correspondente na língua inglesa, porém é utilizado frequentemente pelos jogadores para designar um personagem que geralmente inicia os ataques em uma *lane* do jogo.

Outro aspecto interessante que podemos observar em relação à compilação do *corpus* é em relação às categorias de *code-mixing* utilizadas. Muysken (2001) aponta, em seus estudos, a existência de três estilos de *CM*, a saber, inserção, alternância e lexicalização congruente, no entanto, no *corpus* pudemos observar apenas um estilo, o *CM* por inserção. Esse fenômeno pode ser explicado pela forma como a língua inglesa é explorada por esse público, por meio de palavras isoladas que se referem a itens comuns ao ambiente discursivo dos jogadores, o que pode explicar, também, a alta frequência dos *CM* em relação aos empréstimos.

Podemos considerar, então, que os empréstimos que incidem nessa comunidade discursiva são variações dos *CM*, passando inicialmente, como explica Poplack e Sankoff (2004), como “*nonce borrowing*”, ou seja, empréstimos que se integram à língua que os recebem.

Podemos observar novamente o caso do *CM lane*, que sofre adaptação para *laner*, ou, em casos mais complexos como o substantivo de origem inglesa *ward*, que recebe diversas variações tornando-se um verbo, sendo assimilado à língua portuguesa e recebendo desinências verbais próprias do português, como pode ser visto a seguir.

Vimos anteriormente que Pfaff (1979) discute os empréstimos que são adaptados morfológicamente quando se integram à língua de chegada. Nesse sentido, apresentamos a seguir a ocorrência de empréstimos, que é muito menor do que as de *CM* por inserção, como, por exemplo, em *ward*:

Quadro 7 – Frequência de uso do *code-mixing ward*

Vocábulo	Frequência	Tipologia
<i>Ward</i>	17	Code-mixing por inserção
<i>Wardar</i>	7	Empréstimo
<i>wardaram</i>	1	Empréstimo
<i>wardou</i>	1	Empréstimo

Fonte: Elaborado pelos autores.

Notamos ser discrepante o número de ocorrências entre a forma regular proveniente da língua inglesa em relação à forma hibridizada, morfológica e sintaticamente modificada do substantivo aplicado ao contexto discursivo dos jogadores, como pode ser visto no excerto retirado de uma das postagens no fórum que apresentaremos a seguir:

Quadro 8 – Tipologia e exemplos

Tipologia	Excerto
Code-mixing	“Boa noite Meu nome é paulo igor e gosto de ficar no bot como suport. eu queria saber como colocar ward no local certo porque o povo reclama e fica pedindo "poe sentinela, onde é que ta a sentinela, tu num pos não" --' da raiva mais como não sei ao certo ponho perto dos matos só que o povo vem e retira não sei como faz isso mais eles fazem, se pude-se me ajuda eu ia ficar feliz ;PP obrigado”
Empréstimo	“O que fazer se você sofrer counter-jungle? Você não é perfeito, esta sujeito a sofrer com counter-jungle da mesma forma que seu oponente. Para lidar com counter-jungle existe um hack muito bom chamado; Sentinela de Visão/Ward tente wardar as entradas da sua selva, isso te da a possibilidade de ver quando algum filho da mãe esta entrando no seu mato.”

Fonte: Elaborado pelos autores.

No primeiro excerto, que está categorizado como *CM*, vemos que o jogador usa a palavra *ward* como substantivo, por meio da construção “colocar *ward*”. Temos, aqui, o uso de *ward* na sua forma original, sem sofrer nenhuma alteração morfológica ou sintática, sendo assim, como explica Muysken (2001), um *CM*, porém, no segundo quadrado, categorizado como empréstimo, o trecho retirado de uma postagem no fórum, há o uso da locução verbal “tente *wardar*”. Esse fenômeno trata-se de uma adaptação para a língua portuguesa do substantivo

ward de radical na língua inglesa (*ward*), que sofre a sufixação “-ar”, transformando-se, assim, em um verbo de ação em língua portuguesa.

Existem diferenças entre os usos de *CM* e empréstimos no contexto dos fóruns dos jogadores de *League of Legends*® e eles vão muito além de meras adaptações de palavras de origem inglesa ou alternâncias que são realizadas, elas têm uma funcionalidade inerente ao ambiente. Outro fator a ser ponderado refere-se à Sociolinguística, pois podemos observar que existe uma relação entre as línguas que estão em contato dentro dessa comunidade.

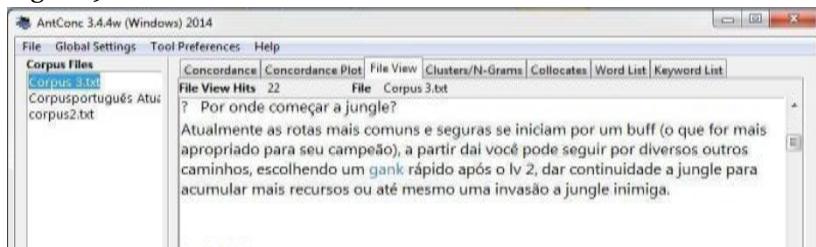
Temos, de um lado, a língua de prestígio (inglês), que tende a suplantar língua materna desprestigiada (português). Vemos que essa abordagem foi apontada e discutida por Muysken (2001), mesmo que em termos muito brandos e breves, em que os níveis de *CM* de acordo com as comunidades bilíngues estão interligados com o prestígio das línguas que serão alternadas, podendo interferir nas escolhas linguísticas em determinados momentos do discurso.

Não podemos nos esquecer, ainda, que esses discursos se referem a um ambiente atípico, pois não existem de fato duas comunidades ou mais em contato, que possuem diferentes línguas, mas sim apenas uma comunidade, que fala a mesma língua, mas opta pelo uso de vocabulário em uma segunda língua.

Ao compilar o *corpus* que contém interações entre jogadores de *League of Legends*® pudemos ter a noção mais precisa de qual é a frequência de uso de palavras mescladas de língua inglesa e língua portuguesa, assim como notamos o uso de palavras de língua inglesa que não sofreram nenhuma alteração em seu radical e em seu uso dentro das falas dos jogadores.

Podemos observar que, apesar de terem a frequência baixa em relação ao *corpus* inteiro destas misturas linguísticas, notamos que elas possuem importância nos comentários que são utilizados pelos jogadores, principalmente ao descrever ações ou nomear objetos, criaturas, habilidades etc., importantes para o jogador no contexto comunicativo, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 9 – Contexto de uso



Fonte: Captura de tela do programa *AntConc*® (2020).

No excerto retirado do *corpus*, a palavra *gank* assume importância no uso do jogador, assim como podemos observar o uso de outros *CM*, como *buff* e *jungle*, permeando o seu discurso. Esse uso é recorrente e se repete ao longo dos textos extraídos, com maior ou menor intensidade.

Outro aspecto se refere à correlação entre os itens que possuem maiores frequências, pois a palavra *lane* possui a maior frequência de uso em relação aos *CM*, e, no que se refere aos empréstimos, as palavras *mid*, *bot* e *top* têm frequências aproximadas, o que se deve a essas 4 palavras representarem os “caminhos” que os jogadores utilizam no jogo *League of Legends*®.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, ao longo deste trabalho, como os dados foram coletados, assim como as teorias que embasam esta pesquisa. Observamos que a LC tem servido como base para a exploração de *corpora* de tamanhos menores que podem apontar ocorrências mais específicas de determinadas palavras. Neste trabalho, a compilação de um *corpus* pequeno foi importante para observarmos a frequência de palavras de língua inglesa dentro de um contexto comunicativo totalmente em português, assim como o uso de adaptações morfológicas que emergiram no contexto comunicativo dessa comunidade virtual.

Em relação à pergunta que encabeçou a discussão para esta pesquisa - quais são os fenômenos relacionados às misturas de códigos linguísticos observados nas interações entre os jogadores neste fórum

online? - vemos que os fenômenos apresentados se relacionaram aos *CM* por Inserção (MUYSKEN, 2001), sendo mais recorrentes os substantivos, com maior frequência nas interações dos jogadores. Muysken (2001) observou que essas categorias de mistura são recorrentes quando a comunicação é menos proficiente, sendo, geralmente, o primeiro tipo de mistura entre duas comunidades com códigos linguísticos diferentes. O que chama a atenção para essa Inserção é que os substantivos tendem a ser acompanhados por artigos definidos, que são mais frequentes, e artigos indefinidos, menos recorrentes. Outro aspecto sobre os *CM* está relacionado à posição das inserções que ocupam na frase, geralmente sendo utilizados como objeto da oração.

Outro fenômeno que foi levado em consideração refere-se aos empréstimos que são adaptados. O uso recorrente de sufixação “-ar” é aparente na comunicação entre os jogadores, que, na falta de uma palavra que não pode ser traduzida, tendem a utilizar o radical da língua inglesa e adaptá-la utilizando o referido sufixo nos verbos.

Nesse tipo de empréstimo, os verbos que foram adaptados também podem fazer parte de locuções verbais, como em “dar gank”, “tentar farmar”, “fazer poke”, o que pressupõe a existência de palavras da língua portuguesa que permitem essa forma de locução, sendo as mais frequentes com os verbos “tentar”, “dar” e “fazer”, relacionados a uma ação. Quando não há uma locução, os empréstimos adaptados tendem a ser objetos da oração e, mesmo modificados, acabam ocupando outra posição na sentença.

Por meio da coleta do *corpus*, pudemos realizar a análise apresentada ao longo deste trabalho. Observamos que os *code-mixing* observados no *corpus* são relativamente mais frequentes que os empréstimos adaptados para a língua portuguesa e representam uma porcentagem maior no montante de palavras coletado no *corpus*. Em relação à segunda pergunta desta pesquisa - quais são as recorrências de uso desses fenômenos e o que eles nos dizem sobre a linguagem no contexto da interação entre os jogadores e usuários do fórum *online?* -, a análise demonstrou que os substantivos são mais representativos entre os *CM*, enquanto os verbos são os mais adaptados nos empréstimos e tendem a sofrer sufixação, sendo declinados de acordo com a pessoa como nos exemplos: “*Você pode gankar seu aliado*” e “*Warda as rotas*

da jungle”, nos quais os verbos adaptados são declinados na segunda pessoa do singular.

Em relação aos usos de palavras adaptadas da língua inglesa para a portuguesa, o uso de verbos e locuções verbais se apresenta como um fenômeno recorrente no uso dos empréstimos, assim, nota-se que a língua portuguesa permite tais alocações para empréstimos adaptados, mas o que se mais evidencia é a naturalidade com que o público pesquisado faz adaptações que se tornam comuns aos ambientes *online* e que são recorrentes dentro das comunidades de jogadores e usuários dos jogos eletrônicos *online*.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. *Lawrence Anthony Website (AntConc)*. Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html> Acesso em: 01 maio 2019.

APPEL, R; MUYSKEN, P. *Language Contact and Bilingualism*. Amsterdam: Amsterdam University Press, p. 227, 2005.

AUER, P. *Code-Switching In Conversation*. London: Routledge, 1998.

BAKER, C. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 3. ed. Clevedon: Biddles Ltd, 2001.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BERBER SARDINHA, T. Linguística De *Corpus*: Histórico E Problemática. *DELTA.*, São Paulo, v. 16, n. 2, 323-267, 2000.

BERBER SARDINHA, T. Corpora Eletrônicos Na Pesquisa Em Tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 9, 15-59, 2002.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Investigating Language Structure and Use*. Cambridge University Press, 1998.
- BLOM, J. P.; & GUMPERZ J. Social meaning in linguistic structure: Code-switching in Norway. In: Gumperz, J. P; Hymes, D. (Org.) *Directions in sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- CACCAMO, C. A. From 'Switching Code' To 'Code-Switching'. In: AUER, P. *Code-Switching In Conversations*. London: Routledge, 1998. p. 29 - 48.
- FIORIN, J. L. *A internet vai acabar com a língua portuguesa?* Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, Belo Horizonte - MG, v. 1, n. 1, p. 2-9, 2008.
- GARDNER-CHLOROS, P. *Code-switching*. 1. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2009.
- GHADESSY, M.; HENRY, A; ROSEBERRY, R. L. *Small Corpus Studies and ELT: Studies and practice*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, v.5, 2001.
- GROSJEAN, J. *Studying Bilinguals*. 1ª ed. Oxford: Oxford Press, 2008.
- HOFFER, L. B. *Language Borrowing and Language Diffusion: an Overview*. Intercultural Communication Studies, Trinity University. XI, p. 1-37, 2002.
- IGN. *IGN Brasil*. Disponível em:<https://br.ign.com/>. Acesso em: 16 maio 2018.
- LEAGUE OF LEGENDS*. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em:https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=League_of_Legends&oldid=58336722. Acesso em: 24 maio 2020.
- LONGMAN DICTIONARY. *Longman Dictionary of Contemporary English*. 2 ed. Pearson Education, 2009. p. 769.

MCENERY, T.; WILSON, A. *Corpus Linguistics: an introduction*. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

MUYSKEN, P.; SCIULLO, A. M.; SINGH, R. *Government and code-mixing*. Journal of Linguistics, Montreal, v.22, p.1-22, 1986.

MUYSKEN, P. *Bilingual Speech: A typology of code-mixing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MYERS-SCOTTON, C. *Comparing codeswitching and borrowing*. Journal of Multilingual and Multicultural Development, Columbia, v. 13, n. 1, p. 19-39, 1992.

PFAFF, C. W. *Constraints on Language Mixing: Intrasentential Code-Switching and Borrowing in Spanish/English*. Language. Estados Unidos, v. 55, n. 2, Jun. 1979. p. 291-318

POPLACK, S.; MEECHAN, M. *How languages fit together in Code-mixing*. International Journal of Bilingualism. Ottawa, v. 2, n. 2, p. 127-138, julho 1998.

POPLACK, S. Sometimes I'll start a sentence in English Y TERMINO EN ESPAÑOL. Linguistics, Nova York, v. 1, n. 1, p.581-618, 1980.

POPLACK, S. Bilingualism and the vernacular. In: HARTFORD, B; FOSTER, C. H.; VALDMAN, A. (Org). Issues in international bilingual education: The role of the Vernacular. Nova York: Plenum Press, p. 1-23, 1982.

POPLACK, S. What does the Nonce Borrowing Hypothesis Hypothesize? Cambridge University Press, Cambridge, v 15, n. 3, p. 644-648, 2011.

POPLACK, S. SANKOFF, D. Code-Switching. In: AMMON, U; DITTMAR, N; MATTHEIER, K. J.; TRUDGILL, P. Sociolinguistics: An International Handbook of Science of Language and Society: Berlin, New York, v 1, n 2, p. 589 – 596, jan. 2004.

RIBEIRO, G. C. B. Tradução Técnica, Terminologia E Linguística De Corpus: A Ferramenta Wordsmith Tools. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 159-174, 2004.

RIOT. Riot Games. Disponível em: <https://www.riotgames.com/en>. Acesso em: 12 abr. 2020.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation: Describing English language*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

WEINRICH, U. *Languages in contact: Findings and Problems*. 6. ed. The Hague: Mouton Publishers. 1968.

A variação linguística do espanhol na região da Amazônia peruana: um estudo baseado em *corpus* de documentários

Ariel Novodvorski

María del Rosario Mestanza Zúñiga

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo da variação linguística observada num pequeno fragmento do espanhol falado, especificamente na região da Amazônia Peruana, região de Loreto¹. O Peru é um país multilíngue e pluricultural, devido à diversidade de línguas faladas e à existência de diversas culturas no mesmo território. Tais elementos são evidências da existência de características de bilinguismo, que produz variações entre os falantes; entretanto, estas não impedem a compreensão entre eles, apesar de suas diferenças geolinguísticas. Geograficamente, a Figura 1 mostra a região de Loreto, que se assenta ao norte do Peru, fazendo fronteira com Equador, Colômbia e Brasil.

¹ Os resultados apresentados neste trabalho são oriundos de um projeto de investigação realizado na Iniciação Científica, no âmbito do Curso de Graduação em Letras: Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

uma comunidade, já que a linguagem sempre está em contínua transformação e pressão social, pesquisas desenvolvidas em relação à variação linguística mostraram que o Peru é um país multilíngue pluricultural (CARAVEDO, 1992). Estes termos surgem de forma imperativa, quando se descreve a situação linguística, e constituem uma parte essencial da configuração do espanhol peruano.

O multilinguismo pode ser apreciado pela diversidade de línguas que existem no País. No território peruano se falam 43 línguas e, na região amazônica, existem aproximadamente 40 línguas pertencentes a 16 famílias linguísticas (POZZI-SCOTT, 1998). Esta situação supõe a coexistência de mais de uma língua e uma população linguística, que pode ser monolíngue ou bilíngue. Por sua vez, o termo pluricultural faz referência à existência de diversas culturas (Aimara, Quichuas, Ashaninkas, Mashiyengas etc.) presentes num determinado território e que se inter-relacionam entre elas, através de um processo intercultural.

Embora haja interesse pelo estudo das variantes linguísticas faladas pelos monolíngues das diferentes regiões peruanas, observa-se que as relações, interações e influências entre as variações presentes nos falantes têm sido estudadas de forma estática, isoladas e a partir de um único referencial. Por outro lado, o bilinguismo constitui um fenômeno social, importante na configuração do espanhol peruano, em que muitos indivíduos são bilíngues: falantes de uma língua indígena e do espanhol (qualquer que seja o grau de competência nessas línguas).

Desse modo, é relevante para os estudos descritivos da língua espanhola identificar, descrever e analisar as mudanças e, eventualmente, a formação de novas modalidades ou variações que se produzem entre os falantes pelo bilinguismo, principalmente por meio de pesquisas empíricas que lançam mão de suporte tecnológico, como é o caso da Linguística de *Corpus* (LC), que confere confiabilidade à investigação.

Nesse sentido, o *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América – PRESEEA* (2021)² se revela como uma ação coletiva, que envolve pesquisadores em diferentes regiões do mundo e que serve de inspiração para o presente trabalho. PRESEEA é um projeto para a criação de um *corpus* oral espontâneo de língua espanhola, representativo do mundo hispano em sua variedade geográfica e social. Foi criado em 2014 e está ativo até a atualidade. Os materiais estão reunidos em atendimento à diversidade sociolingüística das diferentes comunidades hispano-falantes. Como assinala Novodvorski (2017, p. 134) “O acesso para consulta e conhecimento da documentação pertinente é livre, bastando o registro do nome completo e instituição do interessado. As consultas estão restritas a propósitos acadêmicos e a utilização de materiais e resultados deve ser citada como toda referência”.

Assim, o projeto congrega, aproximadamente, quarenta equipes de investigação sociolingüística do espanhol e é o fruto do trabalho coordenado de pesquisadores comprometidos em torno de uma metodologia em comum, em diferentes cidades de países hispano-falantes. Isto é, os participantes do projeto devem seguir determinados procedimentos criados para garantir a confiabilidade e o rigor das informações necessárias, que depois são disponibilizadas para os consulentes, por meio de uma plataforma de consulta e pesquisa. O objetivo do projeto é reunir um banco de dados e de materiais que sejam coerentes e aplicados para fins educativos e tecnológicos. As buscas que podem ser realizadas na página do recurso possibilitam refinar os resultados por cidade/país, sexo, idade e nível de escolaridade. Além disso, a partir dos resultados, é possível ter acesso ao *corpus* transcrito e etiquetado, com anotações específicas (ver seção de Metodologia), e aos arquivos com os áudios das gravações. A Figura 2 mostra uma vista parcial da plataforma do projeto PRESEEA, com os recursos disponíveis para consulta do *corpus*.

² Plataforma para consulta e pesquisa. Disponível em: <http://presea.linguas.net/Corpus.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2021.

Figura 2 – Consulta ao Corpus PRESEEA



PRESEEA
PROYECTO PARA EL ESTUDIO SOCIOLINGÜÍSTICO DEL ESPAÑOL DE ESPAÑA Y DE AMÉRICA

Inicio Noticias Equipos Metodología Corpus Contacto

Consulta Corpus Preseea

CONSULTA DEL CORPUS PRESEEA

Los materiales del Corpus PRESEEA pueden ser consultados sin coste alguno. Su uso ha de estar destinado exclusivamente a la investigación, quedando prohibido el empleo de cualquier material PRESEEA con fines comerciales. No olvide que la utilización de los materiales obliga a citar siempre su procedencia, que ha de hacerse de la siguiente manera:

PRESEEA (2014-) *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. [<http://preseea.linguas.net>] Consultado: [...]]

Para la consulta de otros materiales, los interesados han de ponerse en contacto con los coordinadores de cada equipo, cuyas direcciones aparecen en la sección "Equipos".

ACCESS TO PRESEEA CORPUS

The PRESEEA Corpus can be accessed free of charge. PRESEEA data and samples must be used exclusively for research purposes. Using PRESEEA data for commercial purposes is not allowed.

Fonte: <https://preseea.linguas.net/Corpus.aspx>.

Considerando a amplitude das variações linguísticas existentes na região da Amazônia Peruana, o presente trabalho se justifica pelo interesse de realizar uma análise exploratória de apenas alguns aspectos dessas variações, num pequeno fragmento do espanhol falado na região, por meio de um *corpus* de documentários. Ainda que se trate de um *corpus* de pequena extensão, a identificação de fenômenos linguísticos numa escala menor abre as possibilidades de posterior ampliação das pesquisas, para observação e análise descritiva dos fatos identificados em *corpora* de extensões variáveis e maiores. Em especial, interessa-nos verificar, também, a aplicabilidade dos recursos da LC à identificação de fenômenos da língua em uso na região.

Os princípios básicos pertencentes à LC são utilizados nesta pesquisa como metodologia, para a coleta, etiquetagem e análise de dados, tomando como base Berber Sardinha (2004), juntamente com o emprego das ferramentas computacionais *WordList* e *Concordance* do Programa *AntConc* (ANTHONY, 2019), e seguindo alguns dos critérios metodológicos do Projeto PRESEEA.

Destaca-se, portanto, a importância do valor metodológico da LC, dado o caráter probabilístico conferido à língua. A língua é concebida,

fundamentalmente, pelo valor atribuído à probabilidade de ocorrência, em detrimento de qualquer eventual possibilidade. Embora os traços linguísticos sejam possíveis, em teoria, de ocorrerem, não ocorrem com a mesma frequência, isto é, não são aleatórios, mas sistemáticos, uma vez que seguem e são condicionados pelas especificidades dos inúmeros contextos comunicativos, o que atesta padrões encontrados na linguagem (MARTINS, 2007). Nesse sentido, os programas computacionais ocupam um lugar relevante nas pesquisas desenvolvidas na LC, já que possibilitam a transcrição de *corpora* orais, a descrição e análises fonético-fonológicas, entre outros, proporcionando sistematização, rigor e confiabilidade aos fatos observados, colocando-os em evidência e possibilitando ao pesquisador a formulação de hipóteses com base nas observações.

Por conseguinte, para a análise do pequeno *corpus* oral que iremos realizar, utilizaremos a fundamentação teórica presente na área da variação linguística. Os pressupostos teóricos são apresentados na próxima seção.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Apresentamos na seção os pressupostos teóricos implicados neste trabalho e que confluem nos estudos da variação linguística (LABOV, 2008) e na perspectiva sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1982).

FUNDAMENTOS LINGÜÍSTICOS

A história da aquisição da linguagem data de muitos séculos de estudos. Foi Hermann Paul um dos que influenciou o pensamento linguístico (1846-1921) e quem procurava explicar como se davam as mudanças linguísticas no indivíduo, sem se preocupar a que grupo de falantes pertencia. Para ele, os fatores psíquicos dos falantes influenciavam na língua, pois ela não era um organismo vivo, acima dos indivíduos, e sim um organismo psíquico, produto de um conjunto de transformações individuais e sociais (CORRÊA, 2017, p. 28).

Foi no século XX, com estudos de Saussure (1857-1913), que se estabeleceram as bases da Linguística Moderna. Saussure, de corrente

estruturalista, optou por afastar, no estudo da linguagem humana, a língua do uso realizado pelos falantes, desprezando o individual, considerando que a língua é homogênea e dinâmica, de uso coletivo e comum a todos os falantes. Ou seja, para Saussure, a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua, considerada em si mesma e por si mesma (COELHO, 2010, p. 13). Postula, assim, algumas dicotomias que davam sustento a seu pensamento, a saber: diacronia e sincronia; língua (*langue*) e fala (*parole*). Sendo seu objeto de estudo a língua, já a fala ou *parole* eram um ato individual e heterogêneo e uma manifestação concreta da língua.

Cabe observar que Saussure (1969), ao fazer essa delimitação, admitiu que a língua é um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinado grupo; porém, os fatores externos ao sistema são deixados de lado. Apesar de mostrar um estudo limitado do estudo da língua, da sua compreensão e de seu funcionamento, o estruturalismo se consolidou como um grande aporte dentro da linguística.

A partir da década dos 60, ganha destaque a visão formal da língua, com os estudos de Noam Chomsky, que fundou a corrente denominada Gerativismo. Nessa corrente, a língua é concebida como um sistema de princípios universais, como o conhecimento mental do falante e como uma capacidade inata e abstrata.

Para Chomsky, é de interesse o estudo dessa língua abstrata, ou seja, do conhecimento disponível presente em qualquer falante nativo, do conhecimento intuitivo de um falante-ouvinte ideal, numa comunidade linguística completamente homogênea. O autor denomina esse conhecimento de *competência* e utiliza o termo *desempenho* para a seleção e execução dessas regras. Para ele, não existe diferença entre a dicotomia *língua/fala* saussuriana e sua própria terminologia *competência/desempenho* (LABOV, 2008). As duas dicotomias, a estruturalista e a gerativista, só mantiveram uma relação de equivalência, e perpetuaram a carência de estudo dos atos de fala.

Dessa forma, ambas as correntes consideraram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. Serão os estudos labovianos os que introduzirão as noções de variação linguística e a importância do estudo da fala.

ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ESTUDO DA VARIAÇÃO

Os critérios para diferenciar as variações de uma língua são estudados pela Dialetoлогия, a Linguística Histórica e a Sociolinguística, por meio de suas diversas disciplinas e pelo caráter interdisciplinar, tais como a Sociologia da Linguagem, a Etno-linguística e os Estudo da Variação (ESCOBAR, 1978).

O grande responsável pelos estudos variacionistas de base quantitativa é Labov (1966), a partir de seu estudo sobre a fala na cidade de Nova Iorque, que proporcionou as bases teóricas e metodológicas para o estudo nessa linha. Propôs, assim, o estudo da variação e mudança linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana), que tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Assim, a língua é vista como dotada de “heterogeneidade sistemática”, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

Para Labov, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe uma variação que é inerente, ou seja, o sistema linguístico é heterogêneo, (i) a variação é uma propriedade do sistema, e (ii) o falante tem competência linguística para lidar com regras variáveis (LABOV, 2008, p. 262). O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (WEINREICH; LABOV, 1968; HERZOG, 2006 *apud* LUCHESSI; ARAÚJO, 2017). Assim, em uma análise da concepção de Labov, Coelho *et al* (2010) argumentam:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinde ideal; pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala, não há dois falantes que se expressem do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação (COELHO *et al.*, 2010, p. 19).

Desse modo, a Sociolinguística, por meio da variação, gerou um campo de estudo dos fatos de linguagem e dos contextos sociais, o que possibilitou a compreensão de algumas línguas de ampla difusão no ocidente, sobretudo de línguas implantadas por meio de processos coloniais, de diferenças notáveis entre as falas das metrópoles e as falas das ex-colônias. Assim, as denominações “inglês americano”, “espanhol da América” ou “português do Brasil”, apesar de já existentes, adquirem mais evidência com os estudos da Sociolinguística, mostrando o desejo emancipador ora integrador de delimitação entre ex-colônias e ex-metrópoles (FANJUL, 2004).

Desde um olhar Sociolinguístico e para uma melhor compreensão do espanhol falado em Hispano-américa, devemos ter presentes as diferenças linguísticas que correspondem às variações fonológicas, morfológicas ou sintáticas, assim como à variação social (classe social, faixa etária, nível de escolaridade etc.), que correspondem às variações geográficas (distribuição geográfico-político) dos diferentes países e de suas regiões. Assim, os fatores derivados da variação social e geográfica, embora se desenvolvam em domínios diferentes, influenciam na variação linguística, já que estão em constante transformação (LABOV, 2008).

Assim, a partir dessas últimas abordagens, o estudo da língua se torna objeto de estudo da Linguística. Dessa forma, a Linguística começa a abrigar disciplinas que se ocupam das relações entre forma linguística e a produção textual discursiva, como é o caso das análises do discurso, da variação das formas linguísticas e dos fenômenos sociais que lhe dão origem, como no caso da Sociolinguística, entre outras.

PERSPECTIVA FUNCIONAL DA LINGUAGEM

Conforme delinea Halliday (1982, p. 20), na década de 1960, o interesse principal no âmbito dos estudos linguísticos ainda era o estudo da língua como conhecimento, “o que o falante traz (ou o que já conhece)”, em detrimento da consideração de seu uso contextualizado, no entorno do convívio social. Segundo esse autor, com o passar do tempo foi havendo uma maior preocupação pelos aspectos sociais da

linguagem. Essa perspectiva trouxe uma mudança de paradigma nos estudos linguísticos, que resgatou o valor social da língua em funcionamento, uma vez que cumpre, dentre outras funções, as de representar e estabelecer relações entre os falantes, sendo concebida, portanto, como parte indissociável do homem social.

Na perspectiva do Funcionalismo hallidayano, a linguagem é intrínseca aos processos sociais de comunicação. A linguagem surge na vida do indivíduo mediante um intercâmbio contínuo de significados e sentidos. Dessa forma, linguagem e contexto social formam parte de uma mesma dimensão contextual, em que se realizam mutuamente, num plano mais amplo da cultura, que engloba também o da situação.

Assim, a linguagem se converte em uma parte significativa e em uma interpretação intersubjetiva da experiência do indivíduo. A partir dessa perspectiva, a língua é entendida como um sistema probabilístico de ocorrências. Isto é, a partir dos usos linguísticos, determinadas formas vão se estabelecendo em detrimento de outras, fato que pode ser corroborado por uma maior frequência de uso.

Eggin (2004) destaca princípios e técnicas da abordagem sistêmica e funcionalista do uso da linguagem. A autora afirma que a perspectiva hallidayana oferece os meios necessários para a análise e explicação de como os significados são construídos, diariamente, nas interações linguísticas, na negociação dos textos. Eggin (2004) cita inúmeros exemplos da vida cotidiana, com o intuito de demonstrar a presença da linguagem verbal em quase todas as atividades do dia a dia e de comprovar que, constantemente, somos requisitados a negociar textos, a construir significados pelo uso da linguagem.

Nesse sentido, determinadas formas de interação e de aprendizado passam a ser mais constantes entre as pessoas, possibilitando a transmissão da cultura de uma geração a outra, por meio de convenções que vão se fixando pelo uso da linguagem (HALLIDAY, 1982). Além disso, a língua é um sistema de relacionamentos entre formas e significados, e cada língua tem sua própria significação. Assim, o falante de uma língua reconhece quais são as formas, os significados e as associações simbólicas possíveis para seu uso na comunicação, conforme as diferentes situações comunicativas (PERINI, 2006).

Por sua vez, Eggins (2004) vai mencionar que as diversas abordagens do final do século XX tomaram como foco os estudos sobre o texto e sua interação com a cultura. A autora observa que, através dos trabalhos desenvolvidos por Halliday, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é cada vez mais reconhecida e empregada como uma estrutura descritiva e interpretativa, que permite vislumbrar a linguagem como um recurso estratégico de construção de significados. Uma das principais contribuições de Halliday é ter mostrado o modo como os significados são realizados na estrutura da sentença, simultaneamente, pelas metafunções *ideacional*, *interpessoal* e *textual*; isto é, todo e qualquer fragmento de linguagem em uso é, de algum modo, uma representação da experiência, uma inter-relação com outros e uma organização da mensagem na forma de texto. A aplicação mais geral da LSF é poder entender por que um texto é como é e por que é avaliado de uma determinada maneira e não de outra.

Isso é possível porque a linguagem é um sistema semiótico, de códigos convencionados, um sistema organizado como tipos de escolhas. A característica distintiva do sistema semiótico é que cada escolha adquire seus significados em contraste com outras opções oferecidas pelo sistema. Daí deriva a concepção de língua, enquanto sistema probabilístico de escolhas; isto é, embora as opções sejam possíveis, determinadas escolhas serão mais prováveis de ocorrer do que outras. Esse modo de interpretação do sistema semiótico é o que nos permite avaliar o apropriado ou inapropriado das escolhas linguísticas, conforme seus contextos de uso, uma vez que nosso emprego da linguagem por escolhas é um recurso para construir significados em contextos.

A LSF tem sido aplicada a diversos campos de estudo como à Aquisição da Linguagem, à Análise Crítica do Discurso, à Linguística de *Corpus*, à Linguística Computacional, aos Estudos da Tradução, aos Estudos Sociolinguísticos, ao discurso da mídia, além de ter subsidiado, também, a interpretação da gramática em outros modos semióticos, tais como o visual, a arte e o som, entre outros. O que prevalece como elemento comum nos sistemicistas de base hallidayana é o interesse pela noção de *linguagem como semiótica social* (HALLIDAY, 1982), baseado em como interagem as pessoas entre si, no dia a dia,

por meio da linguagem. Eggins (2004) relata que desse interesse comum resultam quatro argumentos teóricos da LSF sobre a linguagem: (1) o uso da linguagem é funcional, (2) sua função é construir significados, (3) esses significados são negociados no contexto social e cultural em que são produzidos, e (4) o uso da linguagem é um processo semiótico de construção de significados por escolhas. Desse modo, o uso da linguagem é, portanto, *funcional, semântico, contextual e semiótico*.

Assumindo os pressupostos anteriores, pretendemos avaliar a aplicabilidade das ferramentas e recursos da LC, no intuito de identificar e, assim, poder revelar algumas das peculiaridades da linguagem a partir de seu uso, em que o indivíduo faz suas escolhas, segundo o contexto social em que está inserido, proporcionando sua melhor compreensão. É justamente nesse sentido que, entre as diversas razões em que o uso de computadores traria benefícios para a investigação e observação de aspectos da linguagem em uso, como é o caso do presente trabalho, podemos mencionar a contagem de palavras, a identificação de todas as ocorrências de um termo, a classificação em ordem de itens listados, as concordâncias feitas a partir de um elemento de busca ou nóculo e a extração de palavras-chave, para a análise de campos semânticos, temáticas, a identificação de fenômenos peculiares de determinada variação linguística e aspectos estilísticos. Todas essas tarefas e muitas outras podem ser realizadas em poucos segundos por programas de computador, permitindo alcançar resultados consistentes, tanto pela abrangência quanto pela aproximação aos dados examinados que, ao mesmo tempo, são confiáveis, algo que seria impossível sem a ajuda de programas específicos.

Na próxima seção, serão apresentados os principais procedimentos metodológicos implicados neste trabalho.

METODOLOGIA

Explicamos, a continuação, os procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho, desde a compilação até a leitura, descrição e análise do *corpus*.

O primeiro passo foi a definição e coleta do *corpus* oral, isto é, os documentários próprios da região (Figura 3) que foram utilizados para estudo e transcrição.

Figura 3 – Imagens dos documentários



Fonte: extraída dos documentários.

Os critérios de seleção dessas mídias obedecem aos interesses da pesquisa, em observar as variações linguísticas do espanhol falado dos moradores da Amazônia Peruana, especificamente da cidade de *Iquitos*. Os documentários foram extraídos da *Retina Latina*, serviço gratuito de *streaming* para filmes latino-americanos, e do *Youtube*, com duração aproximada de 14 minutos cada vídeo. Depois, a partir de alguns critérios definidos no *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (PRESEEA), foi feita a etiquetagem para o desenvolvimento da transcrição das mídias. Alguns dos critérios propostos no PRESEEA são exemplificados no Quadro 1.

Quadro 1 – Códigos de Transcrição

< > TAGS	Para inserção de informações
<falantes>	Participantes nas falas
<musf>	<música de fundo>
<ruído fundo>	ruído fundo
<alargamento>	extensão de uma palavra
<vacilação>	titubeio breve
<transcrição duvidosa>	Transcrição duvidosa

Fonte: PRESEEA.

Com relação a essa etapa, Berber Sardinha (2004) ressalta que a instância de etiquetagem serve para inserir informações no *corpus*, úteis para o trabalho do pesquisador a posteriori. Novodvorski (2017, p. 134 - 135) observa que o PRESEEA possibilita “o acesso tanto à transcrição como ao áudio do corpus”. Com isso, as possibilidades de análise ainda são mais ampliadas. O autor ilustra que, na busca por vocábulos, podem ser apreciadas algumas “codificações próprias da metodologia comum para a transcrição, a saber: as pausas, indicadas por meio de barras (/); e a etiquetagem de determinadas características da fala, anotadas entre parênteses angulares (<*>)”.

A Figura 4 traz uma busca pelo vocábulo “bueno”, no módulo de *Corpus* da plataforma PRESEEA, com a configuração da cidade, Lima (Peru) e sem discriminação de sexo, idade nem nível de estudos.

Figura 4 – Busca pelo vocábulo “bueno”

Clave	Texto	Fecha	País	Descargas
LIMA_H11_011	... es porque yo me <ininteligible/> un chocio bueno </cita> le dije <silencio/> entonces ella ...	2010-07-02	Peru	Transcripción Audio
LIMA_H11_011	... pucha que la muerte <risas = "E"/> E: bueno !: <tiempo = "49:10"/> ya<alargamiento/> / ...	2010-07-02	Peru	Transcripción Audio
LIMA_H11_011	... es mi historia señorita <risas = "E"/> E: bueno M ¿te dicen M o G? I: M más me llaman E: ...	2010-07-02	Peru	Transcripción Audio
LIMA_H12_028	... lo generalmente // de tu / eso debería ser bueno ¿no? <silencio/> este<alargamiento/> // de ...	2010-07-18	Peru	Transcripción Audio
LIMA_H12_028	... obviamente // pues ¿no? // pero bueno / así fue E: ¿por qué te jodió / dejabas ...	2010-07-18	Peru	Transcripción Audio
LIMA_H12_028	... / te dije que no era / pero bueno <silencio/> a ese<alargamiento/> / a esa ...	2010-07-18	Peru	Transcripción Audio
LIMA_H12_028	... ge<alargamiento/>n te ¿no? <silencio/> porque bueno / a fin de cuenta los veía todos los	2010-07-18	Peru	Transcripción Audio

Fonte: PRESEEA (2021).

Como se pode apreciar na figura anterior, além da visualização das linhas de concordância com o elemento de busca em destaque, está presente toda a codificação utilizada metodologicamente nas transcrições. Na plataforma do PRESEEA, pode ser encontrada toda a docu-

mentação correspondente à metodologia, seja para o estudo de aspectos linguísticos específicos ou para o conhecimento das etiquetas utilizadas, cabeçalhos, códigos e demais recursos próprios do projeto.

Depois da transcrição do *corpus*, procedemos à conversão para o formato de bloco de notas (TXT), que é aquele utilizado pelos programas para análises lexicais como o *AntConc* (ANTHONY, 2019). Uma vez convertidos ao formato TXT, inserimos um cabeçalho e nomeamos cada arquivo (Figura 5).

Figura 5 – Trecho de transcrição de um documentário com cabeçalho

```

<Data da coleta: 10/07/2017>
<Lugar da coleta: www.retinalatina.org>
<Transcrição das falas, do audio="RADIO_BELÉN_2017" - español">
<tiempo del video: 11'33"

<hablantes>
<Habla nte 1 = hab-1>
<Habla nte 2 = hab-2> <nombre=Alonso del Aguila>
<Habla nte 3 = hab-3>
<Habla nte 4 = hab-4>
<Concursante= concunr> <nombre=Julio Sahue
<presencia de música- mus1-inicio>
<presencia de música de fondo - musf>
<ruido=timbre>

<presencia de música- mus1-inicio>
hab-1: Cumpleaños,bingos,bailes, eventos deportivos,defuciones,matrimonios,
bautismos,bodas de oro y plata y cualquier otro anuncio convidenos.
Estamos en Jirón Itaya 137 altos
<ruido=timbre> <ruido fondo>
<presencia de música de fondo - MUSF>
Hab-1: Hacemos votos al divino hacedor porque todos y cada uno de ustedes respetables
oyentes en sus diferentes actividades emprendidas y por emprender se cristalicen con
el mejor de los éxitos para el progreso de vuestros hogares
y por ende de la patria
Hab-1: Citación: se cita con urgencia a todos los moradores de pueblo libre, a una
asamblea general para el día de mañana a las ocho de la noche en el local a escoger
para tratar asuntos de mucha importancia.
Se ruega puntual asistencia, firma el teniente gobernador.
presencia de música - MUSF>
<ruido=timbre> <ruido fondo>
Hab-1: Vamos a dar inicio de esta manera a las preguntas y respuestas que
<alargamiento> todos los viernes, sabados y domingos realizamos <alargamiento> como
siempre como una cortesía de bar bodega y cevichería "garza blanca"
hab-1: Alonso del Aguila a ver si me estás escuchando, espero tus señales.
    
```

Fonte: Bloco de Notas.

Por último, com o *corpus* de estudo já transcrito e etiquetado, o procedimento seguinte consistiu na utilização das funcionalidades do programa *AntConc* (ANTHONY, 2019), por meio das ferramentas *WordList* (listador de palavras) e *Concordance* (gerador de linhas de concordância). Com essas ferramentas, levantamos os dados gerais do *corpus* e procedemos a sua leitura, descrição e análise.

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

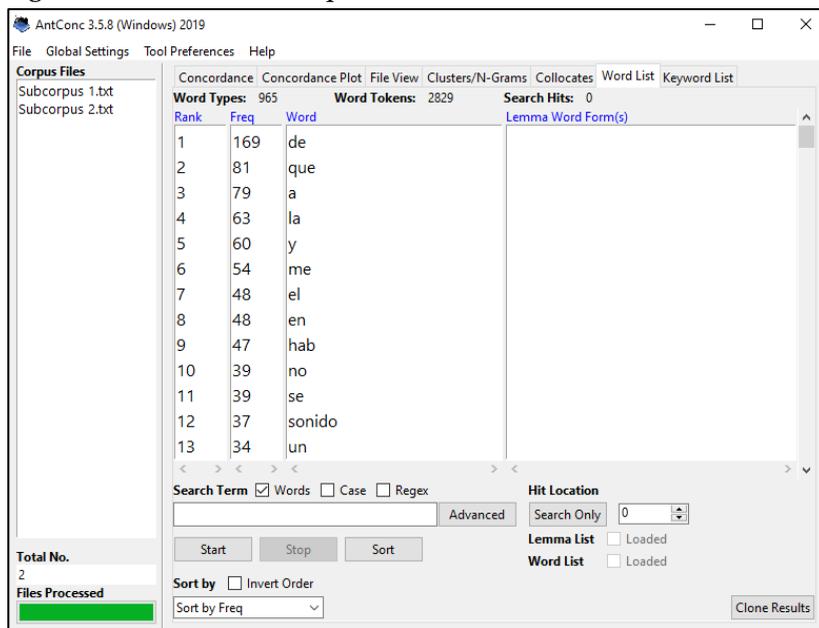
A continuação, a Tabela 1 apresenta os dados quantitativos gerais do *corpus* utilizado na presente análise. Os itens correspondem ao quantitativo total de palavras contidas no *corpus*; as *formas* correspondem à quantidade de palavras diferentes presentes no texto (Tabela 1 e Figura 6).

Tabela 1 – Extensão do Corpus

	Documentá- rios	Itens	Formas
Corpus	2	2.829	965
Docum. 1 – Belén	1	1.308	572
Docum. 2 - Hombre Solo	1	1.521	531

Fonte: os autores.

Figura 6 – Extensão do *Corpus*



Fonte: *AntConc* 3.5.8.

Numa amostra dessa leitura com mais detalhe, podemos observar quando o *corpus* é lido pelo Programa *AntConc*, utilizando a ferramenta *WordList* para conhecer a quantidade de palavras presentes em cada um dos *subcorpora* e, assim, ter uma visão geral das palavras mais recorrentes (Figura 7).

Figura 7 – Extensão do *subcorpus 2*

Rank	Freq	Word
1	83	de
2	57	que
3	52	me
4	46	a
5	33	sonido

Fonte: *AntConc* 3.5.8.

A última etapa, após o levantamento, é a utilização da ferramenta *Concordance*, para estabelecer as linhas de concordância ocorridas em cada transcrição, a partir de palavras de busca. Esse procedimento identificou a aparição de usos peculiares do espanhol na região da Amazônia. Como mostram as figuras (8, 9, 10 e 11).

Figura 8 – Linhas de concordância com o pronome “me”

Hit	KWIC
14	que nunca se ha de sanarse, ella me dijo; vas a tener paciencia, me dijo
15	para mi era un dolor, a mi me echastes sogá, me embarcaste en el bote,
16	n dolor, a mi me echastes sogá, me embarcaste en el bote, me llevastes a
17	ción dudosa> Oh señor! que no me empeñe tanto en ser consolado como en
18	rque tengo mis plantas y un día me enfuermo, estoy de mal, cojo mis dos

Fonte: *AntConc* 3.5.8.

Figura 9 – Busca por “enf*”

Concordance		Concordance Plot	File View	Clusters/N-Grams	Collocates	Word List	Keyword List
Concordance Hits 13							
Hit	KWIC						
1	e ha tullido le ha agarrado la enfermedad, desde ahí a caído ya no para						
2	engo mis plantas y un día me enfuermo, estoy de mal, cojo mis dos toronjas,						
3	o difícil me enfuermo, no me enfuermo hasta echarme, quizás un día me voy						
4	curandero, no se diagnostica enfermedades, ni se da en el campo de						
5	es cierto eso, yo no difícil me enfuermo, no me enfuermo hasta echarme, qu						
6	a decir la verdad porque esta enfermedad no va a sanarse, es en la						
7	qué enfermedad, qué clase de enfermedad puede ser esta? Incomprensible e						
8	piernas se lo van a secar. Qué enfermedad, qué clase de enfermedad puede s						
9	tres días a verle a mi señora enferma, regreso de Iquitos a mi casa y						
10	va a resistir. Así me dijo. Esta enfermedad solamente le quitan en Norte Am						
11	ser esta? Incomprensible esa enfermedad <sonido de agua> Hay un dicho c						
12	a es que se ha complicado mi enfuermedad <sonido de fuego ardiendo> Cla						
13	arme, quizás un día me voy a enfuermarme y no me voy a levantarme más						

Fonte: *AntConc* 3.5.8.

Figura 10 – Apagamento de consoante /-n/ em “defuciones”

Concordance		Concordance Plot	File View	Clusters/N-Grams	Collocates	Word List	Keyword List
Concordance Hits 1							
Hit	KWIC						
1	bailes, eventos deportivos, defuciones, matrimonios, bautismos, bodas de oro y Su						

Fonte: *AntConc* 3.5.8.

Figura 11 – Ocorrência de “chafa” por “chaufa” – comida típica da região

Concordance		Concordance Plot	File View	Clusters/N-Grams	Collocates	Word List	Keyw
Concordance Hits 2							
Hit	KWIC						
1	consistente en un plato de arroz chafa especial con dos huevos m						
2	consistente en un plato de arroz chafa especial y una gaseosa. Co						

Fonte: *AntConc* 3.5.8.

A partir dos procedimentos descritos e ilustrados anteriormente e que, neste trabalho, foram empregados, apenas, num pequeno frag-

mento de espanhol falado espontâneo, com o intuito, também, de verificar a aplicabilidade da utilização de alguns recursos da LC, foi possível observar algumas variantes linguísticas próprias e locais da região da Amazônia peruana.

Dessa forma, extraímos do *corpus* um grupo de palavras que denotam peculiaridades e assinalam uma direção para a pesquisa. Apesar de não registrarem frequência elevada, se considerado que o tamanho da extensão do *corpus* tampouco foi significativo nem objeto de interesse para este estudo, as ocorrências identificadas merecem sua atenção, por se tratar de algo provavelmente característico da fala dos moradores, que distinguem a região estudada e que poderá ser ampliado em estudos posteriores, em outros *corpora*.

Assim, dentre as palavras que chamaram nossa atenção no *corpus* de estudo, constam as ocorrências de usos peculiares, a saber: o apagamento do /-n/ pós-nuclear em sílaba pretônica, na palavra “defución” (defunción); o uso dobrado do pronome átono “me”; a ditongação em “enfuerdo”, “enfuerarme” e “enfuermedad”; e o vocábulo “chafa”. Alguns diminutivos, também, como: “doscitos”, “niñito”, “cucharaditas” e algumas palavras próprias do lugar como “puinahua”, “Ucayali” e “yuca”.

Nesse sentido, evidenciou-se a presença de aspectos característicos, que se mostram funcionais na língua em uso, utilizados de modo natural e espontâneo na fala dos moradores da região, registrados nos documentários que compõem nosso *corpus* de estudo, como é apresentado resumidamente no Quadro 2.

A partir dos dados identificados no *corpus* e que foram apresentados no quadro anterior, estabelecemos uma breve discussão. De início, cabe considerar algumas diferenças observadas entre ambos os documentários, em razão de o primeiro se tratar de um programa radial, com a participação principal de diferentes locutores, que dão informações e orientações para a população; já o segundo é um monólogo, com a participação principal de um homem que mora sozinho na selva e que fala de sua experiência e de suas preocupações, além de poucas intervenções de sua ex-companheira.

Quadro 2 – Alguns usos peculiares identificados no *corpus*

<i>Subcorpus 1</i>	Chafa, defuciones, demasiadamente, Juancito, cucharaditas, niñoito, hacedor, puinahua, Ucayali.
<i>Subcorpus 2</i>	me (pronome), enfuermo, enfuermarme, hunbiera/as, aguarezcan, aguarecer, alagación, enfuermedad, pijuayos, fariña, tullido/a, tunchi, doscitos, solito, yuca.

Fonte: elaborado pelos autores.

O pronome “me” registrou 54 (cinquenta e quatro) ocorrências no *corpus*, dentre as quais apenas 2 (duas) foram identificadas no primeiro documentário. Tal observação está justificada pelas diferenças apontadas entre ambos os documentários. Uma peculiaridade sintática observada é a utilização duplicada do pronome pessoal átono “me” em quatro ocorrências no segundo documentário, como no fragmento “quizás un día **me** voy a enfuermarme no **me** voy a levantarme más y me comerán los gallinazos”. Talvez, intuitivamente, o falante sinta a necessidade de marcar a primeira pessoa do singular em cada um dos verbos que compõem a perífrase verbal. A duplicação do pronome “me” observada, sintaticamente, manteve o padrão urbano de colocação pronominal da língua espanhola, tanto na próclise quanto na ênclise. Também foi observada uma única duplicação do pronome “se”, identificada na seguinte passagem do segundo documentário: “La doctora ha dicho que es artritis, que nunca **se** ha de sanarse, ella me dijo”.

Por outro lado, tal como registrado na Figura 9, as linhas de concordância formadas a partir da busca por “enf*” apontam 13 (treze) ocorrências, das quais apenas 1 (uma) corresponde ao programa radial. Assim, observamos que a preocupação com eventuais enfermidades está presente na fala do senhor que habita na selva. Em 5 (cinco) das ocorrências está presente a ditongação “ue”, indistintamente de ser o verbo “enfermarse”, como em “me enfuermo” (três ocorrências) ou em “voy a enfuermarme” (uma ocorrência), ou o substantivo “enfermedad” em “enfuermedad” (uma ocorrência). Assim, percebemos que o mesmo falante oscila entre uma forma e outra, com ou sem di-

tongo, uma vez que utiliza a forma sem ditongo, tal como dicionarizada, em 7 (sete) ocorrências. Dessas, 1 (uma) corresponde ao adjetivo “enferma” e as outras ao nome “enfermedad(es)”. Com isso, uma hipótese é que a forma de ditongação corresponderia, intuitivamente para o falante, à flexão do verbo “enfermarse”; restaria saber em quais formas flexivas estaria presente o ditongo.

Para além dos aspectos morfossintáticos apontados, também observamos dois fenômenos fonético-fonológicos. No primeiro documentário, um apagamento do /-n/ pós-nuclear em sílaba pretônica, na palavra “defución” (defunción), no anúncio publicitário de um dos radialistas: “Cumpleaños, bingos, bailes, eventos deportivos, **defuciones**, matrimonios, bautismos, bodas de oro y plata y cualquier otro anuncio. ¡Convídenos!”. Já no segundo documentário, foram identificadas 5 (cinco) ocorrências de nasalização, também em posição pós-nuclear e em sílaba pretônica, na palavra “humbiera/as” (hubiera/as), como pode ser observado no seguinte fragmento: “Todos los día era insulto para mí, para mí era un dolor, hasta que un día me dijo: tú te largas de aquí, más bien me **humbiera** agarrado un cuchillo y me **humbiera** dado una puñalada”.

Um fato observado em ambos os documentários é o uso do diminutivo formado pelo sufixo “-ito/a”, como um elemento recorrente. Em uma das passagens do segundo documentário, resgatamos esta ocorrência: “Los siete años lo he tenido allí, hemos vivido entre **dos-citos**, yo asistiéndole en todo”. O uso do diminutivo se faz presente no número dois (dos > doscitos), em referência específica, aqui, ao casal. O homem narra que, durante sete anos, viveram juntos ele e sua mulher (“entre doscitos”). Percebe-se o valor afetivo como aspecto semântico nesse uso do diminutivo, uma vez que o homem que mora sozinho na selva estava relembando um período de felicidade.

O valor de todas essas ocorrências identificadas no *corpus* reside em que revelam indícios, marcas de algumas peculiaridades linguísticas na fala de pessoas da região estudada. Mas, principalmente, guardam relevância porque poderão indicar caminhos a serem investigados, a partir de dados de outros *corpora* orais espontâneos, ainda a serem coletados. Tais estudos poderão assinalar possíveis causas que, talvez, justifiquem e expliquem os fenômenos aqui percebidos.

Alguns estudos anteriores (ESCOBAR, 1978; GASTONGUEY, 1987; CARAVEDO, 1992; RAMÍREZ, 2003) mostraram a tentativa de organização dessas variações, seja desde um estudo fonético-fonológico, um estudo de critérios lexicais, sintáticos e semântico-culturais, respectivamente. Assim, coincidimos com Ramírez (2003), quando manifesta que o espanhol amazônico se enriqueceu com o contato com a língua das etnias amazônicas e de muitos empréstimos de termos de substrato do Caribe. Como se observa no Quadro 2, as palavras “tunchi” e “fariña” são de origem indígena e português, respectivamente.

Deve-se destacar que, até o momento de realização deste trabalho, não foram achados estudos recentes das variações linguísticas do espanhol da região amazônica com subsídios da LC. A utilização do Programa *AntConc* foi fundamental, porque assim pudemos perceber as referidas peculiaridades, uma vez que, por meio de suas ferramentas foi possível processar as transcrições dos textos orais de modo confiável, para obtenção dos dados, numa perspectiva exploratória aplicada à análise.

Em suma, os dados coletados nos permitiram compreender que o Peru é um país multilíngue e pluricultural, que apresenta diversas variações do espanhol falado em suas regiões, evidenciando-se os poucos estudos na região escolhida. Dessa forma, esta pesquisa possibilitou constatar e conhecer um pouco da riqueza da língua espanhola no Peru e algumas dessas variações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo testar a aplicabilidade da utilização de ferramentas e recursos da LC, em prol da identificação e posterior descrição e análise de algumas características da variação linguística, num pequeno fragmento do espanhol falado na região da Amazônia Peruana, a partir das transcrições de dois documentários. Os dados aqui mostrados contribuem, de certa forma, para o entendimento da riqueza do espanhol amazônico e da peculiaridade de alguns fenômenos sociolinguísticos identificados, que corroboram tanto a

importância como a necessidade de estudos acerca do espanhol peruano, uma vez que já foram descritas outras variantes, em outras regiões, mas poucas sobre a variação da região amazônica.

Outro uso potencial identificado neste estudo é a importância da LC, porque circunscreve uma análise baseada em dados empíricos, isso significa que os dados obtidos, oriundos da observação da linguagem em uso, são considerados com primazia, para uma teorização feita *a posteriori*. Definitivamente essa é a grandeza dessa abordagem, que permite estudar fenômenos dos usos reais da língua, de sua realização em textos, que registram as ocorrências das escolhas feitas pelos falantes.

Os dados obtidos nesta pesquisa são apenas o começo, quiçá a base, para um entendimento do fenômeno complexo, rico e dinâmico da língua em movimento e de como se convencionou pelo uso entre seus falantes. Estudos mais aprofundados são necessários, para uma compreensão mais ampla dos fenômenos identificados neste estudo, acerca da variedade linguística do espanhol da Amazônia peruana.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. *AntConc* (3.5.8) [Programa computacional]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2019. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.

BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

CARAVEDO, R. Espacio geográfico y modalidades lingüísticas en el español del Perú. In: Alonso, C. H. (coord.). *Historia y presente del español de América*. España: Junta de Castilla y León, 1992. p. 719-742.

COELHO, I. *Sociolinguística*. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 172 - 177.

CORRÊA, E. A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, [S.l.], v. 8, 2017, p. 28 - 29.

- EGGINS, Suzanne. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2nd edition, 2004.
- ESCOBAR, A. *Variaciones sociolingüísticas del castellano en el Perú*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1978. p. 77 - 94.
- FANJUL, A. P. *Português brasileiro, espanhol de... onde?* Analogías inciertas. *Letras & Letras*. v 20, n. 1, 2004. p. 165-183.
- GASTONGUAY, L. *Vocabulario regional del oriente peruano*. 2da Edición. Iquitos: Centro de Estudios Teológicos de la Amazonia - CETA, 2015.
- HALLIDAY, M.A.K. *El Lenguaje como Semiótica Social. La Interpretación Social del Lenguaje y del Significado*. México: Fondo de cultura Económica, 1982.
- LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, D.; ARAUJO, S. *A Teoria da Variação Linguística*. Disponível em: <http://www.verentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em: 13 abr. 2017.
- MARTINS, I. S. Linguística de Corpus. *DELTA*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 383-393, 2007.
- NOVODVORSKI, A. Linguística de Corpus e variação nas aulas de espanhol como língua estrangeira. In: Barbosa et al. *Teorias de linguagens: pesquisa e ensino*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2017. p. 129-149.
- PERINI, M.A. *Principios de Lingüística Descriptiva. Introducción ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- POZZI-SCOT, I. *El Multilingüismo en el Perú*. Centro de Estudios Regionales Andinos: Bartolomé de las Casas, 1998. p. 190 -200.
- PRESEEA. *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Disponível em: <https://preseea.linguas.net/Inicio.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RAMÍREZ, L. H. *El español amazónico hablado en el Perú*. Hacia una sistematización de este dialecto. Lima: Juan Gutemberg Editores, 2003. p. 15-18.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. Colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, Losé Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

Branded by gold (gravado em ouro): uma análise de literatura, tradução e léxico tabuizado

Luiz Henrique Peralta

Talita Serpa

Paula Tavares Pinto

Diva Cardoso de Camargo

INTRODUÇÃO¹

Com o intuito de verificar os processos literários em *Branded by Gold* e também os procedimentos tradutórios em sua versão para o português *Gravado em Ouro*, realizada por Rachael de Moraes, constituímos um corpus de estudos formado por tais obras.

A princípio, muito do que é pertinente para nosso estudo pode ser melhor evidenciado, primeiramente, por meio do estudo dos contextos das obras, ou seja, seu caráter, seu contexto histórico, social, além de sua construção literária atrelada ao erotismo, e, mais especificamente, ao homoerotismo; trabalharemos também, além da literatura, os processos de tradução adotados por Moraes, que terão como base para análise teórica as metodologias e reflexões promovidas por Mona Baker; assim como as palavras de caráter erótico-obsceno, que serão processadas por meio do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008) e selecionadas pela ferramenta *Word List*. Tal conjunto vocabular será analisado com o auxílio da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004), bem como com as teorizações e estudos de Orsi (2009),

¹ Este texto é decorrente do trabalho de conclusão de curso de Luiz Henrique Peralta, apresentado para a finalização do curso de Bacharelado em Letras com Habilitação em Tradução e Interpretação da União das Faculdades dos Grandes Lagos, o qual foi orientado por Talita Serpa.

Xatara (2004) e Oris e Zavaglia (2007), os quais remetem ao universo das metáforas² do léxico obscuro tabuizado.

Em um primeiro momento, fazemos considerações sobre a autora Carol Lynne, como sua vida, obra, contexto social, histórico e de produção, criação e manipulação do conteúdo erótico. Em sequência, abordamos as teorias literárias sobre erotismo, fazendo um percurso histórico, que parte dos mitos da Grécia antiga, até autores brasileiros e suas obras. Para as fundamentações teóricas temos, Silva e Vilela (2011), que nos apresentam questões de caráter histórico da Grécia e o Mito de Lesbo; e Barcelos, que, em seu livro intitulado *Literatura e Homoerotismo* (2006), traça um perfil dos autores brasileiros e das obras com características e/ou personagem homossexuais em suas obras.

Tratamos ainda das considerações acerca de Tradução e Tradução Baseada em Linguística de Corpus. As fundamentações teóricas baseiam-se principalmente nas teorias de Baker (1993, 1996), que nos fornece os subsídios teóricos referente à tradução, para a compilação de nosso trabalho; e Berber Sardinha (2000, 2002, 2004), estudioso da área da Linguística de Corpus, seu material, assim como suas teorias, nos permitiram manusear e trabalhar com o programa *WordSmith Tools-version 5.0* (SCOTT, 2008).

Por fim, apresentamos uma discussão sobre a tradução do léxico que envolve vocabulário homoerótico e seus contextos de uso, primeiro, com base no levantamento dos vocábulos mais frequentes deste campo semântico, em seguida, os vocábulos inseridos em seus contextos de uso em inglês e português.

² Sustentamos que, ao contrário, os processos do pensamento humano são em grande parte metafóricos. Isto é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano está estruturado e se define de maneira metafórica. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis, precisamente, porque são metáforas no sistema conceptual de uma pessoa. (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

A AUTORA CAROL LYNNE E SUAS OBRAS

Carol Lynne, escritora de romances homoeróticos, com cerca de duzentos livros publicados, nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Gardner, no estado de Kansas. Lynne é uma fiel leitora do gênero e recebeu inúmeras influências de suas leituras³, as quais direcionam, segundo a autora, sua prática literária particular. Além de escritora, Lynne se autointitula como: “organizadora, romancista de Literatura homoerótica, abrigo, editora” (FEMALE FIRST, 2014).

As obras de Lynne parecem ter uma repercussão notável em seu país de origem, afinal, a autora apresenta uma produção de quase duzentas publicações do mesmo gênero. De acordo com o site *Goodreads*, as obras da escritora tiveram, até a metade do ano de 2014, aproximadamente 90 mil visualizações, 3 mil resenhas e uma média de avaliação 3.87 de um total de 5 (GOODREADS, 2014). Outra informação pertinente quanto ao público leitor de Lynne, é que, em São Francisco, a 4^a maior cidade populosa dos Estados Unidos, 20% da população faz parte do grupo LGBTQTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), inclusive, em bairros como Castro, essa margem pode chegar a 40% (DÉCIO, 2006), sendo ainda conhecida como “a Meca Gay” (SUPERINTERESSANTE, 2009).

Suas obras trazem sempre um caráter notório, podendo ser crítico, social, histórico, literário; afinal a autora não escreve pura e simplesmente por escrever, não trata a escrita como apenas uma forma de comunicação. Podemos corroborar tais apontamentos por meio de sua escrita; uma vez que, em seus textos, aparecem questões relevantes, como os cargos que as personagens ocupam e as suas aspirações, sentimentos, ações e atitudes, os quais executam e demonstram, durante a narrativa, fatores contrários aos preconceitos impostos e expostos pela sociedade das culturas de partida e de chegada do texto original (TO) e do texto traduzido (TT) , o que, a nosso ver, permite que a au-

³ Diana Palmer; Deborah Harkness; Jessica Rowley Pell Bird; Rae Carson; Jennifer Ikeda.

tora não tenha problemas em expor, em tratar tais fatos como um elemento útil à Literatura (CARVALHO, 1995). Seus textos são carregados de informações, podendo ser: a descrição de um local, de uma história, de um espaço e mesmo dos lugares em que se baseiam os romances, passando por críticas pessoais, construções, defesas e acolhimentos do público-alvo em seus livros, que, na maioria dos casos, são pessoas oprimidas e renegadas mesmo dentro do texto literário, ou seja, os homossexuais, negros e latinos.

Lynne descreve seus livros e sua vontade de escrever como uma paixão, e essa paixão é motor para inúmeras de suas produções, que, por sinal, têm como base desejos incomuns, os quais são relações entre homens, entre mulheres e homens e entre mulheres (envolvendo mais de duas pessoas, ou um casal).

Sua primeira obra lançada foi *Branded by Gold*, em 2007. Segundo a autora, esse texto levou cerca de dez dias para ser escrito, e quatro meses depois foi publicado. Tomamos esse livro como base para nossa investigação.

O livro trata-se de uma série de contos intitulada *Men in Love*, composta por sete produções, sendo elas *Ben's wildflower*; *Branded by Gold*; *Completing the Circle*; *Going Against Orders*; *Open to Possibilities*, *Reunion* e *Tortured Souls*.

Entre as inúmeras publicações da autora e entre os inúmeros livros lançados, encontramos temáticas que vão desde a “vida comum” e romantizada nos campos, vivida pelos protagonistas, passando por histórias fantasiadas e sexualizadas das mais diversas formas, em que personagens são meio humanas, meio animais, como em *Alrik*; até textos com vampiros, dando ares novos às questões sexuais fantasiadas. Além disso, para os amantes da boa e tradicional história erotizada, há inúmeras composições da autora, como por exemplo as séries *Cattle Valley*; *Campus Cravings*; *Bodyguards in Love*; *Poker Night*; *Refuge Shifters*; *Good-Time Boys*; *Saddle Up and Ride*; *The City*; *All In*; entre outras, como livros temos *Fabulous Brits*; *The City*; *Unconventional In Atlanta Anthology*; *Gaymes*; *Stealing My Heart*; *On the Field*; *Protected Love*; *Corporate Passion*; etc.

BRANDED BY GOLD

Branded by Gold é o primeiro livro da autora, inspirado pelas influências dos livros de romance que não atendiam a tudo que Lynne esperava. A autora decide, então, produzir suas próprias obras. Fascinada e também movida pelas ideias de *ménage*⁴, seu primeiro livro tem como base o romance entre três pessoas. Lançado em 2007, reeditado e ampliado em 2009 pela editora *Ellora's Cave*.

O enredo da obra compõe-se da seguinte maneira: Fugindo de seu padrasto, Jenny Barnes acorda em um hospital, onde encontra dois homens que passam a ser seus amantes por anos, seu meio-irmão, Jake, e seu melhor amigo, Cree, que foram chamados ao seu lado depois de anos de busca. Jake e Cree sabem que esta é sua única oportunidade de recuperá-la, e levam Jenny para seu novo rancho. No entanto, nem eles poderão mantê-la a salvo de quem a machucou. Longe dali, o vil culpado não é outro senão o pai de Jake; sua maldade não tem limites, e o corpo de Jenny leva gravado até onde pode chegar o desejo doentio. Quando Jenny é novamente atacada, os rapazes sabem que se quiserem mantê-la segura e acabar com sua longa infelicidade deverão buscar ajuda de seus melhores amigos. Eles, como Jake e Cree, devem idealizar um plano para proteger a sua amada e capturar o pai de Jake. Ao menos Jenny tem dois homens que a amam e a protegem.

A TRADUÇÃO E A TRADUTORA RACHAEL DE MORAES

Rachael de Moraes é um impasse para nossa análise, afinal não sabemos muito sobre essa tradutora, exceto pelo fato de que ela traduz, e, ao que tudo indica, gosta muito do que faz. Neste tópico, por conseguinte, esboçamos algumas pressuposições que temos sobre sua produção textual.

⁴*Ménage* ou *ménage à trois* refere-se à relação sexual ou afetiva entre três pessoas (PRIBERAM, 2014).

É importante salientar que as informações que temos sobre essa tradutora não são de fato confirmadas por nenhuma obra teórica ou fortuna crítica, exceto pelo seu trabalho tradutório publicado. Seu nome, ao que tudo indica, é um pseudônimo: Rachael de Moraes.

Para a escolha desse suposto nome, podemos elencar alguns fatos: o tema; o público; as relações rentáveis e publicitárias.

Com relação ao tema: quando o assunto é sexo, com exceção de algumas áreas, como exemplo, área médica, há, de uma forma geral, certo desconforto das pessoas em lidar com o assunto. Afinal, grande parte não se sente bem ao falar, ler e, em alguns casos, até mesmo em pensar sobre tal aspecto; na maioria das vezes, devido aos tabus e preceitos criados, passados, e predispostos por eles, por sua cultura ou religião. Muitos ainda estão ligados ao fator de que sexo é um processo de reprodução natural do homem e não uma maneira de diversão e prazer, e, no caso de nossa investigação, um caso de processo de produção literária.

O público: de início deixamos claro que a tradutora, em momento algum, apresenta um comportamento ou ainda atitudes preconceituosas pelo fato de omitir seu nome ao traduzir tal gênero literário. Contudo, explicitamos que a tradutora, por vezes, pode esconder sua identidade pelo fato de que as pessoas apresentam conduta preconceituosa com o público LGBT; assim sendo, omitir sua identidade pode evitar que seu trabalho seja associado ao gênero, logo, não haveria problemas vindos de outras empresas que a pudessem contratar, ou ainda recusar seu trabalho por ter feito tal tradução. Aqui abrimos, ainda, espaço para comentar a relação de divulgação da obra, pois, como mencionado, o problema que a tradutora possivelmente enfrentou foi o fato de o conteúdo que traduziu e para quem traduziu ser o texto sexualizado, o que compreende um grupo, por definição, estigmatizado e excluído. Apontamos, também, o aspecto Rentabilidade X Publicação: pode parecer irrelevante, mas a tradutora pode ter feito o trabalho por puro gosto, pois os indícios apontam para tal proposição, uma vez que nenhuma editora, principalmente por questões conservadoras e rentáveis, investiria em um grupo leitor que aparenta “ser pequeno”.

Outro fator importante a ser mencionado são os papéis empregados por tradutor e revisor, dado que ambos atuam em conjunto exceto pelo fato de que, em algumas das traduções, no caso de nossa obra de análise, por exemplo, a tradutora e a revisora trocam de papel. Ou seja, Rachael de Moraes passa ser revisora, e Sueli Gonçalves (principal revisora das traduções de Lynne) passa a ser tradutora, não obstante, ainda, poderíamos, talvez, inferir vagamente, que, devido ao trabalho não ser remunerado, e, por se tratar de uma origem tabuizada, faltam pessoas que possam empregar os papéis necessários para a tradução; o que leva a tradutora a exercer papéis como o de revisora, editora, formatadora.

ROMANCES HOMOERÓTICOS NA LITERATURA

Quando pensamos no erótico, no obsceno e até mesmo no sexo propriamente dito, há quem se desconforte e procure evitar o assunto, outros podem ter receio de expor e se expor, ou ainda aqueles que se aventuram e dizem o que bem entendem, sentem e também o que pensam. Nosso trabalho tem como objetivo analisar o processo literário que atrela “erotismo⁵ e Literatura”, para isso, a imagem tabuizada de sexo é esquecida, afinal propomo-nos a verificar a prática sexual como uma maneira de se divertir e amar ao seu parceiro seja qual for sua orientação sexual.

Levando em consideração fatores palpáveis, ou seja, provas concretas sobre a Literatura homoerótica e sobre seu surgimento, remontamos, assim, à Grécia antiga. Nas cidades gregas, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo era consentida entre a opinião pública, garantida e assegurada por leis:

⁵ Se se tratasse de definição precisa, seria necessário partir certamente da atividade sexual de reprodução da qual o erotismo é uma forma particular. A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças (BATAILLE, 1987, p. 10).

As relações sexuais entre um homem e um jovem eram codificadas por convenções, regras e comportamentos, sendo repudiadas algumas práticas: “desprezo pelos jovens demasiados fáceis, ou demasiado interessados, desqualificação dos homens afeminados”. (FOUCAULT, 1994, p. 215, grifo do autor)

Tais práticas podiam e ocorriam desde que não fossem expostas para a sociedade; e ainda tinham como base o fato de que a “feminilização”, ou seja, a prática de imitar mulheres ou de prostituir-se era motivo de desqualificação social (SARTRE, 1998, p. 64), ainda que ocorresse comumente., aqui, o fato de que a prática sexual era permitida, porém, o “amor” por outro homem era proibido. Ainda segundo Sartre, algumas práticas sexuais, sendo homossexuais ou heterossexuais, eram punidas quando atingiam a violência, sendo as penas aplicadas sem distinção de sexo (SARTRE, 1998, p. 71).

Na Grécia, durante o século VII a.C., nasceu Sado, uma poeta lesboerótica. Ao que se sabe, Sado vivia em Lesbo (uma ilha também conhecida como Mitilene), embora saibamos da relevância com relação às questões homossexuais que a Grécia apresentava, a poesia de Sado parece não ter agradado muito a opinião geral. Segundo Mossé (1998), isso acontecia porque na Atenas dos séculos V e VI tais práticas tinham deixado de ser consideradas naturais “Ela era criticada por alguns por ter caído na imoralidade e por se ter enamorado de mulheres”(1998, p. 53); na ilha onde vivia, havia uma tradição de cultuação por meio de festa para as divindades, tornando possível, assim, o encontro de mulheres casadas e solteiras que formavam um coro (corpo de bailado); a relação de Sado com as mulheres era baseada no princípio de pederastia⁶, assim sendo, quando suas alunas se preparavam para deixar

⁶ É preciso esclarecer que muitas vezes confundem-se a pedofilia (ato sexual adulto com menores de idade) com a pederastia. Acredita-se que a origem da pederastia ocorreu quando, ainda na Atenas pré-helênica, não existiam instituições públicas de educação; os jovens então escolhiam livremente, segundo os que mais lhes agradavam, homens mais velhos para os ensinarem, sem lhes pagarem qualquer honorário. Por isso, ocorrendo alguns casos homossexuais neste contato, a sociedade grega começou a aceitar naturalmente tal troca, porque seria apenas um ritual de “passagem”. O que se condenava era o ato sexual compulsivo, a prostituição, a feminização do cidadão, ou sua passividade sexual peralta um escravo. (SILVA; VILELA, 2011).

sua mestra e se casarem, Sado lhes dedicava versos de amor (SILVA; VILELA, 2011).

A Literatura homoerótica está presente desde os primórdios das grandes civilizações pensantes, o que varia é apenas a intenção e a postura que se tem sobre ela, afinal, por um lado, temos um público que procura uma leitura prazerosa que engloba seus gostos, suas culturas e posturas, e, por outro lado, temos outro grupo que é avesso a esse pensamento. E como mediadora, a Literatura, que não serve nem um e nem outro, mas se serve, não utilitária, mas sim, útil (CARVALHO, 1995).

Nesse sentido, se existe, por excelência a Literatura erótica, por consequência existe a Literatura homoerótica; e esta não pode ser questionada com relação a sua existência; logo deixa espaço para que outras forças atuem sobre ela, sendo tais formas: 1) os escritores, que dão vida a essa obra; 2) as editoras, que permitem que tais obras cheguem às lojas; 3) e, por consequência, os leitores, que vão se servir dela.

Pensando em processos literários brasileiros, temos, também, inúmeros autores que fizeram grandes reproduções e produções de personagem homossexuais em suas Literaturas. Muitas dessas não tinham um caráter sexualizado ou erotizado, mas produziam de fato cenas de cunho homossexual e/ou erotizado:

O ateneu (1888), de Raul Pompéia, do qual apresenta O homoerotismo entre adolescentes aparece no romance como algo vil e asqueroso⁷ que, no entanto, é passível de uma certa explicação psicológica e social: Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rebelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas. Mas a teoria é frágil e adormece como as larvas friorentas, quando a estação obriga. A letargia moral pesava-me no declive. E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-me possuído de

⁷ Nota do autor: "Só a voz, o simples som covarde da voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contato de um suplício imundo. Fingi não ter ouvido; mas houve intimamente a explosão de todo o meu asco por semelhante indivíduo e muito calmo, desviando apenas a vista, preteixei a falta de um lenço, que me endefluxara a friagem e.... fui buscá-lo." (POMPÉIA, 1979, p. 41).

certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino (POMPÉIA, 1979, p. 34 *apud* BARCELLOS, 2006).

Segundo Barcellos (2006), houve uma grande camada participativa na questão que rege o erotismo na Literatura brasileira. Se analisarmos, por exemplo, os dois últimos séculos de produção literária, teríamos como por resultado:

O cortiço (1890), de Aluísio de Azevedo, que, em meio aos papéis secundários, apresenta uma personagem com configuração homossexual:

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo (AZEVEDO, s.d., p. 42 *apud* BARCELLOS, 2006).

Bom-crioulo (1895), de Adolfo Caminha, no qual o erotismo em meio a uma época escravocrata brasileira é atrelado às relações hierárquicas e também à parafilia⁸:

[...] Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia nitidamente que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurava nas mulheres (CAMINHA, 1983, p. 32 *apud* BARCELLOS, 2006).

Além dessas obras, outros grandes nomes como: Mário de Andrade, Abel Botelho, Lúcio Cardoso, Machado de Assis, Guimarães Rosa, entre outros, produziram personagens com referenciais ou com traços homossexualizados em suas obras literárias.

Com base nesses aspectos, passamos, no próximo subtópico, a realizar uma breve análise da configuração da obra *Branded By Gold* dentro do universo literário homoerótico, salientando, ainda, que o

⁸Designação genérica para comportamentos sexuais que se desviam do que é geralmente aceito pelas convenções sociais, podendo englobar comportamentos muito diferentes e com diferentes graus de aceitabilidade social. (PRIBERAM, 2014).

foco de nossa investigação será o processo tradutório relacionado ao léxico tabuizado de maior frequência na obra e sua interrelação com a construção, por parte da autora e da tradutora, do contexto homossexual e das relações entre pessoas do mesmo sexo.

O EROTISMO EM *BRANDED BY GOLD*

Talvez seja impreciso e complicado falarmos sobre sexo, afinal é incomum encontrarmos leitores que apreciam e leem uma produção literária erotizada; talvez outro fator seja o desconforto daqueles que não leem e pré-julgam o material e acabam evitando esse tipo de produção.

Lynne era uma leitora ávida por material erótico, além de fã confessa. Outra revelação importantíssima da autora é a do amor entre homens – “quando escrevo sobre dois homens, eu posso desfrutar da história de amor, sem colocar-me nela” (FEMALE FIRST, 2014). Com isso, podemos talvez, perceber e reiterar que a Literatura não tem, por excelência, função alguma, a não ser a de ser objeto de apreciação (CARVALHO, 1995). Afinal, se aplicarmos função a ela, logo perderemos o valor a que ela se emprega, o papel de objeto de análise.

Em muitas partes de seu romance, Lynne chama atenção para a maneira como trama as cenas de afeição, destacando a forma como as personagens se amam. O que distingue o erotizado do pornográfico, além do afeto, o sentimento, o amor, são, talvez, a maneira ou a conotação utilizada para retratar tais sentimentos, como por exemplo: “Antes Cree pudesse responder, Jake beijou-o com todo o amor e paixão que ele tinha acumulado. O beijo, então, se transformou em um jogo erótico de investidas e retiradas com ambas as línguas duelando por uma posição”⁹ (LYNNE, 2007, p.5).

Lynne, antes mesmo de escrever, possui uma grande carga literária sobre o tema, portanto, e, talvez por isso, seu livro tenha empregos tão interessantes com relação ao que se prega ao sexo ou, melhor dizendo,

⁹ *Before Cree could answer, Jake kissed him with all the love and passion he'd been storing up. The Kiss turned into an erotic game of charge and retreat with both of their tongues dueling for position* (LYNNE, 2007, p. 5).

ao “amor”; pois a todo momento as personagens se amam e não simplesmente “transam”; seja quando acordam, quando chegam do serviço, ou na cozinha, enquanto preparam almoço. A autora se desprende e cria a todo momento cenas erotizadas que incluem: amor, safadezas, palavras dóceis/amáveis.

Jake acordou com a sua típica ereção matinal e olhou para a mulher dormindo ao lado dele. Jenny estava tão linda e tranquila em seu sono. Cílios negros se espalharam sobre as maçãs do rosto. Seu nariz era perfeito e os lábios macios ainda estavam inchados da noite anterior. Quanto mais a olhava mais excitado ficava. Ele precisava prová-la, só para ter certeza que ela estava de fato segura e, finalmente, em sua cama. Jake lentamente puxou as cobertas para longe e foi para parte de baixo da cama, para que pudesse ficar de próximo da vagina de Jenny. Ele serpentou com sua língua por toda a fenda. Gentilmente, separou seus lábios e lhe deu um beijo francês. Jenny, que se contorcia na cama, começou a acordar. Jake rodou sua língua ao redor de seu clitóris e sugou o cerne duro em sua boca¹⁰ (LYNNE, 2007, p.47).

Há, também, por exemplo, descobertas sexuais, sendo elas heterossexuais e homossexuais. Embora o livro não tenha um caráter moralístico, apresenta o “ser” enquanto não descoberto na forma sexual. Jenny, enquanto inexperiente, questiona suas diferenças corporais, como fazem os adolescentes:

— Vê algo que você gosta, amor? Cree sorriu para ela.

Envergonhada por ser pega olhando, Jenny olha para Cree. — Uh ... desculpa. Eu nunca tinha visto um ao vivo. Eu espero que você não se importe?

— Claro que não me importo, e pelo que parece Jake também não. Cree riu.

¹⁰ *Jake woke up with his typical morning wood and looked at the woman sleeping next to him. Jenny was so beautiful and peaceful in sleep. Black lashes fanned out over her cheekbones. Her nose was perfect and her lips plump and swollen from the night before. The more he looked the hornier he became. He needed to taste her, to reaffirm that she was indeed safe and finally in his bed. Jake slowly pulled the covers away and scooted down the bed so he was eyelevel with her pretty pussy. He snaked his tongue out and licked up her slit. Gently, he pulled part her pussy lips and French-kissed her channel. Jenny shifted on the bed, beginning to wake up. Jake swirled his tongue around her clit and sucked the hard nub into his mouth* (LYNNE, 2007, p. 47).

- Posso te fazer uma pergunta? Jake fez que sim com a cabeça, ela continuou. — Por que vocês não têm pelo ai embaixo?
— Nós depilamos a virilha com cera. Pois, aumenta o nosso prazer. — Por que? Você não gosta? Jake de repente parecia um pouco preocupado.
— Não, quero dizer, sim, eu gosto disso. Parece tão macia e suave. Eu posso sentir? Perguntou Jenny timidamente¹¹(LYNNE, 2007, p. 47)

Lynne parece não limitar o erótico em sua obra, a autora trabalha o sexo em suas maiores vertentes, seja por meio da relação entre homens, *ménages*, descobertas sexuais, parafilias, etc. Buck, que é padrasto de Jenny e pai de Jake, tem terríveis desejos sexuais, os quais incluem: sadismo¹², masoquismo¹³, dominação¹⁴, *bondage*¹⁵.

Buck estava lá escondido atrás de seu carro, quando ela saía do trabalho. Ela pensou ter corrido longe o suficiente dessa vez. Ele a agarrou por trás e colocou algo em sua boca. Jenny acordou em um quarto escuro que cheirava a sujeira e bolor. Onde estava? Lembrou-se de Buck e sentou. Sua cabeça começou a girar e estendeu a mão para que pudesse se firmar. Ele estava lá em meio ao escuro, ela podia ouvir sua

¹¹ “*See something you like, sweet heart?*” Cree grinned down at her. Embarrassed by getting caught looking, Jenny looked up at Cree. “Uh... I’m sorry. I’ve never really looked at a real live one. I hope you don’t mind?” As you can see, I don’t mind at all and from the looks of it Jake doesn’t seem to mind either,” Cree chuckled. “Can I ask you a question?” At Jake’s nod she continued. “Why don’t either of you have any hair down there?” We have our groin are waxed. It enhances our pleasure. Don’t you like it?” Jake suddenly looked a little worried. “No, I mean, yes, I do like it. It looks so soft and smooth. Can I feel it?” Jenny asked shyly (LYNNE, 2007, p. 38).

¹² *Sadismo* - 1. [Psicologia, Psiquiatria] Perversão sexual em que a satisfação depende do sofrimento físico ou moral infligido a outrem. 2. Prazer em fazer ou ver sofrer outrem (PRIBERAM, 2014).

¹³ *Masoquismo* -1. Perversão sexual que faz procurar o prazer na dor física e nas humilhações. 2. [Por extensão] Atitude de uma pessoa que retira prazer ou parece gostar do seu sofrimento ou humilhação.

¹⁴ Palavra de cunho sexualmente marcado, não encontramos uma definição propriamente formada, devido sua especificada, porém através de leituras, definimos como: referente às parafilias, os parceiros se dividem entre dominador e submisso, onde cada um “personifica-se” com as respectivas conotações.

¹⁵ Prática sexual *Bondage* é um tipo específico de fetiche, geralmente relacionado com sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida. Pode ou não envolver a prática de sexo com penetração (WIKIPEDIA, 2014).

respiração. Uma luz a cegou, seria uma lanterna? Nu, Buck caminhou em sua direção com uma faca. —NÃO, BUCK! Gritou Jenny, tentando lutar contra ele, mas em vão. Ele amarrou as mãos e pés na cabeceira da cama. Sentado na cama ao lado dela, o rosto de Buck parecia totalmente vazio de sanidade. "É assim que vai ser, Jenny. Vou lhe fazer uma pergunta e cada vez que você não me der uma resposta que eu quero, você terá um cortezinho. Eu vou voltar a cada quatro horas e perguntar a mesma coisa. Se você ainda não pode me dar a resposta que eu quero, eu te corto novamente. Nós vamos continuar a rotina até que você tenha aprendido a lição. No final, eu vou ser o único homem que você ama. Entendeu, Jenny? Agora, me diz, quem você ama? Jenny tentou afastá-lo, mas as cordas que prendiam seus pulsos e tornozelos estavam muito apertadas. "Eu amo Jake e Cree," Gritou Jenny. "Resposta errada, amorzinho." Jenny sentiu o aço frio da faca contra sua pele e, em seguida, o fio de sangue quente enquanto a faca cortava sua carne.¹⁶ (LYNNE, 2007, p.35)

Lynne parece não ter problema em navegar pelo mundo das per-versões sexuais, e poderíamos dizer, ainda, que ela faz isso com exce-lência, afinal o tema homossexual em sua Literatura passa a ser mera representação se comparado aos outros recursos, como as atrocidades sexuais causadas por Buck ou a forma como a trama vai se desenvol-vendo.

¹⁶ *Buck was there hiding behind her car when she got off work. She thought she'd run far enough this time. He grabbed her from behind and put something over her mouth. Jenny woke up in a darkroom that smelled like dirt and mildew. Where was she? She remembered Buck and sat up. Her head began to spin and reached a handout to steady herself. He was there in the dark, she could hear him breathing. A light blinded her, was that a lantern? Naked, Buck stalked toward her with a knife. "NO, BUCK!" Jenny tried to fight him off but he was so much stronger. He tied her hands and feet to the bedposts. Sitting on the bed beside her, Buck's face looked totally void of sanity. "Here's the way it's going to be, Jenny. I'm going to ask you a question and every time you don't give me the answer I'm looking for you'll get a cut. I'll come back every four hours and ask you the same question again. If you still can't give me the answer I want I'll cut you again. We'll continue the routine until you've learned your lesson. In the end, I'll be the only man you love. Got it, Jenny? Now, tell me who you love?" Jenny thrashed out at him but the ropes holding her wrists and ankles were too tight. "I love Jake and Cree," Jenny shouted at him. "Wrong answer, my sweet." Jenny felt the cold steel of the knife against her skin and then the warm trickle of blood as the knife cut into her flesh (LYNNE, 2007, p. 35).*

ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS E A LINGUAGEM HOMOERÓTICA

Com o avanço tecnológico proporcionado pela computação que chega, hoje em dia, a níveis inimagináveis, é fato de que os textos, não só podem, como também precisam, apresentar uma nova abordagem. Afinal, o computador e os demais recursos midiáticos nos permitem analisar textos que não mais estão no suporte de papel. Assim sendo, a Linguística de Corpus corresponde a uma prática que envolve o uso de ferramentas computacionais para a análise linguística, como salienta Berber Sardinha (2000).

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de corpora ou de conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística, sendo tanto o escrito quando o dito (BERBER SARDINHA, 2000). Segundo Camargo (2007), a Linguística de Corpus explica que os corpora possibilitam ao tradutor perceber e aprender a lidar com a probabilidade que, na verdade, já está internalizada pelos usuários de uma língua. Assim sendo, os Estudos da Tradução Baseados em Corpus têm contribuído, de forma dinâmica, para os Estudos da Tradução como um todo, uma vez que os dados podem ser distribuídos e manipulados de vários modos, por meio de métodos e técnicas diferentes de processamento da Linguística de Corpus, utilizando listas de palavras, palavras-chave e concordâncias, que permitem ao analista observar ocorrências, compará-las, aceitar ou refutar hipóteses.

E como previamente dito, a Linguística de Corpus possibilita a utilização de ferramentas computacionais que proporcionam diferentes análises para textos, tais como: *WordList*, *Concord* e *KeyWords*; providas pelo Programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

É por meio dessas ferramentas que podemos selecionar uma palavra em meio a um texto, ou até mesmo em meio a conjuntos de grandes volumes textuais, denominados pela Linguística como corpora (plural de corpus). Podemos também, identificar a ocorrência de um vocábulo, seu uso nos textos, as palavras colocadas entre ele e outro vocá-

bulo, entre outros fatores. O *WordSmith Tools* permite, ainda, comparar esses elementos como um texto traduzido, que é o que aqui faremos. Com esses avanços computacionais Mona Baker foi, e ainda é, a pioneira quando o assunto é tradução com base em corpora. A teórica chama atenção para o fato de que a função da Linguística de Corpus é voltada para a natureza do texto traduzido, “[...] a tarefa mais importante que aguarda a aplicação das técnicas de corpus nos estudos da tradução [...] é a elucidação da natureza do texto traduzido como um evento comunicativo mediado” (BAKER, 1993, p. 243 *apud* CAMARGO, 2007).

Durante seu trabalho, Mona Baker evidencia processos tradutórios de maiores ocorrências nos TT se comparados ao TO; que se classificam por:

Simplificação: tendência em tornar mais simples e de mais fácil compreensão a linguagem empregada na tradução. Evidências podem ser encontradas nos TTs em relação aos TOs, como repetição de palavras e mudança na pontuação para trazer maior clareza ao enunciado (mas não necessariamente empregar uma linguagem mais explícita) (Baker 1996, p.180-184). A simplificação também envolve o menor comprimento das frases nos TTs; e a substituição de ambiguidades existentes nos TOs, de modo a torná-las mais precisas nos TTs

Explicitação: tendência geral em explicar e expandir dados do TO, por meio de uma linguagem mais explícita, mais clara para o leitor do TT. Manifestações dessa tendência podem ser expressas sintática e lexicalmente, e podem ser observadas habitualmente, em relação aos TOs, como a maior extensão dos TTs, a utilização de apostos, o emprego exagerado de vocabulário e de conjunções coordenativas explicativas.

Normalização ou conservacionismo: tendência para exagerar características da LM e para adequar-se aos seus padrões típicos. Pode ser observada tanto no nível de palavras individuais ou de colocações. Frases longas e elaboradas bem como elementos redundantes, utilizados nos TOs, são substituídos por colocações menores, e as redundâncias são, muitas vezes, omitidas. Também as sentenças não terminadas nos TOs são frequentemente completadas nos TTs. Outrossim, o ritmo da LM torna-se, em geral, mais fluente, uma vez que aspectos incomuns de pontuação existentes na LF são padronizados, de modo a adaptarem-se a aspectos mais comuns da LM.

Estabilização: tendência para a tradução localizar-se no centro de um contínuo, evitando-se os extremos. Diferentemente da normalização, que é dependente da LM ao exagerar suas características nos TTs, o processo de estabilização não é dependente nem da LM nem da LF (CAMARGO, 2007, p. 31-32)

Para Camargo (2007), as quatro hipóteses de simplificação, exploração, normalização e estabilização poderiam indicar que as características linguísticas presentes nos TTs também variam de acordo com fatores extralinguísticos, dentre outros: estratégias de publicação, finalidade dos TTs, limitações dos clientes e intermediários, injunções do mercado editorial, normas de tradução presentes na cultura da LM.

A LINGUAGEM OBSCENA E O LÉXICO TABUIZADO: METÁFORAS DO UNIVERSO ERÓTICO

É importante que explanemos as relações que compõem o erotismo, assim como o tabu e as metáforas que se compõem na construção da obra *Branded by Gold*, enquanto processos literários. E para darmos início ao tópico abordaremos o que é léxico:

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente [...]A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizadas em signos linguísticos: as palavras (BIDERMAN, 1998, p. 13)

Além dessa definição, é importante evidenciarmos o dinamismo linguístico, afinal, a língua é um processo mutável, o qual se constrói rotineiramente, como salientam Preti et.al., “[a] vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de "bons" ou "maus" termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos” (PRETI, *et Al.*, 1984, p. 61)

A delimitação do que seria linguagem erótico-obscena é difícil de ser fixada, pois, segundo Preti et. al. (1984), palavras comuns podem tornar-se desprestigiadas ao receberem uma carga semântica chula ou insultuosa. Arango (1991) e Augras (1989) complementam dizendo que a palavras conferem a essa tipologia lexical o papel de revelar as principais proibições e permissões de elementos de uma sociedade es-

tando, geralmente, vinculadas também à maneira de compreender superstições e tradicionalismos (SERPA, SABINO, CAMARGO, 2014, p. 7).

Serpa, Sabino e Camargo (2014) salientam também, por meio de Lakoff e Jhonson (2002), que a língua que usamos diariamente se convencionou em uma base em grande parte metafórica. Para eles, “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p. 4)

Como exemplifica, Lodi:

[...] esses autores citam a metáfora de que uma discussão é uma guerra. Isso faz com que, em uma discussão, pensemos realmente como se estivéssemos em uma guerra. Um interlocutor quer que o outro se renda, quer derrubar os seus argumentos e disso podemos observar que, muito do nosso pensamento e da nossa linguagem, referente a uma discussão, tem também elementos relacionados à guerra. (LODI, 2013, p. 172).

Xatara (2004) afirma ainda, que os usuários criam essas analogias quando percebem que não dispõem de recursos, em seu inventário linguístico, capazes de atender às suas demandas expressivas em determinadas situações de comunicação.

O tabu pode estar associado a inúmeros fatores, podendo ser eles: religiosos, sociais, econômicos, morais, podem abranger ainda, nome de animais, objetos, formas, assim como uma característica predominante ou uma verossimilhança. Atrela-se ainda a relação proibitiva, além de serem compostas por palavras mais ou menos agradáveis ao leitor ou interlocutor (PRETI, et.al. 1984, p.3)

O campo linguístico se expandiu, e muito, assim, podemos ter acesso e analisar o campo sexual-tabuizado, sobre o qual muitos ainda preferem se calar, apesar de serem extremamente populares e recorrentes. Para Zavaglia (2007), o campo de estudo dos vocábulos obscenos/palavrões, das blasfêmias, da gíria, do discurso malicioso é tão amplo que os pesquisadores do léxico lhe atribuem o nome de “Linguagem proibida”.

A sociedade, em especial nas últimas décadas, faz uso de metáforas e muitas delas recaem no campo do conjunto léxico obsceno-sexualizado, sendo seus usos para os mais diferentes fins, como: estar revoltado ou estressado, estar feliz com um alto nível de excitação e completar o sentimento com uma palavra “tabuízada”. Para a geração atual e certamente para a futura, é uma forma natural de se comunicar; podemos, assim, evidenciar o processo mutável das palavras, seu desuso, e até mesmo sua recontextualização; Por exemplo, amigos que se gostam de mais se apelidam, de modo que brincar com as palavras como: “gayzão, viado”; em outros momentos, quando se está contente, muitos pronunciam palavras de êxtase como: “caralho, buceta, porra”; assim, podemos nos assegurar, de fato, que as pessoas sabem que as palavras condicionam sua conotação de acordo com o contexto, com o espaço, a sociedade.

A metáfora tabuízada aplica-se de inúmeras maneiras, porém, a forma que atribui maior pertinência quando relacionada a sexo talvez seja, sem dúvidas a relativa à aparência, pois quando alguém fala que algo parece um “pau”, isso é um modo de desconstruir a forma do objeto e reconstruí-la em mente na forma de um pênis.

Em um de seus ensaios sobre como ocorrerem tais premissas, Zavgaglia (2007) cita:

É sabido *boceta*, antes uma caixa redonda de pequeno tamanho para guardar objetos, hoje é um tabuísmo referente a vulva. Confirma-se a mencionada mudança de significado, que por via metafórica se tornou alusão ao órgão sexual feminino. "Os vocábulos *pica* e *boceta* reproduzem, com grande fidelidade e impacto visual, os órgãos genésicos. Sua figura, seus tamanho, sua cor e, as vezes, até seu cheiro. Nós os vemos com todo seu encanto e esplendor" (ARANGO, 1991, p. 113, grifos do autor).

Sendo assim, acreditamos ser pertinente considerar que em uma obra de cunho erótico, os vocábulos/palavras tabuízados irão ocorrer com certa frequência e denotar valores metafóricos importantes para a concepção da narrativa. Nesse sentido, procuraremos selecionar o léxico tabuízado de maior ocorrência no TO *Branded by Gold*, bem como em seu respectivo TT, *Gravado em ouro*, a fim de verificar as

relações estabelecidas pela tradutora quando se depara com o conjunto léxico erótico-obsceno. Apresentaremos os traços apontados por Baker (1999) em sua teoria nas traduções realizadas por Rachael de Moraes.

MATERIAL E MÉTODO

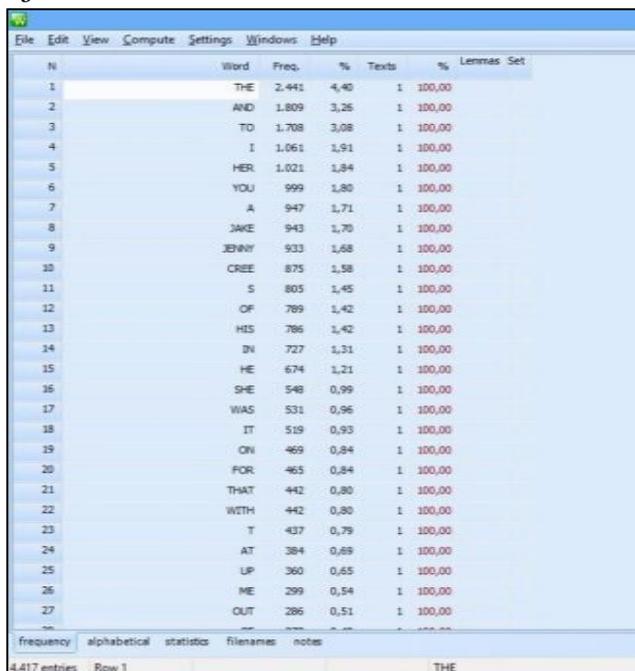
O corpus utilizado no presente estudo é composto pelo primeiro livro da série *Men in Love*; de Lynne, intitulado *Branded by Gold* (2007), e por sua respectiva tradução para a língua portuguesa, nomeada *Gravado em Ouro* (2007) realizada por Rachael de Moraes.

A partir deste corpus, realizamos uma investigação acerca da composição textual que compõe o campo do léxico erótico-obsceno e também, procuramos salientar outras palavras do plano narrativo, as quais, em decorrência de sua ampla frequência de utilização, podem ser utilizadas para compor a descrição e o aprofundamento das características das personagens. Para tanto, nos valem de duas das ferramentas disponibilizadas pelo programa *WordSmith Tools*, que são: *WordList Concord*. A fim de estabelecermos a relação entre Linguística de Corpus, Literatura e Tradução, nos baseamos nos trabalhos de estudiosos, tais quais: Berber Sardinha (2000, 2002), Baker (1993, 1996), Silva e Vilela (2011) e Barcellos (2006).

Com isso, promovemos a discussão de questões pertinentes, principalmente, à relação de tradução e literatura de palavras erótico-obscenas, além dos procedimentos tradutórios adotados por Rachael de Moraes. A Linguística de Corpus, associada aos procedimentos interpretativos promovidos pela fortuna crítica da obra, permitiu avaliarmos a construção de Lynne também presente na obra traduzida.

Sendo assim, primeiramente, TO e TT foram salvos como texto sem formatação (txt), a fim de serem processados pelo programa *WordSmith Tools*. Em seguida, aplicamos a ferramenta *WordList*, tencionando observar os itens lexicais (vocábulo ou palavras) mais frequentes presentes na obra que compõe o corpus principal em língua inglesa:

Figura 1 – Lista de Frequência de palavras a partir da obra *Branded By Gold*



The screenshot shows the WordList window in WordSmith Tools. The window title is 'WordList'. The menu bar includes 'File', 'Edit', 'View', 'Compute', 'Settings', 'Windows', and 'Help'. The main area displays a table with the following columns: 'N', 'Word', 'Freq.', '%', 'Texts', '%', 'Lemmas', and 'Set'. The data is sorted by frequency, with 'THE' being the most frequent word. The status bar at the bottom indicates '4,417 entries' and 'Row 1' is selected, showing the word 'THE'.

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas	Set
1	THE	2.441	4,40	1	100,00		
2	AND	1.809	3,26	1	100,00		
3	TO	1.708	3,08	1	100,00		
4	I	1.061	1,91	1	100,00		
5	HER	1.021	1,84	1	100,00		
6	YOU	999	1,80	1	100,00		
7	A	947	1,71	1	100,00		
8	JAKE	943	1,70	1	100,00		
9	JENNY	933	1,68	1	100,00		
10	CRUE	875	1,58	1	100,00		
11	S	805	1,45	1	100,00		
12	OF	789	1,42	1	100,00		
13	HIS	786	1,42	1	100,00		
14	IN	727	1,31	1	100,00		
15	HE	674	1,21	1	100,00		
16	SHE	548	0,99	1	100,00		
17	WAS	531	0,96	1	100,00		
18	IT	519	0,93	1	100,00		
19	ON	469	0,84	1	100,00		
20	FOR	465	0,84	1	100,00		
21	THAT	442	0,80	1	100,00		
22	WITH	442	0,80	1	100,00		
23	T	437	0,79	1	100,00		
24	AT	384	0,69	1	100,00		
25	UP	360	0,65	1	100,00		
26	ME	299	0,54	1	100,00		
27	OUT	286	0,51	1	100,00		

Fonte: Tela da *WordList* do *WordSmith Tools*.

Além da lista de frequência das palavras do corpus, que foram a base de nossa investigação, é interessante mencionar, ainda, que esse aplicativo também disponibiliza uma lista com as palavras em ordem alfabética e outra com resultados estatísticos e a razão forma/item (*type/token*), que são utilizados para a identificação das estratégias recorrentemente utilizadas pelos tradutores.

As figuras a seguir exibem exemplos das referidas listas:

Figura 2 – Lista de palavras em ordem alfabética geradas a partir da obra *Branded by Gold*

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas	Set
1	#	13	0,02	1	100,00		
2	A	947	1,72	1	100,00		
3	AAAAHING	1		1	100,00		
4	ABANDONED	3		1	100,00		
5	ABDOMEN	5		1	100,00		
6	ABLE	21	0,04	1	100,00		
7	ABORTED	1		1	100,00		
8	ABOUT	177	0,32	1	100,00		
9	ABOVE	3		1	100,00		
10	ABRASIONS	1		1	100,00		
11	ABSOLUTELY	6	0,01	1	100,00		
12	ABUSED	3		1	100,00		
13	ACCELERATOR	1		1	100,00		
14	ACCEPTANCE	2		1	100,00		
15	ACCEPTING	1		1	100,00		
16	ACCESS	1		1	100,00		
17	ACCIDENT	6	0,01	1	100,00		
18	ACCOMMODATE	1		1	100,00		
19	ACCOMPANIED	1		1	100,00		
20	ACCOMPANY	1		1	100,00		
21	ACCORDING	3		1	100,00		
22	ACCURACY	1		1	100,00		
23	ACCUSTOMED	1		1	100,00		
24	ACKNOWLEDGEMENT	1		1	100,00		
25	ACKNOWLEDGES	1		1	100,00		
26	ACQUAINTANCE	1		1	100,00		
27	ACRES	1		1	100,00		

Fonte: Tela da *WordList* em ordem alfabética do *WordSmith Tools*.

A partir da seleção de algumas das palavras de maior uso, considerando ainda a ambientação e a proposta de nossa pesquisa, selecionamos trechos correlacionados a cinco palavras de cunho erótico-obseno tabuizado. Tal atividade foi realizada com o auxílio da ferramenta *Concord*, para a qual apresentamos o exemplo da seleção de uso da palavra *cock* em contexto, na figura 1, a seguir:

Tabela 1 – Lista de Frequência das Palavras no Texto

<i>Branded By Gold</i>			
T.O. - <i>Branded by Gold</i> (Carol Lynne)		Frequência	%
1 ^o	Jake	943	1,70
2 ^o	Jenny	933	1,68
3 ^o	Cree	875	1,58
4 ^o	Buck	224	0,40
5 ^o	Head ^{*17}	142	0,26
6 ^o	Eye	140	0,25
7 ^o	Ben	129	0,23
8 ^o	Hand	125	0,23
9 ^o	Love	122	0,22
10 ^o	Face	117	0,21
141 ^o	Cock	63	0,11

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Os nomes Jake, Jenny, Cree, Buck e Ben correspondem às personagens primárias e secundárias da trama de *Branded by Gold*. Não aprofundaremos nossa pesquisa nesses elementos da narrativa embora sejam as personagens praticantes do ato sexual, e auxiliem na composição do léxico erótico-obsceno. Podemos atribuir a grande ocorrência de seus nomes devido à estrutura gramatical da língua inglesa, que diferentemente do português, não permite omissão de sujeito, assim sendo, esses aparecem em maior frequência de uso.

As palavras, *Head*, *Eye*, *Hand**, *Love* e *Face* ocupam respectivamente as posições de 5^o, 6^o, 8^o, 9^o e 10^o na lista de maior frequência. Chamamos atenção para o fato de que essas palavras não detonaram cunho sexual direto, além de serem as principais palavras para construir a trama do texto, demonstrando afeto, carinho, romance e amor dentro da trama, mostrando, assim, a vertente que separa o que é romance do que é pornografia.

¹⁷ Atentamos a pesquisa para o fato de que não analisamos verbos devido à complexidade analítica, assim sendo, excluimos da pesquisa, toda e qualquer análise e ou ocorrência referente a tempos verbais.

É importante também salientarmos que a primeira palavra de cunho sexualizado, aparece na 141^o ocorrência do texto. As questões pertinentes a tais palavras tabuízadas serão melhor trabalhadas nos sub-tópicos seguintes, mas notamos que mesmo se tratando de literatura erótica, o texto não enfatiza o uso excessivo de vocábulos sexualizados. Tal fator parece-nos bastante relevante para a análise da obra, uma vez que podemos pressupor que a autora trabalha o sexo de uma maneira mais amena, fazendo, possivelmente, uso de metáforas e abrandando a narrativa.

Fizemos também uma pré-seleção das palavras de maior frequência no TT, para que pudéssemos observar a possível constituição de um novo texto com base na tradução feita por Rachael de Moraes:

Tabela 2 – Lista de frequência de palavras no texto - *Gravado em Ouro*

	T.T. – <i>Gravado em Ouro</i> (Rachael de Moraes)	Frequência	%
1 ^o	Jake	927	1,82
2 ^o	Jenny	910	1,79
3 ^o	Cree	863	1,69
4 ^o	Buck	222	0,44
5 ^o	Olhos	147	0,29
6 ^o	Mão	137	0,27
7 ^o	Cabeça	129	0,25
8 ^o	Bem	125	0,25
9 ^o	Casa	106	0,21
10 ^o	Homens	88	0,17
24 ^o	Vagina	28	0,05

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Com relação ao processo de tradução e também à análise com base em corpus, pudemos confirmar um dos pressupostos das leituras com relação à tradução, que é o processo de aproximação, ou seja, grande parte do texto foi traduzido utilizando-se de estruturas bastante semelhantes entre os dois idiomas envolvidos. Contudo, em português, a tradutora fez constante uso de omissões e indeterminações do sujeito.

Se na língua inglesa, por excelência da gramática, não podemos omitir ou deixar de indeterminar o sujeito, no português esse é um recurso que não somente é permitido, como também muito utilizado. Se repararmos nas tabelas 1 e 2, nos quatro primeiros elementos temos os protagonistas e os antagonistas (1º Jake; 2º Jenny; 3º Cree e 4º Buck) do objeto de estudo, que juntos somam um total de 2975 ocorrências no TO, representando 5,35% do total de palavras processadas; no TT, por sua vez, o total é de 2923 ocorrências e representando 7,74% das palavras processada; com isso podemos constatar uma tradução bastante próxima da obra original, uma vez que a tradutora, ainda que faça uso do recurso da omissão de sujeito, acaba por repetir os nomes das personagens de modo enfático, assim como a autora pretende fazê-lo. Esse pode ser um procedimento adotado por Rachael de Moraes para manter a força atribuída por Lynne às personagens.

O LÉXICO TABUIZADO

No presente tópico voltamos nossa investigação para o léxico erótico-tabuízado ocorrido na obra. Abaixo, apresentamos a Tabela 3, com cinco palavras que assumem caráter tabu em nosso corpus de análise.

Tabela 3 – Lista de palavras tabu no texto *Branded by Gold* (Ordem de Ocorrência)

	T.O.	Frequên- cia	%
1º	Cock	63	0,11
2º	Pussy	23	0,04
3º	Ass	19	0,03
4º	Bitch	7	0,01
5º	Butt	6	0,01

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Alguns fatores podem ser inferidos por meio dos resultados dos levantamentos já feitos. Primeiramente, menos de 0,50% do texto é constituído de palavras diretamente ligadas a sexo. Acreditamos que a

autora promove tal elemento, pois realiza ligações semânticas sutis e percebidas por meio das construções metafóricas ou ainda por questões interpretativas. Porém, é inegável que outras palavras façam alusão a sexo, ou às relações sexuais e suas derivações.

Além disso, podemos ainda pontuar o fato de que não é só por se tratar de literatura erótica que o texto estará necessariamente carregado e repleto de palavras sexualizadas e/ou estigmatizadas e/ou tabuizadas.

Aprofundando um pouco mais a pesquisa, analisamos cada vocábulo, mostrando seus contextos, assim como as metáforas que o cercam, além de explorar a escolha feita pela tradutora. Realizamos a seleção dos vocábulos considerando a pertinência para o texto e não necessariamente avaliamos-nos de acordo com a frequência.

Escolhemos como primeiro item de análise, o vocábulo *cock*¹⁸. Chamamos atenção para o fato de que sua frequência de uso lhe confere a posição de 141ª palavra, aparecendo 63 vezes no TO. Ainda em considerações gerais, a palavra tem como traduções duas opções “membro” e “pênis”; Enquanto na língua inglesa, a palavra *cock*, designa necessariamente um gíria, de caráter sexual tabuizado, as palavras foram amenizadas durante a tradução.

Analisamos, a seguir, trechos com a ocorrência da palavra tabu *cock*:

Quadro 1 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *dripping cock*

Cree's hands were shaking so bad it took him longer that usual to get the lid off. Squirtng a generous dollop onto his fingers he removed the blue plug and replaced it with first one finger and then two. Jenny had done a good job of stretching herself. Cree used a little more of the lube and slicked down his rock-hard and dripping cock.

As mãos de Cree tremiam tanto que levou mais tempo que o habitual para abrir a tampa. Colocando um generoso jato sobre seus dedos tirou o plugue azul e substituiu-o primeiro por um dedo e logo por dois.

¹⁸ *Cock* – pênis; pinto; pau.

Jenny fez um bom trabalho estirando a si mesma. Cree usou um pouco mais de lubrificante e o estendeu por seu duro membro que gotejava.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

No trecho 1, a metáfora está implicada na palavra *dripping*, que designa “pingamento”. É comum pensarmos que, em um texto de cunho sexualizado, o autor faça uso de palavras para designar, de forma mimética¹⁹, a imagem de algo, por exemplo, ao invés de dizer que o pênis está liberando fluidos pré-ejaculatórios, o que quebraria com a imagem literária proposta pela autora, que é a de romance sexual; afinal, como já explanado, o que diferencia sexo de pornografia é a presença do amor, do romantismo, do afeto, o que não ocorre, por exemplo, entre parceiros sexuais durante o sexo que é só diversão e fonte de prazer; lembramos que a autora faz suas escolhas lexicais amenizando-as, assim, a denotação de sexo se esvai, restando apenas o erotismo.

Na tradução, Moraes mantém seu padrão, na primeira oração temos quase o mesmo número de elementos, sendo 8 no TO e 7 no TT, a mesma função sintática para cada um deles, reforçando a ideia linearidade em comparação ao TO; já na segunda oração, um período composto por coordenação, a tradutora faz o uso de um dos recursos mencionados por Baker, a normalização, ou seja, altera palavras menos gerais presentes no TO, por palavras do léxico da língua geral no TT, portanto, as normaliza e padroniza.

É interessante revisarmos, antes de discorrermos sobre as análises, o fato de que a metáfora influi sobre os textos, afinal sua característica maior é de destituir o sentido da palavra empregada e reconstruir o sentido; exemplificando, quando pensamos na palavra “pingando”, não temos a imagem de um falo liberando líquidos pré-ejaculatórios, pensamos, porém, em uma torneira, ou em qualquer outro líquido comum, que é recorrente a nossa visão de mundo. A função da metáfora é a de apoderar-se desse pensamento livre de pudor e empregá-lo na imagem referencial para “falo” ou “membro”, ou seja, essas escolhas

¹⁹ Entendemos por mimetismo o processo pelo qual um ser se ajusta a uma nova situação; adaptação.

tornam o texto mais fluído, menos pornográfico e mais erótico, criando uma imagem e levando o leitor a imaginar algo.

Em uma segunda ocorrência da palavra *cock*, temos:

Quadro 2 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *rock-hard cock*

Cree started rimming Jake's hole with his lubed fingers and then pushed one, then two inside Jake. Using a scissor action with his fingers, he quickly stretched Jake out preparing him for the invasion of Cree's rock-hard cock. Cree's breathing was so fast he was afraid he'd pass out before he could get inside Jake. Jake spread his legs farther apart and began begging Cree to hurry. "Now...God, now please."

Cree começou a alargar o orifício de Jake com seus dedos lubrificados e logo empurrou um, depois dois para o interior de Jake. Fazendo tesoura com os dedos, rapidamente estirou Jake para prepará-lo para a invasão do seu duro membro. A respiração de Cree era tão rápida que teve medo de gozar antes de ficar dentro de Jake. Jake estendeu mais suas pernas e começou a pedir que Cree se apressasse.

—Agora... Senhor, agora, por favor.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Na segunda concordância selecionada com a palavra *cock*, temos a metáfora empregada no adjetivo *rock-hard*, que designa ereção quase a ponto de ejaculação, excitação, segundo o *Urban Dictionary* (2014). Ao que nos parece, na tradução que foi realizada por Rachael de Moraes como “duro membro” há outra normalização da autora.

O palavra *cock*, durante o texto, teve duas variações tradutórias, que foram “pênis” e “membro”. Se pensarmos, por exemplo, em questões tradutórias, como sentido, podemos dizer que Rachel de Moraes faz um exímio trabalho. Afinal, não há problemas algum em suas escolhas, pois, o sentido é o mesmo empregado no TO; porém, por se tratar de um texto de cunho erótico e literário, no qual os leitores estão cientes das palavras tabus, que de fato vão ser utilizadas, ela poderia ter optado por traduzir *cock* como uma variante mais conhecida, como exemplo, a palavra “pau”, “pinto”, “caralho”, “jeba”, mantendo, dessa

forma, a metáfora e o cunho tabuizado dos correspondentes em língua portuguesa. Se pensarmos em uma relação de oportunidade de escolhas lexicais, durante o ato tradutório, todas essas seriam opções plausíveis. Além disso, o próprio resumo da contra capa diz que o texto disposto no livro “não deixa nada para a imaginação”, essa talvez fosse a chance de aproveitar a construção erotizada que a autora utilizou no TO, e de reproduzi-la no T.T.

Além disso, a palavra “pênis” está mais voltada para área médica do que o erotismo. Já a metáfora criada para membro, deixa de maneira implícita o seu cunho sexual, deferente, por exemplo, de *cock*, que é uma metáfora, não só sexualizada, como também tabuizada.

O próximo vocábulo a ser analisado é *pussy*²⁰, com a 334^a posição e com 23 ocorrências.

Quadro 3 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *sweet pussy*

“God, Jake, you know I do but I’m getting ready to go into a meeting with representatives from the state police in New Mexico, Missouri and Oklahoma. Thanks for making my dick stiff enough to pound nails though. I wanted you to know that it looks like I won’t be home until after dinner tonight. We’re trying to set up a task force of sorts. Now, that said, why don’t you tell me exactly what that sweet pussy tastes like first thing in the morning?”

—Deus, Jake, sabe que o faria, mas estou a ponto de entrar em uma reunião com os representantes da polícia estadual do Novo México, Missouri e Oklahoma. Embora obrigado por fazer que meu pênis fique duro o bastante para poder golpear pregos. Queria que soubesse que parece que não chegarei em casa até depois do jantar esta noite. Tentamos estabelecer algum tipo de equipe de operações especial. Agora, por que não me diz exatamente como está essa doce vagina como primeiro alimento da manhã?

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

As metáforas, agora, serão construídas com base no órgão sexual feminino, primeiramente vinculado ao adjetivo *sweet*, que, em uma

²⁰*Pussy* –vagina, xoxota, buça. Mulher como objeto sexual.

tradução literal, designaria “doce”. Em matéria da revista (MARIE CLAIR, 2003), afirma-se que: os líquidos corporais (ejaculações e a lubrificação natural dos órgãos reprodutores) são como a transpiração ou a saliva, ou seja, algo natural, seu gosto é levemente salgado, e, em alguns casos, um pouco amargo. Mas enquanto produção literária, esse conhecimento nada seria útil, afinal colocar algo amargo e salgado na boca é diferente de por algo doce, principalmente quando o assunto é sexo. Além disso, quebrar-se-ia com toda a construção literária. E é aí que a metáfora se constrói.

Outro fator importante é que a tradutora suprimiu todo o vocábulo tabuizado para a palavra *pussy* e para suas variantes, bem como sua metáfora. E, mais uma vez, como dito anteriormente, a palavra “vagina” está mais voltada para outras a anatomia e não para o erotismo.

Ao que é pertinente às relações tradutórias, a palavra *pussy* e as variantes menores presentes no texto *cunt*, *vagina*, foram traduzidos, respectivamente, por “vagina”, mostrando assim a normalização da palavra pela tradutora. A semântica da palavra *pussy* é referente ao órgão genital feminino e as relações de metafóricas para compor seu campo sexual, são vastas, sendo que, para o órgão feminino existe grande quantidade de nomenclaturas, tais como: “buceta”, “xana”, “xoxota”, “xereca”, “pomba”, “perseguida”, entre outras.

O segundo trecho a ser analisado é:

Quadro 4 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *bare pussy*

<p>—Mmm, bom. — Cree se endireitou e substituiu sua língua com seus dedos cheios de remédio. Ele riscou pequenos círculos sobre sua vagina.</p> <p>—Vê, não se sente muito melhor?</p> <p>—O céu.</p>

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

No vocábulo *pussy*, juntamente com o emprego da metáfora *bare*, que designa nua, a autora emprega uso de uma imagem sexualizada, afinal, é óbvio que para o ato sexual ambos os órgãos reprodutores (feminino e masculino) devem estar sem qualquer peça de roupa, porém,

ao que importar na narrativa, a palavra nua tem sentido de sexo sem frescura ou sem qualquer arquétipo.

Já na tradução, a tradutora faz o uso de outro recurso designado por Baker, a simplificação. Moraes opta por não traduzir, e, ainda, por omitir a palavra *bare*. Não podemos presumir, de fato, o motivo da simplificação, mas, levando em consideração sua denotação, afinal a tradutora sempre opta por traduções literalizadas, haveria aqui uma dificuldade para traduzir a palavra. Há também a ideia de que o tradutor tem a liberdade também para criar, assim como o autor criou, claro que a criação ainda deve se basear nos princípios do TO (estilística, público, formatação).

O próximo vocábulo a ser analisado é *ass*²¹, sua ocorrência é de 457ª posição, e das ocorrências separamos dois trechos no TO e suas respectivas traduções. Assim sendo, apresentamos o primeiro excerto:

Quadro 5 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *cute ass*

Unplugging the red-hot branding iron on the way to the bed, Buck smiled. “So tell me where you want this reminder located, Jenny? Shall I put it on the other tit or maybe on your **cute ass**? I’ll let you choose today but make it quick. My dick’s hard and as soon as I mark you I’m gonna fuck you.”

Desligando o ferro ao vermelho vivo de caminho à cama, Buck sorriu.

—Me diga onde quer que te marque esta vez, Jenny? Ponho sobre a outra teta ou talvez sobre sua **linda bunda**? Deixarei escolher hoje, mas faz rápido. Meu membro está duro e assim que te marque vou te amar.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Antes de levarmos em considerações as metáforas empregadas no trecho acima, devemos retomar outro fator já mencionado ao longo do trabalho, a parafilias. Chamamos atenção, pois, para o fato de que não tomaremos como base a visão racional e sã, sexualmente falando, de

²¹Ass - nádega, bunda, rabo, cu.

uma pessoa comum, e sim a noção do doentio e excêntrico Buck, o qual gosta de práticas sexuais como o *bondage*, a dominação, o sadismo, o sadomasoquismo, a subversão.

Nesse trecho analisamos o procedimento adotado por Rachael de Moraes para a amenização das palavras sexuais no TT, ou seja, a imagem de *ass* é amenizada pela palavra “ânus”, o que torna o texto mais sutil e menos tabuizado. Afinal, a imagem de “ânus” não tem que ser erotizada, pois não é somente uma das maneiras que os homossexuais usam para se satisfazer sexualmente, é também parte de nosso aparelho excretor. Assim, o que compõe a imagem tabu é a ideia de uma relação sexual homoerótica e não o órgão em si. A palavra, dentro da narrativa, embora retome algo que pareça desagradável, constrói outras visões, uma vez que as fazem amor e o ato sexual anal representa o desejo, como demonstrado no trecho *cute ass*.

No tocante às traduções, levamos em consideração os seguintes fatores: as variações tradutórias para a palavra *ass*, foram (em ordem de ocorrência): “ânus” (9); “bunda” (5); e “nádega” (1). Assim, se comparados ao original, que tem 19 ocorrências de *ass*, temos uma disparidade de 4 ocorrências, ou seja, podemos ver novamente o movimento de normalização de que a tradutora se utiliza.

A tradutora também fez uso de metáfora sexuais com relação ao palavra *ass*, que é o que ocorre, por exemplo, no trecho em destaque — [...] *cute ass*[...] — [...] linda bunda[...] — isso faz com que a conotação sexual no TT seja a mesma empregada pela autora. Com relação aos outros possíveis correspondentes tradutórios, Rachel impôs escolhas que não levam à sexualização dos palavras, a qual é depreendida, por conseguinte, por meio da dos sentidos atribuídos ao léxico obscuro, que é constante no original e normalizado no TT.

Nesse mesmo trecho, podemos ver mais do processo de normalização adotado pela tradutora. O trecho *fuck²² you*, por exemplo, foi traduzido por “vou te amar”. Lembremos que Buck é um dominador sexual que adora subversão e suas derivações parafilicas. A normalização das palavras, esse apagamento do sentido metafórico, fez com a

²²*Fuck* – Fazer sexo, transar, trepar; Coito trepada.

personagem perdesse uma de suas características, que é a agressividade, a brutalidade, o sexo forçado, o quase estupro. Das traduções possíveis para *fuck*, ficamos com “foda”, que em questões denotativas na Língua Portuguesa, pode significar, também, acabar com alguém, seja moralmente ou fisicamente, e essas são as intenções de Buck.

A segunda ocorrência da palavra *ass* selecionada foi:

Quadro 6 – Trecho do Texto - Ocorrência das palavras *sexy ass*

Shaking the dust from his dark brown hair, he entered the kitchen tired and sore. Jake spotted Cree, the local sheriff, bent over getting a beer out of the fridge. “Damn, that’s one sexy ass,” he said.

Sacudindo o pó de seu cabelo marrom escuro, ele entrou na cozinha cansado e dolorido. Jake descobriu a Cree, o xerife local, tirando uma cerveja do refrigerador. — Maldição! Isso sim é uma bunda sexy — ele disse.
--

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

O trecho escolhido apresenta uma premissa de metáfora relativa ao exemplo anterior, ou seja, tem o efeito de amenizar e sutilizar o texto, pois remove a imagem de aparelho excretor que tem o “ânus”, e aplica a ela a imagem erotizada, que está carregada de romantismos, amor, carinho que provêm do ato sexual. O mais interessante aqui, e o motivo pela escolha deste trecho de ocorrência, é a opção de tradução de Moraes, pois, a palavra *sexy* do TO, foi emprestado para o TT. É claro que com um mundo tão evoluído e com a troca de informações rápida e fácil, inclusive entre países, permitindo que saibamos ou que tenhamos acesso a algumas palavras de outra língua, tal empréstimo já foi incorporado ao idioma português. Se pensarmos no contexto em que se insere o material de estudo, e se tivermos por base o que viemos estudando e analisando, não vemos problemas na estratégia de tradução: “— Maldição! Isso sim é uma bunda gostosa — ele disse.”

O próximo vocábulo a ser analisado é *bitch*²³, ocupa a 761^a posição com 7 ocorrências no texto. O primeiro trecho para análise é:

²³*Bitch* – cachorra; maneira ofensiva de se referir a uma mulher; coisa que causa problemas ou dificuldades; reclamação sobre algo ou alguma coisa.

Quadro 7 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *dumb bitch*

Buck got up from his chair and staggered over to her holding a gun. “Dumb bitch. Haven’t you figured it out yet? I’ve never loved you like a daughter. When I walked into that hotel bar and saw you at the age of twelve I knew you were meant for me. You were supposed to be mine. The only reason I didn’t take you then was because I was afraid you’d sic the law on to me.”

Buck se levantou da cadeira e se cambaleou sobre ela sustentando uma arma.

—Putá tola. Inclusive ainda não entendeu? Nunca te amei como uma filha. Quando entrei naquele hotel e te vi na idade de doze anos soube que ia ser minha. Supunha-se que foi minha. A única razão pela que não tomei então foi porque tive medo de que colocassem à lei contra mim.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Devemos ressaltar, novamente, que o emprego da palavra *bitch* está deslocado para o sentido parafilico da palavra, ou seja, no viés da personagem Buck, o estelionatário sexual. A saliência é ainda plausível, pois, durante o ato sexual *bitch* ou a respectiva tradução, “puta”, pode referir-se ao apelido dado à mulher durante o ato de coito. Afinal, uma das características da subserviência sexual para um estelionatário é o estupro, ato esse pelo qual Jenny passou inúmeras vezes.

Um fator interessante e a relação substantival empregada nos dois textos, enquanto no original tem um sentido aditivo, ou seja, em que o adjetivo soma valores ao substantivo (*dumb+bitch*), no original tem uma ideia de intensificação em que “puta” intensifica o fato dela ser “tola”, além de que o palavra “puta” em língua portuguesa, pode significar em uma grande besteira, um equívoco grande.

Uma outra ocorrência da palavra *bitch*:

Quadro 8 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *little bitch*

As quickly as she could Jenny made it back to the bed. The door opened and Buck came in carrying a lunch tray. “I brought you something to eat, my dear little bitch.”

Tão rapidamente como pôde Jenny voltou para a cama. A porta se abriu e Buck entrou levando uma bandeja com o almoço.—Trouxete algo para comer, minha querida bruxinha.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Uma vez mais chamamos a atenção para o fator da semântica estar direcionada para o sentido parafilico das palavras, afinal a ocorrência da palavra *bitch*, como apresentado no trecho acima, está diretamente ligado a personagem *Buck*, além de seus distúrbios psicológicos e sexuais. Afinal, ao utilizar a palavra *bitch*, não haverá conotação sexual, como as demais empregada no livro por outros personagens.

A palavra no original, tem como definição em língua portuguesa, possíveis traduções como: “putinha”, “vadiazinha”, “biscatezinha”. O sentido emprega no original é o de subversividade e obediência que tenta ser imposto pela personagem *Buck*.

Já na tradução, feita por Rachael de Moraes, uma vez mais ela ameniza a palavra, pois *little bitch* é traduzido como “bruxinha”. Além de ter desempregado toda a construção metafórica que é empregada pela personagem, temos também a falta da construção sexual que a palavra tem no TO. Além de que, o fato de metaforizar Jenny como uma bruxa, atribuía ela um caráter pessimista, como se ela tivesse más intensões, ou ainda tivesse o poder sobrenatural de responder a mentalidade doentia de *Buck*. Poderíamos pontuar aqui, um afastamento muito grande do significado imposto no TO, pois sabemos que o tradutor, assim como o autor tem a mobilidade de criar, a diferença entre as criações, baseia-se no fato de que o tradutor limitasse pelo TO.

Para última análise, escolher a palavra *butt*²⁴, que apresenta seis ocorrências no TO. Segue um trecho a seguir com a análise:

Quadro 9 – Trecho do texto - Ocorrência das palavras *blue butt*

Cree reached out and squeezed the white globes of Jenny’s ass. Peeking out the crack was an electric blue butt plug. Cree gave the plug a little wiggle.

²⁴*Butt* – nádega; rabo; bunda; traseiro.

Cree estendeu a mão e separou as brancas nádegas do traseiro do Jenny para dar uma olhada à fatia, com um plugue anal azul elétrico. Cree moveu ligeiramente o plugue.

Fonte: Desenvolvido pelos autores (2021).

Das ocorrências ao longo do texto apenas uma é acompanhada de metáfora, que é a apresentada acima. Com relação a tradução nos demais trechos, houve linearidade, ou seja, de seis ocorrência, cinco foram traduzidas por uma única palavra, "bunda", com exceção do excerto acima

Dada as circunstâncias, podemos dizer que ao optar por traduzir *butt* por "bunda", a tradutora fez uma boa escolha. Porém, quando a palavra apareceu metaforizado, a escolha apresentou, uma vez mais, uma normalização, assim como um distanciamento do TO.

A palavra empregada em língua inglesa pode designar: "bunda", "bumbum", "traseiro", "rabo", "buraco", pois todos eles têm uma conotação sexual sem vulgaridades, mas não "ânus" (ou a derivação substantival: anal), que tem um caráter sério, algo que oscila entre o politicamente correto e as áreas médicas, por exemplo. Logo, optar por essa tradução, seria, talvez, algo que aqui se afastaria da semântica proposta pelo TO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo por base os dados analisados em nossa investigação, pudemos entender como funciona a literatura erótica, e, mais especificamente, a literatura "homoerótica", bem como observar onde, como e quando ela surgiu historicamente.

Pudemos, também, conhecer as proposições referentes à Linguística de Corpus, assim como o programa *WordSmith Tools* e suas aplicações para os Estudos da Tradução.

Tivemos contato com a Literatura de Lynne, assim como com as traduções de Rachel de Moraes; e consideramos o processo tradutório como uma organização própria e legitimada, assim como afirma Baker (1999), um ato per se.

Vimos também como é difícil para um tradutor o trabalho com o léxico erótico-obscoeno e com as palavras tabu, afinal, grande parte do vocabulário tabuizado que analisamos sofreu algum corte, amenização, afastamento ou remetaforização no TT; isso talvez possa ser atribuído ao fato de se traduzir o “sexo” ou o ato sexual. Afinal, o tradutor sempre pensa em qual será o seu público, assim como ele reagirá a uma dada escolha, no entanto, isso não o impede de traduzir.

Pudemos também desmistificar o erotismo, pois, no TO, apenas 0.50% do texto é composto por linguagem tabuizada. E esses dados caem ainda mais no TT, cerca de 0.18%. Vimos, também, que, embora seja um texto de caráter sexual homoerótico, não nenhuma palavra nas ocorrências que demonstre ou marque a questão sexual homoerótica de maneira pejorativa.

Acreditamos, com isso, que houve uma falta de relação e de uso do léxico tabuizado em língua portuguesa que poderia ser considerado como correspondente tradutório para as palavras sexualizados utilizados por Lynne. Também compreendemos que existem estudos e teorias que envolvem as traduções de vocábulos erótico-obscoenos, o que poderia ser pensado pela tradutora. Além disso, notamos que, ambas as obras se aproximam no tocante a trabalhar a “sexualização” como um elemento da narrativa e como parte integrante do constructo literário, contudo, no TT, o caráter proibitivo do ato sexual se dilui em um léxico mais padrão e menos “metaforizado”, ou ainda, em uma composição de figuras de linguagem mais amenas.

Consideramos, por fim, que os Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1999, 2000; CAMARGO, 2007) auxiliaram no levantamento das palavras a serem analisados, bem como favoreceram a concepção de que um TT é novo e circula com propriedade. Sendo assim, embora a tradutora Rachael de Moraes tenha “omitido” algumas características pertinentes ao TT de Lynne, sua obra não se descaracteriza enquanto Literatura homoerótica.

REFERÊNCIAS

ARANGO, A. C. *Os palavrões*. Tradução de Jasper Lopes Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1991.

- AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- AZEVEDO, A. *O Cortiço*. Rio de Janeiro: Ediouro (1890).
- BAKER, M. *In other Words: A coursebook on translation*. Londres: Routledge, 2011.
- BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BO-NELLI, E. (Ed.) *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdã: John Benjamins, 1993. p. 233-250.
- BAKER, M. Corpora in translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.) *Terminology, LSP and translation studies in language engineering: in honour of Juan C. Sager*. Amsterdã: John Benjamins, 1996, p. 177-186.
- BAKER, M. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da Tradução? In: MARTINS, M.A.P. (Org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucena, 1999, p. 15-34.
- BARCELLOS, J. C. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&MP Editores S/A, 1987.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. *DELTA: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, São Paulo, v. 16, n.2, p. 323-367, 2000.
- BERBER SARDINHA, T. Corpora eletrônico na pesquisa em Tradução. *Cadernos de Tradução*. 9:1.p. 15-60, 2002.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. *Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas*. Campo Grande: Ed. da UFMS p. 13, 1998.

CAMARGO, Diva Cardoso de. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 1355-60, 2007.

CAMINHA, A. *Bom-Crioulo*. São Paulo. Ática. 1983.

CARVALHO, N. C. *O literário pede passagem ao utilitário*. São Paulo. 1995

DÉCIO. *Mais que curiosidade*. Disponível em: <http://maisquecuriosidade.blogspot.com.br/>. Acesso em: 06 ago. 2014.

FEMALE FIRST. <https://www.femalefirst.co.uk/>. Acesso em: 06 ago. 2014.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. v.2: o uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 2007.

GOODREADS. Disponível em: <http://www.goodreads.com/>. Acesso em: 06 ago. 2014.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto). Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LYNNE, C. *Branded by Gold*. Kansas: Ellora's Cave, 2007.

LODI, M. A. Expressões idiomáticas, metáforas e ensino de línguas. *Signo y Señá*, 23, 165-189, 2013.

MARIE CLAIRE. *Sexo Oral*. Tudo o que e preciso saber sobre. Editora Globo Ed. Vitória Régia. p. 110, 2003.

MOSSÉ, C. Safo de Lesbos. In: DUBYS, G. *Amor e sexualidade no Ocidente*. Trad. de Ana Paula Faria. Lisboa: Teorema, Lisboa: Terra-mar, p. 49-58, 1998.

ORSI, V. *Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências,

Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2009.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Léxico erótico-obsceno em italiano e português: algumas considerações. *Tradução e Comunicação*, São Paulo, Anhanguera, n. 16, 2007.

POMPÉIA, R. *O Ateneu: crônica de saudades*. 6 ed. São Paulo: Ática. 1979.

PRETI, D. et. al. *A linguagem proibida*. São Paulo: TA Queiroz, 1984.

PRIBERAM. Disponível em: <http://www.priberam.pt/>. Acesso em: 29 jul. 2014.

SUPERINTERESSANTE. *Por que São Francisco é a capital gay?* Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-sao-francisco-e-a-capital-gay/>. Acesso em: 06 ago. 2014.

SARTRE, M. *A homossexualidade na Grécia antiga*. In: DUBYS, G. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Lisboa: Terramar. p. 59-75, 1998.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 5*, Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

SERPA, T.; SABINO, M. A.; CAMARGO, D. C. A tradução para o inglês do léxico tabuizado no universo erótico mairum: um estudo baseado no corpus da obra Maíra de Darcy Ribeiro. *Revista do GEL*, v. 11, n. 1, p. 168-208, 2014.

SILVA, F.; VILELA, A. Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 69-76, jan./jun. 2011.

URBAN DICITONARY. Disponível em: <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=rock+hard>. Acesso em: 13 out. 2014.

XATARA, C. M. A linguagem erótico-obscena: interface francês-português. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 32, p. 480-486, 2004.

Luiz Henrique Peralta, Talita Serpa, Paula Tavares Pinto e Diva Cardoso de Camargo

WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bondage>.
Acesso em: 16 set. 2014.

Os nomes dizem mais do que o que cada uma diz: algumas singularidades onomástico toponímicas dos nomes próprios¹

Kênia Mara de Freitas Siqueira

*Jamais cheguei a me sentir à vontade
com os nomes próprios brasileiros.
Desfiam qualquer dicionário onomástico
e só existem naquele país.
ECO, Umberto (2021).*

INTRODUÇÃO

É comum as pessoas se interessarem pelos nomes² próprios, sejam de lugar ou de pessoa. Quase sempre indagam sobre o que significam ou porque tal lugar tem o nome que tem ou ainda se a pessoa se “parece” com o nome que tem.

Para Pocklington (s/d), a curiosidade a respeito dos topônimos normalmente, gira em torno do significado dos nomes dos lugares. Os nomes próprios de lugar não têm, *stricto sensu*, segundo Pocklington, outro significado que não seja o lugar que eles designam. Do mesmo modo, os nomes de pessoa significam apenas a pessoa que os carrega

¹ Veloso (2021).

² No Brasil, “nome” é entendido como a composição do prenome (primeiro nome) e sobrenome. Em muitas culturas, “sobrenome” é “apelido de família”. Neste estudo, “nome” é o primeiro nome da pessoa, aquele pelo qual é conhecida, é identificada e diferenciada.

e, se há alguém com nomes como Margarida ou Cândida, não é possível considerar que, em algum sentido, signifiquem “a flor margarida” ou “brancura, pureza inocência” que seriam os significados deles quando nomes comuns.

No entanto, diferentemente dos antropônimos (nomes próprios de pessoas), os designativos de lugar têm ou já tiveram um significado em sua origem. Mesmo aqueles cuja origem seja uma língua que não é mais falada em dado território, pois podem guardar traços semânticos capazes de reconstituir um significado literal ou uma descrição etimológica. Em relação aos antropônimos, pode-se dizer que há impressões a respeito do significado do nome próprio que perpassam sensações, noções, atribuição de sentido muitas vezes vinculadas a percepções culturais e sociais acerca de dado nome. Há nomes que são “velhos”, há outros novíssimos, outros são engraçados, outros esquisitos em dada cultura, mas que guardam “neutralidade” em outras culturas.

A visão de Caetano Veloso³ acerca dos nomes próprios, principalmente nome de mulheres, coaduna com essas impressões sobre semelhança entre o nome e a pessoa: na entrevista concedida pelo compositor no lançamento de seu disco **Meu Coco**, Veloso⁴ fala sobre essas sensações, impressões:

Na canção Meu Coco já diz uma porção de coisas, né. Por exemplo esses nomes de mulheres que como começam a canção Meu Coco são marcas importantes como as pessoas nomeiam seus filhos no Brasil, como as pessoas se chamam e o nome dos brasileiros, primeiro das brasileiras [...] adoro esse nome Janja [...] é nome muito brasileiro. É totalmente original.

Existem nomes mais brasileiros, mais regionais, mais urbanos, mais velhos, mais infantis? Posto isto, este estudo visa reconhecer, sob ponto de vista onomástico, as relações feitas pelo falante em torno das impressões que certos antropônimos e topônimos causam. Se são impressões calcadas nos traços semânticos que os nomes, de alguma forma, carregam, porque na origem são nomes comuns alçados a no-

³ Vídeo completo: [Instagram.com/tv/Cdvqw4pg6AV...](https://www.instagram.com/tv/Cdvqw4pg6AV...)

⁴ Em verbatim.

mes de pessoas ou de lugares por processos morfológicos de conversão⁵. Em outras palavras um nome comum “margarida⁶” que nomeia as flores da família das *Asteraceae*s passa de comum a nome próprio (Margarida) por conversão, ou seja, muda sua classe para designar um ser individual.

O aporte teórico compreende estudos em onomástica e toponomástica tanto análises taxionômicas como interpretativas haja vista o aspecto subjetivo que configura a maioria dos processos de nominação. E ainda, abarca aspectos semânticos dos nomes de acordo com estudos de Dick (1990), Cabrera (2002), Sánchez (2010), Mexias-Simon (s/d), Siqueira (2014), (2015).

A metodologia delinea-se por um percurso onomasiológico de fazer dedutivo, reúne assim procedimentos de pesquisa qualitativa com descrição, análise de dados colhidos das Redes Sociais de domínio público e letras de música ou versos de alguns poemas colhidos nos meios digitais.

Os resultados coadunam com a perspectiva de estudos onomásticos que enfocam possíveis significados e referência dos nomes próprios e as inter-relações entre nominação e cultura. Para Mexias-Simon (s/d, p. 695), significado e referência são questões que ainda geram controvérsia e nem sequer chamou a atenção dos linguistas. “O simples fato de saber se os nomes próprios têm ou não significado carece de uma resposta simples e universalmente válida”.

OS NOMES

Apesar de dispensável, é válido reiterar que o estudo dos nomes próprios se insere no âmbito da Lexicologia, mais especificamente na área da Onomástica, que é um ramo dentro dos estudos lexicais. Greimas; Courtes (2008, p. 350) definem Onomástica conforme o verbete:

[...] a onomástica - com seus antropônimos, seus topônimos e seus cromônimos – como um dos subcomponentes da figurativização. Presumido capaz de conferir ao texto o grau desejável de reprodução do real,

⁵ Derivação didaticamente conhecida como “imprópria”, que consiste na mudança da palavra de uma classe para outra, “conversão”.

⁶ A palavra “margarida” tem origem no Latim *margarita* ‘pérola’.

o componente onomástico permite uma ancoragem histórica que visa a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido “realidade”⁷.

Dessa maneira, o simulacro do real intensifica um viés cognitivo que foca em uma ou mais característica do referente situando-o num contexto histórico, cultural, social e mesmo político.

A Onomástica se até ao estudo da origem dos nomes próprios, pelo método onomasiológico. Segundo Silva (2010 *apud* SIQUEIRA, 2015, p. 88),

A onomasiologia é um método que se constitui no estudo das designações e tem como objetivo estudar diversos nomes atribuídos a um conceito. Na onomasiologia, pode ser estudada toda a cultura popular de um lugar, podendo priorizar tanto aspectos sincrônicos quanto históricos.

Assim, a investigação semântica parte de um termo para buscar os signos linguísticos que o correspondem. A Onomástica comporta dois ramos: a Antroponomástica e a Toponomástica. A primeira estuda os nomes de pessoas, a segunda estuda os nomes de lugares⁸.

Quando há interesse genuíno na relação entre língua, cultura, realidade, a questão do nome e, conseqüentemente, da nomeação canaliza, de certa forma, alguma atenção. A inter-relação língua cultura é por si só complexa, o ato de dar nomes constitui apenas um aspecto dessa relação, é apenas uma função linguística, necessária é claro, mas apenas uma função entre várias outras da linguagem. De alguma maneira, os nomes, (próprios ou comuns) têm cargas semânticas que tendem a organizar e, até mesmo, classificar as maneiras de ver, interpretar e perceber a realidade. Realidade que é sempre perpassada por valores culturais e visões de mundo compartilhadas por dada comunidade.

Segundo Silva (2007), quando se nomeia, atribui-se um predicado, uma característica, um modificador, o que possibilita individualizar. Portanto, a nominação é um ato que identifica ao mesmo tempo que diferencia.

⁷ Grifo dos autores.

⁸ Objeto de discussão da seção 2.

Com outro viés, Schritzmeyer (2007, p. 91), considera que,

nomear é um ato de conhecimento, pois dar nome não é só indicar, mas identificar, situar, classificar um objeto em uma categoria pertencente a uma classe, a qual, por sua vez, inscreve-se em um sistema cognitivo. Trata-se de mesmo de criar a definição do objeto ao nomeá-lo, pois sua natureza dependerá da perspectiva adotada pelo nomeador, do “círculo simbólico”⁹ que envolverá o objeto.

Nesse sentido, é possível afirmar que todas as sociedades se detêm sobre a criação de mecanismos linguísticos de identificação de seus membros, possibilitando inúmeras práticas de nomação pessoal. Schritzmeyer (2007, p. 87) faz uma distinção entre “nomeação¹⁰” e “nomação”, respectivamente: nomear é designar pelo nome, proferir o nome, chamar pelo nome; nomação é mais usado no Brasil para indicar o ato de dar nomes.

Já Cabral; Viegas (2007, p. 13-14) dedicam interesse especial ao que definem como “ética dos nomes, a tessitura afetiva que subjaz ao reconhecimento identitário das pessoas”,

Quando chamam o nosso nome e nós respondemos, cada um de nós mostra que sabe diferenciar-se a si próprio face a qualquer outro ser humano. Ao mesmo tempo, este mesmo nome liga-nos a muitas outras pessoas; ele insere cada um de nós numa rede complexa de pertencas sociais. Os nomes das pessoas, portanto, implicam dois tipos de alteridade: (i) a alteridade que podemos chamar de anterior: aquela que dá azo à pessoa humana pelo simples fato desta última ser constituída por relação a seres humanos já previamente constituídos; (ii) a alteridade social e culturalmente instituída que estabelece posicionamentos pré-estabelecidos para diferentes agentes sociais.

Desse modo, convém deter-se sobre o conteúdo semântico e etimológico dos nomes com o fito de reconhecer traços que possam resultar nessas ou naquelas interpretações e como se atribui certos valores axiológicos a nomes que, de fato, não carregam tais valores semânticos advindos, provavelmente, de aspectos sociais, culturais e até mesmo históricos, que estabelecem características pré-estabelecidas àqueles que os carregam.

⁹ Grifo da autora.

¹⁰ Pode significar também atribuir cargo ou função a alguém.

Para Moreira (2013, p. 2914), os nomes não são quaisquer palavras aleatórias. O nome “sempre quer dizer alguma coisa e sua relação com a significação é complexa”. O eu-lírico em **Meu Coco** atribui, “primeiro das brasileiras”, a capacidade de identificação por meio dos nomes.

Meu Coco¹¹

Simone Raimunda disparou as Luanas
A palavra bunda é o português dos Brasis
As Janaínas todas foi Leila Diniz
Os nomes dizem mais do que o que cada uma diz
Somos mulatos, híbridos e mamelucos
E muito mais cafuzos do que tudo o mais
O português é um negro dentre as euro línguas
Superaremos câimbras, furúnculos, ínguas
Com Naras, Bethânias e Elis
Faremos mundo feliz
Únicos, vários, iguais
Rio-Canaveses
Belém, Natal, Vitória do Espírito Santo
Bomba luminosa sobre o capital
Aquém, além, no seio do bem e do mal
Teimosos e melódicos do nosso canto
Católicos de axé e neopentecostais
Nação grande demais para que alguém engula
Aviso ao navegantes: Bandeira da paz
Ninguém mexa jamais, ninguém roce nem bula
João Gilberto falou
E no meu coco ficou
Quem é, quem és e quem sou?
Somos chineses
Moreno, Zabelê, Amora, Amon, Manhã
Nosso futuro vê açaí guardiã
Ubirajaras mil, carimã, sapoti
Virá que eu vi, virá, virá, virá que eu vi
Irene ri, rirá, Noel, Caymmi, Ary
Tudo embuarcará na arca de Zumbi e Zabé
João Gilberto falou
E no meu coco ficou
Quem é, quem és e quem sou?
Somos chineses

¹¹ <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/meu-coco/>

Moreno, Zabelê, Amora, Amon, Manhã
Nosso futuro vê açai guardiã
Ubirajaras mil, carimã, sapoti
Virá que eu vi, virá, virá, virá que eu vi
Irene ri, rirá, Noel, Caymми, Ary
Tudo embuarcará na arca de Zumbi e Zabé

Veloso reconhece que os nomes dizem mais que “cada uma (as mulheres brasileiras) diz”. Strauss (1999 *apud* SCHRITZMEYER, 2007, p. 91) revela que “um nome pode revelar muita coisa, tanto de quem o deu quanto de quem o porta [...] Todo nome é um recipiente; nele estão vertidas as avaliações conscientes ou involuntárias de quem nomeia”. Para Veloso, os nomes nos identificam e diferenciam como “mulatos, híbridos e mamelucos”, “o português é negro (ou enegreceu no Brasil) dentre as euro línguas”.

Segundo Greimas; Courtes (2008), tanto antropônimos como topônimos permitem uma ancoragem histórica, ou seja, há um foco, um viés cognitivo que intensifica a referência em uma característica do referente. Em outras palavras, para o compositor, a referência dos nomes ancora-se em fatores extralinguísticos, históricos e culturais: “As Janaínas todas foi Leila Diniz”¹², o verso reporta a fatores sociais e culturais da realidade, uma vez que a atriz Leila Diniz deu o nome de Janaína a sua filha. Por isso, este nome remete a Leila Diniz, não a Janaína propriamente. O fato corrobora a noção de que é necessário o conhecimento da realidade ou do contexto sócio-histórico em que se insere tal nome.

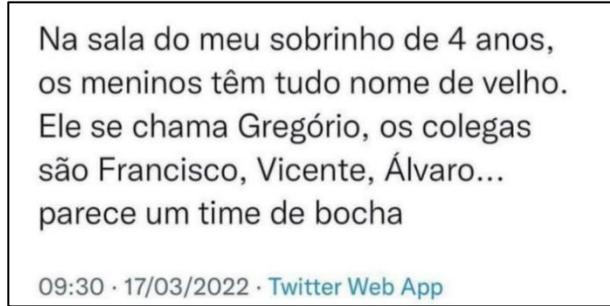
Estes aspectos resultam de processos que são comuns a grupos de pessoas que permanecem no mesmo lugar, por algum tempo, a ponto de criarem uma linguagem especial, é assim com grupos de trabalhadores da mesma esfera profissional que integram a mesma comunidade espacial. Esses grupos tendem a criar gírias e jargões, campo fértil para desenvolvimento de estereótipos.

Assim, nas Redes Sociais, é comum tuítes como este abaixo, que coadunam a visão de que certos nomes são vistos cognitivamente

¹² Leila Diniz foi todas as Janaínas.

como “nome de velho”. O tuíte¹³ inicia-se com “de onde vem essa moda de nome de velho em criança??? Kkkkk”

Figura 1 – Tuíte sobre nomes velhos, Twitter Web App



Mill citado em Carvalhinhos (2007, p. 3), reitera que os nomes dados às coisas comunicam qualquer informação, ou seja, sempre tem um significado qualquer e esse significado não reside naquilo que designam, mas no que conotam. E prossegue, “os únicos nomes de objetos que nada conotam são os nomes próprios; e estes não têm estritamente falando, nenhuma significação”. O tuíte apresenta-se um tanto quanto contraditório à afirmação de Mill, já que os nomes citados “conotam” a idade das pessoas que os carregam. Essa conotação advém não da base semântica de cada nome (Gregório, Francisco, Vicente, Álvaro), nem de sua origem etimológica, mas de fatores sociais (extralinguísticos) que permeiam os nomes, atribuindo a eles características que semanticamente não têm. Os nomes, assim como outros componentes do léxico das línguas, estão sujeitos a comportamentos, convenções e atributos sociais que interferem nas apreciações que os falantes fazem de cada nome. É o círculo simbólico que se circunscreve ao nome. Carvalhinhos (2007, p. 2) ressalta que,

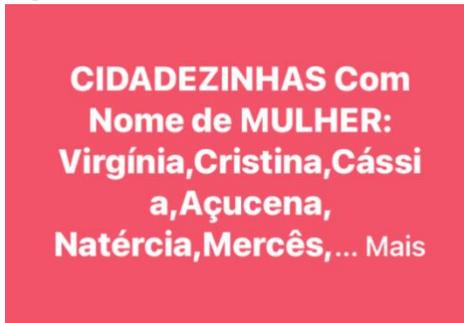
o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos; estes fatores, por si [...] Hoje, em termos de motivação, os nomes próprios são mais uma questão de fé e de influência televisiva

¹³ Embora públicos, optou-se por não expor nenhum autor dos *posts* analisados.

(a tendência da grande massa da população brasileira é nomear suas crianças com o nome do (a) herói/heroína da novela que está sendo exibida com grande sucesso; em homenagem a seu santo ou santa de devoção, ou em agradecimento por uma graça alcançada). Em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica [...]

A figura 2 remete ao tópico da próxima seção, os topônimos. Neste *post*, os nomes de pessoas também constituem o mote para interação nas Redes. São nomes de mulheres que são também nomes de lugares. Entretanto, não passam pelo processo morfológico de conversão visto que já eram nomes próprios e, ao se tornarem topônimos, se mantêm na mesma classe dos nomes próprios.

Figura 2 – Nomes de mulheres na nomeação de cidades brasileiras



Na toponímia brasileira, há dezenas de municípios com nomes femininos, sejam de mulheres, sejam de santas ou de outras entidades de matrizes religiosas diversas, o que coaduna com a visão do país como sendo um lugar de múltiplas crenças religiosas. A religiosidade vem subjacente a muitos topônimos, são os nootopônimos, os hierotopônimos, estes se subdividem em hagiotopônimos e mitotopônimos (DICK, 1990).

A propósito, para continuar a lista: Mariana (MG), Marília (SP), Jussara (GO), Silvânia (GO), Carolina (MA), Denise (MT), Iracema (CE) e a lista continua...

OS TOPÔNIMOS

Os topônimos constituem objeto estudo da Toponomástica, por sua vez, definida como ramo da Onomástica que estuda os nomes de lugares. Cabrera (2002), salienta que, embora ambos os termos “toponímia e toponomástica” sejam comumente, empregados como sinônimos, na verdade não têm significado inteiramente equivalentes.

Para Coseriu (1999, p. 15), (sobre a disciplina desenvolvida por Maximiano Trapero em que aplica a semântica estrutural aos estudos dos topônimos) a “Toponomástica é uma disciplina linguística efetivamente autônoma, com objeto próprio e com finalidade em si mesma”. Já a toponímia é definida como o conjunto de nomes de lugar de determinado território. Na prática, a toponímia é um conjunto de nomes de lugar que tem algo em comum, partilham características afins. Exemplos seriam a toponímia europeia, a latino americana, a portuguesa, a toponímia goiana, porque abrangem uma área geográfica contínua ou descontínua com muitas características que lhes são peculiares. Os conjuntos toponímicos podem ser agrupados também por elementos físicos tais como: rios – hidrotoponímia; nomes situados junto aos mares – talassotoponímia; nomes de montanhas – oronímia entre outros.

Estes elementos têm determinado que a Toponomástica seja uma ciência que partilha conhecimentos com a Linguística, com a Geografia, com a História, com a Botânica, com a Antropologia, com a Literatura, e com tantas outras.

Os objetivos da pesquisa toponomástica se direcionam ao processo de origem dos nomes de lugar, tecer uma explicação formal dos topônimos para descobrir seu significado original. Os estudos toponomásticos, face a fatores extralinguísticos, organizam os topônimos em duas grandes categorias: os macrotopônimos: países, cidades, regiões e microtopônimos, os nomes concernentes a ruas, aos bairros, a nomes de rios, a elementos geográficos.

Dick (1990) separa-os em duas categorias, também sob a ótica extralinguística: topônimos de natureza física (elementos naturais: rio,

cachoeiras, serras) e topônimos de natureza cultural¹⁴, isto é, lugares criados pelo ser humano. Dessas duas categorias, advém uma série de taxes cunhadas pela autora para classificar os topônimos.

O topônimo, do grego *tópos* 'lugar' e *ónoma* 'nome', é o nome próprio de lugar. O topônimo é um signo linguístico em função toponímica. Diferentemente do signo linguístico que é desmotivado, o topônimo é necessariamente motivado. Assim, segundo Pocklington (s/d, p. 3), "o único significado operativo de um topônimo é o lugar que designa".

A respeito da resposta à pergunta se os topônimos tem ou não significado, Sánchez (2011, p. 177), indica duas teorias que abordam a questão: "(i) teorias que "defendem que o nome próprio unicamente tem referência e não tem significado; (ii) e as que apontam que o nome próprio também tem um sentido que pode coincidir com a descrição do seu referente".

Há de se fazer, ainda que brevíssima, uma distinção entre significado e referência. Para isso, Sánchez (2010, p. 177) salienta que,

a descrição da referência que é tomada como significado não deixa de ser outra coisa senão uma aproximação da referência extralinguística. O significado de que é algo propriamente linguístico e que só se encontra no plano do conteúdo não há de se identificar com a referência, com aquilo que é designado, com a realidade extralinguística. Significado e referência são coisas distintas.

Posto isso, também é possível pensar na relação significado e designação, que envolveria considerações acerca dos termos específicos (Goiânia) e os termos genéricos (rua, lago, morro) que podem compor um topônimo. Esta questão não é relevante para este estudo, uma vez que o objetivo aqui colimado é verificar se, nos textos analisados, os nomes dos lugares são tomados pelo seu significado ou por sua referência. O que pode corroborar uma ou outra teoria semântica acerca dos significados dos locativos.

A figura 3, ilustra a teoria (ii) proposta por Sánchez (2010), os nomes de lugar têm significado e referência. O texto se organiza em torno

¹⁴ Dick (1990) utiliza o termo "antropocultural".

de alguns topônimos mineiros e a coerência textual advém do significado literal dos topônimos: “Em Minas Gerais¹⁵, o horizonte é belo, os corações são três, as facas são de três pontas” [...]. Em outras palavras, há no texto um caminho inverso à conversão de um nome comum a nome próprio. Os nomes próprios “retomam” seu significado corrente na língua, são tomados como nomes comuns. Esse processo confere coerência ao texto. O texto exalta Minas Gerais por meio de sua toponímia.

Figura 3 – Nomes de municípios de Minas Gerais



Assim, há no texto, a convergência de significado e referência. O monte é verde, claro, alegre, belo e santo (respectivamente: Monte Verde, Montes Claros, Monte Alegre, Monte Belo, Monte Santo de Minas. “São Tomé é das Letras” (São Tomé das Letras) e assim por diante.

¹⁵ O referente é situado pela forma do texto: mapa de Minas Gerais.

Sob outra perspectiva, a canção abaixo, interpretada por Silveira e Silveirinha, com composição de Silveirinha e José Paulo, faz uma Homenagem a Goiás, usando para isso, os nomes de algumas cidades goianas¹⁶.

Homenagem a Goiás
Sou nascido em Ouro Branco
Sou filho de um fazendeiro
O Rio Grande do Norte
Lugar bem hospitaleiro
Pois eu moro em São Paulo
Conheço o Brasil inteiro
E visitando todo o ano
O lindo estado goiano
Orgulho dos brasileiros
Chegamos em Itumbiara
Cidade bem poderosa
Panamá e Buriti
Tem morenas caprichosas
Morrinhos e Pontalina
Tem muita gente bondosa
Hidrolândia e Silvânia
Gostei bem de Luziânia
Cidade maravilhosa
Vamos percorrendo este grande estado da nossa federação
Mineiros, Cristalina, Formosa e as grandes cidades deste estado
As riquezas de Anápolis
Me deixou admirado
Gurupi e Jaraguá
Tem grande criação de gado
Ceres e Porangatu
Me deixou impressionado
Ipameri e Cristalina
Estas cidades domina
O nosso grande estado
Não podemos esquecer a grande capital federal
Brasília, capital da nossa esperança
Bom Jesus e Rio dos Bois
É lugar de estimação
Rio Verde e Santa Helena
Vai a nossa saudação

¹⁶ O estado de Goiás tem 246 municípios, 70 deles tem nomes de origem indígena.

Jataí e Anicuns
São bons sem comparação
Corumbá e Alexânia
E a capital Goiânia
Ficou em meu coração

A referência a Goiás inicia-se no quarto verso da segunda estrofe, mas é na terceira estrofe, que vão apresentando os nomes dos lugares goianos “Chegamos em Itumbiara”, município mais ao sul de Goiás, na divisa entre este estado e Minas Gerais. É como se Itumbiara fosse a porta de entrada de Goiás. Não é o significado da palavra que é invocado, mas a localização do referente. Até 1824, a “porta” de entrada para a então Capitania de Goiás era Catalão, no extremo sudeste Goiano.

Siqueira (2015, p. 98) reitera esse fato:

Por volta de 1824, foi aberta uma estrada para ligar Anhangüera (GO) a Uberaba (MG), com o nome de “Itumbiara”. Foi instalado um posto de arrecadação à margem do Rio Paranaíba, onde surgiu o povoado “Porto de Santa Rita”, depois apenas “Porto”. A partir de 1943, com a emancipação, o topônimo da cidade passou a ser o mesmo da estrada, isto é, “Itumbiara” (do tupi *ytu-embé-ara* ‘cachoeira que cai pelas bordas’). Para os moradores, o termo significa ‘caminho da cachoeira’.

Dessa maneira, observa-se que o significado “caminho da cachoeira”, referido pelos moradores, não é considerado, talvez nem seja conhecido pelos autores da música. É a referência que é acionada, entra-se em Goiás por Itumbiara, antes, no século XIX, entrava-se por Catalão. A homenagem começa pela entrada no chão goiano e vai passando por outras cidades do sul de Goiás: Panamá, Buriti (Alegre), Morrinhos e Pontalina., portanto, os topônimos são citados não pelo significado, mas pela localização geográfica que é enfocada para dar uma espécie de gradação, os locativos vêm em uma ordem geográfica da entrada do estado para o região central até desembocar na capital Goiânia, a saber: Hidrolândia e Silvânia (esta, na Região de Estrada de Ferro) e vai a Luziânia, mais no entorno de Brasília. Todas cidades aparecem no texto com modificadores que as caracterizam, mas não significam. Apenas indicam o que estes lugares têm: Itumbiara, cidade

poderosa¹⁷; Panamá e Buriti, tem morenas caprichosas; Morrinhos e Pontalina, tem muita gente bondosa; Luziânia, cidade maravilhosa.

No verso: “Vamos percorrendo este grande estado da nossa federação”, reforça a hipótese de que os topônimos são apresentados como referência, vai percorrendo Goiás por esses municípios, mesmo que, em determinado momento, os locativos apareçam sem uma ordem geográfica sequencial. Ou melhor, os nomes passam a ser considerados não mais pela localização, mas pelo tamanho: “Mineiros, Cristalina, Formosa e as grandes cidades deste estado”.

A partir da sexta estrofe, os topônimos são apresentados aleatoriamente, até chegar a Goiânia, a capital que ficou no coração. No entanto, no terceiro verso da sexta estrofe, aparece o topônimo Gurupi, que pertencia a Goiás até a divisão do estado, em outubro de 1988, quando foi fundado o estado do Tocantins, ao norte de Goiás. Pressupõe assim, que a música é anterior a 1988, na verdade, a música integra o disco **Onda Malvada**, lançado em 1977.

De Itumbiara, início da homenagem, a Goiânia, coração do estado, não se verifica, em nenhum dos topônimos citados, alguma alusão ao significado dos nomes que estão sendo mencionados, como foi feito no texto da figura 3. O mote do compositor é apresentar um roteiro para se conhecer Goiás, pelas suas belezas e riquezas e pelo o que seus lugares têm, “morenas caprichosas, gente bondosa, cidade maravilhosa”.

Assim, o significado de Goiânia¹⁸, por exemplo, que fecha o itinerário poético, não é considerado para composição da música. O nome “Goiânia” tem origem no tupi corr. *Guayá*, c. *guá-yá* ‘o indivíduo semelhante’ + (-a)nia variação do sufixo nominal do latino *-anus*, *-ana*.

Segundo Siqueira (2014, p. 126), “o termo *goyá* serviu de base para formação de vários topônimos seja na época das bandeiras, durante a ocupação da região, seja posteriormente, já no século XX” (Goianira, Goiatuba, Goianésia, Goiandira, Goianópolis).

¹⁷ Preciosa, caprichosas, bondosas, maravilhosa apenas para obter rima.

¹⁸ O nome “Goiânia”, para a nova capital de Goiás, foi escolha do então governador e fundador da cidade, Pedro Ludovico Teixeira, em detrimento de “Petrolina”, nome que venceu um concurso feito pelo jornal Social para escolher o nome da nova capital em 1933.

Conforme Quintela (2006 *apud* SIQUEIRA, 2014, p. 126),

Tanto a província como a cidade receberam o nome “Goiás” devido à lendária população de índios (sic) *goyá* (do tupi corr. *Guayá*, c. *guá-yá* ‘o indivíduo semelhante, parecido, ou gente da mesma raça’ ou conforme documentos antigos, tem-se *guayás* e *guayazes* para designar uma nação selvagem que vivia em Goiás antes das bandeiras); Sob a ótica científica [...] os índios *goyá* são os menos conhecidos, embora do ponto de vista folclórico sejam os mais mitificados [...]

É possível afirmar que esses significados não são considerados, não há sequer uma menção à etimologia do nome “Goiás”, à tribo *goyá*. A referência a Goiânia é apenas geopolítica e lírica: capital do estado que “ficou no meu coração”.

Em consonância com o que foi dito, Todorov (2019, p. 40), ao se referir ao gesto nominativo de Colombo em relação aos lugares americanos, afirma que: os nomes próprios “são desprovidos de sentido, servem somente para denotar, mas não servem diretamente para comunicação humana dirigem-se à natureza (o referente) não aos homens, são à semelhança dos índices, associações diretas entre sequências sonoras e segmentos do mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Santaella (2007), os signos que realmente importam são os externalizados de forma a serem comunicados. Essa perspectiva guiou esse estudo no sentido de focar os nomes próprios, pessoais ou de lugar, em textos que circulam nas Redes Sociais ou em canções de alcance nacional. O estudo procurou refletir sobre significado e referência dos nomes próprios, em textos que, de alguma maneira, expressam o interesse pelos nomes ou pelos referentes deles em uma realidade qualquer.

As tecnologias nômades, de comunicações ubíquas, aceleram e acentuam por sua vez, o desenvolvimento humano na direção do “desabrochar de mentes híbridas consubstanciadas em redes de conhecimento, redes de sentimento e redes de memória” (SANTAELLA, 2007, p. 197).

Nessa perspectiva, o estudo teve o objetivo de reconhecer as relações feitas pelo falante em torno de impressões que alguns antropônimos e topônimos expressam. Não são impressões baseadas nos traços semânticos que os nomes ainda guardam, mas são impressões permeadas por elementos da cultura, da história ou de meras convenções sociais.

Os textos apresentados entrelaçam uma ou outra concepção acerca do significado e referência dos nomes próprios de pessoa e de locativos, mas como em grande parte dos estudos relacionados aos nomes próprios em geral, há lacunas teóricas a serem preenchidas com outras tantas discussões. Em relação aos nomes de pessoas, os nomes da “moda” podem ser dados à criança, mas nomes que há muito não são alçados à moda do momento, tendem a ser visto como nomes de velho. Obsoletos na sua função de nomear? Um problema para novos estudos.

Sobre os topônimos, convém ressaltar que, considerado o seu caráter subjetivo, a escolha de um nome para dado lugar, é preciso que se tenha em mente que uma vez acolhido, o topônimo (seja de forma documental ou espontânea) passa por um esvaziamento do seu significado original, que, no momento da nomeação, é transparente (Goiás do tupi corr. *Guayá*, c. *guá-ya* ‘o indivíduo semelhante, gente da mesma raça’ cf. acima); no decorrer do tempo, e o conseqüente distanciamento temporal do evento da nomeação, o topônimo vai se tornando mais opaco, passando a ser considerado, não o seu significado, mas a sua referência (Goiás, nome de um estado brasileiro), isto é, sua função referencial.

REFERÊNCIAS

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.

CABRAL, João De Pina; VIEGAS, Susana de Matos. *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Almedina: Coimbra, 2007.

CABRERA, Genoveva Torres. *Sobre Toponomástica*, 2002. Disponível em: http://www.canatlantico.ulpgc.es/pdf/8/7/Sobre_toponomastica.pdf. Capturado em: 28 jun. 2022.

COSERIU, Eugenio. Nuevos rumbos en la toponomástica: prólogo a Maximiano Trapero. In: *Diccionario de toponimia canaria: léxico de referencia oronímica*. Las Palmas de Gran Canaria: Gobierno de Canarias, 1999. p. 15-24.

ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. Contexto: São Paulo, 2008.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia. *Os nomes e sua possível motivação*. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4599.pdf>. Capturado em: 30 jun. 2022.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. *O ato de nomear- da construção de categorias de gênero até a abjeção*. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro, Vol. XIV, n. 14, t. 4. 2010. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/completo_tomo_4.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. *Nomes em julgamento: práticas judiciais padronizando identidades sexuais*. In: CABRAL, João De Pina; VIEGAS, Susana de Matos. *Nomes: gênero, etnicidade e família*. Almedina: Coimbra, 2007. p. 89-120.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 73-102.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. A origem dos nomes de pessoas. Revista Eletrônica de Linguística. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, Ano 1, n. 1, 1º semestre de 2007.

SANCHÉZ, Jairo Javier Garcia. Los aspectos semânticos de la toponímia. *Actes de la IV Jornada d'Onomàstica*. Acadèmia Valenciana de la Llengua, València, 2010. p. 177-188. https://www.researchgate.net/publication/313309079_Los_aspectos_semanticos_de_la_toponimia

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; DAVID, Nismária Alves. Topônimos de Origem Indígena: O Papel do Tupi na Nomeação dos Lugares Goianos. *FRONTEIRAS: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, Anápolis, v.3, n.1, jan.- jul. 2014, p.119-131.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas Siqueira. Do Vai-Vem passando Entre Rios até Ipameri (GO): considerações acerca da mudança topográfica. In: COUTO, Elza K. Nakayama Nenoki do; ALBUQUERQUE, Davi (Orgs.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica: teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015. p. 12-29.

POCKLINGTON, Robert. *Introducción a la Toponomástica*, s/d. Disponível em: http://www.academia.edu/21713377/introduccion_a_la_toponomastica_-_1._aspectos_universales_de_la_toponimia. Capturado em: 05 jul. 2022.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 5. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2019.

Sobre os Organizadores

GUILHERME FIGUEIRA-BORGES

Doutor (2014) em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Atualmente, é Docente de Ensino Superior Doutor (DES IV) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Câmpus Inhumas, atuando no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Está credenciado, também, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG Catalão). É coordenador do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche (GEDIN/UEG/CNPq). Email: guilherme.borges@ueg.br

LUANA ALVES LUTERMAN

Possui graduação em Letras- Português/ Vernáculas pela Universidade Católica de Goiás (UCG) (2004). É especialista em Formação de Professores de Língua Portuguesa pela Universidade Católica de Goiás (UCG) (2005). É mestre em Linguística (Análise do Discurso) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UFG) (2009). É doutora em Linguística (Análise do Discurso) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (UFG) (2014). É pós-doutora pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (2016) - supervisora: Eliane Marquez da Fonseca Fernandes. É pós-doutora pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - PNPd/CAPES) (2018) - supervisora: Luzmara Curcino Ferreira. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Análise de Discurso, Linguística, Cinema, Tridimensionalidade, Práticas de Ensino de Língua Portuguesa e Educação. Tem experiência no Ensino Superior em cursos de graduação em Letras, Secretariado Executivo, Administração, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Jornalismo e Marketing. Atuou em diversos cursos de pós-graduação lato sensu vinculados à UEG e a um da UFG. É professora da UEG - UN

Inhumas - e do POSLLI (Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade), no Câmpus Cora Coralina (Cidade de Goiás), vinculado à UEG. E-mail: luana.luterman@ueg.br

MARÍLIA SILVA VIEIRA

Pós-doutora em Letras (2018) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), doutora em Letras (2016) pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Estudos de Linguagens (2011) e licenciada em Letras Português/Espanhol (2009) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Integra o Grupo de Pesquisa História da Língua e Formação Urbana (HLin-FU/UEM), do Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Sociolinguística (GPDS/UFOP) e do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos (NUPESD/UEMS), do CNPq. Tem interesse pelos seguintes temas: Português Brasileiro; História do Português; Sociolinguística; Avaliações e percepções linguísticas; Identidade. Variação linguística e ensino. E-mail: vieirasmarilia@gmail.com

Sobre os autores e as autoras

ANTONIO CARLOS SANTANA DE SOUZA

Pós-Doutor em Linguística pela UFMT/PNPD-CAPES (2018/2019). Pós-Doutor em Linguística pela UNEMAT (2016). Doutor em Letras pela UFRGS (2015). Mestrado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (2000). Graduação - Bacharelado e Licenciatura em Letras (Português/Hebraico e Respectivas Literaturas) pela FFLCH da Universidade de São Paulo (1998). Docente Efetivo Nível 5 e Assessor de Relações Internacionais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente Permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Docente Permanente do Programa de Pós-graduação (Mestrado/Doutorado) em Linguística da UNEMAT/Cáceres. Experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoleologia, atuando principalmente nos seguintes temas: português falado; contatos linguísticos; fonética e fonologia; morfossintaxe; linguística geral e diversidade sócio-cultural. Líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguístico e Dialetológicos do CNPq (NUPESD-UEMS) e do Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo do CNPq (LALIMU). E-mail: acsantan@uems.br

ARIEL NOVODVORSKI

Professor associado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como docente, atua no curso de Graduação em Letras Espanhol e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Seus interesses de pesquisa incluem: Estudos Descritivos, Linguística de *Corpus*, Estudos da Tradução, Língua Espanhola, Fra-seologia, Terminologia e Linguística Sistemico-Funcional. Líder do

Grupo de Pesquisa em Estudos Contrastivos (GECon). Tem experiência de mais de vinte anos na docência, pesquisa e tradução. Conta com publicações em diversos periódicos indexados e em livros. Diretor do Instituto de Letras e Linguística da UFU (2017-2025). E-mail: arivorski@ufu.br

CLEITON RIBEIRO E OLIVEIRA

Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2012). Contribuiu para a revista universitária da Cidade de Goiás como diagramador e revisor de língua inglesa (2011-2012), e para a de Aparecida de Goiânia como membro revisor de periódico (2012-2015). Participou do programa de bolsa de iniciação científica da UEG PBIC/UEG junto ao projeto de pesquisa Iconicidade em José J. Veiga: Leitura dos Romances A Hora dos Ruminantes e Os Pecados da Tribo. Pós-Graduado em Língua Inglesa e Novas Tecnologias pela Faculdade de Iporá - FAI e em Língua portuguesa: texto, discurso e ensino pela Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina. Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina. Doutorando em Linguística pela Faculdade de Letras - UFG. Bolsista (CAPES) no Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. E-mail: cleiton_dg@hotmail.com

DÉBORAH MAGALHÃES DE BARROS

Graduada em Letras Português e Inglês pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina (1999). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2011). Doutora em Linguística também pela Universidade Federal de Goiás (2016). Realizou estágio pós-doutoral na UFG (julho/2017-agosto/2018), onde foi professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Atualmente é professora titular de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, onde é diretora de Campus (2018-2021) / (2022-2026) e atua no Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade. É coordenadora adjunta, no diretório do CNPq, do Grupo de estudos funcionalistas: análise, descrição e ensino e pesquisadora do grupo Rede de estu-

dos da língua portuguesa ao redor do mundo e subprojeto: O português brasileiro em contexto italiano. É membro do Grupo Descrição do Português/ANPOLL. Foi vice-presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste (GELCO) (2018). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de linguística e de gramática sob a perspectiva funcional-cognitivo da língua. Realiza pesquisas em linguística com ênfase em descrição de línguas naturais com enfoque para aspectos sintáticos do português brasileiro. E-mail: deborah_barros@hotmail.com

DIRCEL APARECIDA KAILER

Graduação em Letra Português e Inglês pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (1996), mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2004) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP- Campus de Araraquara (2008) e pós-doutorado pela UFRJ (2017). Professora nos programas de pós-graduação: PPGEL (UEL), PROFLETRAS (UEL) e, como convidada, no PPGL da UNEMAT/Cáceres. Professora associada A do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina e vice-coordenador do PROFLETRAS Universidade Estadual de Londrina. Editora-chefe das revistas *Signum: Estudos da Linguagem* e *Semina: Ciências Sociais e Humanas*. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Fonética e Fonologia, Sociolinguística, Dialetologia atuando principalmente nos seguintes temas: estudos variacionistas, estudos fonético-fonológicos, fonologia e ensino e crenças e atitudes linguísticas. É membro do Grupo de pesquisa: Atlas Linguístico do Brasil. E-mail: dikailer@uel.br

DIVA CARDOSO DE CAMARGO

Doutora em Tradução pela Universidade de São Paulo (1993), Pós-doutorado em Estudos da Tradução por The University of Manchester (2003), Livre-Docência em Estudos da Tradução pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente é Professora Adjunto-MS5, Aposentada da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, câmpus de São José do Rio Preto, onde atua

como Professor Voluntário. Também atua como Professora Plena do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNIOESTE, câmpus de Cascavel. Ministra cursos em teoria da tradução e tradução literária, e desenvolve projetos de pesquisa em tradução (literária, especializada e juramentada), literatura e linguística de corpus. É Pesquisadora do CNPq, e autora de vários artigos em periódicos nacionais e internacionais e capítulos de livros. Líder do grupo de pesquisa “Tradução, Terminologia e Corpora” (CNPq sob no. Ref. UNESP. 0274). Email: di-vaccamargo@gmail.com

EDINA DE FÁTIMA DE ALMEIDA

Graduação em Letras- Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Londrina (2006); especialização em Ensino de Língua Estrangeira pela Universidade Estadual de Londrina (2007), e em Educação Especial: Área da Surdez pela ESAP- Instituto de Estudos Avançados e Pós-graduação; mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL (2018) e é doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL) com previsão de defesa em março de 2023 . Atualmente é professora de português e espanhol - Secretária de Educação do Paraná. Atua nos seguintes temas: Linguística, Fonética e Fonologia, Sociolinguística, Crenças e Atitudes linguísticas e Dialectologia. É membro do Grupo de pesquisa: Atlas Linguístico do Brasil. E-mail: edifatro@gmail.com

FERNANDA DE SOUZA PEDROSO CAMPELO

Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - Campus de Cáceres (2022). Mestrado em Linguística pela mesma instituição (2018). Especialização em Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa e Inglesa pela UNEMAT - Campus de Sinop (2012). Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela mesma instituição (2010). Atualmente, atua como professora na Universidade Estadual de Mato Grosso. Tem experiência nas áreas de Letras/Linguística, com ênfase na Sociolinguística. É membro do grupo de pesquisa Mato Grosso: Falares e Modo de Dizer. E-mail: fernandaspedroso@hotmail.com

GUILHERME LUCAS DE SOUZA

Mestre em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (PPG-IBILCE) sendo titulado no ano de 2021; Graduado na área de humanas no curso de Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), campus de São José do Rio Preto no ano de 2018. Participou do PIBID/CAPES no subprojeto PIBID/Inglês, atuando na elaboração de atividades pedagógicas baseando-as em material teórico e exercendo atividade docente junto ao subprojeto na escola estadual "Alberto Andaló" nesta cidade durante o ano de 2014. Desenvolveu projeto de iniciação científica voltado para a utilização da linguagem dos jogos eletrônicos como auxílio na aquisição e aprendizagem da língua inglesa sob orientação da Prof Dra Paula Tavares Pinto e sob supervisão do programa PIBIT/CAPES; o projeto de iniciação científica fora concluído no ano de 2016. Obteve experiência docente também ao lecionar como voluntário no projeto de extensão "Cursinho VestJr" que prepara jovens de escolas públicas para o vestibular. No ano de 2021 obteve o título de Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) pela UNESP de São José do Rio Preto, desenvolvendo o projeto "As interações entre jogadores de jogos virtuais em fóruns online: uma análise do léxico mesclado de inglês-português" sendo orientado pela Prof^a Dra Paula Tavares Pinto, dentro do grupo de pesquisa sobre Corpus Linguístico e Pedagogia do Léxico. E-mail: guilucasouza@outlook.com.br

IVO DA COSTA DO ROSÁRIO

Doutor em Letras Vernáculas pela UFRJ (2012) e doutor em Letras pela UFF (2012). É mestre também por ambas as universidades, tendo concluído os cursos em 2007. É graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela UERJ (2004) e graduado em Pedagogia pela UNIRIO (2015). Tem pós-doutorado em Estudos de Linguagem pela UFRN (2022). Atualmente é professor associado de Língua Portuguesa e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF. É líder do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações - cco.sites.uff.br) e membro do

grupo D&G (Grupo de Estudos Discurso e Gramática - deg.uff.br), ambos sediados na UFF. É membro do GT Descrição do Português da AN-POLL. É Jovem Cientista do Nosso Estado, pela FAPERJ. É membro da comissão científica da área de Sintaxe da ABRALIN. É bolsista de produtividade em pesquisa pelo CNPq. É perito judicial do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e do Estado de São Paulo. Atua principalmente nas seguintes áreas: funcionalismo, construcionalização, mudanças construcionais, morfossintaxe, conexão de orações e conectivos. E-mail: ivorosario@id.uff.br

JAQUELINE DIAS DA SILVA

Doutora em Linguística pela UNEMAT/CAPES-FAPEMAT (2017/2022). Mestre em Linguística pela UNEMAT/Cáceres (2016). Graduação - Licenciatura Plena em Letras (Português/Inglês e Respectivas Literaturas) pela UNEMAT/Sinop. Docente horista nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, no Colégio Marista Santo Antônio/Sinop-MT. Experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetologia, atuando principalmente nos seguintes temas: análise e descrição de línguas; português falado; contatos linguísticos; fonética e fonologia; morfossintaxe; linguística geral e diversidade sócio-cultural. Integrante do Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo do CNPq (LALIMU). Integrante do grupo de pesquisa Políticas Públicas, Inclusão, Diversidade e Diferença (PPIDD). E-mail: dr.jaqueline-dias@gmail.com

KENIA MARA DE FREITAS SIQUEIA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Bernardo Sayão (1984), graduação em Letras pela Faculdade Estadual Celso Inocêncio de Oliveira (1998); mestrado e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2003), (2010) respectivamente. Atualmente, é docente ensino superior da Universidade Estadual de Goiás, atuando principalmente nas áreas de Linguística Textual, estudos do Léxico e Onomástica, com enfoque nos estudos toponímicos do Estado de Goiás e ênfase principalmente na relação língua/cultura e

território. Realiza também estudos textuais discursivos do conto goiano, sob aporte teórico da Semiótica Discursiva vertente greimasiana. Professora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Estágio Pós-doutoral em Linguística pela Universidade de Brasília. Presidente da Academia Piresina de Letras e Arte (APLA), biênio 2022/2024. E-mail: keniamaraueg@ueg.br

LILIANE MANTOVANI LOPES

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, pós-graduanda em Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologia Educacional Digital pela Universidade Estadual de Londrina e graduanda em Língua e Literatura Espanhola pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Possui graduação em Línguas Estrangeiras pela Universidade Estadual de Londrina (2010) e em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Maringá (2016), mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2013) e doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2021). Participante do grupo de pesquisa En-Corpora: Ensino baseado e dirigido por corpora. E-mail: mantovani.liliane@gmail.com

LUIZ FERNANDO DE CARVALHO

Doutorando em Linguística Teórica e Descritiva (POSLIN/UFMG, atual) com mestrado na área da Variação e Mudança Linguística (POSLIN/UFMG, 2020). Possui especialização em Gramática da Língua Portuguesa (CEGRAE/UFMG, 2016) e graduação em Letras em Português Licenciatura (FALE/UFMG, 2010). Atualmente é professor da rede pública e particular em Belo Horizonte-MG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, ministrando aulas de Gramática, Produção de Texto e Literatura. É integrante do grupo de pesquisa “Para uma Sociolinguística Histórica do português brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica”, que se encontra em sua 2ª fase (2020, atual). Apresenta produção científica na área de

Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Linguística Histórica e Linguística Aplicada. E-mail: lufecarva@gmail.com.

LUIZ HENRIQUE PERALTA

Estudante de administração pela Universidade Paulista (UNIP) (2020 -), atua no setor terciário. Tem como primeira formação Letras Tradutor e Intérprete, tendo sido formado pela União das Faculdades dos Grandes Lagos (UNILAGO) (2011 – 2014). Atuou como tradutor e intérprete Freelancer e foi também professor em escolas da rede pública do estado de São Paulo, bem como professor comunitário no Programa Escola da Família de 2012 a 2014. Também possui formação em Comércio Exterior pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: luiz.henrique.peralta@gmail.com

MÁRCIA CRISTINA DE BRITO RUMEU

Graduação em Letras (1999), o Mestrado (2004), o Doutorado (2008) em Letras Vernáculas, na área de Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras da UFRJ e, entre agosto de 2018 e julho de 2019, o Pós-Doutorado, também na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora Associada da área de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), vinculada aos cursos de Graduação e de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Atua principalmente nas áreas da Sociolinguística Histórica e Filologia. Na UFMG, coordena o Projeto de Pesquisa “Para uma Sociolinguística Histórica do português brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica (fase II)”. Participa do Projeto integrado “Para uma História do Português Brasileiro” (PHPB) e do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguística). Integra os seguintes grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq: 1) Formas e fórmulas de tratamento em espanhol e em português; 2) Laboratório de História do Português Brasileiro (HistLing/UFRJ) e 3) Linguística Histórica (UFMG). E-mail: mrumeu@ufmg.br

MARIA DEL ROSARIO MESTANZA ZÚÑIGA

Graduada em Psicologia pela Universidade Inca Garcilaso de La Vega, (UIGV) Lima – Peru (1986). Especialista em Psicopedagogia (FACED/UFU) (2011). Graduada em Letras/Espanhol (2019) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU) (2021), sob a orientação do Prof. Dr. Ariel Novodvorski. Seus interesses de pesquisa incluem: Fraseologia, Estudos da Tradução e Linguística de *Corpus*. É membro do Grupo de Pesquisa de Estudos Contrastivos (GECon). Tem experiência de mais de dez anos no ensino de espanhol no Ensino Médio, e é avaliadora para obtenção do diploma DELE do Instituto Cervantes. Atualmente é professora substituta do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). E-mail: maria.zuniga@ufu.br

MARIA LUIZA GUIMARÃES DA COSTA CRUZ

Mestra em Estudos de Linguagem pela UFF (2022) e licenciada em Letras - Português/Literaturas (2019) pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda e representante discente no Programa de Doutorado em Estudos de Linguagem. É membro do Grupo de Pesquisa CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações - cco.sites.uff.br). Ao longo da sua trajetória acadêmica, foi contemplada com bolsas de iniciação científica e de mestrado, tendo recebido a bolsa Faperj nota 10 - mestrado entre 2021/2022. Atua principalmente nas seguintes áreas: funcionalismo, voz passiva, morfossintaxe, conexão de orações e conectivos. E-mail: maluguimaraesc@gmail.com

MARÍLIA SILVA VIEIRA

Pós-doutora em Letras (2018) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), doutora em Letras (2016) pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Estudos de Linguagens (2011) e licenciada em Letras Português/Espanhol (2009) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Integra o Grupo de Pesquisa História da Língua e Formação Urbana (HLin-FU/UEM), do Grupo de Pesquisa em Dialetoлогия e Sociolinguística (GPDS/UFOP) e do Nú-

cleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos (NUPESD/UEMS), do CNPq. Tem interesse pelos seguintes temas: Português Brasileiro; História do Português; Sociolinguística; Avaliações e percepções linguísticas; Identidade. Variação linguística e ensino. E-mail: vieirasmarilia@gmail.com

NEUSA INÊS PHILIPPSEN

Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo - USP (2018) e pós-doutorado pela Universität Augsburg - Alemanha (2022). Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo - USP (2013). Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Mato Grosso (2007). Especialização em Língua Portuguesa - Teoria e Prática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1999). Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1998), graduação em Pedagogia Habilitação Orientação Educacional pelo Centro Técnico Educacional Superior do Oeste Paranaense (2001). Atualmente é professora dos programas de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLetras) e do PROFLETRAS, na UNEMAT/Sinop na Universidade do Estado de Mato Grosso. Tem experiência nas áreas de Letras/Linguística, com ênfase em Sociolinguística/Geolinguística. É membro da equipe Red-BayMis de las Universidad Nacional de Misiones (UNAM) y Universidad de Augsburg (UNIA); e membro dos grupos de pesquisa "Alma Linguae: Variação e Contatos de Línguas Minoritárias" e GEPLIAS (Grupo de Estudos e pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística). E-mail: neusa.philippsen@unemat.br

PAULA RENATA MILANI

Mestre em Letras pela Unesp - Rio Preto. Possui graduação em Letras - Português e Inglês, Licenciatura, pela União das Faculdades dos Grandes Lagos (2013), e graduação em bacharel, tradutor e intérprete, pela mesma universidade. Atua nas áreas de tradução em língua inglesa e revisão de textos na CCLi - Consultoria linguística, além do trabalho como consultora de atendimento na mesma empresa. Graduada em Pedagogia pela UniCesumar, e escritora responsável pelo

projeto "Minha Vida Daria um Livro". disponível apenas no meio virtual. Sua linha de pesquisa se direciona para o uso das produções textuais da web, em especial fanfictions, como introdução à literatura para o ensino de jovens e adolescentes. E-mail: paula.milani@cclinet.com.br

PAULA TAVARES PINTO

Docente vinculada ao Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto, onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Possui mestrado (2004) e doutorado em Estudos Linguísticos (2009), com estágio PDEE-CAPES na Universidade de Manchester (2008). Realizou um estágio de pós-doutorado na Universidade de Surrey, Inglaterra (2018) e, atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). É formada em Letras com Habilitação em Tradutor (1992) e em Licenciatura em Letras (1998) e possui especialização em Estudos Avançados da Língua Inglesa (2007). Atualmente, é coordenadora do Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP) e do projeto de English Teaching Assistants (CAPES/Fulbright) no câmpus de S.J. do Rio Preto. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, lidera o grupo de pesquisa En-Corpora: Ensino baseado e dirigido por corpora, e é membro dos grupos Tradução, Terminologia e Corpora e Grupo de Estudos de Linguística de Corpus-GELC. E-mail: paula.pinto@unesp.br

QUEILA BARBOSA LOPES

Doutora em Estudos Linguísticos (UNESP -2019); Mestra em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC - 2008); Licenciada em Letra-Ingles (UFAC-2000); Professora Adjunta de Língua Inglesa lotada no Centro de Educação, Letras e Artes da UFAC. Área: Linguística Aplicada. Coordena o Grupo de Pesquisa DALI - Digitalidades e Aprendizagem de Línguas. E-mail: queila.lobes@ufac.br

ROSANIA GOMES DA SILVA DOMINGUES

Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Possui especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa (2008) e Linguagem, Cultura e Ensino (2017) também pela Universidade Estadual de Goiás. É graduada em Pedagogia pelo Instituto Paulo Freire (2018) e em Letras - Português/Inglês pela UEG. E-mail: rosaniacoopecigo@gmail.com

TALITA SERPA

Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IBILCE/UNESP) com pesquisas em Pedagogia da Tradução Baseada em Corpus e Estudos da Tradução (2017). Também realizou Estágio como Academic Visitor na The University of Manchester (UK) (2015-2016) e hoje ocupa a função de Estagiária de Pós-doutorado no mesmo Programa de Pós-Graduação da Estudos Linguísticos na mesma unidade da UNESP, com auxílio CAPES/PNPD (2019-2023), supervisionada pela Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo. Atua nos cursos de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, nas disciplinas de Língua Inglesa e Prática de Tradução. Membro dos Grupos Tradução, Terminologia e Corpora e En-Corpora: Ensino Baseado e Dirigido por Corpora (CNPq), com trabalhos nas áreas de Ensino de Tradução, Sociologia da Tradução, Estudos da Tradução Baseados em Corpus. E-mail: talita.serpa@unesp.br

TAMARA AFONSO DOS SANTOS

Doutoranda Em letras: Linguagem e Identidade; Mestra em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC-2014); Licenciada em Letras - Inglês (UFAC-2017); Professora Assistente de Língua Inglesa lotada no Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras. Área: Linguística Aplicada. Membro do Grupo de Pesquisa DALI - Digitalidades e Aprendizagem de Línguas. E-mail: tamara.santos@unir.br

VANDER SIMÃO MENEZES

Graduação em Letras - Português e Literatura de Língua Portuguesa (2014) pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA), especialização em LINGUAGENS E ENSINO: LÍNGUA E LITERATURA (2016) pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA) e mestrado em Língua e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POS-LLI) da Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina (UEG/CORA CORALINA). E-mail: vander.simao@gmail.com

VÂNIA CRISTINA CASSEB GALVÃO

Professora titular/ordinária da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Visiting professor Unisalento - Itália (2019-2023), Pesquisadora visitante Unisalento - Itália (2019-2020). Pesquisadora Contemplada com o auxílio do European Research Council (ERC) e do Brazilian National Council of State Funding Agencies to provide research in Ca ' Foscari University - Italy (2018). Pós-doutorado pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (Lisboa/PT/2010), pela Universidade Federal do Pará - UFPa (2015-2017) e pela Università Roma Tre (Itália - 2021), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001), mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1999). Professora permanente do programa de pós-graduação Letras e Linguística da UFG, onde orientou 21 dissertações de mestrado e 7 teses de doutorado, e supervisionou 4 estágios de pós-doutorado. Professora permanente convidada do programa de pós-graduação em Linguística, Letras e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (2016-2020), onde orientou 2 dissertações de mestrado. Orientou mais de 20 trabalhos de iniciação científica. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: especificidades do português brasileiro, mudança linguística, gramática funcional, funcionalismo e ensino, relação descrição e política linguística. Presidente do IV Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - SIMELP (2013). Presidente do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-

Oeste (GELCO), biênio (2014-2017), coordenadora do convênio de cooperação internacional UFG/Unisalento (It) (2015-2020) e do convênio UFG/UNICHLET (It) (2018/2022). Coordenadora do projeto Gramática do Português da "Associação Latino-Americana de Filologia e Linguística" - Alfal (2016-2019). Tem inúmeras publicações autorais e em coautoria, especialmente nos temas gramática do português, gramática funcional, política linguística voltada para o português e ensino de português. E-mail: vaniacassebgalvao@gmail.com

WILLIAM DANILO GARCIA

Doutorando (2020-2024) na área de Linguística Aplicada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Unesp - S. J. do Rio Preto, sob a orientação da Profa. Dra. Paula Tavares Pinto. Obteve o título de Mestre em Estudos Linguísticos em 2020 pela Unesp - S. J. do Rio Preto. Possui especialização em Ensino de Língua Inglesa pela Estácio de Sá, com certificação internacional pela College Bridge - Denver (2015). Graduou-se em Letras Licenciatura - Português e Inglês com Habilitação em Tradutor e Intérprete pela União das Faculdades dos Grandes Lagos (2014). Atua como professor de inglês e português e possui certificação internacional para o Ensino de Língua Inglesa de Cambridge - CELTA (2016). E-mail: william.danilo@unesp.br

SOBRE O LIVRO

Formato: 14x21cm
Tipologia: Georgia
Número de Páginas: 422
Suporte: FLIPHTML

Todos os direitos reservados.

Universidade Estadual de Goiás
BR-153 – Quadra Área, Km 99 – 75.132-903 – Anápolis-GO
www.ueg.br / Fone: (62) 3328-4866

Editora Todas as Musas
www.todasasmusas.com.br
todasasmusas@gmail.com

2023

Impresso no Brasil / Printed in Brazil



Antonio Carlos Santana de Souza
Ariel Novodvorski
Cleiton Ribeiro e Oliveira
Déborah Magalhães de Barros
Dircel Aparecida Kailer
Diva Cardoso de Camargo
Edina De Fátima de Almeida
Fernanda de Souza Pedroso Campelo
Guilherme Lucas de Souza
Ivo da Costa do Rosário
Jaqueline Dias da Silva
Kenia Mara de Freitas Siqueia
Liliane Mantovani Lopes
Luiz Fernando de Carvalho
Luiz Henrique Peralta
Márcia Cristina de Brito Rumeu
Maria del Rosario Mestanza Zúñiga
Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz
Marília Silva Vieira
Neusa Inês Philippsen
Paula Renata Milani
Paula Tavares Pinto
Queila Barbosa Lopes
Rosania Gomes da Silva Domingues
Talita Serpa
Tamara Afonso dos Santos
Vander Simão Menezes
Vânia Cristina Casseb Galvão
William Danilo Garcia



Scan me



Editora Todas as Musas



editora
UEG